

Fulton J. Sheen

*angústia*  
e  
paz

agir

---

---

Já na 7.ª edição

## ANGÚSTIA E PAZ

de **Fulton J. Sheen**

Fulton J. Sheen, um dos principais expositores da doutrina católica da América de hoje, aponta neste seu magistral livro um caminho ao homem para trazer-lhe a paz à alma nestes tumultuosos dias. Pede-nos que deixemos de censurar nosso subconsciente como culpado de todos os nossos males e em vez disso examinemos nossa consciência; que nos afastemos do psicanalista e nos voltemos para Deus, que nos perdoará nossos pecados se tivermos a honestidade de reconhecê-los. Mostra-nos que a paz da alma não pode provir do próprio homem mas deve chegar a nós por meio do auxílio divino.

Aqueles que vivem atezanados por conflitos mentais e frustrações de ordem corporal, aponta Fulton Sheen o caminho da salvação por

(cont. na 2.ª orelha)

---

---

Ào admirável D. Passy,  
Com a velha estirpe  
e sempre novo admirador  
Com o seu cativo,  
Paulo, 19/9/60  
Petronio Campos Oliveira



**ANGÚSTIA E PAZ**



FULTON J. SHEEN

# ANGÚSTIA E PAZ

TRADUÇÃO  
DE  
OSCAR MENDES

7.<sup>a</sup> EDIÇÃO REVISTA

1959

*Livraria* AGIR *Editores*

RIO DE JANEIRO

Copyright de  
ARTES GRÁFICAS INDÚSTRIAS REUNIDAS S.A.  
(AGIR)

Título da Edição Original Norte-Americana :  
"PEACE OF SOUL"

*Livraria* AGIR *Editora*

Rua Bráulio Gomes, 125  
(ao lado da Bíbl. Mun.)  
Caixa Postal 6040  
Tel.: 34-8300  
São Paulo - S.P.

Rua Mexico, 98-B  
Tel.: 42-8327  
Caixa Postal 3291  
Rio de Janeiro

Avenida Afonso Pena, 919  
Caixa Postal 733  
Tel.: 2-3038  
Belo Horizonte  
Minas

ENDEREÇO TELEGRÁFICO "AGIRSA"

DEDICATÓRIA

*Mariae Gratiae Divinae*

*Matri Dei Incarnati*

*Hoc qualemcumque est opus*

*Dedicat auctor indignus*

*Filiati oboedientia*

*Alteri si possit nemini*

*Libertiori animo placiturus*



## ÍNDICE

I	Frustração .....	11
II	A filosofia da ansiedade .....	27
III	A origem dos conflitos e sua redenção .....	47
IV	Será Deus Difícil de encontrar? .....	67
V	Morbidez e negação da culpa .....	85
VI	Exame de consciência .....	105
VII	Psicanálise e confissão .....	143
VIII	Sexo e amor de Deus .....	173
IX	Recalque e livre-expansão .....	201
X	Remorso e perdão .....	223
XI	Temor da morte .....	241
XII	A psicologia da conversão .....	259
XIII	A teologia da conversão .....	285
XIV	Os efeitos da conversão .....	301

---



## CAPÍTULO I

### FRUSTRAÇÃO

Se as almas não forem salvas, nada se salvará. Não poderá haver paz no mundo, se não houver paz da alma. As guerras mundiais não passam de projeções dos conflitos travados dentro das almas dos homens modernos, pois nada acontece no mundo exterior que não haja primeiro acontecido dentro duma alma.

Durante a Segunda Guerra Mundial, disse Pio XII que o homem de após-guerra haveria de ficar mais mudado do que o mapa da Europa de após-guerra. É este desiludido homem de após-guerra, ou a alma moderna, que nos interessa neste volume.

Ele se mostra, como o Santo Padre predisse, diferente dos homens de épocas mais remotas. E essa diferença está em que a alma moderna não mais procura descobrir Deus na natureza. Em outras gerações, o homem, contemplando toda a vastidão da criação, a beleza do firmamento e a ordem dos planetas, disse deduzia o poder, a beleza e a sabedoria do Deus Que criou e manteve esse mundo. Infelizmente, porém, o homem moderno está impedido dessa aproximação por vários obstáculos: mostra-se muito menos impressionado pela ordem da natureza do que pela desordem de seu próprio pensamento, tornado sua principal preocupação; a bomba atômica destruiu seu temor de uma natureza que o homem pode agora manipular, tanto para destruir outros homens, quanto para cometer o suicídio cósmico; e, finalmente, a ciência da natureza é demasiado im-

pessoal para esta era concentrada em si mesma. A antiga aproximação não só torna o homem mero expectador da realidade, em vez de seu criador, mas também exige que a personalidade do buscador da verdade não se intrometa a si mesma na investigação. Mas é a personalidade humana, e não a natureza, que realmente interessa e perturba os homens de hoje.

Esta mudança em nossos tempos não significa que a alma moderna tenha abandonado a busca de Deus, mas que abandonou o mais racional — e mesmo o mais normal — caminho de descobri-Lo. Não a ordem no cosmos, mas a desordem em si mesmo; não as coisas visíveis do mundo, mas as desilusões invisíveis, os complexos e ansiedades de sua própria personalidade, eis o ponto de partida do homem moderno, quando se volta interrogativamente para a religião. Em dias mais felizes, os filósofos discutiam o problema do homem; agora discutem êles o homem como um problema.

“Em virtude de seu cepticismo, foi o homem moderno repellido sôbre si mesmo. Suas energias correm para sua fonte e fazem vir à tona aquêles conteúdos psíquicos que ali estão permanentemente, mas jazem ocultos na vasa, enquanto a corrente flui mansamente no seu curso. Quão totalmente diverso aparecia o mundo ao homem medieval! Para êle, a terra estava eternamente fixa e em repouso no centro do universo, cercada pela trajetória de um sol que lhe dispensava com sollicitude seu calor. Os homens eram todos filhos de Deus, sob o cuidado amoroso do Mais Alto, que os preparava para a eterna bem-aventurança. E todos sabiam exatamente o que deveriam fazer e como deveriam conduzir-se, a fim de erguer-se dum mundo corruptível a uma vida incorruptível e jubilosa. Vida semelhante não mais nos parece real, mesmo em nossos sonhos. A

ciência natural de há muito que estraçalhou êsse formoso véu. Essa era se acha tão distanciada no passado como a meninice, quando nosso próprio pai era inquestionavelmente o homem mais belo e mais forte da terra.”<sup>1</sup>

Antigamente, vivia o homem num universo tridimensional onde, duma terra que êle habitava com seus vizinhos, avistava acima o céu e abaixo o inferno. Esquecendo Deus, a visão do homem ficou últimamente reduzida a uma só dimensão. Acha agora que sua atividade esteja limitada à superfície da terra: um plano sôbre o qual se move, não subindo para Deus ou descendo para Satanás, mas sômente para a direita ou para a esquerda. A velha divisão teológica, dos que se acham no estado de graça e dos que não estão, deu lugar à separação política de direitistas e esquerdistas. A alma moderna limitou definitivamente seus horizontes. Tendo negado os destinos eternos, chegou a perder até sua confiança na natureza, pois a natureza sem Deus é traidora.

Para onde pode ir a alma, agora que um bloco de pedra foi lançado contra tôdas as saídas exteriores? Como uma cidade, cujos baluartes externos foram todos tomados, deve o homem retirar-se para dentro de si mesmo. Assim como uma massa líquida bloqueada se volta sôbre si mesma, juntando espuma, resíduos e lama, da mesma maneira a alma moderna (que não tenha nenhum dos objetivos ou canais do cristão) se dobra sôbre si mesma e, nessa condição de obstruída, recolhe todo o sedimento sub-razional, instintivo, negro e inconsciente, que nunca se teria acumulado, se não tivessem sido tapadas as saídas normais dos tempos normais. O homem descobre agora que está aferrolhado

---

<sup>1</sup> C. G. Jung, *Modern Man in Search of a Soul*, p. 235.

dentro de si mesmo, que é seu próprio prisioneiro. Encarcerado por si mesmo, tenta agora compensar a perda do universo tridimensional da fé, descobrindo três novas dimensões dentro de seu próprio pensamento. Acima do seu *ego*, seu nível consciente, descobre êle, em lugar do céu, um tirano inexorável a quem chama de *superego*. Abaixo de sua consciência, em lugar do inferno, aceita êle um mundo oculto de instintos e solicitações, desejos primitivos e necessidades biológicas, a que chama de *id*.

Essa concepção da pessoa humana, composta de três camadas ou regiões, foi posta em relêvo por Sigmund Freud. Forma um elemento essencial na doutrina psicanalítica da natureza humana. O traço mais importante dessa doutrina é a crença de que a vida mental consciente do homem, suas experiências e sua conduta são determinadas, não pelo que êle conhece, sente ou pretende, mas por forças em grande parte ocultas à sua percepção. Seu *ego* ou percepção interna é apenas o campo de batalha onde se trava uma guerra incessante entre suas necessidades biológicas e primitivas e os podêres corporificados no *superego*. Êsses podêres tomam o lugar da consciência e se originam, não do conhecimento de uma lei natural e duma obrigação do homem diante da lei divina, mas da pressão social, das influências ambientes postas a pesar sôbre a mente plástica da criancinha. Uma vez que a satisfação das necessidades primitivas se acha colocada sob o mando da sociedade (como no uso de trajés), tornam-se elas "frustradas". Seus objetivos originais não podem permanecer na nossa consciência por causa do seu intolerável conflito com os padrões do meio ambiente e por isso se tornam "recalcados". De modo que a criança se assenhoreia de tôdas as leis, pontos de vista e valores do mundo adulto, quando aceita êsses padrões como próprios. E ela o faz identificando-se com a pessoa a quem veria como um antagonista numa sociedade primitiva.

Assim, o superego se ergue e adquire seu conteúdo — as leis, tabus e ideais que por acaso são os do mundo que cerca a criança.

De acôrdo com tal concepção moderna da vida subjetiva, aparece o homem como um escravo dentro de seu próprio pensamento e como uma vítima de forças que não pode reconhecer. Para libertar-se, se fôr possível, deve conhecer ainda mais a sua prisão. É essa uma das razões da grande popularidade de que goza hoje a psiquiatria. Esta ciência promete explicar o homem a si mesmo, capacitá-lo a ajustar-se melhor à sua trágica situação. Certo tipo de psiquiatria tenta explicar o homem por meio duma teoria que afirma ser o consciente destituído de valor, e sòmente graças ao inconsciente poderá ter o homem moderno a esperança de descobrir um meio de evadir-se de sua infelicidade. Segundo essa crença, o consciente é ao mesmo tempo impelido de baixo pelo id e comprimido de cima pela pressão do superego. O homem consciente fica assim desamparado entre êles. A psiquiatria torna-se então uma espécie de lima de ferro, por meio da qual espera evadir-se dessa prisão mental onde êle próprio se aferrolhou, agindo como carcereiro de si mesmo.

Esta teoria psicanalítica vê a explicação de tóda a conduta humana enterrada *dentro* das mentes dos homens individuais. Mas o paralelo entre as modernas teorias do mundo interior e do mundo exterior é chocante. Ambos os sistemas de pensamento exaltam a tensão e a possibilidade de uma explosão. O profeta de um é Marx, cuja filosofia tem como centro o conflito social; o profeta do outro é Freud, cujo principal interesse gira em tórno dos conflitos individuais. Em ambas as concepções, afirma-se que o estado caótico e desgraçado dos negócios humanos se origina da tensão entre a aparência superficial de um lado e do outro as forças ocultas, negras e irracionais que, embora des-

conhecidas, são as verdadeiras determinantes de tudo quanto acontece. Assim como no Marxismo a condição social, política e cultural evidente é apenas uma “superestrutura”, erigida sôbre as forças econômicas subjacentes, da mesma maneira no sistema de Freud a conduta consciente é apenas um produto de forças localizadas no inconsciente. “Em ambos, as situações humanas são vistas em têrmos de *interesses antagônicos*. A psicologia de Freud analisou neuroses como resultados de um choque dialético entre o desejo e a lei. Ao mesmo tempo que lida Freud com contradições dentro dos processos psíquicos, seu método para explicar essas contradições segue uma estratégia materialista.”<sup>2</sup>

Quando o conflito entre as forças inconscientes e o ego consciente atinge certa intensidade, o efeito, segundo Freud, é a comoção violenta, seguida de uma ruptura da vida e da conduta. Para Marx, de maneira análoga, a paz social se rompe quando o proletariado se levanta, e isto ocorrerá quando as forças econômicas de baixo forem bastante fortes para derrubar a ordem social, política e econômica existente. Freud e Marx concordam ainda em que todos os acontecimentos, sociais e pessoais, são estritamente determinados. A liberdade espiritual é por ambos negada. O marxista sustenta que a história é determinada pelas forças econômicas; o freudiano, que o destino pessoal do homem depende de suas forças instintivas. Ambos encaram a abolição das inibições como o meio de atingir uma melhor condição de negócios. A própria existência dêste paralelismo de pensamento indica como o homem moderno compreende ou não compreende a si mesmo, dentro do “clima” cultural, intelectual e filosófico geral da época. O materialismo histórico, a filosofia de Marx, e o materialis-

---

<sup>2</sup> Harry Slochower, *No Voice is Wholly Lost*, p. 316, Creative Age Press, Inc., 1945.

mo psicológico, a filosofia de Freud, são filhos da mesma era e exprimem as mesmas atitudes básicas.

Os complexos, ansiedades e temores da alma moderna não existiam com tal extensão em gerações anteriores, porque foram arrancados e integrados no grande organismo sócio-espiritual da Civilização Cristã. Formam, porém, tamanha parte do homem moderno, que se pensaria estarem tatuados nêle. Qualquer que seja a sua condição, deve o homem moderno ser reconduzido a Deus e à felicidade. Mas como? Deveria o cristão, com suas verdades eternas, insistir em que o homem moderno deva regressar ao caminho tradicional, cujo argumento partiu da natureza? Que deva aproximar-se de Deus por meio de cinco argumentos de Santo Tomás? Seria um mundo mais sã, se êle o pudesse fazer. Mas é o objeto dêste livro mostrar que devemos começar tomando o homem moderno como êle é e não como gostaríamos de descobrir que fôsse. Pelo fato de haver esquecido êste ponto é que a nossa literatura apologética está atrasada de cêrca de cinqüenta anos. Deixa fria a alma moderna, não porque seus argumentos não sejam convincentes, mas porque a alma moderna se encontra demasiado confusa para apreendê-los.

Mas nós, que somos herdeiros de vinte séculos de pensamento profundo, não devemos lidar com o sobrenatural como um cachorro com um osso. Se a alma moderna quiser começar sua busca de paz pela psicologia, em vez de o fazer com a nossa metafísica, começaremos pela psicologia. A verdade de Deus teria poucas facêtas, se não pudesse emparceirar-se com a natureza humana em qualquer grau de perfeição ou mesmo de degradação. Se o homem moderno quiser ir do Demônio até Deus, por que, então, não começaremos mesmo com o Demônio? Foi por onde começou o Divino Mestre com Madalena e disse a Seus discípulos que,

com oração e jejum, também êles poderiam começar ali sua obra evangélica.

O meio psicológico não nos oferece dificuldade; pois a teologia cristã é, em certo sentido, uma psicologia, uma vez que seu principal interesse é a alma, a mais preciosa das coisas. Nosso Senhor pesou um universo em confronto com uma alma e achou a alma mais digna de ser ganha do que o universo. Estudar almas não é nada de novo. Em tôda a gama da psicologia moderna, nada há escrito a respeito de frustrações, temores e ansiedades que possa ser, mesmo fracamente, comparado, em profundidade ou vastidão, com o tratado de Santo Tomás sobre as Paixões, com as *Confissões* de Santo Agostinho ou com o tratado de Bossuet sobre a Concupiscência.

Mas, pode-se indagar, não será a alma moderna tão diferente da de épocas anteriores que falte aos antigos escritores experiência de tal fenômeno e, assim, nem mesmo o Evangelho poderá oferecer um remédio? Não. Não há nada de realmente novo no mundo. Há apenas os velhos problemas acontecendo a gente nova. Não há diferença, exceto a de terminologia, entre a alma desiludida de hoje e as almas desiludidas que se encontram no Evangelho. O homem moderno se caracteriza por três alienações: está separado de si mesmo, de seu próximo e de seu Deus. São estas as mesmas três características do môço desiludido da terra de Gerasa.

**SEPARAÇÃO DE SI MESMO.** O homem moderno não é mais uma unidade, mas um molho confuso de complexos e de nervos. Acha-se tão dissociado, tão alienado de si mesmo, que se vê menos como uma personalidade, do que como um campo de batalha onde uma guerra civil se trava raivosa entre mil e uma lealdades antagônicas. Não há um propósito único, a todos os respeito, em sua vida. Sua alma pode ser comparada a uma jaula em que numerosas feras, cada qual

buscando sua própria prêsa, rolam umas sôbre as outras. Pode ser ainda comparado a um rádio ligado para várias estações. Em vez de ouvir alguma delas claramente, recebe apenas uma estática intolerável.

Se a alma frustrada é educada, possui um verniz de pedaços de informação desconexos, sem a filosofia que os unifique. Por isso a alma frustrada pode dizer a si mesma: "Penso às vêzes que há dois eus em mim: uma alma viva e um doutor em filosofia". Tal homem projeta sua própria confusão mental no mundo exterior e conclui que, visto não conhecer a verdade, ninguém pode conhecê-la. Seu próprio cepticismo (que êle torna universal numa filosofia da vida) o repele cada vez mais para aquelas fôrças que rastejam nas escuras e úmidas cavernas de seu inconsciente. Muda de filosofia como muda de roupa. Na segunda-feira, assenta os trilhos do materialismo; na têrça, lê um livro afamado, arranca os velhos trilhos e assenta os novos de um idealista; na quarta, sua nova estrada é comunística; na quinta, os novos trilhos do liberalismo são colocados; na sexta, ouve uma irradiação e decide viajar sôbre trilhos freudianos; no sábadô, toma uma demorada bebida para esquecer sua viagem e, no domingo, fica a matutar na tolíce do povo em ir à igreja. Cada dia tem êle novo ídolo, cada semana novo capricho. Sua autoridade é a opinião pública. Quando esta muda, sua frustrada alma muda com ela. Não há ideal fixo, grande paixão, mas apenas uma fria indiferença pelo resto do mundo. Vivendo num estado contínuo de referência a si próprio, os "eus" de sua conversa se repetem com crescente freqüência, ao achar que todos os seus semelhantes se tornam cada vez mais enfadonhos por insistirem em falar a respeito de si mesmos, em vez de falar a respeito dêle.

**ISOLAÇÃO DO PRÓXIMO.** Esta característica revela-se não só pelas duas guerras mundiais, num es-

paço de vinte um anos, e pela constante ameaça de uma terceira; não só pelo aumento do conflito de classes e do egoísmo no qual cada homem procura apenas a sua satisfação; mas também pela quebra do homem com a tradição e a herança acumulada dos séculos. A revolta da criança moderna contra seus pais é uma miniatura da revolta do mundo moderno contra a memória de 1.900 anos de cultura cristã e das grandes culturas hebraica, grega e romana que os precederam. Qualquer respeito por essa tradição é chamado "reacionário", dando em resultado haver-se a alma moderna transformado numa mentalidade comentadora que julga o ontem pelo hoje e o hoje pelo amanhã. Nada é mais trágico, para um indivíduo que foi sábio outrora, do que perder sua memória, e nada é mais trágico para uma civilização do que a perda de sua tradição. A alma moderna, que não pode viver consigo mesma, não pode viver com seus semelhantes. Um homem, que não está em paz consigo mesmo, não estará em paz com seu irmão. As guerras mundiais não passam de sinais macrocósmicos das guerras psíquicas que se travam no íntimo das turvas almas microcósmicas. Se já não houvesse batalhas em milhões de corações, nenhuma haveria nos campos de batalha do mundo.

Numa alma alienada de si mesma, logo a desordem se segue. Uma alma que mantém uma luta dentro de si mesma, em breve manterá luta fora de si mesma contra outras. Uma vez que um homem deixa de ser prestadio a seu vizinho, começa a tornar-se uma carga para este. Basta um passo, de recusar a viver *com* os outros, para recusar a viver *para* os outros. Quando Adão pecou, acusou Eva, e, quando Caim assassinou Abel, fêz a pergunta anti-social: "Serei o guarda de meu irmão?" (Gen. 4:9). Quando Pedro pecou, saiu fora *sòzinho* e chorou amargamente. O pecado de orgulho de Babel

terminou numa confusão de línguas que tornou impossível a manutenção da convivência.

Nosso ódio pessoal de nós mesmos sempre se torna ódio ao próximo. Talvez seja esta uma das razões da atração básica do comunismo, com sua filosofia da luta de classes. O comunismo possui especial afinidade pelas almas que já têm uma luta travada dentro de si mesmas. Associada a êste conflito íntimo, têm uma tendência a tornar-se hipercríticas: as almas infelizes quase sempre censuram os outros, que não a si mesmas, pelas suas misérias. Fechadas dentro de si mesmas, estão necessariamente fechadas para os outros, exceto para criticá-los. Desde que a essência do pecado é a oposição à vontade de Deus, segue-se que o pecado de um indivíduo é forçado a opor-se a qualquer outro indivíduo, cuja vontade esteja em harmonia com a vontade de Deus. O afastamento do próximo que daí resulta é intensificado, quando se começa a viver só para êste mundo. Então os bens do vizinho são olhados como algo de injustamente arrebatado a nós. Uma vez que o material se torna o alvo da vida, nasce uma sociedade de conflitos. Como disse Shelley: "O acúmulo de matéria da vida externa excedeu a quantidade de fôrça para assimilá-la às leis internas de nossa natureza".

A matéria divide, assim como o espírito une. Dividi uma maçã em quatro partes e sempre haverá possibilidade de uma questão para saber a quem deve caber a parte maior. Mas se quatro homens aprendem uma oração, nenhum dêles priva o outro de possuí-la, tornando-se a oração a base de sua unidade. Quando o objetivo de uma civilização consiste, não na união com o Pai Celestial, mas na aquisição de coisas materiais, há um aumento nas potencialidades da inveja, da cobiça e da guerra. Divididos os homens, procuram então um ditador que os ajunte, não na unidade do amor, mas na falsa unidade dos três Pês – Poder, Polícia e Política.

**AFASTAMENTO DE DEUS.** A alienação de si mesmo e do próximo tem suas raízes na separação de Deus. Uma vez perdido o eixo da roda, que é Deus, os raios, que são os homens, caem soltos. Deus parece bastante distante do homem moderno. Isto se deve, em grande parte, a sua própria conduta sem Deus. A Divindade sempre aparece como uma censura àqueles que não estão vivendo direito, e esta censura da parte do pecador se expressa em ódio e perseguição. Raramente existe uma alma dilacerada e frustrada, a criticar e a invejar o seu próximo, que não seja ao mesmo tempo um homem anti-religioso. O ateísmo organizado da hora presente é assim uma projeção do ódio de si mesmo. Nenhum homem odeia a Deus sem que primeiro odeie a si mesmo. A perseguição à religião é um sinal da indefensabilidade da atitude anti-religiosa ou ateística, pois pela violência do ódio espera ela escapar à irracionalidade do Ateísmo. A forma final dêsse ódio à religião é um desejo de desafiar a Deus e manter o seu próprio mal em face de Sua Bondade e de Seu Poder. Revoltando-se contra a existência inteira, tal alma pensa que a refutou; começa a admirar seu próprio tormento, como um protesto contra a vida. Tal alma não querará ouvir falar de religião, com medo de que o alívio se torne uma condenação de sua própria arrogância: do contrário desafia-a. Sempre incapaz de dar sentido à sua própria vida, universaliza sua discórdia íntima e vê o mundo como uma espécie de caos em face do qual desenvolve a filosofia de "viver perigosamente". "Funciona como um átomo perplexo num caos crescente empobrecido pela sua riqueza, esvaziado pela sua plenitude, reduzido à monotonia, pelas suas oportunidades autênticas de variedade." <sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Lewis Mumford, *The Condition of Man*, p. 418, 1944.

Existe tão confusa alma no Evangelho? Estará a psicologia moderna estudando um tipo de homem diferente daquele que o Divino Mestre veio redimir? Se consultarmos São Marcos, acharemos um jovem da terra de Gerasa, descrito como tendo exatamente as mesmas três frustrações da alma moderna.

Estava afastado de si mesmo, pois quando Nosso Senhor perguntou: “Qual é o teu nome?” (Marcos 5:9), o jovem respondeu: “Meu nome é Legião, porque somos muitos” (Marcos 5:9). Notai o conflito de personalidade e a confusão entre “meu” e “somos muitos”. Está claro que êle é um problema para si mesmo, entorvelinhada resaca de mil e uma ansiedades antagônicas. Por isso chamou a si mesmo de “Legião”. Nenhuma personalidade dividida é feliz. O Evangelho descreve esta infelicidade ao dizer que o jovem estava “gritando e ferindo-se com pedras” (Marcos 5:5). O homem confuso é sempre triste. É seu próprio pior inimigo, uma vez que utiliza indevidamente o intento da natureza para sua própria destruição.

O jovem estava também separado de seus semelhantes, pois o Evangelho assim o descreve: “E sempre, dia e noite, andava pelos sepulcros e pelos montes” (Marcos 5:5). Era uma ameaça para os outros homens. “Pois tendo sido muitas vezes amarrado com grilhões e cadeias, havia rebentado as cadeias, despedaçado os grilhões e ninguém podia dominá-lo” (Marcos 5:4). O isolamento é uma qualidade peculiar ao Ateísmo, cujo *habitat* natural é afastado dos outros homens, entre os túmulos, na região da morte. Não há cimento no pecado. Sua natureza é centrífuga, divisória e dilaceradora.

Estava separado de Deus, pois quando viu o Divino Salvador, gritou: “Que tens Tu comigo, Jesus Filho de Deus Altíssimo? Eu Te esconjuro por Deus que me não atormentes” (Marcos 5:7). Quer isto dizer: “Que temos nós em comum? Tua presença é a minha destrui-

ção." É um interessante fato psicológico o ódio das almas frustradas contra a divindade e seu desejo de separar-se dela. Todo pecador oculta-se de Deus. O primeiro assassino disse: "E eu me esconderei da Tua face e serei vagabundo e fugitivo na terra" (Gên. 4.14).

Parece, afinal de contas, que a alma moderna não é lá tão moderna assim. Como o môço de Gerasa, está afastada de si mesma, de seu próximo e de seu Deus. Mas há, não obstante, uma diferença: o jovem de Gerasa era pré-cristão, a alma moderna é pós-cristã. Fundamental como é a distinção, deixa ainda de pé o problema: Como tratar com o homem de hoje?

Uma coisa é certa: a alma moderna não conseguirá encontrar paz enquanto estiver aferrolhada dentro de si mesma, remoendo a escória e o sedimento de seu pensamento inconsciente, prêsa de forças inconscientes cuja natureza e existência glorifica. É interessante haver Freud, que julgava tal solução de autoconcentração a verdadeira, tomado como epígrafe de um dos seus primeiros trabalhos a frase: "Se não puder curvar os deuses lá no alto, lançarei o inferno todo em algazarra." Não é resposta! Destronando os valores conscientes do mundo, lança-se, de fato, o inferno em algazarra e acaba-se em neuroses ainda mais complicadas.

A verdadeira resposta é libertar o homem de sua prisão íntima. Ficarão louco se tiver de contentar-se em perseguir a cauda de seu próprio pensamento, sendo ao mesmo tempo perseguidor e perseguido, lebre e lebrêu. A paz da alma não pode provir do próprio homem, da mesma maneira que não pode êle erguer-se, puxando suas próprias orelhas. O auxílio deve vir de fora e não deve ser auxílio meramente humano, mas divino. Nada, fora de uma invasão divina que restaure o homem na realidade ética, pode tornar o homem feliz, quando está só e na escuridão.

O desiludido jovem de Gerasa só ficou curado, quando Nosso Senhor o restaurou para si mesmo, para seu próximo e para Deus. Então recuperou êle o objetivo da vida. Não mais se chamou "Legião" e o Evangelho o descreve "sentado, vestido e são do juízo" (Marcos 5:15). Na nossa linguagem, estava êle se sentindo "como êle próprio". Em vez de estar isolado da vida da comunidade, nós o vemos restaurado para a fraternidade por Nosso Senhor, Que lhe disse: "Vai para tua casa, para os teus" (Marcos 5:19). Finalmente, em vez de odiar a Deus, nós vemos que êle começa a "publicar pela Decápole quão grandes coisas lhe tinha feito Jesus: e todos se admiravam" (Marcos 5:20). O mesmo se dá com o homem de hoje. Se a alma moderna está demasiado atezada de temores e ansiedades para vir a Deus, graças à beleza duma estrêla, poderá então chegar até Ele graças à solidão dum coração, dizendo com o Salmista: "Desde o mais profundo clamei a Ti, Senhor" (Salmos 129). Se não pode encontrar Deus por meio do argumento do movimento, pode alcançá-lo por meio de seus próprios desgostos — ai! — e mesmo com o cabo de seus pecados.

A questão importante não é: "O que *será* de nós", mas "O que *seremos* nós." A bomba atômica tirou-nos das mentes a existência e a sua finalidade. Contudo, é ainda hoje verdadeiro que não é tão importante saber como *sair* do tempo, quanto saber como se *está* na eternidade. A bomba atômica, nas mãos de um Francisco de Assis, seria menos perigosa do que uma pistola na mão dum tuge. O que faz a bomba perigosa não é a energia que ela contém, mas o homem que a utiliza. Por conseguinte, é o homem moderno quem deve ser refeito. A menos que consiga parar as explosões dentro de seu próprio pensamento, provavelmente — armado com a bomba — prejudicará o próprio planêta, como advertiu Pio XII. O homem moderno aferrolhou-se na

prisão de seu próprio pensamento e somente Deus pode pô-lo em liberdade, como fez Pedro sair de sua prisão. Tudo quanto o próprio homem deve fazer é contribuir com o desejo de libertar-se. Deus não faltará. Só o nosso desejo humano é que é fraco. Não há razão para desencorajamento. Foi o cordeiro balindo nas moitas, mais do que o rebanho nas tranqüilas pastagens, que atraiu o coração e a mão prestante do Salvador. Mas a recuperação da paz por meio de Sua graça implica uma compreensão da ansiedade, a grave queixa do homem moderno aprisionado.

## CAPÍTULO II

### A FILOSOFIA DA ANSIEDADE

Uma das características psicológicas favoritas do homem moderno é dizer que tem um complexo de ansiedade. A psicologia é mais certa do que se suspeita, mas por uma razão mais profunda do que se sabe. Não há dúvida que a ansiedade tem sido aumentada e complicada pela nossa civilização metropolitana e industrializada. Crescente número de pessoas vêem-se afligidas por neuroses, complexos, temores, irritabilidades e úlceras. Talvez haja nelas menos “prostração” do que “tensão”; talvez sejam menos incendiadas pelas faíscas da vida diária, do que abrasadas por combustão interna. Poucas dentre elas têm a felicidade da boa negra que disse: “Quando trabalho, trabalho de verdade; quando me sento, sento-me à vontade e quando penso pego no sono.”

Mas a ansiedade moderna é diferente da ansiedade de eras anteriores e mais normais de duas maneiras. Noutros tempos os homens mostravam-se ansiosos pelas suas almas, mas a ansiedade moderna diz respeito principalmente ao corpo. As maiores preocupações de nossos dias são a segurança econômica, a saúde, o bom aspecto, a riqueza, o prestígio social e o sexo. Quando se lêem anúncios modernos, somos levados a pensar que a maior calamidade que poderia acontecer a um ser humano seria ter mãos de panela de comida ou uma tosse na zona T. Esta supervalorização da segurança corpórea não é saudável: engendrou uma geração que se mostra

muito mais preocupada com ter cintos salva-vidas para usar numa travessia marítima, do que a respeito do camarote que ocupará e de que irá usufruir. A segunda característica da ansiedade moderna é que não se trata de um medo de perigos objetivos e naturais, como raios, feras, fome: é subjetivo, um vago temor daquilo que se acreditaria perigoso se acontecesse. É por isso que se torna tão difícil lidar com gente que tem êsses tipos atuais de ansiedades: não adianta dizer-lhes que não há perigo externo, porque o perigo que eles temem está dentro deles e, por conseguinte, é anormalmente real para eles. Sua condição se agrava em virtude duma sensação de desesperança em fazer alguma coisa a respeito do perigo. Sentem constantemente uma desproporção entre suas próprias forças e as dirigidas por aquilo que acreditam ser o inimigo. Essas pessoas tornam-se semelhantes a peixes apanhados em rédes e a pássaros presos numa armadilha, aumentando suas próprias complicações e ansiedades pelo ardor dos esforços desordenados feitos para dominá-las.

Os psicólogos modernos prestaram um serviço admirável estudando as ansiedades, revelando uma face da natureza humana que tem estado até certo ponto fechada para nós.<sup>1</sup> Mas a causa da ansiedade é mais profunda do que a psicológica. A ansiedade pode adquirir novas formas na nossa civilização desordenada, mas a própria ansiedade sempre estêve enraizada na natureza do homem. Nunca houve uma era, nunca houve um ser

---

<sup>1</sup> A ansiedade é um fenômeno tanto da consciência como da inconsciência. Uma ansiedade "inconsciente" pode significar duas coisas. Ou pode significar que a sede objetiva da ansiedade é desconhecida da consciência, caso em que o estado emocional conscientemente experimentado se relaciona, por exemplo, por meio da "racionalização secundária", com algum objeto fictício de uma maneira que parece sem fundamento e sem sentido ao indivíduo, mas que não obstante se impõe como uma força compulsória, como nas fobias; ou pode significar que o próprio estado emocional seja relegado para dentro do

humano na história do mundo, sem um complexo de ansiedade. Em outras épocas, foi estudado em *todos* os níveis de vida. O Antigo Testamento, por exemplo, tem um livro unicamente relativo ao problema da ansiedade: o livro de Jó. O Sermão da Montanha é uma advertência contra a pior espécie de ansiedades. Os escritos de Santo Agostinho se concentram em tórno daquilo que êle chamava a alma inquieta. Pascal escreveu a propósito da miséria humana. Um filósofo moderno, Kierkegaard, baseia sua filosofia no mêdo, ou *Angst*, e Heidegger nos afirmou que *Dasein ist Sorge*, "a existência é ansiedade".

Será importante indagar a razão básica e o terreno da ansiedade, de acôrdo com a presente condição histórica do homem, da qual a psicológica é apenas uma manifestação superficial. A filosofia da ansiedade encara o fato de ser o homem uma criatura decaída composta de corpo e alma. Conservando-se a meio têrmo entre o animal e o anjo, vivendo num mundo finito e aspirando ao infinito, movendo-se no tempo e buscando o eterno, é impellido num momento para os prazeres do corpo e no outro para as alegrias do espírito. Acha-se num constante estado de suspensão entre matéria e espírito e pode ser comparado a um ascensionista que aspira a atingir o elevado pico lá em cima e, contudo, voltando a vista, do ponto onde se encontra no momento, receia cair no abismo lá em baixo. Êste estado de indeterminação e de tensão entre o que deveria ser e o que realmente é, êste impulso entre sua capacidade de gôzo e sua mesquinha realização, esta consciência da distância entre seu anelo de conter o amor sem saciedade e seus amôres particulares, com seu senso inter-

---

inconsciente e nêle mantido, de modo que se torna manifesto, não como ansiedade, mas como algum outro "sintoma". A ansiedade é também consciente, e quando experimentada é um assunto de estudo psicológico, nas crianças e adultos, em gente normal e anormal.

mitente de “enfartamento”, esta oscilação entre sacrificar valores menores para atingir ideais mais altos ou senão abdicar inteiramente êstes, esta luta do velho Adão e da bela atração do novo Adão, esta necessidade de escolha que lhe oferece duas estradas, uma levando a Deus e outra afastando-o Dêle, tudo isto torna o homem ansioso, a respeito de seu destino para além das estrêlas e receoso de sua queda nas profundezas lá de baixo.

Em todo ser humano, há uma dupla lei de gravitação, uma que o puxa para a terra, onde passa êle seu tempo de provação, e outra que o arrasta para Deus, onde se encontra a sua felicidade. A ansiedade subjacente a tôdas as ansiedades do homem moderno provém do fato de tentar ser êle próprio sem Deus, ou de tentar ultrapassar a si mesmo sem Deus. O exemplo do ascensionista não é exato, pois tal homem não tem quem o ajude lá no mais alto pico a que aspira. O homem, porém, tem um auxiliar: Deus, no mais alto pico da eternidade, estende Sua Mão Onipotente para erguê-lo, mesmo antes que o homem levante a voz pedindo. É evidente que, mesmo se escaparmos a tôdas as ansiedades da vida econômica moderna, mesmo se evitarmos tôdas as tensões que a psicologia descobre no inconsciente e no consciente, teremos ainda assim aquela grande e básica ansiedade fundamental, que nasce da nossa condição de criatura. A ansiedade brota fundamentalmente de desejos desmedidos, do querer a criatura algo que lhe é desnecessário, ou contrário à sua natureza, ou positivamente prejudicial à sua alma. A ansiedade aumenta na razão direta e na proporção em que o homem se afasta de Deus. Todo homem no mundo tem um complexo de ansiedade, porque tem a capacidade de ser santo ou pecador.

Não se acredite que o homem tem um complexo de ansiedade “porque retém ainda traços de sua origem

animal". Na verdade os animais deixados a si mesmos nunca têm ansiedades. Têm temores naturais, que são bons, mas não têm ansiedades subjetivas: Os pássaros não desenvolvem em si uma psicose, para resolverem se deverão fazer sua viagem de inverno para a Califórnia ou para a Flórida. Um animal nunca se torna menos do que é. Mas um homem pode fazer justamente isto, porque um homem é composto tanto de espírito como de matéria.

Quando vemos um macaco agindo loucamente, não dizemos ao macaco: "Não aja como um maluco"; mas quando vemos um homem agindo loucamente, dizemos: "Não aja como um macaco." Porque um homem é espírito, tanto como matéria, pode descer ao nível dos animais (embora não tão completamente a ponto de destruir a imagem de Deus na sua alma). É esta possibilidade que forma a tragédia peculiar do homem. As vacas não têm psicoses, os porcos não têm neuroses e os frangos não se sentem frustrados (a menos que essas frustrações sejam artificialmente produzidas pelo homem). Tampouco o homem se sentiria frustrado, ou teria um complexo de ansiedade, se fôsse um animal feito *apenas para este mundo*. Só a eternidade pode tornar um homem desesperado. "O homem é ao mesmo tempo forte e fraco, ao mesmo tempo livre e prêso, ao mesmo tempo cego e clarividente. Permanece na confluência da natureza e do espírito e se acha envolvido ao mesmo tempo em liberdade e necessidade. Há sempre em parte um esforço para obscurecer sua cegueira superestimando o grau de sua visão e para obscurecer sua insegurança estendendo seu poder além de seus limites." <sup>2</sup>

O medo surge porque o homem percebe, embora obscuramente, a sua contingência e a sua finidade.

---

<sup>2</sup> Reinhold Niebuhr, *The Nature and Destiny of Man*, p. 181, Charles Scribner's Sons, 1941.

Não é o absoluto, embora o deseje ser. Não é nem mesmo tudo aquilo que é, ou tudo aquilo que poderia ser. Esta tensão entre possibilidade e fato, esta oscilação entre querer estar com Deus e querer ser Deus, é um aspecto mais profundo de sua ansiedade. Alfred Adler tem sempre salientado que êste fundo de neuroses é o esforço do homem em tornar-se semelhante a Deus, esforço tão impotente quão inatingível o alvo. A raiz de tôda tensão psicológica é básicamente metafísica.

O desespero e a ansiedade só são possíveis porque existe uma alma racional. Pressupõem a capacidade de auto-reflexão. Só um ser capaz de contemplar a si mesmo pode temer a aniquilação em face do infinito, pode desesperar, quer de si mesmo, quer de seu destino. O desespero, diz-nos Kierkegaard, é duplo. É um desesperado desejo de ser ou de não ser. O homem, ou quer transformar-se num ser absoluto, incondicionado, independente, auto-subsistente, ou quer desesperadamente libertar-se de seu ser, com sua limitação, sua contingência e sua finidade. Ambas estas atitudes manifestam a eterna revolta do finito contra o infinito: *Non serviam*. Graças a tal revolta, o homem se expõe a afirmar a sua nulidade e a sua solidão. Em vez de encontrar um apoio no conhecimento de que, embora contingente, é mantido em existência por um Deus amorável, busca êle agora confiança dentro de si mesmo, e não conseguindo necessariamente encontrá-la, torna-se a vítima do medo. Porque o medo se relaciona com algo de desconhecido, de dominante, de onipotente, que pode ferir-nos não se sabe quando nem onde. O medo está em tôda parte e em nenhuma parte, em tôrno de nós, terrível e indefinido, ameaçando o homem com um aniquilamento que êle não pode imaginar ou mesmo conceber. Tal temor é exclusivo do homem. Porque um animal não tem alma capaz de conhecer o amor perfeito, porque não tem de prestar contas de sua adminis-

tração para lá dos corredores do túmulo, porque não é como um pêndulo oscilando entre a eternidade e o tempo, está privado daquelas relações eternas que o homem possui. Por conseguinte, pode ter apenas um corpo doente e nunca uma alma doente. Assim, uma psicologia que nega a alma humana está em constante contradição consigo mesma. Chama o homem um animal e depois passa a descrever uma ansiedade humana que nunca é encontrada em qualquer animal privado duma alma racional.

Desde que a causa básica da ansiedade do homem é a possibilidade de ser um santo ou pecador, segue-se que há apenas duas alternativas para êle. O homem, ou pode subir até o pico da eternidade, ou então despenhar-se até os abismos do desespero e da desilusão. Contudo, há muitos que pensam haver ainda outra alternativa, isto é, a da indiferença. Pensam que, da mesma maneira que os ursos hibernam durante uma estação, num estado de animação suspensa, também êles podem dormir durante a vida, sem ter de escolher viver para Deus ou contra Êle. Mas a hibernação não é escapatória. O inverno termina e é então forçoso tomar uma decisão — na realidade, a própria escolha da indiferença é de si uma decisão. Cêrcas brancas não permanecem cêrcas brancas, se nada se faz para conservá-las assim; em breve se tornam cêrcas pretas. Desde que há em nós uma tendência que nos faz regressar à animalidade, o simples fato de não opormos resistência a isso age para nossa própria destruição. Justamente como a vida é a soma das forças que resistem à morte, da mesma maneira a vontade do homem deve ser a soma das forças que resistem à frustração. Um homem que introduziu veneno no seu organismo, pode ignorar o antídoto ou pode lançá-lo pela janela fora. Não faz diferença que êle assim proceda, pois a morte já se acha em caminho. São Paulo nos adverte: “Como

escaparemos se desprezarmos...” (Hebreus 2:3). Pelo simples fato de não andarmos para diante, andamos para trás. Não há planícies na vida espiritual. Ou vamos subindo, ou descemos. Além de que a posição de indiferença é apenas intelectual. A vontade *deve* escolher. E muito embora uma alma “indiferente” não rejeite positivamente o infinito, o infinito a rejeita. Os talentos não utilizados são arrebatados e as Escrituras nos dizem que “Mas porque és morno e nem frio nem quente, começar-te-ei a vomitar de minha bôca” (Apoc. 3:16).

Voltando às alternativas supremas, o homem pode escolher entre um amor terreno, com exclusão do Amor Divino, e um Amor Divino que inclua um amor terreno saudável e sacramental. Pode tornar a alma sujeita ao corpo, ou pode tornar o corpo sujeito à alma. Consideremos primeiro aquêles que resolvem sua ansiedade em favor do Ateísmo. Invariavelmente acabam substituindo o verdadeiro Deus de Amor por um dos falsos deuses.

Este deus pode ser o ego, o próprio eu. Acontece isto no ateísmo quando há uma negação de dependência do verdadeiro Deus, quando há uma afirmação da própria vontade e prazer de cada um como a lei absoluta, ou quando a liberdade é interpretada como o direito de fazer aquilo que nos apraz. Quando semelhante falso deus é adorado, a religião é rejeitada como uma racionalização ou fuga, ou mesmo como um temor de afirmar alguém a supremacia de seu próprio eu.

Os ateístas cometem o pecado de *orgulho*, pelo qual um homem pretende ser aquilo que não é, isto é, um deus. O orgulho é o amor desordenado de si mesmo, uma exaltação do eu condicional e relativo para um absoluto. Tenta saciar a sêde de infinito dando à própria finidade de cada um uma pretensão à divindade.

Em alguns, o orgulho cega o eu diante de sua fraqueza e se torna orgulho “ardente”; em outros, reconhece sua própria fraqueza e a supera por meio duma auto-exaltação que se torna orgulho “frio”. O orgulho mata a docilidade e torna um homem incapaz de ser jamais auxiliado por Deus. O conhecimento limitado do pensamento insignificante pretende ser final e absoluto. Em face de outros intelectos recorre a duas técnicas: a técnica da onisciência, pela qual procura convencer os outros da vastidão de seu conhecimento, ou a técnica da insciência, pela qual tenta convencer os outros de seu pouco conhecimento. Quando tal orgulho é inconsciente, torna-se quase incurável, pois identifica a verdade com a *sua verdade*. O orgulho é uma confissão de fraqueza. Secretamente teme qualquer competição e tem medo de todos os rivais. Raramente se cura, quando a própria pessoa é vertical, isto é, rica e próspera, mas pode ser curado quando o paciente é horizontal — doente e desiludido. É por isso que as catástrofes são necessárias numa época de orgulho para fazer os homens voltar para Deus e para a salvação de suas almas.

O falso deus do ateu pode ser *outra* pessoa, bem-querida, não como um condutor de valores humanos, mas como um objeto a ser devorado e usado para o prazer próprio de alguém. Em tal caso, o vocabulário da religião é invocado para rogar ao objeto: “adorar”, “anjo”, “culto”, “deus” e “deusa”. Disso nasceu o pecado da *luxúria*, ou a adoração da vitalidade de outra pessoa como fim e objetivo da vida. A luxúria não é o resultado inevitável da carne, da mesma maneira que uma catarata não é diretamente causada pelo alcance da vista; é antes devida à rebelião da carne contra o espírito e da pessoa contra Deus. Como diz Santo Agostinho:

tado da Santíssima Trindade e da descoberta da finalidade da vida. Foram estas três coisas que Nosso Senhor descreveu na parábola daqueles que ofereceram desculpas por não ter comparecido ao banquete; um recusou, porque tinha comprado uma fazenda, outro porque tinha adquirido uma junta de bois e o terceiro porque havia tomado para si uma mulher. O amor de si mesmo, o amor da pessoa e o amor da propriedade não são em si mesmos censuráveis, mas se tornam censuráveis quando se tornam fins em si mesmos, são desviados de sua verdadeira finalidade, que é conduzir-nos a Deus. Porque há alguns que abusam do amor de si mesmos, do amor à pessoa e do amor à propriedade, encorajou a Igreja os três votos de obediência, castidade e pobreza, como reparação por aqueles que fazem deuses de suas opiniões, de sua carne e de seu dinheiro. A ansiedade e a desilusão se seguem invariavelmente, quando os desejos do coração estão concentrados sobre outra coisa que não Deus, pois todos os prazeres da terra, perseguidos como fins derradeiros, vêm a ser o oposto exato daquilo que era esperado. A expectativa é prazenteira, a realização, desprazer. Dêsse desaponto se geraram essas ansiedades menores que a moderna psicologia conhece tão bem. Mas a raiz delas tôdas é o amesquinhamento da vida devido ao abandono da Vida Perfeita, da Verdade e do Amor, que é Deus.

A alternativa para tais ansiedade consiste em deixar-se a gente ir, não por uma rendição do espírito ao mundo, à carne e ao demônio, mas por um ato de abandono próprio, no qual o corpo é disciplinado e sujeito ao espírito e a personalidade inteira dirigida para Deus. Aqui a ansiedade básica da vida torna-se transcendida de três modos, cada um dos quais produz uma paz de alma de que somente usufrui quem ama a Deus: 1) domínio dos desejos; 2) transferência de ansiedade do corpo para a alma; 3) submissão à Vontade de Deus.

1. Domínio dos desejos. As ansiedades e desilusões são devidas a desejos desordenados. Quando uma alma não consegue aquilo que deseja, cai na tristeza e no desgosto. Em outras gerações eram os desejos dos homens menos numerosos ou mais dominados. Hoje até mesmo os luxos são considerados necessidades. O desaponto aumenta na razão direta e na proporção de nosso fracasso em obter as coisas que acreditamos essenciais ao nosso prazer. Uma das maiores decepções de hoje é a crença de que o ócio e o dinheiro são essenciais à felicidade. O triste fato da vida é que não há gente mais desiludida na superfície da terra do que aqueles que nada têm que fazer e aqueles que têm dinheiro demais para seu próprio bem-estar. O trabalho nunca matou ninguém, mas a preocupação sim. É coisa aceita por muitos reformadores que a principal e maior causa de infelicidade é a insegurança econômica, mas esta teoria esquece que há problemas econômicos apenas porque os homens não resolveram os problemas de suas próprias almas. A desordem econômica é um sintoma de desordem espiritual.

Dominar a ansiedade não significa eliminar nossos desejos, mas antes arranjá-los hierarquicamente, como Nosso Senhor nos lembrou quando disse que a vida é mais do que o vestuário. Esta pirâmide de valores coloca as coisas no fundo — e as coisas incluem tudo que é material no universo, desde uma estrêla que inspira um poeta até o trigo transformado em pão pelo padeiro. Acima das coisas vem o homem e no vértice da pirâmide está Deus. Um homem religioso ordena sua vida de acôrdo com o modelo da pirâmide. Vence a ansiedade, sujeitando tôdas as coisas materiais ao humano, disciplinando o corpo até sujeitá-lo ao espírito e submetendo a personalidade inteira a Deus. “Porque tôdas as coisas são vossas, mas vós sois de Cristo e Cristo é Deus” (I Cor. 3:22,23). Uma vez que a alma reconhe-

ça que é feita para Deus, abandona a idéia burguesa de que tôda pessoa há de ser julgada pelo que tem. Disso se segue, não só uma renúncia ao mal, mas até mesmo uma voluntária entrega de algumas coisas legais, a fim de tornar o espírito mais livre para amar a Deus. Quando os sacrifícios de Nosso Senhor se tornam a inspiração de uma vida, então seus fardos são carregados com mais do que resignação — são aceitos como apelos providenciais para uma maior intimidade com Ele.

Mas inteiramente à parte de motivos cristãos, mesmo encarando-se de um ponto de vista puramente natural, é sábio da parte do homem renunciar a alguns desejos, simplesmente porque a alma não pode encontrar satisfação no realizá-los. O desejo da riqueza é um desses. Há duas espécies de riqueza: riqueza *natural*, que toma a forma do necessário: alimento, roupa e abrigo para sustentar a vida do indivíduo ou da família; riqueza *artificial*, que é o dinheiro, o crédito, ações e títulos. É possível a um homem satisfazer seus desejos de riqueza natural, porque seu estômago logo atinge um ponto em que não pode consumir mais alimentos. Mas não há limite para o desejo da riqueza artificial. Um homem que possui um milhão nunca está satisfeito com êsse milhão. Há certa infinidade falsa a respeito da riqueza artificial, porque um homem pode desejá-las sempre mais e mais. Pelo fato de impor a riqueza natural seus próprios limites é que a agricultura e a jardinagem se contam entre as mais satisfatórias experiências da vida humana.

Se desejamos riquezas, nunca julgamos tê-las bastantes. Tornamo-nos frustrados. Há uma diferença psicológica entre “frustração” e “renúncia”. A frustração só ocorre quando o homem se sente uma vítima passiva de forças extrínsecas, contra as quais se acha impotente; a renúncia brota da própria livre decisão do homem. Os pais reconhecem esta diferença; uma crian-

ça que se apoderou de uma coisa que lhe não é permitido ter, é advertida por seu pai: "Entregue-ma, do contrário tomá-la-ei de você." Muitas vêzes a criança renunciará à coisa em vez de ver-se dela privada à força. As palavras dirigidas à criança deixaram-lhe êste meio de salvaguardar sua dignidade e independência: faz aquilo que deveria fazer em qualquer caso, mas o faz com pelo menos uma aparência de liberdade. E é esta liberdade que estabelece tôda a diferença. Se o homem pode convencer-se de que não necessita verdadeiramente disto ou daquilo (embora possa desejá-lo), o abandonar êsse desejo não lhe causará desilusão. Só se sentirá frustrado, se fôr forçado à renúncia.

Os desejos desenfreados crescem como joios e sufocam o espírito. As riquezas materiais produzem relativo prazer por algum tempo, porém mais cedo ou mais tarde experimenta-se um mal-estar, uma sensação de vacuidade, um sentimento de que algo de errado vem empanando a alma. É êste o meio pelo qual Deus diz que a alma está faminta e que somente Ele pode satisfazê-la. É a tais almas modernas, desiludidas, famintas e ansiosas que o Salvador estende o convite: "Vinde a mim todos os que trabalhais e vos achais carregados, e eu vos aliviarei" (Mat. 11:28).

2. O segundo meio pelo qual pode o homem transcender a ansiedade da pobreza é transferir seu interêsse do corpo para a alma, ser sàbiamente ansioso. Pois há duas espécies de ansiedade, uma a respeito do tempo, outra a respeito da eternidade. A maioria das almas mostram-se ansiosas a respeito justamente daquelas coisas que não mereceriam ser objeto de preocupação. Nosso Divino Mestre mencionou pelo menos nove coisas a respeito das quais não nos deveríamos preocupar: a morte corporal; o que deveremos dizer em dias de perseguição, quando formos intimados a comparecer perante comissários; a construção ou não de outro celei-

ro (ou de outro arranha-céu); discussões de família por havermos aceitado a fé; complicações com a sogra; nossos alimentos, nossas bebidas, nossas modas, nossa aparência (Lucas 12). Disse-nos que deveríamos ficar bastante ansiosos a respeito de uma coisa e de uma só coisa — nossas almas (Mat. 16:24-28).

Nosso Senhor não quer significar que as atividades mundanas são desnecessárias. Disse somente que se ficarmos ansiosos a respeito de nossas almas as ansiedades menores se dissolverão: "Procurai *primeiro* (e não *sòmente*) o reino de Deus e Sua justiça, e tôdas as coisas ser-vos-ão acrescentadas" (Lucas 12:31). Era comum ficar o verdadeiro cristão separado dos outros pela intensidade de sua rica ansiedade a respeito de sua alma. (Agora é êle diferenciado pelo simples fato de que acredita que tem uma alma para salvar.) A ansiedade está presente em todo amor. E cada ser humano deve amar ou enlouquecer, porque nenhum homem é suficiente a si mesmo. Dirigi o amor para Deus e a paz descera sôbre a alma. Desviai-o de Deus e o coração tornar-se-á uma fonte partida onde lágrimas caem "dos suspirosos galhos do pensamento". Quando mais nobre fôr o coração que se parte, na sua recusa de mostrar-se ansioso a respeito do amor de Deus, tanto mais mesquinho se tornará na sua falta de amor e no seu ateísmo. Mas há esperança: quanto maior a frustração, tanto mais complexa a ansiedade do coração sem Deus, tanto mais capaz êle é de ser metamorfoseado em santo.

Há esperança para todos. As coisas que alguém fez passam; quem as faz permanece responsável por seus atos futuros. Pode começar a cultivar agora a rica ansiedade. Se as almas modernas soubessem apenas isto, as coisas pelas quais mais ansiosas se mostram seriam apenas mesquinhos substitutos d'Aquele Que unicamente pode acalmar seus espíritos. Charlatães

aconselham o homem a esquecer a eternidade e a satisfazer seus desejos corporais... mas que homem queria ser apenas uma vaca satisfeita? O caminho do Senhor para ser feliz é concentrar-se na porta estreita: "Entrai pela porta estreita; porque larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela. Quão estreita é a porta e quão apertado o caminho que conduz à vida e quão poucos são os que acertam com ela" (Mat. 7:13-14).

3. O terceiro meio de transcender as ansiedades é aumentar nossa confiança em Deus. O amor é recíproco; é recebido na proporção em que é dado. Geralmente confiamos apenas naqueles que confiam em nós. É por isso que há uma providência especial para aqueles que confiam em Deus. Ponde em confronto duas crianças, uma, de uma família feliz, bem provida de alimento, de roupa e educação, a outra, um órfão sem lar, das ruas. A primeira criança vive em uma área de amor; a segunda está fora desta área e não goza de nenhum de seus privilégios. Muitas almas preferem deliberadamente excluir-se da área de Amor do Pai Celestial onde poderiam viver como Seus filhos. Confiam apenas nos seus próprios recursos, na sua conta de banco, nos seus próprios meios. Isto é particularmente verdade a respeito de muitas famílias que consideram a educação das crianças apenas como um problema econômico, nem uma vez invocando o Amor do Pai Celestial. São como um filho que em tempos de necessidade nunca se socorre do auxílio de seu pai rico. O resultado é perderem êles muitas das bênçãos reservadas àqueles que se lançaram nos braços amorosos de Deus. Esta lei aplica-se tanto às nações quanto aos indivíduos: "porque tiveste confiança no rei da Síria e não no Senhor teu Deus, em consequência o exército do rei da Síria escapou das tuas mãos" (II Par. 16:7). Muitos favores e bênçãos estão pendentos do céu para aliviar

nossas ansiedades temporais, bastando apenas que as cortássemos com a espada de nossa confiança em Deus. O alívio de tôdas as nossas erradas ansiedades vem, não de nos darmos a Deus pela metade, mas em virtude de um amor oniabrangente, ao qual regressamos não com mêdo ao passado, ou com ansiedade pelo futuro, mas para descansar sossegadamente em Sua Mão, não tendo outra vontade senão a d'Ele. Então as antigas sombras da vida são vistas como "A sombra de Sua Mão estendida acariciadoramente."<sup>5</sup>

Todos têm ansiedade. Um complexo, de acôrdo com o uso da psicologia contemporânea, é um grupo de memórias e desejos dos quais não temos consciência, mas que, não obstante, afetam nossa personalidade. Um complexo de ansiedade seria um sistema de memórias infelizes submersas no inconsciente e produzindo muitas espécies de sintomas. Todos têm ansiedade. Felizmente não têm todos um complexo de ansiedade. A diferença entre paz de alma e descontentamento vem da espécie de ansiedade que temos. A mais larga separação de tôdas está entre a ansiedade pelas coisas do tempo e os valores de eternidade. Das primeiras, disse Nosso Senhor: "Não vos preocupeis, pois vosso Pai Celestial sabe que tendes necessidade dessas coisas" (Mat. 6:8). A segunda espécie de ansiedade é normal porque está ligada à liberdade humana e é um resultado de nossa condição de criaturas. Esta ansiedade é uma inquietação com o que tão-sòmente seja a perfeita felicidade que é Deus.

Finalmente, a ansiedade, ou mêdo, relaciona-se com a finidade do homem e com o seu vago conhecimento de um ser infinito, em comparação com o qual êle é quase nada. O homem, tem-se dito, pode, falsamente, tentar vencer sua finidade negando sua condição de

---

<sup>5</sup> Francis Thompson, "The Hound of Heaven".

criatura (o que é orgulho), ou fugindo para uma idolatria da sensualidade. Então esta ansiedade ainda permanece na forma do medo — que não é a mesma coisa que o temor. Pois o temor é uma reação a um perigo humano e, como diz Santo Tomás, está sempre misturado a certo grau de esperança. Mas o medo não conhece esperança. Exprime-se de maneiras despropositadas, pois não tem causa evidente e vem da sensação semi-consciente que tem o homem da precariedade de seu ser. Desta maneira o medo se relaciona com a idéia de morte, a grande desconhecida, a única coisa inescapável de que o homem não tem conhecimento experimental. Quando êste medo se resolve devidamente pelo reconhecimento de nossa dependência de Deus, torna-se o caminho para a paz da alma. Mas ninguém no mundo, mesmo neste caso, escapa ao fato da ansiedade ou deixa de fazer crescer um sentimento da tensão entre o finito e o infinito. Tal ansiedade normal pode ser coberta, mas arrebentará em alguma parte e de algum modo. Alfred Adler teve um vislumbre desta verdade, quando disse que os neuróticos são animados por uma ambição desregrada de ser “como Deus”. As várias tensões que a psicologia estuda são muitas vêzes os reflexos da mais profunda tensão metafísica, e inerante a todo ser humano, entre o seu ser contingente e limitado e o Ser Infinito e Absoluto. Esta tensão não seria sentida, se o homem não fôsse livre e não tivesse a responsabilidade de escolher entre a autofrustração e a autoperfeição por meio do uso das criaturas como um caminho para Deus.

A paz da alma vem para aquêles que têm a verdadeira espécie de ansiedade por atingir a perfeita felicidade que é Deus. Uma alma tem ansiedade porque sua condição final e eterna ainda não está decidida; está ainda e sempre nas encruzilhadas da vida. Esta ansiedade fundamental não pode ser curada por uma sub-

missão às paixões e aos instintos: a causa básica de nossa ansiedade é uma inquietação dentro do tempo que sobrevém porque somos feitos para a eternidade. Se houvesse em alguma parte da terra um lugar de repouso que não fôsse Deus, poderíamos estar bem certos de que a alma humana, na sua longa história, tê-lo-ia descoberto antes disto. Como disse Santo Agostinho: "Nossos corações foram feitos para Ti. Estão inquietos, enquanto não repousarem em Ti, ó Deus."

### CAPÍTULO III

## A ORIGEM DOS CONFLITOS E SUA REDENÇÃO

O mundo intelectual redescobriu súbitamente que o homem é uma sede de conflitos. Marx descobriu conflito na sociedade, Kierkegaard na alma, Heidegger no ser do homem e os psicólogos no pensamento. Para crédito de todos êles, deve ser dito que se aproximaram muito mais de uma compreensão do homem do que fizeram os liberais dos derradeiros poucos séculos, que ensinavam que o homem era naturalmente bom e progressista e já em pleno caminho de tornar-se um deus sem Deus. Quem quer que dissesse hoje que o homem moderno (que travou duas guerras mundiais em duas décadas) necessita apenas de evolução e educação para tornar-se uma divindade seria menos observador do que um avestruz com a cabeça metida na areia. É evidente a todos que o homem sem-Deus do século XX tem, de certo modo, conduzido a si mesmo e à sociedade a uma condição de desordem e de caos. Os psiquiatras, que têm investigado êstes conflitos e tensões, descreveram-nos de várias maneiras. Para alguns dêles, o conflito está entre o pensamento consciente e o inconsciente; para outros, é uma tensão entre o ego e o ambiente; para outros ainda, um duelo entre instintos e ideais; para alguns mais, uma guerra entre o id e o superego.

A causa da tensão é a maior parte das vêzes atribuída à experiência pessoal. Censura-se, por exemplo, a maneira pela qual uma criança foi tratada por seus pais, ou o fato de terem sido negadas à criança certas

oportunidades de satisfazer seus desejos naturais e legítimos, ou a insuficiência de campos de recreio e leite Grau B. Os defeitos corporais são também acusados de causar tensão e desordens de conduta. Em virtude das relações estabelecidas entre temperamento e glândulas endócrinas, estas também foram tornadas responsáveis pelo nosso estado de tensão. Outros estudiosos lançam a censura sôbre certos conflitos que surgem inevitavelmente dentro de uma família. A psicanálise freudiana fala assim da situação de Édipo. Como o herói da lenda grega matou seu pai e casou-se com sua mãe, da mesma maneira se supõe que todo menino deseja sua mãe e tem ciúme de seu pai, a ponto de desejar-lhe a morte. Diz-se que uma filha desempenha o papel correspondente para com sua mãe. Odeia sua mãe e quereria, à maneira de Electra, matá-la, a fim de casar com seu pai. Esta situação foi chamada a situação de Electra, ou o complexo da mãe.<sup>1</sup>

Outras escolas lançam a culpa do conflito e da tensão sôbre algo parecido com uma memória racial, sôbre a influência persistente de alguns eventos acontecidos

---

<sup>1</sup> Tôda a teoria da situação de Édipo, ou complexo de Édipo, dá margem às mais sérias objeções. A prova apresentada descansa exclusivamente em conclusões tiradas dos resultados da psicanálise. Se as pressuposições desta doutrina caírem, a teoria do complexo de Édipo perde seus fundamentos. (É um raciocínio falaz o que afirma que a existência do complexo de Édipo prova a verdade da doutrina freudiana, desde que esta prova pressupõe que a doutrina inteira seja primeiramente aceita.) Falta base real e apoio à idéia de que a chamada "situação de Édipo" é comum na vida humana e espelha acontecimentos verdadeiros passados nos primeiros estágios da civilização. Se fôsse assim, como os psicanalistas pretendem, se o assassinio do pai ou do patriarca pelos filhos ciumentos e o casamento do assassino bem sucedido com sua mãe fôsse um acontecimento habitual na pré-história, seria de esperar encontrar-se o mito de Édipo em muitos lugares. Na verdade, porém, existe apenas na lenda grega e talvez, de forma um tanto similar, em uma tribo da Índia. Tôda a estrutura da sociedade pré-histórica e seus hábi-

no passado da raça. Podem ir mesmo mais adiante no passado e discutir um "inconsciente coletivo", que a evolução humana transmitiu a cada indivíduo como parte de sua equipagem psíquica inconsciente. Este inconsciente coletivo é acompanhado nos seus traços progressos mesmo até "os antepassados animais do homem."<sup>2</sup>

Comum a tôdas estas teorias é a idéia de que as influências exteriores ao indivíduo, comuns à própria raça, condicionam-no presentemente e são a causa de seus conflitos. Embora os psiquiatras hajam redescoberto o conflito do homem, descrevendo-o no nível inconsciente, a raça humana sempre teve conhecimento dêle. Platão, por exemplo, descreveu a personalidade como um carroceiro dirigindo dois cavalos indomáveis. Um dos corcéis é apetite ou instinto; o outro é espírito. O condutor é a razão, que tem a maior dificuldade em conservar ambos os cavalos conduzidos na mesma direção. Sófocles, o antigo dramaturgo grego, falou de certa grande desarmonia primitiva, grisalha com a idade, que infecta todos os homens. Ovídio, o poeta latino, escreveu: "Vejo e aprovo as melhores coisas da vida, mas sigo as piores." São Paulo descreveu o conflito humano como travado entre a lei do pensamento e a lei dos membros.

Todo ser humano pode dar testemunho da experiência de que as vitórias não estão tôdas de um lado,

---

tos, que Freud e seus discípulos exploram, carecem de qualquer base firmada em fatos e têm sido rejeitados por todos os estudiosos competentes da antropologia cultural. Para uma mais plena refutação dessa falácia, consultai Rudolf Allers, *The Successful Error*; Emil Ludwig, *Doctor Freud*, caps. 8-10.

<sup>2</sup> A teoria do inconsciente coletivo tem sido proposta por C. G. Jung e forma uma das menos aceitáveis partes de sua "Psicologia Analítica".

quer do corpo, quer do espírito. As pessoas boas agem muitas vezes como gente ruim, e gente ruim às vezes pratica atos melhores que os das pessoas boas. Goethe lamentava que Deus tivesse feito d'ele apenas um homem, quando n'ele havia bastante material tanto para um velhaco como para um cavalheiro. *O Doutor Jekyll e o Sr. Hyde*, de Stevenson, é uma história bem conhecida do conflito íntimo de um homem e de sua possível dualidade, para que precisemos de recontá-la. O Pequeno Catecismo, sumariando a melhor sabedoria dos antigos e da cristandade, faz a pergunta: "De que deveremos ter mais cuidado, do corpo ou da alma?" — pergunta que admite que é possível para qualquer um ganhar a primazia ou domínio da vida.

O fato do conflito na pessoa humana não é novo. Nova é somente sua pormenorizada descrição no plano psicológico. A psiquiatria afirma que há alguma tendência primordial para o mal no inconsciente coletivo, que influencia todos os membros da raça humana. Lançando nova luz sobre esta tensão, acrescentou novo conhecimento ao que a humanidade já conhecia a respeito de si mesma, isto é, que não é tudo que devia ser. Pode muito bem ser que a nova apologética para a alma moderna venha a partir das contribuições da psicologia moderna sobre o tema do conflito, que será uma espécie de prefácio ao tratado *De peccato originali*, relativamente o mais importante tratado de teologia para o pensamento moderno.

Estamos interessados aqui, não pelo conflito no plano inconsciente, mas pela causa subjacente de todo conflito no corpo ou na alma, na vontade ou no coração, na sociedade ou no indivíduo, da qual a psicológica é uma manifestação superficial. Podemos eliminar imediatamente a idéia antiquada de que a pobreza é a causa da desarmonia interior, pois se assim fôsse, todos os ricos seriam normais. Contudo, há mais anormalidade

entre os ricos do que entre os pobres. Nem poderá ser encontrada a causa do conflito no fundo animal do homem, pois o homem marca uma completa ruptura com o animal, como se evidencia pelo fato de que o homem pode rir e os animais não podem, que o homem pode criar arte, o que os animais não podem. A risada e a arte são impossíveis sem idéias, por uma parte, e ideais por outra. A causa do conflito não é o meio ambiente, porque o freio de ouro não torna melhor o cavalo. Judas, que teve o melhor ambiente da história, morreu na ignomínia e na vergonha. O conflito não é devido à ignorância, do contrário cada doutor em teologia seria um santo. O conflito *não é devido à pessoa sozinha*. Os pecados pessoais fazem intensificar os complexos de uma pessoa, mas o fato inelutável é que toda pessoa humana no mundo tem um conflito latente dentro de si. Desde que não sois vós, nem eu, ou êle, ou ela sozinha que tem uma tensão, deve deduzir-se que o conflito não tem uma origem pessoal, mas é devido à própria *natureza humana*. A fonte da desordem há de ser encontrada tanto no indivíduo como na própria humanidade. Uma psicologia que admitisse que todos os conflitos se devem a aberrações da própria pessoa falharia na explicação da universalidade do conflito. Desde que cada um é assim, nenhuma explicação individual ou pessoal pode ser causa total. A causa pessoal é um efeito da causa natural, como os pecados individuais porque a natureza humana pecou.

Se a verdadeira origem do conflito há de ser encontrada, não no indivíduo exclusivamente, mas na natureza humana, é bom examinar a natureza humana comum a todos nós. Dois fatos ressaltam:

Primeiro, o homem não é um anjo, nem um demônio. Não é intrinsecamente corrupto (como os teólogos começaram a clamar há quatrocentos anos), nem intrinsecamente divino (como os filósofos começaram a

dizer há cinqüenta anos passados). O homem tem, antes, aspirações para o bem, que êle acha impossível realizar completamente por si mesmo. Ao mesmo tempo tem uma inclinação para o mal, que o atrai, afastando-o dêsses ideais. É como um homem que se acha dentro de um poço pela sua própria estupidez. Sabe que não deveria estar ali, mas não pode sair por si só. Ou, para mudar a imagem, é como um relógio de mola partida. Precisa ser consertado por dentro, mas os consertos devem ser supridos de fora. Confuso, não sabe se é um otimista, que acredita que a evolução lhe dará uma mola, ou um pessimista, que acredita que ninguém pode consertá-lo. É uma criatura que pode continuar a trabalhar bem de novo, mas somente se algum relojoeiro tiver a bondade de repará-lo.

Segundo, êste conflito tem tôdas as aparências de ser devido a um abuso da liberdade humana. Como o bêbedo é o que é, por causa dum ato de escolha, da mesma forma a natureza humana parece ter perdido a bondade original de que a dotou um Deus de Bondade, por meio de um ato de escolha. Como disse Santo Agostinho: "O que quer que sejamos, não somos aquilo que devíamos ser." A origem dêste conflito tem sido explicada pelos teólogos medievais e modernos por uma analogia com a música. Imaginai uma orquestra num palco, com um famoso dirigente regendo a bela sinfonia por êle mesmo composta. Cada membro da orquestra tem liberdade de acompanhar o regente e produzir assim a harmonia. Mas cada membro tem também liberdade de desobedecer ao regente. Suponde que um dos músicos, deliberadamente, toca uma nota falsa e depois induz um violinista a seu lado a fazer o mesmo. Tendo ouvido o desacorde, poderia o maestro fazer uma de duas coisas. Poderia, ou bater com a batuta e ordenar que o compasso fôsse tocado de novo, ou ignorar o desacorde. Não faria diferença o que êle fizesse, pois êsse

desacorde já teria desaparecido no espaço, numa certa temperatura, com a velocidade de cêrca de 1.100 pés por segundo. Continuará a correr, afetando até mesmo as radiações infinitesimalmente pequenas do universo. Como uma pedra lançada num lago produz uma ondulação que afeta a praia mais distante, da mesma maneira êste desacorde afeta até mesmo as estrêlas. Enquanto durar o tempo, em alguma parte do Universo de Deus há uma desarmonia, introduzida pela livre vontade do homem.

Poderia êsse desacorde ser detido? Não pelo próprio homem, pois o homem jamais poderia alcançá-lo. O tempo é irreversível e o homem está localizado no espaço. Poderia contudo ser detido pelo Eterno, saindo de Sua não-temporalidade para o tempo, agarrando essa falsa nota, detendo-a no seu vôo. Mas seria ela ainda um desacorde mesmo nas Mãos de Deus? Não, se Deus escrevesse *nova* sinfonia e fizesse dessa falsa nota sua primeira nota! Então tudo seria harmonia de novo.

Há muito tempo, bem antes de Édipo e Electra, Deus escreveu a bela sinfonia da criação. Produtos quimicos, flôres e animais estavam sujeitos ao homem, as paixões do homem se achavam sob a direção da razão e a personalidade do homem em amor com o Amor, que é Deus. Deus dera esta sinfonia ao homem e à mulher para que a tocassem, com uma coleção completa de indicações sôbre o que evitar, até o derradeiro pormenor. Sendo livres, o homem e a mulher podiam obedecer ao Regente Divino e produzir harmonia ou podiam desobedecer-lhe. O demônio sugeriu que, havendo o Divino Regente marcado a partitura dizendo-lhes o que tocar e o que não tocar, estava destruindo a liberdade dêles. A mulher sucumbiu por primeiro à idéia de que a liberdade é licença ou ausência de lei. Tocou um desacorde para provar a sua chamada "independên-

cia". Foi uma coisa nada gentil da parte duma dama. Depois induziu o homem a fazer o mesmo — o que era uma coisa nada gentil da parte dum cavalheiro. Foi êsse desacorde original passando sem cessar por tôda a raça humana. Quando se dava a conjunção do homem e da mulher, afetava cada ser humano, exceto um, que jamais foi nascido, pois cada qual herdava os efeitos daquela desarmonia. O desacorde teve mesmo repercussões no universo material, uma vez que os cardos cresceram e os animais se tornaram selvagens. Assim como um rio poluído em sua fonte passa adiante a poluição em todo o seu curso, da mesma maneira o pecado original foi transmitido à humanidade.

Êsse desacorde original não podia ser detido pelo próprio homem, porque não lhe era dado reparar uma ofensa contra o infinito com o seu eu finito. Tinha contraído uma dívida maior do que podia pagar. A dívida só podia ser paga pelo Divino Maestro, saindo da Sua Eternidade para o tempo. Mas há um mundo de diferença entre parar uma nota discordante e um homem rebelado. Uma não tem liberdade, e outro tem. E Deus recusa ser um ditador totalitário, destruindo a liberdade humana, a fim de abolir o mal. Deus podia pegar uma nota, mas não pegaria um homem. Em vez de recrutar o homem, Deus quis consultar a humanidade de novo para saber se queria ela ou não fazer mais uma vez parte da Divina orquestra.

Do grande e branco trono de luz, veio vindo um anjo de luz, passando pelas planícies de Esdralon até a aldeiazinha de Nazaré, para ir ter com uma môça aldeã, chamada Maria. Uma vez que fôra uma mulher que dera a primeira nota discordante, a uma mulher deveria ser dada a oportunidade de consertá-la. Esta mesma mulher estava livre da culpa original, graças aos méritos antecipados do Filho que iria mais tarde conceber. Era conveniente que Ele, Que é a própria

Inocência, baixasse à terra pelos portais da carne não poluída pelo seu pecado comum. Êste privilégio de Maria tem sido chamado a Imaculada Conceição. Desde que um anjo caído tentou a primeira mulher para que se rebelasse, Deus agora consulta, por meio de um anjo que não pecou, Gabriel, a nova Eva, Maria, e pergunta: "Queres dar-me um homem? Queres dar-me livremente uma nova nota dentre a humanidade, com a qual possa eu escrever uma nova sinfonia?" Êste novo homem devia *ser* um homem. Do contrário Deus não estaria agindo em nome da humanidade. Mas também devia estar fora da corrente de infecção a que todos os homens estão sujeitos. Sendo nascido de uma mulher, seria Êle um homem; sendo nascido de uma Virgem, seria êle um homem sem pecado. A Virgem foi consultada se consentiria em ser Mãe. Uma vez que não pode haver nascimento sem amor, no caso da Bendita Virgem Maria, o Poder do Altíssimo, o Espírito de Amor, envolveu-a e O Que nasceu dela é o Filho de Deus, o Filho do homem e seu nome é Jesus, porque salvou o mundo de seus pecados.

A Imaculada Conceição e o Parto Virginal eram para o começo de uma nova humanidade algo como o que é uma comporta para um canal, sendo aquêle de um modo especial. Se um navio está navegando num canal poluído e deseja transferir-se para águas claras de mais alto nível, deve passar através de uma divisão que retenha as águas poluídas e erga o navio a uma posição mais elevada. Depois o outro portão da comporta é levantado e o navio continua sua marcha nas águas novas e claras, nada levando consigo das águas poluídas. A Imaculada Conceição de Maria foi como essa comporta, considerando que, por meio dela, a humanidade passou do nível mais baixo de filhos de Adão para o mais alto de filhos de Deus.

Quando êste plano foi apresentado a Maria, no maior contrato de liberdade que o mundo jamais conheceu, respondeu ela: "Faça-se em mim de acôrdo com a Tua Palavra." E Deus começou a tomar a forma de homem dentro do casto corpo dela. Nove meses mais tarde o Eterno estabeleceu seu ponto de desembarque em Belém, uma vez que **Ele Que é Eterno** apareceu no tempo; o pássaro que construiu o ninho é chocado dentro dêle; Aquêle **Que fêz o mundo** nasceu no mundo que não **O** recebeu. Porque é homem, pode Jesus Cristo agir em nome do homem e ser responsável como homem; porque é Deus, tudo quanto faça com essa natureza humana tem valor infinito. Por meio dessa Sua natureza humana sem pecado, torna-se **Ele Mesmo** responsável por todos os pecados do mundo e a tal ponto que, na forte linguagem de São Paulo: "Fêz-se pecado." Como um irmão rico toma a si a dívida de seu irmão arruinado, da mesma maneira Nosso Senhor toma sôbre Si tôdas as discórdias e desarmonias, todos os pecados, culpas e blasfêmias do homem, como se **Ele Próprio** fôsse culpado. Assim como o ouro é lançado na fornalha para que seja queimada a escória, da mesma maneira assume **Ele Sua** natureza humana e mergulha-a nas Labaredas do Calvário, para que nossos pecados sejam consumidos pelo fogo. Mudando ainda uma vez de imagem: uma vez que o pecado está no sangue, derrama **Ele Seu Sangue** em redenção, pois sem derramamento de sangue não há remissão de pecados.

Depois, no Domingo de Páscoa, pelo poder de Deus, **Ele** se ergue dentre os mortos com Sua natureza humana sem pecado glorificada, tornando-se a primeira nota na nova criação, o comêço da nova sinfonia que será tocada de novo pelo Divino Regente, por intermédio de todos os que livremente produzirão harmonias na nova harmonia de um mundo cristão. E como são acrescentadas novas notas a esta primeira nota? Pelo Sacra-

mento do Batismo, por meio do qual cada homem morre para o velho Adão e de novo se levanta com Cristo. Esta unidade de notas em compassos e movimentos constitui a nova sinfonia. Para usar a linguagem de São Paulo, cada pessoa que livremente, como fêz Maria, se dá ao Cristo, torna-se como uma célula em Seu novo Corpo, que é a Igreja.

Ser um cristão significa, pois, ser elevado da velha humanidade de Adão à nova humanidade de Cristo. Como não se pode levar uma vida física, a menos que se haja nascido para ela, assim também não se pode levar uma vida espiritual, a menos que se haja nascido para ela. Nenhum homem é forçado a aceitar esta vida cristã, como não o foi tampouco Maria. É livre e consultável. Desde que a Divina Vida em nossas almas é uma simples dádiva de Deus, desde que não é causada por qualquer esforço humano ou merecida, em estrito sentido, por alguma coisa que tenhamos feito, pode-se dizer também que ela teve um Parto Virginal. Como nos conta São João: "Ele estava no mundo e o mundo foi feito por Ele, mas o mundo não o conheceu. Ele veio para o que era seu, e os seus não o receberam. Mas a todos que o receberam deu poder de se tornarem filhos de Deus, àqueles que acreditam em seu nome: os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus" (João 1:10-13).

Voltando ao caso dos conflitos, há duas causas, não relacionadas. Uma delas é pessoal e nasceu de alguma revolta pessoal contra a lei moral, com seu conseqüente distúrbio do equilíbrio da mente, do corpo ou dos nervos. A outra pertence à natureza humana. Nós não a causamos pessoalmente, mas nossa natureza humana está envolvida nela, da mesma maneira que nos vemos envolvidos numa guerra declarada pelo chefe do nosso govêrno, embora os cidadãos individualmente não ha-

jam feito uma declaração individual de guerra. O que o chefe do govêrno humano fêz, nós fizemos. Não fôstes vós ou eu quem pecou em Adão, mas aquilo que nós somos. Cada pessoa é profundamente o que é, não por causa de seus pais, ou avós ou bisavós, mas por causa de seus primeiros pais. Cada pessoa é uma sede possível de psicoses ou neuroses, que obscurecem o intellecto e enfraquecem a vontade com paixões revoltadas contra a razão, com bons instintos, tais como o sexo, transformando-se em luxúria, a fome tornando-se glotonaria, a sêde tornando-se intemperança, e com seu corpo misturando-se todo com sua alma. Pois a natureza humana, perdendo sua união com Deus, não caiu simplesmente em um nível natural, antes tornou-se um rei destronado, nunca satisfeito no exílio, sempre desejando a intimidade mais outra vez com Aquêle Que sozinho pode restaurar a harmonia e a paz, contanto que a *vontade* coopere com Sua graça salvadora.

O conflito está profundamente situado no homem. A psicologia toca apenas a parte mais superficial. Ele brota não só de uma revolta contra a lei moral, senão, mais fundamentalmente, da má vontade do homem em aceitar sua posição e papel na ordem do ser. O homem está certo, mesmo que não reflita sôbre o fato, de que se acha colocado acima de tôdas as outras criaturas. Está também certo de suas quase infinitas potencialidades, de ter um intellecto bastante poderoso para resolver os enigmas da natureza e escravizar suas forças, e de uma capacidade de conceber os mais espantosos planos e levá-los a cabo. O homem sabe-se capaz de criar coisas maravilhosas, cuja beleza jamais poderá perecer. Mas também verifica que sua existência é limitada e que há barreiras ao seu poder. Pode empurrá-las o mais longe possível, mas, por mais longe que o faça, nunca verá um fim. Não pode ter nunca esperança

de tornar-se o senhor absoluto de seu ser e de seu destino.

As lendas de muitos povos falam-nos da sina de homens que tentaram "ser como deuses". No mito grego, Prometeu cai vítima da cólera do supremo Zeus. Nas *Mil e Uma Noites*, há a história da Cidade de Bronze. A expedição que parte a descobrir essa misteriosa cidade chega a um castelo abandonado, belo, mas vazio. Uma inscrição fala do poder e da força do rei que outrora ali governara, de seus tesouros e da imensidão de seu reino. Mas depois veio a morte e o ouro não valeu de nada.

Por maior que se torne um homem, há alguma coisa maior do que êle. Mas êle é bastante grande para sentir isto e revoltar-se contra seu fado, que para sempre o condena a ser menos do que quer ser. Contudo, revoltar-se contra a sua própria natureza e seu próprio ser é uma emprêsa òbviamente destinada ao fracasso e a terminar em catástrofe. E a própria razão humana vê que isto é destituído de sentido. Mas tão profundamente enraizado está êste orgulho e volúpia do poder e da grandeza que o homem sucumbe uma e mais vêzes.

A revolta do homem contra a lei moral pode ser apenas uma manifestação dessa revolta mais profunda contra sua finidade. A lei moral (e secundariamente qualquer lei) impõe restrições, e isto convence o homem do fato de que não possui poder sem limites. Torna-o ciente, da maneira mais pungente, de sua finidade e de sua contingência. Para sempre soa nos lugares mais ocultos da alma de um homem a sedutora promessa da serpente: "Seréis como deuses."

Há alguma verdade no dito paradoxal de que o orgulho vem depois da queda, porque, caído e privado de sua condição original, o homem se tornou mais orgulhoso do que nunca. Mas, por obscurecida que esteja

sua razão, vê com suficiente claridade que a revolta contra o Infinito equivale a revoltar-se contra sua própria natureza. Este é o mais fundamental de todos os conflitos. A raiz de todos os pecados é o orgulho, diz Santo Agostinho. O orgulho está presente no comêço, domina a presença do homem e cria para êle um futuro ilusório. Dilacerado entre o orgulho e a fraqueza, procurando alcançar o Infinito com a consciência da finidade, é o homem lançado no torvelinho de um conflito que jamais findará a menos que, de todo o coração e plenamente, aceite êle sua verdadeira situação. Somente quando tiver assegurado a si mesmo, com tal aceitação e submissão, uma base firme onde permanecer, poderá êle progredir na direção de seu glorioso fim. Enquanto conservar-se na atitude de revolta, é a vítima de conflitos insolúveis, cujas formas numerosas são apenas disfarces da única revolta básica.

Plutarco conta a história de um homem que tentou fazer um cadável ficar de pé. Experimentou vários planos de equilíbrio, em diferentes posições. Finalmente desistiu, dizendo: "Está faltando alguma coisa dentro." Esta é a história de Todo Homem. Um psiquiatra, um médico e um professor podem ser capazes de aliviar certos complexos e conflitos superficiais, mas ninguém é capaz de remover a causa básica de todos os complexos, exceto o Próprio Deus. Faz Êle isto trazendo ao homem algo que o homem não pode produzir de si e por si mesmo. Está faltando alguma coisa no interior do homem e essa coisa é a graça de Deus. São Paulo descreve esta tensão e seu relaxamento final pela graça, quando escreve:

"Porque não entendo o que faço, não faço o bem que quero, mas o mal que aborreço, êsse é que faço. Se eu, porém, faço o que não quero, reconheço que a lei é boa. E neste caso já não

sou eu que faço isto, mas sim o pecado que habita em mim. Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita o bem. Porque o querer está ao meu alcance, mas não acho o meio de o fazer perfeitamente. Porque eu não faço o bem que quero, mas faço o mal que não quero. Se eu, porém, faço o que não quero, não sou eu já que o faço, mas sim o pecado que habita em mim. Eu encontro, pois, esta lei em mim. Quando quero fazer o bem, o mal está junto de mim, porque delitto-me na lei de Deus, segundo o homem interior; mas sinto nos meus membros outra lei que se opõe à lei do meu espírito, e que me faz escravo da lei do pecado, que está nos meus membros. Infelz de mim! Quem me livrará dêste corpo de morte? A graça de Deus por Jesus Cristo Nosso Senhor. Assim, pois, eu mesmo sirvo à lei de Deus com o espírito; e sirvo à lei do pecado com a carne" (Rom. 7:15-25).

As doenças físicas podem ser curadas por médicos e as doenças mentais por psiquiatras; mas nenhum bom psiquiatra partirá da afirmativa de que tôdas as desordens mentais e todos os conflitos estão enraizados naqueles instintos que o homem compartilha com os animais. Verificará que os problemas devem ser tomados sêriamente, se são problemas sérios. Mesmo uma pessoa neurótica precipita-se dentro de problemas que exigem ser tratados por meio de análise racional e não por meio de uma análise que busca apenas causas instintivas.<sup>3</sup> A Dra. Karen Horney adverte: "A rejeição

---

<sup>3</sup> Os mais jovens psicanalistas vieram a verificar que no trato com uma pessoa humana tem que ser levada em conta mais alguma coisa além dos instintos e suas constelações. O mais ligeiro progresso no sentido de uma interpretação mais humana da natureza do homem é contrabalançada pela tendência de muitos psiquiatras

dos valores morais por Freud tem contribuído para tornar o analista exatamente tão cego como o paciente.”<sup>4</sup> E o Dr. Fritz Kundel escreve: “As doenças físicas e mentais pertencem realmente ao domínio da medicina e, por conseguinte, a avaliação ética desses casos deve ser evitada. Mas se os vícios são doenças, cessam de ser vícios, e a teologia, enviando o bêbedo ou o jogador ao médico, abandona sua derradeira conexão com a realidade: a tarefa ética.”<sup>5</sup>

Se uma pessoa tem uma doença moral que é o pe-

---

em encarar os conflitos morais como nada mais do que sintomas e enxergar sua cura, não com aceitação da lei moral, mas antes proclamando sua relatividade ou negando-a totalmente. Afirmam que, se estes instintos entram em conflito com os preceitos morais, então estes últimos é que estão errados e necessitam de reforma. Os preceitos morais são concebidos por esses psiquiatras, não como fórmulas de obrigações eternas, mas como resultados de situações sociais e históricas. Daí ter a lei moral de mudar quando essas condições se tornam diferentes. Os preceitos que têm estado em vigor não são mais proporcionais ao presente estado do homem. Por isso tornam-se fontes de conflitos. As velhas idéias, dizem eles, têm de ceder e ser substituídas por outras mais compatíveis com o presente estado do homem. A psicologia está assim fazendo aquilo que os filósofos fizeram há uma geração atrás: encontrando homens que infringem a lei, mudam a lei para adaptá-la ao mau caminho que os homens seguem. Por trás dessa doutrina está a noção de que os conflitos são mórbidos e evitáveis, devendo ser prevenidos a qualquer custo. Esta noção é apenas fruto da mentalidade geral que estima o conforto e o prazer muito acima de qualquer outra coisa e sonha com uma vida suave e agradável com um mínimo de esforço e um máximo de prazer. É isto que Pitirim Sorokin chama de “liberdade dos sentidos”, a qual sustenta que um homem pode fazer aquilo que quer. Se seus desejos são satisfeitos, é livre; se não, não é livre: “Tal liberdade leva a uma luta incessante de homens e de grupos na obtenção de tão larga parte de valores sensuais — riqueza, amor, prazer, conforto, liberdade sensorial, segurança — quanto se puder conseguir. Desde que alguém pode obtê-los, principalmente à custa de outrem, a busca desses valores acentua e intensifica a luta de indivíduos e grupos” (*The Crises of Our Age*, p. 174).

<sup>4</sup> *Our Inner Conflicts*, p. 134.

<sup>5</sup> *In Search of Maturity*, p. 7.

cado, então a cura só pode vir pelos meios que Deus divinamente instituiu para restaurar o homem na paz espiritual. É por vêzes verdade que o corpo e o espírito são afetados porque a consciência é afetada. Neste caso a paz da consciência trará a paz tanto ao espírito como ao corpo. A resolução final de todos os conflitos não será levada a cabo senão depois da Ressurreição do Corpo, quando os corpos dos justos que morreram em estado de graça refletirão e gozarão as belezas da alma.

Quando uma pessoa está tentada a praticar o mal, não deve pensar que há algo de anormal a seu respeito. Um homem é tentado, não porque é intrinsecamente mau, mas porque é um homem decaído. Nenhum indivíduo tem um monopólio de tentação. Todos são tentados. Os santos não acharam fácil ser santos, e os diabos não são felizes por serem diabos. Nem todos são tentados da mesma maneira. Alguns são tentados a perverter o bom instinto da preservação de si mesmo em egoísmo e soberba; outros a perverter o bom instinto da perpetuação de si mesmo pelo sexo em luxúria; outros são tentados a perverter o bom instinto da extensão de si mesmo pela propriedade privada em avareza. E se alguém é tentado em qualquer um destes três modos ou por meio da intemperança, da cólera, da inveja, do ciúme, da gula, não é porque seja um doente. É porque, desde a queda, a bondade "não vem naturalmente", mas com dificuldade e só é inteiramente conquistada graças ao sobrenatural.

As pessoas estariam numa situação menos infeliz se verificassem que entre os filhos de Adão não se pode escapar ao conflito, à luta, ao esforço. A tentação não é o mal, mas apenas o consentimento na tentação, e desde que somos da maneira que somos, porque rejeitamos o auxílio de Deus, só poderemos ser felizes de novo aceitando-o. Ninguém pode compreender a natureza humana e ninguém pode tratá-la adequadamente, se pen-

sar que um conflito é exclusivamente individual, ou se pensar que o conflito básico pode ser curado pela própria natureza humana. Os conflitos superficiais por vêzes cedem às curas naturais, mas mesmo alguns dêles só podem ser remediados pelo Médico Divino. Tôda teoria que desacredita a verdadeira natureza do homem, ou nega a necessidade de um Remédio Divino está apenas intensificando a doença que tenta curar. As desordens psicopáticas em que muitos caem são devidas a uma falta de conhecimento da natureza humana ou uma falta de genuína religião. O Dr. J. A. Hadfield, um dos maiores psiquiatras da Inglaterra, escreve: "Falando como um estudante de psicoterapia que, como tal, não tem relações com a teologia, estou convencido de que a religião cristã é uma das influências mais valiosas e mais poderosas para produzir aquela harmonia, aquela paz de espírito e aquela confiança da alma necessárias para trazer saúde e vigor a vasta proporção de doentes nervosos." O Dr. William Brown Wilde, lente de filosofia mental da Universidade de Oxford e psicoterapeuta do King's College Hospital, diz: "Tornei-me mais convencido do que nunca de que a religião é a coisa mais importante na vida, e que é essencial para a saúde mental."

O Dr. C. G. Jung, que rompeu com Freud por causa da exagerada importância dada por êste ao sexo, escreveu:

"Durante os últimos trinta anos, pessoas de todos os países civilizados têm vindo consultar-me. Tenho tratado de muitas centenas de pacientes, sendo o maior número de protestantes, pequeno número de judeus e não mais cinco ou seis católicos praticantes. Entre todos os meus pacientes na segunda metade da vida, isto é, com mais de trinta e cinco anos, nem um só tem havido cujo problema como último recurso não fôsse o de encontrar uma

perspectiva religiosa da vida. Pode-se afirmar com segurança que cada um dêles calu doente, porque havia perdido aquilo que as religiões vivas de todos os tempos têm dado a seus seguidores, e nenhum dêles ficou realmente curado senão quando recuperou sua fé religiosa.”<sup>6</sup>

Se há um temor nascido do mal-fazer, ainda mesmo que a culpa seja negada; se falta a alguém uma íntima serenidade de alma e se despreza aquêles que moralmente o censuram; se há uma furta de rancores e alguém tem três escárnios para todos e três vivas para ninguém; se alguém “fica louco” tôdas as vêzes que ouve o nome de Deus; se alguém, que não as compreende, chama de “mitos” as grandes verdades cristãs; e se alguém acusa seu próximo de hipocrisia para acobertar sua presunção, seu orgulho e sua “afetação”; se alguém pensa que deve obter divórcio porque descobriu pastos mais verdes e que, portanto, sua espôsa atual é “incompatível”; se alguém é dado a excessos, sob o disfarce de auto-expressão; se alguém gosta de lançar a responsabilidade de sua desdita sôbre as condições econômicas — então é certo que nenhum acervo de horas, semanas ou anos gastos em cima de almofadas, a ouvir que aquêle seu temor da justiça de Deus provém do complexo de um pai, servirá de nada, como tampouco o conselho místico de um padre servirá de alívio a um maníaco, porque a cura, em nenhum dos casos, está apropriada à causa da doença.

Não é isto crítica àqueles que estudam as manifestações psíquicas do conflito do homem, mas é crítica àqueles que negam que um conflito humano ou uma ansiedade pode provir de qualquer outra causa que não seja um instinto comum a todos os animais. Não são fáceis para o homem a recuperação da paz da sua alma

---

<sup>6</sup> *Modern Man in Search of a Soul*, p. 264.

e o apaziguamento de seu conflito. Só conseguiremos ter o nosso eu verdadeiramente integrado em virtude de duros esforços e em cooperação com os recursos que nos são proporcionados de fora. William James disse certa vez que a maioria de nós vive habitualmente bem abaixo do máximo de suas energias, e isto é particularmente verdade no que se refere àquelas forças postas à nossa disposição pela Encarnação. Curam-se as mais sérias doenças da natureza humana na presença de Deus. Se o homem não pode confiar na sua própria "divindade" para descobrir Deus, então talvez sua fraqueza o lance no Seu Seio.

## CAPÍTULO IV

### SERÁ DEUS DIFÍCIL DE ENCONTRAR?

Deus não é difícil de encontrar, porque pode ser rapidamente descoberto pela razão, ou por nossas tentativas, ou por Seu próprio dom.

Santo Tomás diz-nos que nossa razão, contemplando a ordem do universo, conclui *imediatamente* pela existência de algum dirigente por trás dela. Assim como o espírito conclui pela existência do relojoeiro vendo o relógio, da mesma maneira também conclui por um Divino Espírito, ao ver a ordem do cosmos. Este conhecimento imediato de Deus, porém, não é claro e distinto. Pôr êsse motivo é que se faz necessário um estudo mais completo para pôr em relêvo a natureza de Deus. A distinção entre êste confuso conhecimento de Deus e o completo e refletido conhecimento produzido pelas provas formais em favor de Sua existência é bastante semelhante à diferença entre o conhecimento que a maior parte das pessoas têm da água e o conhecimento que o químico tem dela, como composta de dois átomos de hidrogênio e um de oxigênio. A razão claramente utilizada pode provar que há um Poder por trás do universo que o fêz, uma Sabedoria dirigindo suas leis e uma Vontade para fazer que tôdas as coisas alcancem o seu objetivo. Deus está mais perto de nós do que sabemos, "pois nêle vivemos, nos movemos, existimos" (Atos 17:28). Santa Teresa disse certa vez: "Alguns homens ignorantes costumavam dizer-me que Deus estava presente somente pela Sua Graça. Não podia acreditar nisso porque, como

estava dizendo, a mim me parecia que **Ele** próprio estivesse presente. Finalmente um homem sábio libertou-me desta dúvida, pois me disse que **Ele** estava presente no mundo e em nós e como comunga conosco, tendo sido isto grande conforto para mim." Francis Thompson, o poeta, baseando-se na idéia de Santo Tomás de que Deus está em tôdas as coisas *intimamente*, escreveu:

"Ó mundo invisível, nós te vemos,  
Ó mundo intangível, nós te tocamos,  
Ó mundo incognoscível, nós te conhecemos,  
Mundo inapreensível, nós te pegamos!" <sup>1</sup>

Deus é fácil de descobrir de uma maneira pelo menos confusa e primitiva, por meio de todo esforço e aspiração de nossa vontade e de nosso coração. Pois a grande diferença entre um animal e um homem está em que um animal pode ter seu desejos satisfeitos, enquanto o homem não pode. Tudo quanto qualquer animal quer é ter satisfeitas suas necessidades *imediatas*. Com o homem nunca se dá êste caso. O homem é animado por uma necessidade, um desejo insaciável de alargar sua visão e conhecer o último significado das coisas. Se fôsse apenas um animal, nunca usaria símbolos, pois o que são êstes senão tentativas de transcender o visível? Não, êle é um "animal metafísico", um ser sempre ansiando pelas respostas à derradeira questão. A tendência natural da inteligência para a verdade e da vontade para o amor só significaria que há no homem um desejo natural de Deus. Não há uma única tentativa, esforço ou anseio do coração humano, mesmo em meio dos prazeres mais sensuais, que não seja uma confusa luta em busca do Infinito. Da mesma maneira que o estômago pede comida, o olhar luz e o ouvido harmonia, assim também a alma anseia por Deus.

---

<sup>1</sup> "The Kingdom of God", *Poems of Francis Thompson*, ed. rev., p. 293, Appleton-Century-Crofts, Inc.

Há muitos que se enganam a respeito da natureza dêste Infinito e buscam satisfazer o anseio em outra parte que não em Deus, justamente como há aquêles que sabem que o alimento é necessário para o estômago e, não obstante, arruinam seu estômago ingerindo constantemente genebra. Muita alma é semelhante a uma agulha magnética que se agita primeiro aqui, depois ali, buscando pela manhã quanto evita de noite, e depois ao descobrir que todos os outros pontos da bússola não passam de uma fraude, vem repousar afinal sômente em Deus.

Deus nunca é difícil de encontrar, porque Ele Se dá a nós como o Divino Dom. A própria vida natural é um dom. A alma tem de vir para o corpo de fora, diretamente como uma dádiva das mãos de Deus. E a vida sobrenatural também nos é dada de fora. Tôda a significação do cristianismo está contida na simples frase do credo: "Desceu do Céu". A cada alma particular, Nosso Senhor dirige as palavras que pronunciou junto ao poço para a samaritana: "Se conhecesses o dom de Deus, e quem é que te diz: Dá-me de beber, talvez Lhe houvesse pedido e êle te daria uma água viva" (João 4:10). Como São Paulo disse aos romanos: "A graça de Deus, a vida eterna, em Jesus Cristo Nosso Senhor" (Rom. 6:23). E mais tarde aos efésios: "É pela graça que fostes salvos mediante a fé e isto não vem de vós, porque é um dom de Deus" (Efésios 2:8).

Deus é apresentado simultâneamente através das Escrituras como, ao mesmo tempo, a Dádiva e o Doador, pois tal é a natureza do Amor. Ninguém pode comprar a Dádiva Divina (embora possa vendê-la, depois de recebida, como Judas fêz). Se a dádiva de Deus fôsse a verdade apenas, alguns espíritos fracos poderiam fugir de procurá-la. Se a dádiva fôsse apenas a justiça, nossos pecados poderiam erguer-se e atemorizar a dádiva, afugentando-a. Mas quando a dádiva de Deus é o amor,

então não deveria haver ninguém que não tomasse o Coração Dêle como seu.

Se, pois, Deus é fácil de encontrar e pode ser descoberto, quer por meio da beleza das estrêlas ou em qualquer pequenino prazer da terra, o qual como uma concha marinha fala do oceano da Divindade, por que é que tão poucas almas vêm para Êle? A culpa está de nosso lado, não no de Deus. A maior parte das almas são como homens vivendo num quarto escuro, durante o dia, e lamentando que a luz seja difícil de encontrar, quando tudo quanto êles necessitariam fazer para descobri-la seria abrir os postigos.

Deus é o fato mais evidente da experiência humana. Se não estamos certos Dêle, é porque somos demasiado complicados e porque nossos narizes estão bem arrebitados de orgulho, eis aí! Êle se encontra aqui junto de nossos pés. Necessitamos apenas "mover uma pedra e deslocar uma asa." A graça de Deus chega ao homem justamente no mesmo grau em que o homem abre sua alma para ela. O único limite à capacidade do homem em recebê-lo é a sua vontade de assim fazer. Alguns corações sedentos abrem apenas uma brecha, enquanto outros, num abandono completo, entregam tôdas as suas cisternas vazias para serem cheias com as águas da vida. Algumas almas sufocam, aferrolhadas nos seus próprios espíritos inconscientes, com suas pesadas frustrações e temores, recusando abrir a porta para deixar entrar o ar refrescante da graça de Deus. "Eis que estou à porta e bato: Se alguém ouvir a minha voz, e me abrir a porta, entrarei nêle, e cearei com êle, e êle comigo" (Apoc. 3:20). O ferrolho está de nosso lado e não no de Deus, pois Deus não derruba portas. Nós Lhe barramos a entrada. Por vêzes nós fugimos mesmo Dêle, como os pintainhos que voam para longe da mamãe galinha. "Quantas vêzes eu quis juntar teus filhos, como

a galinha recolhe debaixo das asas os seus pintos, e tu não quiseste!” (Mat. 23:37).

Por que agimos assim? É difícil acreditar, mas temos a divina garantia de que alguns “homens amam a treva em vez da luz”. A tragédia aumentada do pecado é que, depois de praticarmos o mal, não podemos deixar que Deus nos ajude a fazer o que é direito e bom. Quebramos o arco para que Ele não possa tocar em nosso violino. Conservamo-Lo distante, porque recusamos ser amados. Estamos naufragando e não nos agarramos à Sua Mão misericordiosa, porque em nosso orgulho dizemos que devemos “fazer isso por nós mesmos”. A verdade da questão não é que Deus seja difícil de encontrar, mas antes que o homem tem medo de ser encontrado. É por isso que nós tantíssimas vezes ouvimos na Sagrada Escritura, as palavras: “Não temais.” Bem no comêço da vida de Deus, em Belém, os anjos acharam necessário advertir os pastôres “Não temais.” No meio da vida pública de Nosso Senhor teve Ele de dizer a seus atemorizados apóstolos: “Não temais.” E depois de Sua Ressurreição, teve de prefaciá-las suas palavras sôbre a paz com a mesma injunção: “Não temais.”

Nosso Senhor acha necessário advertir-nos de que não tenhamos medo, porque há três falsos medos que nos conservam afastados de Deus: 1) Queremos ser salvos, mas não privados de nossos pecados. 2) Queremos ser salvos, mas não a muito grande custo. 3) Queremos ser salvos, segundo a *nossa* maneira e não a Dêle.

1. Queremos ser salvos, mas não privados de nossos pecados. O grande temor que muitas almas têm de Nosso Divino Senhor é apenas o de que Ele venha a fazer justamente aquilo que seu nome “Jesus” implica — ser “Aquêle Que nos salva de nossos pecados”. Estamos querendo ser salvos da pobreza, da guerra, da ignorância, da doença, da insegurança econômica. Tais tipos de salvação deixam intatas nossas extravagâncias

individuais, nossas paixões e concupiscências. É esta uma das razões pelas quais o cristianismo social é tão popular, pelas quais há muitos que sustentam que a obrigação do cristianismo é não fazer outra coisa senão ajudar o saneamento das favelas ou o desenvolvimento da amizade internacional.

Esta espécie de religião é, de fato, bastante confortável, pois deixa a consciência individual sôzinha. É mesmo possível que algumas pessoas estejam prontas a reformas corajosas das injustiças sociais por causa da verdadeira inquietação e mal-estar de suas consciências individuais: sabendo que algo está errado do lado de dentro, tentam compensar isso consertando o torto do exterior. É esse também o mecanismo daqueles homens que, tendo acumulado grandes fortunas, tentam aliviar suas consciências subsidiando movimentos revolucionários. A primeira tentação de Satanás no monte foi tentar induzir Nosso Senhor a abandonar a salvação das almas e a concentrar-se na salvação social, transformando pedras em pão, na falsa pressuposição de que eram os estômagos famintos e não os corações corrompidos que tornavam infelizes uma civilização. Porque muitos homens pensam que o primeiro objetivo da Divindade é aliviar a adversidade econômica, vão para Ele, no momento da provação, e depois se revoltam contra Deus porque Ele não lhes enche as bôlsas. Sentindo uma necessidade mais larga da religião, outros estão desejosos de juntar-se a uma seita cristã, tão logo ela se concentre no "soerguimento" social ou na eliminação da dor, mas deixe intata a necessidade individual de expiar o pecado. Na mesa de jantar típica os homens não fazem objeção a que seja introduzido na conversa o tema religioso, contanto que a religião nada tenha a fazer com a purgação do pecado e da culpa. De modo que muitas almas atemorizadas permanecem trêmulas diante da porta da felicidade e não ousam aventurar-se

a entrar, "com medo de, tendo-O, não terem nada mais além disso."

2. Queremos ser salvos, mas não a muito grande custo. O Deus Que estruma Seus campos com sacrifício para produzir o Vinho da Vida sempre amedronta os tímidos. O môço rico afastou-se triste do Salvador, porque tinha grandíssimas posses. Félix estava querendo apenas ouvir Paulo "noutra ocasião", quando Paulo falava do julgamento e do abandono do mal. A maior parte das almas têm medo de Deus precisamente por causa de Sua Divindade, que o faz ficar insatisfeito com qualquer coisa imperfeita. Nosso maior temor não é que Deus não possa amar-nos bastante, mas que possa amar-nos demasiado. Assim como o amante quer ver a pessoa amada perfeita em maneiras e comportamento, da mesma forma também Jesus amando-nos deseja que sejamos perfeitos como Seu Pai Celestial é perfeito. Assim como o músico ama o violino e retesa as cordas com uma torcedura sacrificial, a fim de que possam produzir melhor som, da mesma forma Deus nos submete ao sacrifício para tornar-nos santos.

Este temor de que o amor de Deus nos fará exorbitantes exigências explica por que muitos homens de saber, que chegaram ao conhecimento de Deus, se tenham contudo recusado a aventurar-se no Seu rebanho. O mundo está cheio de sábios que falam de estender as fronteiras do conhecimento, mas que nunca usam o conhecimento que já foi adquirido; que gostam de bater à porta da verdade, mas que tombariam mortos se esta porta se abrisse alguma vez para êles. Porque a verdade implica responsabilidade. Todo dom de Deus, tanto na ordem natural como na ordem sobrenatural, exige uma retribuição da parte da alma. Na ordem natural, os homens recusam-se a aceitar a dádiva da amizade porque cria uma obrigação. A dádiva de Deus implica igualmente um momento de decisão. E porque aceitá-Lo

exige uma submissão daquilo que é básico, muitos se tornam caçadores de pechinchas em religião e diletantes em moral, recusando quebrar os falsos ídolos de seus próprios corações. Querem ser salvos, mas não ao preço de uma cruz. Ecoa através de suas vidas o desafio de outrora: "Desce dessa cruz e nós acreditaremos."

3. Queremos ser salvos, segundo a *nossa* maneira e não a de Deus. Muitas vezes ouvimos dizer que os homens devem ter liberdade de adorar a Deus, cada qual a seu modo. Isto de fato é verdade, até onde implica liberdade de consciência e o dever de cada homem de viver com as luzes especiais que Deus lhe deu. Mas pode estar muito errado, se significa que adoramos a Deus a *nosso* modo e não ao Dêle. Considerai uma analogia: a situação do tráfego seria confusa e desesperante se disséssemos que o modo de vida americano permite que cada indivíduo dirija *seu* carro a seu modo e não de acôrdo com as leis do tráfego. Catástrofes resultariam, se os doentes começassem a dizer ao médico: "Quero ser curado a meu modo, mas não ao do senhor", ou se cidadãos dissessem ao govêrno: "Quero pagar meus impostos, mas a meu modo e não ao vosso." Similarmente, há um tremendo egotismo e presunção naqueles artigos populares e conferências intitulados: "Minha idéia de religião", ou "Minha idéia de Deus". Uma religião individual pode ser tão desencaminhadora e ignorante como uma astronomia individual ou uma matemática individual.

Indivíduos que dizem: "Servirei a Deus a meu modo e o senhor servirá a Deus ao seu", deveriam indagar se não seria aconselhável servir a Deus ao modo Dêle. Mas é precisamente esta perspectiva de uma religião estável e universalmente verdadeira que amedronta a alma moderna. Pois se sua consciência está inquieta deseja ela, em vez disso, uma religião que deixará de fora o inferno. Se já se casou de novo, contra a lei de Cristo, quer uma religião que não condene o divórcio. Tal reserva sig-

nifica que um homem quer ser salvo, mas não ao modo de Deus, e sim a seu modo. Nesta recusa de mudar as penas de seus vãos desejos, perde o vôo para aquêlê "Amor que deixa tôdas as outras belezas penar".

Se muitas almas deixam de encontrar Deus, porque querem uma religião que refaça a sociedade, sem refazer a si próprias, ou porque querem um Salvador sem uma coroa de espinhos e uma cruz, porque querem suas próprias fotocópias e não as de Deus, resta indagar o que acontece a uma alma quando *responde* a Deus. Entre muitos outros efeitos, vários podem ser mencionados.

Primeiro, tal alma passa dum estado de especulação ao de *submissão*. Não mais se vê perturbada com o *porquê* da religião, mas com o *deve*. Quer agradar e não sômente analisar a Divindade. Há um mundo de diferença entre conhecer Deus por meio de estudo e conhecê-Lo pelo amor, tão grande como a diferença entre um amor por correspondência e outro por contato pessoal. Muitos professôres cépticos conhecem as provas de existência de Deus melhor do que alguns que rezam suas orações; mas porque os professôres nunca agiram de acôrdo com o conhecimento que tiveram, porque nunca amaram o Deus a Quem conheciam pelo estudo, nenhum novo conhecimento de Deus lhes foi dado. Gostavam de *conservar* a respeito de religião, mas nada *faziam* a seu respeito e em resultado seu conhecimento permanecia estéril.

Com a alma que responde a Deus, pelo contrário, um pouco de conhecimento de Deus foi recebido com amor; em resultado, novos portões de sabedoria e amor se abriram. Em tais almas, o amor de Deus traz um conhecimento de Deus que na sua certeza e realidade ultrapassa a informação teorética do professor. Esta verdade sublime vem expressa na Sagrada Escritura: "Se alguém ama a Deus, êsse é conhecido Dêle"

(I Cor. 8:3). (A mulher do poço foi uma céptica precoce: querendo manter a religião num nível puramente especulativo, levantou a questão de saber se se deveria praticar o culto em Jerusalém ou Samaria. Nosso Bendito Senhor retirou a questão do campo da teoria, falando-lhe a respeito de seus cinco maridos, lembrando-lhe que ela havia evitado fazer correções morais que a verdadeira religião exige.)

A alma que responde a Deus pensa na religião em termos de submissão à vontade de Deus. Não olha para o Infinito esperando que êle o auxilie nos seus interesses finitos, mas, pelo contrário, busca submeter seus interesses finitos ao Infinito. Sua oração é: "Não a minha, mas a Tua vontade seja feita, ó Senhor." Não mais interessada em utilizar-se de Deus, quer que Deus se utilize dela. Diz, como Maria: "Faça-se em mim segundo a Tua Palavra", ou pergunta como Paulo: "Que queres que eu faça, ó Senhor?", ou diz como João Batista: "Eu devo diminuir, Êle deve crescer." A destruição do egoísmo e do orgulho, de modo que tôda a mente possa assim estar sujeita à Divina Pessoa, não impõe desinteresse pela vida ativa. Produz um interesse maior porque o homem agora compreende a vida do ponto de vista de Deus. Por causa desta unidade com a Divina Fonte de energia, tem maior poder para fazer o bem, como um soldado é mais forte às ordens de um grande general do que às ordens de um menos competente. "Se permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós, pedirei tudo o que quiserdes, e ser-vos-á concedido. Nisto é glorificado meu Pai, em que vós deis muito fruto" (João, 15:7-8). É difícil para criaturas reconcentradas compreender que haja almas que são verdadeira e realmente apaixonadas de amor por Deus. Mas isto não deveria ser tão difícil de entender. O que ama a luz e o calor da vela deveria por certo amar a luz do sol ainda muito mais.

A vida para as almas que respondem a Deus começa agora a mover-se duma circunferência para um centro. As coisas exteriores da vida, tais como a política, a economia e sua rotina diária, importam menos, enquanto que Deus importa mais. Isto não significa que a humanidade passa a ser desamada, mas somente que é mais amada em Deus. O momento-agora torna-se servo do momento-Eterno. O desinteressante, o irreal passa a ser agora aquilo que não é usado ou não pode ser usado para os fins de Deus. Não há dardo na aljava duma alma religiosa para outra coisa que não seja o Divino Alvo.

Tôdas as censuras que os egoístas atiram contra os santos são ardis para acobertar as censuras feitas a si mesmos. Suspeitam que deveriam compreender. Contudo escarnecem, como dizem muitas vêzes as pessoas a respeito de amantes humanos: "Não posso compreender o que enxerga êle nela". Sem dúvida que não — porque o amor é cego! É cego não só para os defeitos no amado; é também cego para tudo que não seja o amado. O amor tem seus olhos próprios. Todos os outros que não o amante só vêem com os olhos do corpo e perguntam a si mesmos o que há para ser amado. Mas o amante vê através dos olhos do coração e descobre no outro uma doçura e um amor que corações cegos não percebem. Erguei esta analogia ao nível divino e compreendereis porque as almas não convertidas pensam que o Divino Amor é loucura. Não podem ver o que um santo pode ver em Deus. "O homem animal não discerne."

O segrêdo da felicidade é a centralização. A alma que responde a Deus torna-se surda às instigações dos sentidos, pois para ela *Deus é tudo*. Como grandes dínamos cósmicos estas almas geram energia, graças à qual outras almas na circunferência podem viver. Falando das almas contemplativas, disse Pio XI:

"É fácil compreender como aquêles que assiduamente cumprem o dever da oração e da penitên-

cia contribuem muito mais para o progresso da Igreja e o bem-estar da humanidade do que aqueles que trabalham no cultivo do campo do Senhor. Porque se aqueles não atraíssem do céu uma chuva de graças divinas para aguar o campo que está sendo lavrado, os trabalhadores evangélicos só colheriam de fato de seu trabalho uma messe mais escassa." <sup>2</sup>

A alma verdadeiramente centralizada em Deus não é governada apenas por seus próprios hábitos de bondade ou mesmo por suas virtudes. É movida diretamente pelo Espírito de Deus. Há uma diferença entre um homem remando num bote e o mesmo homem sendo conduzido por uma vela cheia de vento. A alma que vive pelos Dons do Espírito é conduzida diretamente por Deus, em vez de o ser pela própria razão. Tal alma tem uma sabedoria que sobrepassa todo o saber livresco, como no caso da jovem Catarina de Alexandria, que confundiu os filósofos. É dotada duma prudência e dum parecer mais sábios do que qualquer coisa derivada de sua própria experiência.

A filosofia explica isto duma maneira mais clara. Toda inteligência tem dois lados, um especulativo, que estuda a teoria, e um lado prático, que dirige e guia os negócios humanos. Uma vida de pecado não destrói o primeiro. É por isso que um homem mau pode ser tão bom matemático como um santo. Mas uma vida de pecado arruína a inteligência prática. Daí, um sábio matemático que se mete a escrever sobre moral e religião muitas vezes não passa dum feixe de confusão. A pessoa dirigida por Deus, pelo fato de ter sua inteligência prática bem como sua inteligência especulativa iluminada por Deus, é capaz de guiar e dirigir outras melhor

---

<sup>2</sup> A. A. S., 25 de outubro de 1924.

do que os homens que sabem mais, mas de maneira puramente teórica.

Nem todos podem ser guias. O divorciado não pode guiar o casado; o professor ou psicólogo, cujo coração não esteja purificado, não pode guiar um jovem. "Se um cego guia outro cego, ambos caem na fossa" (Mat. 15:14). Um parecer que envolve o certo e o errado nunca deveria ser buscado de um homem que não reza suas orações, embora pudesse saber mil vezes mais a respeito dum gânglio ou duma tireóide do que o homem de oração. Assim como o ôlho munido do telescópio pode ver as estrêlas melhor do que o ôlho nu, da mesma forma a razão iluminada pela fé compreende a realidade melhor do que a razão nua. Mesmo julgando um assunto secular como o comunismo, vale a pena apontar que o homem de fé, que viu o comunismo como intrinsecamente mau, mesmo quando seus líderes eram os aliados da democracia, era melhor juiz do que iria acontecer num mundo de após-guerra do que o político. Pelo fato de ser a crise do mundo atual também moral e espiritual, não pode ser compreendida pelo homem animal. O homem concentrado em Deus vê isto, plenamente, e o vê como Lincoln viu a Guerra Civil, como um justo castigo mandado por Deus por causa dos nossos pecados.

As almas divinamente sábias causam furor muitas vezes às mundanamente sábias porque *sempre* vêem as coisas do ponto de vista divino. As almas mundanas estão querendo deixar que cada qual acredite no Deus que lhe agrada, mas somente sob condição de que uma crença em Deus não significará mais do que crença em alguma coisa mais. Permitirão Deus, contanto que Deus não importe. Mas tomar Deus a sério é precisamente o que faz o santo. Como expôs Santa Teresa: "Nada é para mim aquilo que não seja Deus." Esta paixão é chamada fingida, intolerante, estúpida e uma

intrusão indébita. Contudo aquêles que a sentem profundamente desejam em seus corações possuir a paz interior e a felicidade do santo.

E assim esta questão de saber se Deus é difícil de encontrar, só em nós tem a resposta. A maior parte de nós é como o homem que havia trinta e oito anos se colocava ao lado do Poço de Probática e ainda não estava curado. Sua desculpa era que, quando as águas estavam agitadas, não havia ninguém que o pusesse lá dentro. *Necessitava* de cura, mas na realidade não a *queria*. Há muitos homens como êle, que ficam justamente como são, inculpando a outrem pela sua situação. Mas quando Nosso Senhor apareceu, disse àquele homem que fizesse precisamente aquilo que pensava fôsse impossível, isto é, levantasse sua cama. O que lhe estivera faltando era vontade. Estava moribundo porque não queria estar melhor. Muitos fracassos na vida são, como o dêle, evitáveis, desnecessários. Persistem somente porque nenhum esforço é feito para remediar a condição. O homem de hoje diz que não quer guerra, mas quer as coisas que causam guerra. Do mesmo modo, há muitos que dizem querer ser felizes, mas recusam querer aquilo que lhes trará a felicidade. “Vós me procurareis e me achareis, quando me procurardes de todo o vosso coração” (Jer. 29:13). A razão básica pela qual os homens são infelizes nesta vida é que êles não desejam verdadeiramente a felicidade.

Em tôda literatura, nada há tão expressivo da inescapabilidade de Deus como o salmo 138. O argumento parecer ser que nós podemos escapar de qualquer coisa que seja finita: espaço e tempo são o ambiente de tôda fuga, mas o inescapável é o Infinito. Tirar a própria vida não oferece escapatória, pois o suicida cai nas mãos do Deus vivo. A destruição de si mesmo só é possível porque alguém pode contemplar outro “estado” preferível a êste, mesmo se o chama não-existência. A mor-

te mediante qualquer outra causa não é ainda escapatória, pois Êle, de Cujas mãos viemos, espera para receber-nos de volta, carregando conosco a responsabilidade de tôdas as nossas ações. O ateísmo, que rejeita êste fato majestoso, não é o conhecimento de que Deus não existe, mas apenas a vontade de que Êle não exista, a fim de se poder pecar sem censura, ou exaltar o seu eu sem brado de alerta. Os pilares sôbre os quais monta o ateísmo são a sensualidade e o orgulho. Um ateu pode ser moral, na acepção popular do têrmo, mas não é humilde. Como diz Franz Werfel: "O ateu em primeiro lugar e sempre denuncia sua própria psicologia, quando pensa que está desvendando o mistério e sua negação se torna involuntariamente a prova de Deus confirmando, contra sua própria vontade perturbada, a tremenda e vital importância do conteúdo metafísico da percepção." <sup>3</sup>

Como o ateísmo não oferece escapatória de Deus, não o faz a escuridão, quer seja a escuridão duma adega ou de nosso próprio inconsciente. Podemos tirá-Lo para fora de nossas mentes, argumentar contra Êle, mas sabemos que se Êle *não* existisse, seria na verdade estúpido gastar nossa energia combatendo contra o inexistente. "Para onde poderei ir para ocultar-me de Tua Face?" implica ser o homem um escapista. Jamais buscaria fugir dum Deus Que aprovasse seu modo de pensar, de viver e de agir. Tal Deus estaria de acôrdo com a própria imagem e semelhança do homem e por conseguinte seria algo que merecia ser abraçado.

Se fugimos de Deus, é porque Sua Divindade é censura para nós e porque a união com Êle exige desunião e divórcio com o mal. Não podemos por muito tempo suportar um Deus Que olha dentro de nossa alma e vê sua feiúra, sem cair aos nossos pés. A fuga mesma

---

<sup>3</sup> *Between Heaven and Earth*, p. 73, Hutchinson & Company, Letr., Londres, 1947.

de Deus testemunha nossa necessidade de beleza, nosso amor ao Belo. Como a luz revela tôdas as coisas e contudo não é uma parte daquilo sôbre o qual brilha, da mesma maneira o Poder, a Sabedoria e o Amor de Deus nos inundam, pois Nêle vivemos, movemo-nos e temos o nosso ser. Nós O conhecemos, mas poucos queremos ser conhecidos por Êle. Nós amamos as coisas criadas porque Êle pôs algo do Seu amor nelas; doutra forma não poderiam elas ser amadas. Contudo poucos querem amá-Lo, por que Êle ama demais. Êle quer que sejamos perfeitos e nós não queremos ser perfeitos. Mas mesmo em nossa fuga ao perfeito, somos arrastados de volta para Êle no nosso descontentamento pela mediocridade, no nosso desgosto pelo ordinário. Deus é onissapiente; por conseguinte nossa condição é revelada. Deus é onipresente; portanto nossos pecados ocultos são vistos. Não há escapatória de Deus.

Estas idéias são apenas um fraco comentário do salmo acima mencionado.

“Vós, Senhor, me perscrutais e me conheceis, sabeis quando me sento e quando me levanto. De longe penetrais os meus pensamentos. Quando ando e quando me deito, Vós o vêdes, e todos os meus caminhos Vos são familiares. Ainda me não chegou à língua uma palavra, e já, Senhor, a conheceis tôda. Por trás e pela frente, Vós me envolveis, e sôbre mim colocais a Vossa mão. Ciência maravilhosa: não me é acessível; muito elevada: não chego a alcançá-la.

Para onde irei, longe do Vosso espírito? Para onde fugirei, fora da Vossa face? Se subo aos céus ali estais; se me vou deitar no sheol, lá Vos encontro; se tomo as asas da aurora, se me fixo nos confins dos mares: ainda lá me conduzirá Vossa mão, e me colherá Vossa destra. Se eu disser: “ao menos as trevas hão de ocultar-me, e a noite, em vez de luz,

me há de envolver”: as próprias trevas para Vós não são escuras, e a noite brilha como dia, e a escuridão, como a claridade.

Vós formastes os meus rins, Vós me teceste no selo de minha mãe. Eu Vos louvo, porque tão maravilhosamente me plasmastes, porque tão admiráveis são as Vossas obras; conheceis, à perfeição, a minha alma, e não Vos é oculto o meu corpo, quando fui formado no mistério e tecido nas profundezas da terra. Viram os Vossos olhos as minhas ações, e no Vosso livro tôdas elas estão escritas: foram prefixados os meus dias, antes que um só dêles existisse. Como são difíceis de compreender, ó Deus, os Vossos desígnios, quão grande é o seu número! Se quero contá-los, excedem os grãos de areia, se chego ao fim, ainda estou convosco.

Tomara, ó Deus, que exterminéis o impio, e se apartem de mim os homens de sangue! Contra Vós insidiosamente se revoltam, e perversamente se insurgem os vossos inimigos. Porventura, Senhor, não odeio aos que Vos têm ódio, e não abomino os que contra Vós se levantam? Odeio-os com ódio total; para mim são inimigos. Perscrutai-me ó Deus, e conhecei o meu coração; provai-me e conhecei os meus pensamentos, Vêde se ando por um caminho errado, e conduzi-me pela via antiga.”<sup>4</sup>

Contudo, sempre, desde os dias de Adão, vem-se o homem ocultando de Deus e dizendo: “Deus é difícil de encontrar.” A verdade é que, em cada coração, há um jardim secreto que Deus fez unicamente para Si Mesmo. Esse jardim está trancado, como uma adega para depósitos de segurança, e tem duas chaves. Deus fica com uma. Por isso a alma não pode deixar entrar ninguém mais senão Deus. O coração humano tem a outra cha-

---

<sup>4</sup> Salmo 138, tradução de Ronald Knox.

ye. Por isso nem mesmo Deus pode nêle entrar sem o consentimento do homem. Quando as duas chaves do Amor de Deus e da liberdade humana, da Vocação Divina e da resposta humana se acham juntas, então o Paraíso volta a um coração humano. Deus está sempre no Portão daquele Jardim com Sua chave. Nós pretendemos procurar nossa chave, tê-la perdido, ter desistido da procura, mas durante todo o tempo está ela em nossa mão, se quiséssemos mesmo vê-la. A razão de não sermos felizes como os santos está em que não queremos ser santos.

## CAPÍTULO V

### MORBIDEZ E NEGAÇÃO DA CULPA

Nenhuma influência única tem feito mais para impedir o homem de descobrir Deus e reconstruir seu caráter, tem feito mais para abaixar o tom moral da sociedade, do que a negação da culpa pessoal. Este repúdio da responsabilidade pessoal do homem pela sua ação é falsamente justificado de dois modos: admitindo que o homem é apenas um animal e dando ao senso de culpa o estigma de “mórbido”.

As desculpas são novas — o esforço para escapar à responsabilidade de nossos atos maus é antigo. Através das idades, o homem tem sempre tentado descobrir alguma coisa que censurar além de si próprio, isto é, a pobreza, o ambiente, os sistemas econômicos, políticos e financeiros, ou a sociedade em geral. Mas tôdas essas coisas deixam inteiramente de convencer. Estavam claramente por demais relacionadas com a pessoa, embora tôdas sejam extrínsecas. Recentemente, os materialistas descobriram um novo bode expiatório, não na natureza, não na sociedade, mas dentro do próprio homem, isto é, o seu inconsciente. A culpa estava agora, não nas estrêlas, mas naquela parte de nós mesmos que não podia ser tomada como responsável. Além disso, proclamou-se que a perturbação só podia ser controlada elevando-se o inconsciente desviado ao nível do consciente, por meio da psicanálise.

Para evitar mal-entendidos, fique logo aqui estabelecido inequivocamente: não há nada de errado, há

mesmo alguma coisa de recomendável num método psicológico que cura as *desordens mentais*, tornando o inconsciente consciente. E, mesmo fora de verdadeiros desarranjos, os homens podem sofrer certos distúrbios em virtude dum complexo sem causa moral ou ética. Tratando de tais casos tem a ciência médica vasta área em que pode legitimamente operar. Estamos interessados e interessados somente nos métodos de tratamento que negam tôda responsabilidade moral e atacam o fato de admitir o paciente seu pecado e sua culpa pessoais, dizendo-lhe que a idéia de pecado induz à morbidez ou a um complexo de culpa, tornando-o anormal.

Tais psiquiatras fariam de tôda a gente, *gente fina*, complacente, com liberdade de culpa ou pecado. Graças a um toque mágico, o mundo ficaria livre da *gente sórdida*, ou daqueles que reconhecem que são pecadores. Esta concepção revela uma chocante ignorância da natureza humana. A verdade é que há um aumento das desordens mentais em grande escala, porque muitas pessoas pensam que são decentes, quando realmente são sórdidas. Foi esta a mensagem que Nosso Senhor apresentou na parábola dos dois homens que foram ao templo rezar. Parafraseando a história do fariseu (que era um homem muito decente), podemos imaginá-lo a rezar diante do altar da maneira seguinte: "Agradeço-te, ó Senhor, o ter meu conselheiro freudista dito que não há isso que se chama culpa, que o pecado é um mito e que Tu, ó Pai, és apenas uma projeção do meu complexo paterno. Talvez haja algo de desviado em meus instintos recalçados, mas com a minha alma tudo está em ordem. Contribuo com 10 por cento de minhas rendas para a Sociedade de Eliminação das Superstições Religiosas, e faço regime para conservar minha linha três vêzes por semana. Oh! agradeço-te o não ser eu como o resto dos homens, essa gente sórdida, como aquêlê cristão ali na parte de trás do templo, que pensa que é

um pecador, que sua alma precisa de graça, que sua consciência está sobrecarregada de violência e que seu coração verga ao pêso de um crime de injustiça. Posso ter um complexo de Édipo, mas pecados não tenho.”

Enquanto isso, lá no fundo do templo, um indivíduo sórdido de vez em quando bate nos peitos e diz: “Ó Deus, tende misericórdia de mim que sou um pecador” (Lucas, 18:13). Nosso Senhor nos diz que êle voltou para casa justificado.

O fariseu que subiu ao templo para rezar tem milhões de descendentes em linha reta nesta geração nossa, que dizem: “Não tenho necessidade de um código ou de um credo.” Nisto são êles semelhantes à criancinha de cinco anos tocando piano, que faz soar as notas, batendo-as umas após outras. Como não tem regra fixa, jamais poderá merecer censura por bater uma “nota falsa”. Não professando ideal em moralidade essa *gente fina* jamais pode ser acusada de não viver de acôrdo com o seu credo. É esta a grande vantagem que têm sôbre os cristãos, cujo credo é tão elevado que êles podem muitas vêzes e com tôda a razão ser acusados de não ir ao encontro de suas exigências.

Efeitos bastante danosos podem decorrer da aceitação da filosofia que nega a culpa ou o pecado pessoal e, portanto, torna todos *decentes*. Negando o pecado, a gente decente torna a cura impossível. O pecado é muito sério e a tragédia se aprofunda pela negação de que somos pecadores. Se os cegos negam que são cegos, como poderão êles jamais ver? O pecado realmente imperdoável é a negação do pecado, porque, por sua natureza, não há nada agora a ser perdoado. Recusando-se a admitir a culpa pessoal, a classe alta se transforma em difamadora, boateira, mexeriqueira e supercrítica, pois devem projetar sua culpa real, embora não reconhecida, sôbre os outros. Isto, novamente, lhes dá uma nova ilusão de bondade: o aumento dos zoilos está na

razão direta e na proporção da negação do pecado. (A gente *sórdida* não gosta de mexericar a respeito das faltas alheias, porque tem consciência apenas de suas próprias culpas.)

É fato de humana experiência que quanto mais experiência temos do pecado — do nosso próprio pecado — tanto menos temos consciência dêle. Em tôdas as outras coisas aprendemos pela experiência; no pecado, desaprendemos pela experiência. O pecado invade o sangue, as células nervosas, o cérebro, os hábitos, a mente, e quanto mais penetra êle um homem, tanto menos percebe êste a existência do pecado. O pecador torna-se tão acostumado ao pecado que deixa de reconhecer sua gravidade. Era esta a sinistra idéia que havia por trás da tentação de Satanás a Eva. Satanás lhe disse que se ela possuísse do conhecimento do bem e do mal, seria como Deus. Satanás *não* lhe disse a verdade real; que Deus conhece o mal apenas negativamente, como um médico que nunca teve pneumonia a conhece como a negação da saúde. Mas um ser humano, conhecendo o mal inteiramente, deve conhecê-lo experimentalmente, isto é, o mal penetraria no seu sistema e tornar-se-ia parte dêle. Como a catarata no olho cega a visão, da mesma forma o pecado sempre escurece o intellecto e enfraquece a vontade, deixando um viés para a prática doutro pecado. Cada pecado torna o outro mais fácil, a consciência menos censuradora, a virtude mais detestável e a atitude para com a moralidade mais desprezadora. Em algumas pessoas, o pecado age como um cancro, minando e destruindo o caráter por longo tempo, sem quaisquer efeitos visíveis. Quando a doença se torna manifesta, já progrediu tanto, que quase se perdeu a esperança de cura.

Kierkegaard, com sua habitual penetração, mostrou que há um desespero que o homem não pode facilmente compreender. Prevalece no pecador que se coloca con-

tra Deus, que quer ser seu próprio deus e legislador e, portanto, ser mais do que a sua ou a natureza de qualquer homem pode permitir. Quer desesperadamente ser êle mesmo (possuir uma plenitude de ser que só tem por igual a de Deus) e de maneira igualmente desesperada *não* ser êle mesmo (não ser a criatura finita, que não pode deixar de saber que é, por mais que tente ocultar êste fato à sua própria consciência).

Raras vêzes se revoltará um homem abertamente contra o Infinito. Se o homem sabe que se revoltou e pecou, e ainda assim não aceita as conseqüências, tenta minimizar o pecado com desculpas, como fez Caim. Mas o homem moderno perdeu a compreensão do próprio nome de "pecado". Quando peca e, de certo modo, sente os efeitos (como todos os homens devem sentir), procura alívio em cultos escapistas, ou em hábitos escapistas de beber ou tomar drogas. Atribui também a culpa de sua doença à espôsa, a seu trabalho, a seus amigos, ou à ordem econômica, social e política. Muitas vêzes se lamentará de excesso de trabalho e "tensão", desenvolverá sintomas de fraqueza física, tudo esforços inventados para evitar encarar o fato de haver pecado. Pode — e freqüentemente — tornar-se um neurótico. Se sua neurose já se adiantou o bastante, ouvirá da bôca de algum psicanalista que não é plenamente responsável por suas ações porque é "um doente". Isto lhe dá um pretexto adicional para não reconhecer seus pecados.

Se permanecemos no pecado pela negação do pecado, o desespêro toma conta de nossas almas. Um pecador pode pecar tanto que não reconheça o caráter totalitário de seu pecar. Nunca considera seu pecado atual como uma unidade a mais, somada a milhares de outros pecados. Viajar a setenta milhas à hora num automóvel já é excessivo. Mas se acrescentarmos vinte milhas mais, o perigo aumenta. Pecados impe-

nitentes geram novos pecados, e o total aturdidor provoca desespero. A alma diz então: "Avancei demasiado". O ébrio amedronta-se com um dia sóbrio por causa da clareza de visão de seu próprio estado que êle acarreta. Quanto maior a depressão, tanto mais um pecador necessita de escapar a ela, por meio de outros pecados, até que se põe a gritar com Macbeth, no seu desespero:

"Vivi um tempo abençoado;  
Mas a partir daquele instante,  
Nada há de sério entre os mortais,  
Tudo não passa de brinquedos:  
Mortos estão renome e glória."

A condição de desespero produzida pelo pecado sem arrependimento atinge muitas vezes um ponto em que há um positivo fanatismo contra a religião e a moralidade. Aquêles que decaiu da ordem espiritual odiá-la-á, porque a religião lhe lembra a sua culpa. Maridos infiéis baterão em suas espôsas fiéis. Mulheres infiéis acusarão seus maridos de infidelidade. Tais almas atingem finalmente um ponto em que, como Nietzsche, querem aumentar o mal, até que tôda distinção entre certo e errado seja apagada; então podem pecar impunemente e dizer com Nietzsche: "Mal, sê meu bem". A conveniência pode então substituir a moralidade, a crueldade torna-se justiça, a luxúria amor. O pecado multiplica-se em tal alma até que ela se torna residência permanente de Satanás, amaldiçoada por Cristo como um dos sepulcros caiados de branco dêste mundo.

Tal é a história de uma pessoa "fina", que acredita que nunca peca.

A gente fina não se aproxima de Deus, porque pensa que é boa, graças a seus próprios méritos, ou má, graças a instintos herdados. Se praticam o bem, acreditam que devem merecer crédito por isso; se praticam o mal, negam que seja culpa dêles próprios. São bons

graças à bondade de seu próprio coração, dizem êles; mas são maus porque são infelizes, quer na sua vida econômica, quer em virtude de uma herança de genes maus de seus avós. A classe alta raramente se aproxima de Deus. O tom de sua moral é tirado da sociedade em que vivem. Como o fariseu diante do altar, acreditam que são cidadãos respeitabilíssimos. A elegância é a sua prova de virtude. Para êles a moral é a estética, o mal é o feio. Cada movimento que fazem é ditado, não por um amor da bondade, mas pela influência de sua época. Suas inteligências são cultivadas no conhecimento dos acontecimentos correntes. Lêem somente os *best-sellers*, mas seus corações são indisciplinados. Dizem que iriam à Igreja, se a Igreja fôsse apenas melhor, mas nunca nos dizem quão muito melhor deveria ser, antes que êles a ela se juntem. Condenam muitas vêzes os grandes pecados da sociedade, tais como um assassinato. Não são tentados a pecados dessa natureza, porque receiam o opróbrio que sobrevém àqueles que os cometem. Evitando os pecados que a sociedade condena, escapam à censura, consideram-se bons por excelência.

Contudo o que levou nosso Bendito Senhor a invectivar não foi a maldade, mas justamente uma bondade semidireita como essa. Não encontramos palavras de condenação proferidas contra Madalena, que vivia dominada pelo problema sexual, ou contra a ladrão arrependido, que achava difícil respeitar os bens alheios, mas O vemos invectivando contra os escribas e os fariseus, que eram homens decentes e semidireitos. Contra êles, proferiu suas maldições: “Ai de vós, escribas e fariseu hipócritas...” (Mat. 23:15). “Condutores cegos que filtrais o mosquito e engolis o camelo” (Mat. 23:24). “Serpentes, raças de víboras, como escapareis da condenação ao inferno?” (Mat. 23:33). “Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas: porque sois semelhantes

aos sepulcros caídos, que por fora parecem formosos aos homens, mas por dentro estão cheios de ossos de mortos e de tôda a podridão” (Mat. 23:27). Disse que as meretrizes e os “quislings” entrariam no Reino dos Céus antes do semidireito e do presumido. A respeito de todos aquêles homens que fazem doações de hospitais, bibliotecas e obras públicas, para terem seus nomes gravados em pedra, lembrando-os a seus semelhantes, disse: “Em verdade vos digo que êles já receberam a sua recompensa” (Mat. 6:2). Queriam apenas a glória humana e a obtiveram. Nem uma vez sequer Nosso Bendito Senhor se mostra indignado contra aquêles que já estão, aos olhos da sociedade, abaixo do nível da lei e da respeitabilidade. Atacou apenas a fingida indignação daqueles que vivem mais no pecado do que o pecador e que se sentem agradavelmente virtuosos, porque descobriram alguém mais vicioso do que êles. Não condenava aquêles a quem a sociedade condenou; suas palavras severas foram poupadas para aquêles que tinham pecado e cujos pecados não tinham sido descobertos. Foi por isso que Êle disse à mulher apanhada em pecado: “O que de vós está sem pecado, seja o primeiro que lhe atire uma pedra” (João 8:7). Sômente a inocência tem direito a condenar. Não queria Êle acrescentar Sua carga de acusação àqueles que já tinham sido atirados contra os borrachos e os ladrões, os revolucionários baratos, as mulheres de má vida e os traidores. Eram o alvo de todos e todos sabiam que êles estavam errados.

E as pessoas que preferiram fazer guerra contra Nosso Senhor nunca foram aquelas a quem a sociedade condenara como pecadores. Daqueles que O sentenciaram à morte, nenhum jamais tivera ficha na polícia, jamais se soubera que houvessem caído ou fraquejado. Mas entre Seus amigos que choraram Sua morte, achavam-se convertidos dentre ladrões e prostitutas. Os que

estavam alinhados contra **Ele** eram a gente *decente*, altamente colocada na sociedade, a gente mundana e próspera, os homens de grandes negócios, os juizes dos tribunais que governam por conveniência, os indivíduos de "mentalidade cívica", cujo autêntico amor próprio era supervenerado com pública generosidade. Homens como estes opuseram-se a **Ele** e **O** enviaram à morte.

Por que **O** odiavam? Porque, durante tódia a Sua vida, estivera a rasgar as máscaras de falsa bondade da gente *decente*, expondo o mal de homens e mulheres que viviam de acôrdo com os padrões convencionais de Seu tempo. Finalmente chegou uma ocasião em que os acusados não puderam tolerar por mais tempo Suas censuras àquilo que eles eram. Nosso Senhor foi crucificado pela gente *decente* que afirmava que a religião estava muito bem no seu lugar, enquanto seu lugar não fôsse *aqui*, onde pudesse exigir deles uma mudança de coração. A Cruz do Calvário ergue-se na encruzilhada de três prósperas civilizações, como eloqüente testemunho da incômoda verdade de que a gente bem sucedida, os líderes sociais, aquêles que são rotulados de *decentes* são os mais capazes de crucificar a verdade Divina e o Amor Eterno.

O êrro mais grave da gente *decente* em tódias as eras é a negação do pecado. Contudo é esta uma atitude desesperada e ilógica para qualquer homem tomar. Mesmo na ordem natural, as leis não podem ser infringidas sem desastrosas conseqüências. A lei da gravidade auxiliará um homem que construir a parede de sua casa direito e a prumo; mas a lei da gravidade estará contra êle e fará sua casa vir a baixo, se êle construir fora de prumo. A desobediência às leis naturais acarreta punição. A astronomia revela que, de vez em quando, certas estrêlas saem de suas órbitas. Como castigo dessa desordem, desfazem-se a si mesmas em chamas no espaço.

É lei da natureza que o mais alto objeto controlará o mais baixo em tôda a hierarquia de Deus. Na ordem biológica, *a morte é o domínio de uma ordem mais baixa sobre uma ordem mais alta*. Pois a morte sucede quando as forças vitais não mais podem integrar, nos interesses do ser total, aquêles processos físicos e químicos que se passam continuamente nas células do organismo. A vida tem sido definida como a soma das forças que resistem à morte, que impedem esta revolta da ameba. Gradativamente, à medida que envelhecemos, o processo da vida consome a substância das células e diminui o poder de nossas várias funções vitais. Nossos processos químicos se tornam cada vez mais independentes das forças vitais controladoras, e sua rebelião torna crescentemente mais difícil ao organismo harmonizar suas atividades nos interesses do homem total. Nesse ponto preciso, em que há um equilíbrio de forças a favor dos processos puramente químicos em contraposição aos poderes controladores vitais, ocorre a morte. Tendo realizado sua plena independência, os processos químicos tornaram-se capazes de quebrar a integridade do organismo. Tal é a história de todos os seres terrestres.

Na vida humana a hierarquia se estende mais alto, há uma superestrutura acima do físico e a mesma grande lei se aplica aqui também. Pois o homem é feito de tal maneira, que, quando tudo está em ordem, a ordem moral assume a supremacia sobre o instintivo e o físico. No momento em que num homem o carnal passa a dominar o espiritual, quando o ego triunfa dos impulsos sociais, quando o material domina o ético, um domínio de uma ordem mais baixa sobre uma ordem mais alta acaba de ocorrer. De novo isto resulta em morte — a morte chamada pecado. “Porque a paga do pecado é a morte” (Rom. 6:23).

Não pode o homem romper impunemente as leis de sua própria natureza. O castigo que invariavelmente

te se segue a tais tentativas de rebelião pode ser mais aparente na ordem psicológica. Por exemplo, é claro que tôda pessoa concentrada em si mesma é uma pessoa frustrada. Por que deve ser assim? Porque a frustração se produz, quando um anseio natural encontra um obstáculo insuperável. Para encontrar satisfação, necessita todo anseio natural de estar voltado para um objeto; até que isso ocorra, permanece êle um anseio, uma inclinação para certa espécie de realização. Mas a realização do anseio só pode ocorrer por meio de alguma coisa que seja ela própria real. Sendo o anseio, como tal, mera potência, não pode procurar sua própria satisfação. O que a produz é o objeto para o qual a potência está ordenada. Enquanto estiver a pessoa interessada exclusivamente em si mesma, em vez de entregar-se ao mundo objetivo dos encargos e deveres, tal realização não pode efetuar-se e se segue a frustração. Violando a lei de sua natureza, atrai assim o homem sôbre si mesmo a frustração e o descontentamento.

Todo homem e tôda mulher vivos experimentam um sentimento de culpa quando transgridem uma lei natural. Como disse Sêneca: "Tôda pessoa culpada é seu próprio carrasco." Tôda pessoa culpada está também cheia de temor, pois "a consciência faz covardes a todos nós". Em vez de chamar o pecado uma ficção, seria mais verdadeiro chamá-lo de fricção, uma "coceira irritante". O senso de culpa de pecados que não se quer admitir explica muitas das doenças psicológicas do homem moderno. Contudo seria errôneo dizer que o fator moral está *sempre* por trás das desordens mentais, pois não é assim. As doenças mentais, usando a frase no estrito sentido do termo, podem ter causas físicas, tais como alterações orgânicas do cérebro, distúrbios nas glândulas endócrinas, malformações no sistema nervoso central e outras coisas semelhantes. Aqui abstraímos inteiramente de tôdas as teorias a respeito da origem da

esquizofrenia, tais como aquela que afirma ser ela devida a anormalidades do "nível molecular" e a teoria das causas psicogenéticas da "loucura maniaco-depressiva". Estamos aqui tratando da filosofia da frustração. Criticamos apenas aquêles psiquiatras que, agindo como filósofos, vão além de sua própria esfera médica ou científica, para negar a possibilidade de culpa ou pecado.

Mesmo para médicos que não traduzem suas descobertas em termos morais, está-se tornando crescentemente evidente que as perturbações mentais estão muitas vêzes enraizadas em violações de uma lei natural, tendo por conseguinte uma base moral. Os doutôres Marynia Farnham e Ferdinand Lundberg inculpam os crescentes distúrbios mentais das mulheres ao fato de fugirem elas às responsabilidades da maternidade:

"A mulher sem filho, mesmo dotada de muito talento, jamais se pôde aproximar em força pura e objetiva das mães de homens... e mulheres. As mulheres casadas com um só filho ou sem nenhum, exceto aquelas de condições orgânicas desfavoráveis (existentes em poucos casos), são, com exceções ocasionais, emocionalmente desorientadas. Quer isto dizer que são mulheres infelizes, qualquer que possa ser o testemunho consciente delas em contrário. O abrupto declínio da natalidade, portanto, é um índice importante no aumento da desordem emocional e da felicidade, afetando tanto os homens como as mulheres, mas afetando particularmente as mulheres." <sup>1</sup>

Usar de uma navalha para arrasar uma montanha, dirigir nossas vidas para qualquer outra estrada que não aquela que termina na nossa derradeira perfeição, é

---

<sup>1</sup> *Modern Woman*, p. 396, Harper & Brothers.

não somente prejudicar nossas mentes, mas também perder a felicidade que vem da vida direita.

Contudo é muitas vezes afirmado pelos psiquiatras e sociólogos que o pecado nada mais é do que um desvio dos ideais aceitos pela sociedade em algum dado momento. Ora, não há dúvida que o código ético de um homem é até certo ponto determinado pela sociedade em que êle vive. Isto porém não quer dizer que o pecado e a culpa são produtos de um "instinto de manada" ou das decisões ambientais da sociedade. Se isto fôsse verdade, como poderia a consciência individual muitas vezes acusar-se de êrro e saber-se errada, mesmo quando a sociedade diz que está direita? A consciência sabe que o direito consiste muitas vezes no repúdio dos padrões sociais duma dada época (tal como a de 1938, na Alemanha nazista). Se um homem pode estar direito, quando age contra a manada, e errado, quando age com a manada, ou com a sociedade, segue-se então que há alguma coisa mais para o pecado do que a desaprovação social.

A negação, pelos psicólogos materialistas, da existência de culpa objetiva é devida a uma falsa compreensão da natureza humana. Há cerca de quatrocentos anos, alguns teólogos errados disseram que o homem era intrinsecamente corrupto e, portanto, incapaz de justificação pelas obras. Disto derivou a idéia de que o homem é justificado pela fé em Cristo, Cujos méritos são imputados ao homem corrupto. Mais tarde, outros teólogos errados disseram que, uma vez que o homem é intrinsecamente corrupto, é incapaz de ser justificado quer pela fé, quer pelas obras. Sua restauração tornava-se dependente da predestinação, ou da Vontade Soberana de Deus Que elege ou condena. A falsa concepção espalhou-se e muito fêz para destruir a crença do homem na liberdade humana. Finalmente, entrou em cena o totalitarismo para dizer que, uma vez

que o homem é intrinsecamente corrupto, não pode ser justificado pela fé, pelas obras ou pela Soberana Vontade de Deus, mas somente pela coletividade que absorve o homem. Isto, nos dizem, desviaria a depravação humana, substituindo-se a consciência individual pela consciência de Estado, e Deus por um ditador.

Rebelando-se contra esta noção de depravação total comum a esta tradição, estavam direitos os psicólogos materialistas. O homem não é inteiramente depravado. Mas os psicólogos muitas vezes erraram, não investigando o conceito tradicional do homem, que permanece no meio, entre o falso otimismo que promete torná-lo um santo pela evolução e pela educação, e o falso pessimismo que vai longe, querendo torná-lo um demônio por meio do totalitarismo comunista.

O sentimento do pecado é uma realidade que todos os homens conhecem. É mais do que justamente uma violação da lei. Sua pungência não estaria presente, senão pela intuição do homem de que o pecado também trouxe uma quebra de relação e de pessoas. Algumas pessoas que roubam de uma grande corporação não acham que tenham feito algo de muito errado (embora realmente tenham), porque não podem pensar na corporação senão como uma coisa pessoal. Têm uma intuição fugitiva de uma verdade, que a essência do pecado não é uma negação de um código, mas uma rejeição de uma pessoa a quem a gente se sente ligado por meio de sua bondade e de seu amor. O pecado é uma afronta feita por um espírito contra outro, um ultraje feito ao amor; é por isto que não há sentimento do pecado sem a consciência de um Deus pessoal. Isaías teve o profundo senso de culpa quando viu Deus e disse: "Ai de mim, que me calei porque sou um homem de lábios impuros e moro no meio de uma gente que tem os lábios impuros, e eu vi com meus olhos o Rei, o Senhor dos exércitos" (Isaías 6:5). "Eu já te ouvi com os meus ou-

vidos, mas agora os meus próprios olhos te vêem. Por isso acuso-me a mim mesmo e faço penitência no pó e na cinza” (Jó 42:5.6). “Afasta-te de mim porque sou um homem pecador, ó Senhor” (Lucas 5:8).

Porque o pecado é a quebra de uma relação com o Amor, segue-se que não pode ser tratado exclusivamente pela psiquiatria. (Não estamos aqui dizendo que tôdas as desordens mentais são devidas a um sentimento do pecado. Não são. Mas há algumas que são e quando psiquiatras materialistas afirmam que a angústia devida ao pecado pode ser tratada do mesmo modo que outras doenças nervosas e psíquicas, sem referência a recursos espirituais, estão acrescentando às complexidades desordens e frustração da vida do paciente.) Não basta *analisar* o pecado, a fim de destruir a consciência do pecado ou curá-lo. Se o dentista sabe que a cárie no dente é devida ao uso do açúcar, não se segue daí imediatamente que o dente fique curado. Cavando-se em redor dum carvalho para descobrir a podridão da bolota da qual êle originariamente proveio, não quer dizer que se esteja fortalecendo a própria árvore. Descobrir os motivos do pecado, pelo estudo do passado do paciente, não é curá-lo. O pecado não está somente na compreensão, nem nos instintos; o pecado está na vontade. Daí não poder ser êle desfeito, como pode ser desfeito qualquer outro complexo pelo fato de ser trazido a lume no consciente. As doenças psíquicas podem brotar de complexos recalçados. Mas o pecado deve ser encarado como um ato da vontade que implica a personalidade inteira. A simples compreensão intelectual não destruirá seus efeitos ou restaurará a saúde do paciente.

Não é verdade que o conhecimento de nossos pecados como pecados induza a um complexo de culpa ou morbidez. Pelo fato de ir uma criança à escola, desenvolve-se nela um complexo de ignorância? Pelo fato de ir o doente ao médico, passa êle a sofrer um comple-

xo de doença? O estudante se concentra, não sôbre sua própria ignorância, mas sôbre a sabedoria do mestre; os doentes se concentram, não sôbre suas doenças, mas sôbre os podêres curativos do médico; e o pecador, vendo seus pecados como pecados que são, concentra-se, não sôbre sua própria culpa, mas sôbre os podêres redentores do Médico-Divino. Não há *prova* alguma que sustente a posição de alguns psiquiatras modernos, quando afirmam que a consciência do pecado tende a tornar mórbida uma pessoa. Chamar de escapista a um homem porque pede perdão a Deus, é o mesmo que chamar de escapista um proprietário cuja casa está em chamas, porque pede socorro ao corpo de bombeiros. Se há alguma coisa de mórbido em admitir o pecador sua responsabilidade pela violação de sua amizade com o Divino Amor, pode-se dizer que é uma saúde jovial, comparada com a verdadeira e terrível morbidez que sobrevêm àqueles que estão doentes e recusam admitir a sua doença. O maior refinamento de orgulho, a mais desprezível forma de escapismo é impedir-se de examinar a si mesmo, no temor de descobrir dentro de si o pecado.

Assim como um bêbedo algumas vêzes se tornará consciente da gravidade de sua intemperança, sòmente por meio da assustadora visão de quanto êle desgraçou o seu lar e a mulher que o ama, da mesma forma, os pecadores podem chegar a uma compreensão da sua miséria, quando tiverem compreendido o que fizeram ao Nosso Divino Senhor. É por isso que a Cruz tem sempre desempenhado um papel central na pintura cristã. Ressalta o que há de pior em nós, revelando o que o pecado pode fazer à bondade e ao amor. Ressalta o que há de melhor em nós, revelando o que a bondade pode fazer pelo pecado — perdoar e reparar no momento da maior crueldade do pecado. A Cruz de Cristo faz algo por nós que não podemos fazer por nós mes-

mos. Em tôda e qualquer parte do mundo somos espectadores, mas diante da visão da Cruz, passamos da condição de espectadores à de participantes. Se alguém pensa que a confissão de sua culpa é escapismo, deixai-o ajoelhar-se, uma vez que seja, aos pés do Crucifixo. Não poderá deixar de sentir-se envolvido. Um olhar para Cristo pregado na Cruz e a crosta será arrancada das profundezas ulceradas do pecado, ao ser êle revelado em tôda a sua hediondez. Um raio apenas daquela Luz do Mundo anula tôda a cegueira que os pecados produziram e faz arder dentro da alma a verdade de nossa amizade a Deus. Aquêles que se têm recusado a subir ao Calvário são os que não choraram pelos seus pecados. Uma vez que uma alma tenha subido ali, não pode por mais tempo dizer que o pecado não tem importância.

Se o senso da culpa é um afastamento de Deus e tristeza por haver ferido alguém que amamos, se a dor da autocensura é um sintoma de nossa rejeição do convite de amor, então devemos acentuar não a sensação da culpa, mas o meio de removê-la e encontrar a paz. É preciso amor para ver que o amor foi magoado. O Divino Amor sempre recompensa êsse reconhecimento pelo perdão, e uma vez dado o perdão, uma união se restaura de maneira muito mais íntima do que fôra antes. Há mais alegria, disse Nosso Senhor, entre os Anjos do Céu por um pecador que se arrepende do que pelos noventa e nove justos que não necessitam de penitência.

Quando o amor é compreendido com acêrto, não nos sentimos tristes pelo pecado, a fim de que Deus possa perdoar-nos; antes, sentimo-nos tristes por aceitar êsse perdão. Deus se oferece a perdoar-nos antes de nos arrependermos. É a tristeza de nossa parte que torna eficaz êsse perdão. O pai não começou a perdoar o filho pródigo, quando o viu vindo lá pela estrada. O pai já havia perdoado o filho desde o comêço. O per-

dão só podia tornar-se efetivo no momento em que o filho se sentiu triste, por ter quebrado a amizade com seu pai e pensou em restaurá-la. Justamente como sempre tem havido música no ar que nós não ouvimos, a menos que o rádio esteja sintonizando, da mesma forma há sempre perdão disponível, mas não o recebemos enquanto falta tristeza à nossa alma e propósito de emenda. Só descobrimos aquilo que procuramos. A natureza tem muitos segredos para dar-nos, mas não no-los entregará enquanto não estivermos pacientemente diante dela e obedecermos às suas leis. Somente com tal submissão, receberemos. Enquanto não houver vontade implorativa de uma relação diferente com Deus, que não aquela distante e medrosa causada pelo pecado, não poderá o pecador ser perdoado. Ser pecador é nossa desgraça, mas saber que o somos é nossa esperança.

As pessoas *decentes* deveriam enxergar-se como pessoas sórdidas para que possam encontrar a paz. Quando mudarem sua crença orgulhosa e diabólica de que nunca fizeram nada de errado em esperança de um Remédio Divino para seus erros, terão atingido a condição de normalidade, paz e felicidade. Em contraste com o orgulho daqueles que negam sua culpa, para escapar à autocrítica, está a humildade de Deus, que fez um mundo que nada acrescentou à Sua glória e depois fez o homem para criticá-Lo. As pessoas *sórdidas* são as conversíveis. Conscientes de suas próprias imperfeições, sentem dentro de si um vácuo. Pode parecer a eles um vácuo sem sentido, como o Grande Canyon, mas na realidade seu vazio é mais semelhante ao de um cêsto que pode ser enchido. Têm fome e sede de alguma coisa que não de si mesmos. Este senso do pecado nelas não produz um desespero absoluto, mas um desespero criador, quando alguma vez sabem que podem para além de si mesmos buscar o alívio amorável.

Nosso Bendito Senhor gostava imensamente da gente sórdida. Contou muitas histórias a respeito dela. Uma das acusações que seus inimigos fizeram contra Ele era a de que comia na companhia de gente sórdida e de pecadores. Um dos maiores apóstolos veio a Nosso Bendito Senhor pelo ódio. É o pródigo colocado à frente de seu irmão virtuoso; o filho rebelado e arrependido foi preferido ao que jurou fidelidade e depois desobedeceu. A ovelha desgarrada foi posta nos ombros pelo Bom Pastor, enquanto as noventa e nove ficavam no campo. A moeda perdida foi encontrada e isto constituiu motivo de regozijo, mas nunca houve qualquer reunião para celebrar as outras nove. O Salvador expulsa os compradores e vendedores do Templo e depois toma em Seus joelhos uma criança e diz que ela entrará no Reino dos Céus antes dos sábios professores universitários. Lava os pés dos discípulos que buscam primeiro lugar na mesa, fala livremente às mulheres a quem tôda a nação odeia e intervém para proteger uma adúltera do apedrejamento às mãos daqueles cujo adultério ainda não havia vindo a público. A nova de sua Encarnação foi feita a uma Virgem, mas a nova de Sua Ressureição dentre os mortos foi feita a uma pecadora convertida.

Porque Nosso Bendito Senhor preferiu a gente sórdida à gente decente, é bem provável que, se pudéssemos entrar no Céu, teríamos diante dos olhos certos espetáculos que nos escandalizariam. Diríamos: "Ora essa, como entrou aquela mulher ali?" ou "Como conseguiu *êle* entrar? Conheci-o quando..." Haverá no Céu muitos a quem nunca esperaríamos encontrar lá. As surpresas serão numerosas. Mas maior surpresa de tôdas será descobrir que nós mesmos estamos lá.

A gente sórdida pode alcançar a felicidade dêste lado do Céu, também. A sua humildade torna isto possível. Muitos dos que chegaram à plenitude do

Cristo, quando interrogados por que abraçaram a Igreja, responderam: "Juntei-me à Igreja para livrar-me de meus pecados." Aquêles que se recusam a admitir seus pecados, que negam que são pecadores, descobrirão esta completa dificuldade de compreender. De facto, é difícil à gente decente compreender, porque deixa de verificar que há duas coisas bastante devastadoras que acontecem àqueles que entram em contato com Nosso Senhor: um opressivo sentimento de vergonha e uma gloriosa sensação de libertação.

Não há ninguém que negue a culpa pessoal que seja feliz, mas não há ninguém que a haja admitido, haja sido perdoado e viva no amor de Deus, que seja infeliz. Um senso de indignidade moral jamais entristeceu uma alma, mas muitas almas se tornaram tristes e frustradas por causa de seu amor próprio. Quanto maior a consciência de nossa própria miséria, tanto maior nossa confiança na bondade e na misericórdia de Deus. Deus não podia revelar o atributo da misericórdia, se não houvesse miséria. Deus teria sido Bondade Infinita, se nunca houvesse feito o mundo; mas sem a existência da gente sórdida, Ele nunca teria podido mostrar Sua doce Misericórdia pelos nossos pecados.

## CAPÍTULO VI

### EXAME DE CONSCIÊNCIA

Durante séculos muitas almas acreditaram, como algumas ainda hoje acreditam, no exame de consciência. Este grande exercício espiritual foi afastado a pontapé da porta da frente pelos materialistas modernos na base de que é inútil examinar a consciência. Ofereciam três argumentos: que não há pecado, que a consciência é apenas o fato de reconhecermos convenções sociais e tabus e que cada homem é o único determinante do que é certo e errado para êle. Aquilo que êsses materialistas afastaram da porta da frente, alguns psiquiatras agora introduzem à sorrelfa pela porta do fundo, sob o rótulo de novo exame: exame do inconsciente — mas com esta diferença: com êles não há Deus, não há lei moral, não há julgamento final.

Chama-se comumente psicanálise êste exame do inconsciente.<sup>1</sup> Por causa duma confusão generalizada sôbre o assunto, é importante aqui, parenteticamente, sugerir a diferença entre psiquiatria e psicanálise. Psiquiatria é uma ciência que trata das doenças mentais;

---

<sup>1</sup> O nome "psicanálise" foi cunhado por Freud, que insistiu que fôsse usado *exclusivamente* para sua doutrina e seu método. Autores alemães, franceses e também italianos têm mais ou menos observado esta advertência. Alguns americanos, também, tentaram identificar freudismo e psicanálise, mas em geral, nos países anglo-saxões, o nome de psicanálise é aplicado indiscriminadamente a outras espécies de tratamentos médicos e mentais. C. G. Jung, para indicar a diferença entre sua teoria e a de Freud e, ao mesmo tempo, o que lhe devia,

só pode ser praticada por doutôres em medicina. Psicanálise é um método particular de tratamento de tais males, aliviando dum mal embaraçoso e trazendo o inconsciente ao consciente. Pode-se estar em oposição a certa escola de psicanálise, como a freudiana, sem por isso ser contrário à psicanálise em geral, como se pode ser contrário ao *swing*, sem ser inimigo da música. A psiquiatria como termo cobre mesmo um território mais amplo. Além de tôdas as formas de psicanálise, inclui uma dúzia de métodos diferentes. A psiquiatria, como um ramo da medicina, é não sômente uma ciência perfeitamente válida, mas uma real necessidade hoje. Nos últimos cem anos, enquanto a população dos Estados Unidos aumentou apenas 671 por cento, a percentagem de pacientes mentais registrados aumentou de 23.328 por cento. Médicos qualificados para tratar, curar e prevenir tais doenças são uma desesperada necessidade moderna. Muitos dos psiquiatras que exercem hoje tão necessária tarefa *não* são psicanalistas.

Mas a psicanálise mesma, compreendida como exploração mental e tratamento, pode ser um método perfeitamente válido. Até certo ponto, poderia mesmo ser encarada como uma aplicação da doutrina cristã do exame de consciência ao exame do inconsciente. A fé cristã e a moral não podem naturalmente ter quaisquer objeções a um tratamento mental, cujo alvo é a restura-

---

fala de sua própria doutrina como sendo uma "psicologia analítica". Adler chamou sua concepção "psicologia individual", uma teoria que depende mais ou menos da psicanálise, mas não obstante rejeita um de seus dogmas fundamentais. Por causa da crescente crítica ao freudismo e à psicanálise, alguns psicanalistas estão usando o termo psiquiatria para evitar a crítica. Para pensar claramente sôbre este assunto, pois, devem ser mantidas em mente estas três distinções: 1) freudismo não é psicanálise, da mesma maneira que Rafael não é pintura; 2) há outros sistemas de psicanálise além do freudista e alguns deles são muito mais completos; 3) a psicanálise é um pequeno ramo da psiquiatria.

ção do espírito doente ao seu fim humano. Mas a "psicanálise" se torna, na verdade, bastante errada quando cessa de ser um método de tratamento e pretende ser uma filosofia. Caminha fora de sua legítima área como um ramo da medicina e torna-se perigosa, quando é transformada na base de uma concepção filosófica da natureza humana, com afirmativas tais como a de que o homem é um animal e não tem liberdade de vontade, ou que "as doutrinas religiosas são ilusões".<sup>2</sup>

A psicanálise (usando ainda este nome num sentido vasto) não pode ser inteiramente independente de uma visão filosófica da natureza humana. Mas uma filosofia profunda não se derivou das descobertas da psicanálise; antes, a interpretação filosófica precede a teoria psicológica e determina seu objetivo particular. Se uma escola psicanalítica assevera que o homem é um animal, esse dogma não é algo que seu fundador tenha concluído dos fatos descobertos pelo estudo psicológico. Foi uma suposição que ele aceitou, antes de qualquer investigação, e construiu como bases que sustentam a teoria. Se uma escola psicanalítica proclama que essas desordens mentais, não causadas por uma doença orgânica do cérebro, se originam de instintos, sexuais ou outros, tal afirmação de novo ultrapassa o que é justificado pelos fatos observados e deles deduzido. Pertence às pressuposições que os psicanalistas aceitaram como verdade, antes de haverem procedido ao desenvolvimento de sua teoria. Quando Freud escreveu o seguinte, impôs a uma teoria um preconceito irracional: "A máscara caiu: a psicanálise leva a uma negação de Deus e de um ideal ético".<sup>3</sup>

A escola psicanalítica de Freud faz justamente isto muitas vezes. Mas há outras escolas. E, repito, não

---

<sup>2</sup> Sigmund Freud, *The Future of an Illusion*, p. 59, Horace Liveright, 1928.

<sup>3</sup> *Ibid.*, p. 64.

há objeção a fazer à psicanálise como tal, enquanto se mantém ela como simples método e não acarreta influências ou idéias confrárias à verdade (embora a psicanálise, no melhor dos casos, não seja uma panacéia aplicável tão amplamente como querem seus mais entusiasmados crentes). Mas uma vez que a psicanálise afirma que “o homem não é um ser diferente dos animais, ou superior a êles”,<sup>4</sup> ou que o pecado é um mito, a religião uma ilusão e Deus “uma imagem do pai”, então cessa de ser uma ciência ou um método e começa a ser um preconceito.

Através de tôdas as eras tem havido alguma espécie de psicanálise — uma análise da psique, ou alma, de passo com a procura das causas mentais de tôdas as espécies de perturbações humanas. Pensavam os gregos antigos qua a base da vida normal, da sabedoria e da sanidade era o “conhece-te a ti mesmo”, Sócrates falava da necessidade de “tomar cuidado de sua alma” e as palavras gregas que dizem isto são precisamente “terapia da alma”. As curas mentais eram aplicadas, como meios de sanar certas desordens físicas, nos santuários do deus Esculápio. Os estóicos da era pré-cristã, e de modo particular Sêneca, recomendavam um exame da alma tôdas as noites na suposição de que, quanto mais o homem moral entra em si mesmo, tanto maior é sua paz. Marco Aurélio escreveu uma série de meditações nas quais conversa intimamente com sua alma, discute os problemas do certo e do errado, e, geralmente falando, examina sua consciência, dando conta a si mesmo de quão distante tem vivido de seus princípios. Mais tarde, disse Santo Agostinho: “Não saias de ti mesmo; antes, volta-te para dentro de ti mesmo e transcenderás a ti mesmo”. E também disse que a verdade reside no homem interior. Santo Agostinho é re-

---

<sup>4</sup> Sigmund Freud, *Introductory Lectures on Psychoanalysis*, trad.

tamente considerado o pai da auto-análise em psicologia, embora a psicologia científica, ou a ciência dos fenômenos mentais, se haja originado com Aristóteles.

Há outras passagens nos escritos de muitos autores medievais posteriores que anteciparam fortemente concepções psicológicas ou psicanalíticas modernas. A análise do sonho desempenha grande papel em várias das escolas psicanalíticas modernas; mas isto não é uma idéia nova, como Freud admitiu, embora proclame ter ido muito além do que se fez antes, dando a êsse método uma significação totalmente nova. O próprio Santo Tomás observa que “Há alguns doutôres que estão habituados a examinar sonhos, a fim de determinar as disposições das pessoas.”<sup>5</sup>

O problema dos fatores mentais em tôdas as espécies de desordens foi um que interessou particularmente os românticos alemães, na primeira parte do século XIX. Entre os escritores que o próprio Freud alista, como seus predecessores, há um Schubert que escreveu extensamente a respeito de sonhos e do que êle chamava o “lado noturno” da alma. A hipnose e sua influência foi outro tópico que atraiu aquêles românticos, sob o nome de “influência magnética”. W. Grimm (que estava pelo menos aproximado do Romantismo, mesmo que não pertencesse estritamente ao grupo mais estreito, e cujo nome é famoso como um dos pais da lingüística moderna) escreveu um ensaio sôbre o inconsciente. Há também uma história. “O Santo”, entre os contos fantásticos de E. T. Hoffmann: trata-se duma môça que perdeu a voz por causa dum sentimento de culpa e a recupera quando ouve uma amiga explicar a seu pai a origem mental e o mecanismo de todo o processo.

No Evangelho, verificamos que Nosso Bendito Senhor analisa os motivos das pessoas, usando não a

<sup>5</sup> *Summa Theologica*, II-2, Q., 95, Art. 6.

mera psicanálise, mas a Análise Divina. Olhando para dentro das almas, via os fariseus como sepulcros caiados de branco, dizendo que estavam limpos por fora, mas cheios por dentro dos ossos dos cadáveres. Penetrou por sob os fingimentos e hipocrisias de suas orações e de suas doações de esmolas, dizendo que êles faziam estas coisas para serem vistos pelo homem. Analisou a alma do hipócrita que foi para a frente do templo para rezar, revelando quão orgulhoso era no íntimo do coração. Quando uma mulher entrou sem ser convidada na casa de Simão e lançou-se aos pés de Nosso Bendito Senhor, Simão pensou no seu íntimo: “Se **Êle** soubesse somente que espécie de mulher é ela!” — o que nos faz perguntar: “Como sabia *êle?*” Mas Nosso Senhor então analisou a alma de Simão e contou-lhe a história de dois devedores, um que devia quinhentos dinheiros e o outro cinqüenta, e disse tirou **Êle** a lição de que muitos pecados eram perdoados à mulher porque amava muito. São Paulo disse aos coríntios: “**Examine-se** pois a si mesmo o homem” (Cor. 11:28). E novamente: “**Examinai-vos** a vós mesmos, se estais firmes na fé” (II Cor. 13:5). Estas palavras fazem lembrar a Jeremias falando à sua própria gente: “**Examinemos** e investiguemos os nossos passos e voltemos ao Senhor” (Lam. 3:40).

Nosso Bendito Senhor nos lembrou que o mundo acabará com uma grande “psicanálise”, na qual os pecados secretos e ocultos de cada homem serão revelados e ninguém sairá até que tenha pago o seu derradeiro vintém. Por causa desta relação básica entre a alma humana e Deus, através de tãda a história humana uma das práticas espirituais mais universais de tãda alma santa tem sido o que se conhece como exame noturno da consciência. Os pensamentos, as palavras e os atos do dia são trazidos à superfície e examinados para se considerar se estão ou não em conformidade

com a lei moral de Deus. Depois dêste exame, segue-se uma resolução de emendar nossa vida, de fazer penitência das faltas, e de entrar numa maior união com o amor que é Deus. Tal autopsicanálise é coisa séria.

Há, porém, uma profunda diferença entre a psicanálise freudiana e o exame cristão de consciência, pois supõe-se que a psicanálise revele ou desvele algo que nem mesmo o mais encarniçado exame de consciência poderia descobrir. Freud proclama que o que está oculto no inconsciente é inacessível ao consciente; é proibido de emergir para nossa visão consciente; é mantido retirado no inconsciente por uma poderosa força chamada o "censor". Desde que não há meio para o espírito de sondar sua própria consciência e descobrir o que está oculto e fechar-se ali, uma técnica peculiar tem de ser empregada para trazer a lume o conteúdo. Esta técnica, conhecida como "associação livre" e "interpretação" é usada pela psicanálise freudiana.

Todos os psicanalistas concordam em que o exame de consciência (ou a narração sincera que um homem faz a si mesmo de suas ações e intenções) fará muito para libertar o pensamento de inibições e preocupações. Mas consideram o auto-exame um processo um tanto superficial. Sustentam que as causas reais das dificuldades mentais, dos conflitos íntimos e inibições poderão ser descobertas somente se o inconsciente fôr obrigado a devolver à consciência aquilo que outrora fôra exilado e reprimido.

Mesmo se as pressuposições da psicanálise freudista fôssem aceitas — o que não poderão bem ser — é discutível se esta noção da inacessibilidade total do "inconsciente" ao nosso exame normal pode ser mantida. É concebível que o pensamento, quando usar do contato certo, possa realizar quase tanto pela análise sòzinha, como sob a guia duma terceira pessoa. Para esta asserção a psicanálise freudista — pelo menos a do ramo "orto-

doxo” — tem, sem dúvida, uma resposta pronta. A presença da terceira pessoa (ou do analista) é encarada como uma condição indispensável para o desencargo. É ela quem, por algum tempo, se torna o objeto dos anseios instintivos recalcados, por meio do chamado processo de “transferência”. Pensam os freudistas ser isto um elo necessário no processo de rearranjar e redistribuir as “energias instintivas”. Mas êste argumento parece menos conclusivo do que acreditam os analistas que seja. Não há razão convincente para afirmar a indispensabilidade do próprio mecanismo da transferência. Se o analista é encarado como indispensável, só o é em virtude da teoria característica de Freud — teoria sem substância aliás — da natureza do inconsciente. De fato, tem-se notado recentemente uma tendência entre mesmo alguns seguidores de Freud a abandonar um ou outro dos dogmas da teoria original. Um desses dogmas suspeitos é o da necessidade da transferência ou da intervenção do analista. Karen Horney, por exemplo, fala de “auto-análise”. Tal nome só tem sentido se se aceita que o pensamento humano pode obter acesso a seu próprio inconsciente.

Até o ponto em que a psicanálise no século XX toma interêsse pelo íntimo da alma humana, representa um grande progresso sôbre as sociologias do século XIX, que pensavam que tudo quanto está errado no mundo era devido à pobreza, às más condições econômicas, ao comércio livre, às altas tarifas, ou à política. Além disso, na medida em que a psicanálise revelou os efeitos de nossos pensamentos — mesmo do pensamento inconsciente — sôbre nossa saúde física e nossa conduta, confirmou a grande verdade cristã que um pensamento desordenado (ou mesmo um inconsciente desordenado) leva à anormalidade.

Encontram-se em Santo Tomás muitas passagens em que deplora, como deploram os psicanalistas, justa-

mente tal repressão. A humanidade sempre reconheceu a relação entre consciente e inconsciente, como algo semelhante à de um piloto dum navio para com a casa de máquinas e o leme. (Não usamos aqui o inconsciente no sentido técnico de Freud.) O piloto na ponte pode ver à frente. Estabelece a direção e o curso a ser seguido. Estas direções são transmitidas à casa das máquinas lá em baixo e, finalmente, ao leme e em seguida à água. Da mesma maneira, é a consciência e, mais própria-mente, a consciência e a vontade que dizem ao homem qual o rumo a seguir. Mas às vêzes, quando as direções são comunicadas ao inconsciente, aos instintos, aos sentidos e às paixões, há uma espécie de revolta, uma desconfiança. O resultado é que, lá em baixo, no inconsciente da casa de máquinas, ou no inconsciente do leme, há um descaminho das ordens, uma revolta, destinada a deixar suas cicatrizes no pensamento do homem. Pelo fato de poderem estar ainda ali os traços de tais passadas revoltas, irreconhecíveis, não há negar haver por vêzes vantagem em analisar mesmo o inconsciente, justamente como é útil limpar os numerosos objetos duma adega de casa. Um caso de emergência pode tornar tal limpeza uma necessidade imediata; se um gato se insinua ao cano de uma fornalha, encherá de mau cheiro uma casa, tornando necessário examinar as partes digamos inconscientes da casa, a fim de que se possa ter ar mais puro lá em cima. (Se, porém, o psicanalista continua a dizer que os que vivem lá em cima podem eximir-se de tôda a responsabilidade, quer pelo môfo da adega ou pela presença do gato no cano da fornalha, deve ser lembrado a êles que o porão e o gato que abriram caminho para os canos eram ambos de propriedade dêles mesmos.)

A psicanálise tem, pois, uma tarefa respeitável mas limitada, a executar. Opomo-nos aqui sòmente àqueles determinados psicanalistas que neguem qualquer vali-

dade ao exame de consciência, na base de que o exame do inconsciente lhe toma o lugar. O cristão não contende com o psicanalista que diz que o pensamento de um homem é bastante semelhante a uma flor, que tem suas raízes na lama, no lodo e na imundície da terra, mas discutirá com o psicanalista que, concentrando-se nas raízes, nega a existência do caule, ou a beleza da flor. Como não é raiz a flor inteira, assim também o homem não deve ser compreendido inteiramente em termos de seu inconsciente. Se estamos sempre tão doentes que necessitamos do auxílio de um psicanalista para o exame do inconsciente, nem por isso seja dispensado o exame de consciência. Aquêlé é por vezes necessário, mas nunca é um *substituto* dêste.

Um médico pode muitas vezes dar-nos um remédio para curar a anemia do sangue. Isto não dispensa a maior e mais constante necessidade que temos de limpar o sangue pela respiração. Similarmente pode haver vezes em que é necessário analisar o inconsciente para descobrir se uma idéia foi recalcada ou suprimida. Mas é sempre necessário para nós examinar a consciência para descobrir se o motivo que moveu uma ação era certo ou errado. E, descobrindo isto, pode-se também encontrar a razão da repressão. As vezes é útil analisar atitudes ou condições de pensamento, mas é sempre necessário analisar a vontade e reconhecer sua culpa, se houver. É êste um processo mais penoso do que costuma ser a psicanálise: uma pessoa pode ter orgulho de suas atitudes mentais, pode vangloriar-se de seu cepticismo, de seu ateísmo, de seu agnosticismo e de sua perversão; mas sua consciência nunca se vangloriará de sua culpa, de sua vergonha, ou de sua miséria. Mesmo isolada, uma consciência culposa sente-se perturbada. Deseja com veemência escapar à dor do autoconhecimento, lançando a responsabilidade a qualquer outra parte. As vezes a censura por uma condição mental

anormal vem a ser lançada sôbre avós e avôs, sôbre pais cruéis ou grosseiras mestras de jardins de infância. Mas não se deve nunca esquecer que muitíssimas mais vêzes a censura deve ser mais justamente lançada contra si mesmo, ao confessar, batendo no peito: "Por minha culpa, por minha culpa, por minha máxima culpa." As vêzes pode ser útil ter alguém o seu inconsciente examinado, estendido num divã, mas a menos que se queira abdicar de sua inteira personalidade a outrem, é sempre necessário reservar-se o direito da escavação de sua propriedade mental, de cavar em sua própria alma. Ninguém jamais se tornou melhor por ter alguém a dizer-lhe o grau de sua podridão; mas muitos se tornaram melhores confessando êles próprios suas culpas.

Dá-se muitas vêzes o caso de, quando o inconsciente se torna consciente, desaparecerem as dificuldades mentais. (Mas isto não é um substituto para consertar uma falta cometida contra alguma regra objetiva.) Há vêzes em que é moralmente útil trazer à luz da consciência o conteúdo do que se oculta no inconsciente. Se o indivíduo conhece êsse conteúdo, torna-se capaz de lidar com êle e desviar para melhor uso a compreensão de si mesmo que acaba de adquirir, dirigindo suas energias para alvos mais razoáveis.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Talvez devesse ser mencionado que a noção do inconsciente, na forma que lhe é popularmente dada, está sujeita a objeções. É difícil chegar a uma opinião final a respeito de ser ou não certo conteúdo verdadeiramente inconsciente. O simples fato de alegar uma pessoa que o ignora não é suficiente, nem o é o outro fato, o de que êste conteúdo venha à tona sômente no correr duma longa e indagadora análise. A mente humana tem muitos jeitos de livrar-se de conteúdos que são percebidos como perturbadores, ou que poderiam conduzir a consequências desagradáveis se plenamente reconhecidos. A mente pode separar tôdas as ligações entre alguns dados e o resto da consciência, isolar certos dados ou impedi-los de apresentar-se porque são totalmente desconexos ou assim se tornaram para o resto do conteúdo consciente. Este problema não tem apenas interêsse teórico, mas é também eminentemente prático. Aquilo que um homem ejaculou de

Ninguém haverá de negar que a eficácia da análise depende da técnica; mas a técnica não substitui o arrependimento. Nem tampouco penetra uma psicologia bastante profundamente nos problemas humanos, se interpreta o homem inteiramente em termos de instintos e de conflito de instintos, ou se atribui todos os conflitos às fontes dos instintos, afirmando que *não há outros elementos na pessoa humana*. No animal há apenas instintos, mas não no homem. Os instintos de um animal estão bem ajustados e suas possíveis situações que entram em jôgo automaticamente. Como mostra Santo Tomás, não pode haver qualquer deliberação num ser sub-racional (embora possamos ter a impressão de que haja); há apenas um entrejôgo de forças, revelando-se a imagem mais atraente, mais forte e tornando-se uma determinante da conduta. Os instintos nos animais parecem operar de acôrdo com o padrão das forças físicas, em que a mais forte sempre prevalece, pois os animais estão totalmente desprovidos da liberdade que caracteriza o homem.<sup>7</sup>

---

sua consciência, porque não queria encará-lo, tem uma relação muito mais importante para com a moralidade e a responsabilidade, do que conteúdos que foram relegados para o inconsciente numa idade primária, quando nem a compreensão nem a responsabilidade estavam desenvolvidas. Acontece durante a análise que o material alegadamente inconsciente vem à tona e o paciente o reconhece; pode mesmo dizer que, de certo modo, conhecera essas coisas sempre, mas tomara o cuidado de conservá-las fora de seu caminho. Em tal caso, há obviamente um grau de responsabilidade diferente do que existe, quando os fatos inconscientes pertencem às experiências da primeira infância.

<sup>7</sup> A despeito do jargão comum a respeito dos instintos humanos, deve ser lembrado que não há acôrdo entre neurofisiologistas, a respeito da existência e da eficácia de instintos no homem, no seu estado maduro e normal. De acôrdo com K. Goldstein (*The Organism*, American Book Company, New York, 1939; *Human Nature in the Light of Psychopathology*, Harvard University Press, Cambridge, Mass., 1940), as manifestações puramente instintivas são vistas no homem apenas em consequência de uma derrocada do complexo inteiro. Normal-

Porque é livre, pode o homem pecar, o que não acontece com os animais. O pecador pode necessitar de auto-análise, mas *com certeza* necessita de auxílio de fora de si mesmo, para que se torne bom. Profunda diferença entre exame do inconsciente e exame de consciência é a de que o primeiro permanece subjetivo e pode encerrar o paciente dentro do seu próprio e apertado ego, como um esquilo numa gaiola. Como disse um psicólogo: "Não podeis ver o que estais procurando, porque permaneceis na vossa própria luz", — estais procurando a vós mesmo, buscando aquela mesma coisa que também busca. Tal processo é bastante semelhante ao de quem tenta observar seu próprio sono. Mas no exame de consciência a gente sai de si mesmo tão depressa quanto é possível, para deixar que a luz de Deus brilhe em nós. É Cristo Quem olha dentro da alma e Quem perscruta a consciência. Por isso a Sagrada Escritura

---

mente, estiveram integradas em funções mais elevadas. De fato, dificilmente se encontra alguma reação em um adulto normal que pudesse ser rotulada de "instintiva". Um instinto nos animais se caracteriza, de acôrdo, por ex., com Bierens van Haan (*Die Instinkte*), como: a) característica da espécie e não do indivíduo; b) imutável ou pelo menos mutável somente dentro dos mais estreitos limites; c) impossível de transformação em outros padrões de conduta; d) servindo a um fim útil, sem que o animal lhe conheça a finalidade. A isto, pode-se acrescentar que a conduta do complexo instintivo é uma realização indivisível, embora apareça ao observador como consistindo em ações parciais, uma seguindo a outra. Considerai a conduta da vespa de areia: cava um burquinho na areia, voa à procura de uma lagarta, deposita sua presa ao lado do buraco, paralisa-a por meio duma bem aplicada picada, coloca-a dentro do buraco, deposita os ovos ali, e fecha o buraco, com alguns grão de areia. Em qualquer fase em que esta ação seja interrompida, o animal a abandona para recomeçá-la de novo, desde a primeira fase. Em outras palavras, para a vespa não há sucessão de atos, mas apenas uma ação indivisível. Comparai isto com a chamada conduta "instintiva" no homem: qualquer ação pode ser interrompida a qualquer momento e retomada no mesmo degrau, tão logo as circunstâncias o permitam. Para o homem há uma verdadeira sucessão de atos parciais. Pareceria que no homem os instintos

está cheia da idéia "Procura minha alma, ó Deus". E quando a Divina Luz olha dentro do pensamento, afasta-o de si mesmo, evitando as muitas misérias que brotam da extrema introspecção.<sup>8</sup> É por isso que Nosso Bendito Senhor nos incita a esquecer nossas condições mentais, quanto tal coisa é possível. "Ninguém que, depois de ter metido sua mão ao arado, olha para trás, está apto para o reino de Deus" (Lucas 9:62). "Segue-me, e deixa que os mortos sepulquem os seus mortos" (Mat. 8:22).

Algumas desordens mentais, porém, recusam ser ignoradas, mesmo depois que a culpa como causa e o exame de consciência como remédio foram aplicados. Muitas doenças mentais que têm base puramente psicológica e nervosa, ou mesmo fisiológica, persistem. Essas, somente um bom psiquiatra pode curá-las. Mas é importante para efetuar uma cura, certificar-se de que êle é um bom psiquiatra. Um sistema de psicanálise que parte da negação da vontade, da responsabilidade humana e da culpa torna seus seguidores incapazes de compreender a natureza humana sôbre a qual operam

---

fôssem apenas uma espécie de motivações, a satisfação dêles apenas uma espécie de alvo a ser visado e não como se êles fôssem determinantes absolutos na conduta. É por isso que quando se estuda a conduta humana deve-se fazê-lo acima do padrão puramente animal e concentrar-se sôbre aquelas duas faculdades, intelecto e vontade, que separam o homem do animal. A análise da consciência é, portanto, a análise mais profunda que se possa fazer do homem.

<sup>8</sup> O cérebro doente torna-se incapaz de comunicar-se com outros e de acôrdo com o grau em que isto ocorra, torna-se envolvido num excesso de subjetivismo. Há que distinguir entre o excessivo subjetivismo do psicopata (como existe na esquizofrenia) e o que exclui simplesmente o homem de comunicar-se e o encerra dentro de si mesmo. Esta forma mais branda existe em muitas formas de perturbações neuroticas. Mas mesmo nestes casos não pode ser afirmado com absoluta certeza que o subjetivismo é uma verdadeira causa da anormalidade mental. É concebível que um homem possa ser arrastado a tal atitude subjetivista pelo temor de alguma ameaça. Ele então ver-se-á

e aumenta, em muitos casos, a própria doença que tentam curar. Almas doentes que até então têm negado a possibilidade do pecado e da culpa deveriam reexaminar suas consciências em vez de seus inconscientes e considerar a possibilidade de que talvez muitas de suas perturbações mentais são devidas a um senso irreconhecido de culpa humana. Há muitas almas entendidas sobre divãs psicanalíticos hoje, que estariam bem melhores se levassem suas consciências a um confessor. Há milhares de pacientes deitados de costas que estariam hoje melhor se se pusessem de joelhos. A própria passividade simbolizada na posição ressupina em um divã é um símbolo da irresponsabilidade do paciente, asseverada pela teoria inteira de Freud. Está em chocante contraste com a humildade do homem que, de

---

em apuros para proteger-se, interessar-se-á por si mesmo e assim se tornará cada vez mais subjetivo na sua atitude. Observam-se tais reações em doenças corporais; a incerteza vital na qual o homem é lançado, quando verifica que seu corpo se enfraquece, torna-o excessivamente interessado por si mesmo.

Sem dúvida, não pode ser negado que tal reação não necessita ocorrer. Se um homem estivesse plenamente consciente da relativa insignificância de sua existência terrestre, em face de seu destino eterno, não se preocuparia tanto e, portanto, não sentiria dever interessar-se apenas por si mesmo. Mas a doença corporal pode enfraquecer tanto um homem, que suas melhores intenções e discernimentos se revelem ineficazes. Se uma pessoa cresce sob a impressão de que realmente ninguém se interessa por ela, que foi muito mal preparada para enfrentar os problemas da realidade, também ela se tornaria insólitamente interessada por si mesma; seu objetivismo, consequentemente, seria mais um efeito do que uma causa de sua anomalia mental. A questão do subjetivismo como uma atitude pela qual a pessoa pode ser tornada responsável, se apresenta somente depois que essa pessoa se tornou ciente da falta dum fundamento para sua aproximação geral da realidade. É um objetivo de tratamento mental ou de reeducação que o neurótico seja capacitado a verificar o fictício de muitas coisas que ele teme e, portanto, a ver que sua excessiva preocupação consigo mesmo é tão desnecessária como desviada.

joelhos, diz não “Oh! que louco tenho sido”, mas “Meu Deus, tende misericórdia de mim que sou um pecador”.

Aquelas almas que negam a possibilidade de sua própria culpa assim o fazem usualmente, porque são demasiado complacentes para consigo mesmas, ou demasiado pretensiosas para encarar os fatos. São “escapistas” que procuram varrer a sua sujeira moral para debaixo de tapêtes freudianos. Em vez de admitir seus pecados como seus mesmos, projetam-nos para cima de outrem. Muitas das perturbações de hoje se formam, porque cada qual está procurando alguém a quem possa censurar pelos seu erros. Alguns dos bodes expiatórios favoritos são uma mãe que amou por demais o pecador, ou um pai que não amou bastante. Para os nazistas, o bode expiatório eram os judeus; para os comunistas são os cristãos; para os freudistas, chama-se muitas vezes uma repressão devida a “totens e tabus”.

Todos os bodes expiatórios são o resultado de esforços para eliminar tudo quanto se refira ao eu mais elevado, e assim atrofiam o senso moral. Põem também a dormir o juízo crítico que deveria ver o ilógico dessa teoria, pois se o inconsciente é a causa dos estados *mentais* anormais e conseqüentes desordens devemos perguntar: “Que é que faz o inconsciente produzir essas psicoses e essas desordens? E se a repressão é a causa, então por que a consciência *quer* reprimir aquilo que está errado?”<sup>9</sup> O psicanalista amoral, recusando ad-

---

<sup>9</sup> Os psicanalistas freudianos respondem que: 1) a consciência não realça, mas é antes o passivo campo de batalha onde o superego se torna vitorioso e consegue expelir o que não tolera; 2) recusa tolerar certas coisas, não porque sejam objetivamente más em qualquer sentido moral, mas porque são contrárias às convenções sociais existentes. Essas convenções são inculcadas na mente da criancinha; formam o superego, que, em virtude de “identificação”, adquire um domínio fatal, sobre o ego e portanto sobre a consciência. A revolta é a ten-

mitir “certo” ou “errado”, tem dificuldade em responder. A explicação, sem dúvida, deve ser encontrada na ordem moral natural, na existência de um *ethos* ao qual todo o homem está sujeito e contra o qual o homem muitas vezes se rebela. Tal ordem moral é universal e tem sido universalmente reconhecida. É difícil encontrar em qualquer literatura a asserção de que a única diferença entre um homem sã e um insano reside no conteúdo de sua inconsciência, mas é bastante fácil encontrar, através das idades, uma distinção traçada entre o que um homem parece ser a seu vizinho e o que êle é realmente em si mesmo, ou entre o que êle é e o que deveria ser. O homem tem de fato dois aspectos, muitas vezes percebidos dos poetas e filósofos. Como Browning disse:

tativa do Id para reafirmar-se contra a tirania do superego. É no ego, é na consciência, que a batalha pela supremacia se trava.

A psicanálise pode admitir que há um *ethos*; mas êste *ethos*, diz ela, será dependente e um produto da situação social existente. Quando a sociedade tomar outra forma, o código moral mudará correspondentemente. Nisto o freudismo corre paralelo com certas teorias sociológicas modernas, como por ex. a de E. Durkheim e sua escola. Durkheim reconheceu o papel e a existência de valores morais e religiosos; mas acreditava que êles se derivavam das estruturas sociais, cada uma das quais exige outro código de acôrdo com sua natureza.

Recentemente, fizeram-se tentativas da parte de alguns freudistas, para integrar seus padrões nos das morais reconhecidas. Edmundo Bergler declara em sua obra *O Divórcio não Ajudará*, que a monogamia é um estado natural, ou um estado que corresponde à natureza humana. O homem não pode deixar de ser basicamente monógamo e se sentirá melhor se se apegar à monogamia, por causa do complexo de Édipo. Os anseios de Édipo, incestuosos de natureza, são recalçados; o superego conserva-os nos porões do inconsciente e, em vez dos anseios primordiais indeterminados e instintivos, o superego estabelece os aprovados pela moralidade, colocando qualquer desvio sob sanção. A esposa é a substituta da mãe e, portanto, insubstituível. Todos os caprichos extraconjugais são tentativas da parte do instinto recalçado para se reafirmar.

Neste raciocínio, dois pormenores merecem consideração. Primeiro, deve ser notado que a idéa de indulgência não inibida, como conducente a uma maior felicidade e um desenvolvimento mais pleno da personalidade, é aqui abandonada. A licenciosidade que tem

“Louvado seja Deus; a mais insignificante das suas criaturas ostenta duas facêtas da alma: uma para encarar o mundo, a outra só à mulher amada se revela.”

Êstes dois lados da natureza humana relacionam-se com anseios por um bem maior do que podemos concretizar em nossa vida diária. Há sempre um ideal a atingir.

A tentativa freudiana de varrer fora nossa consciência moral como versão disfarçada de algo mais, tem sido geralmente repudiada na Europa. Mais recentemente, mesmo na América, está perdendo sua fôrça. Os comediantes estão fazendo dela o alvo de suas pilhérias. Têm aparecido álbuns de caricaturas ridicularizando-a. Quando se pensa a respeito do assunto calmamente, torna-se claro que poucas teorias mais ridículas do que essa têm sido inventadas, teoria que deriva o sentimento de culpa de uma pessoa da inibição de um desejo potencial de matar seu pai e casar com sua mãe (complexo de Édipo) ou matar sua mãe e casar com seu pai (complexo de Electra). Tal teoria não afirma êrro objetivo

seu encaração por alguns psicanalistas (não por Freud), como um meio de evitar os conflitos, já não é mais encorajada. Ou então os psicanalistas estão começando a verificar que há uma coisa tal como uma moralidade objetivamente válida e a tentar dar explicação disto a seu próprio modo ou descobriram que desprezar os preceitos morais, por uma razão ou outra, não dá como resultado uma vida feliz. Em segundo lugar, fazendo uma coisa ou outra, os psicanalistas parecem ignorar que contradizem seus próprios princípios. Uma concepção perfeitamente subjetivista não tem lugar para qualquer espécie de moralidade objetiva. O subjetivismo deve ser relativista, por necessidade. Mas o complexo de Édipo não depende de alguma estrutura social ou forma de civilização particular. Tem de ocorrer em qualquer sociedade, primitiva ou adiantada, totalitária ou democrática, ateuística ou religiosa. De acôrdo com a teoria psicanalítica, êste complexo é um efeito inevitável da natureza do homem, portanto anterior a tôdas as formas sociais. Se se assume esta posição, segue-se necessariamente que há algum princípio imutável e invariável de relações humanas. Tão logo é isto concedido, tôda a noção da relatividade de valores, inclusive os éticos, se torna insustentável.

a respeito de qualquer dos desejos, mas faz somente a afirmativa calva e sem prova de que eu sou feito para sentir a culpabilidade, por causa do meu desejo recalcado de matar o pai ou de matar a mãe.<sup>10</sup>

C. E. M. Joad, comentando esta teoria, escreve:

“A explicação barra a saída de novo, exigido que a questão seja explicada. Por que me sinto culpado agora? Porque nos disseram que eu ou possivelmente meus antepassados remotos desejaram cometer parricídio ou incesto. E então? Então, presumivelmente, eu ou meus remotos antepassados, porque assim desejamos, temos um sentimento de culpa. Ora, ou o parricídio e o incesto eram coisas que eles pensavam que não deviam fazer, ou não eram. Se eram, então a sensação da culpa, que a teoria busca explicar fora, será encontrada ligada àquilo que é invocado como sua explicação. Se não eram, é impossível ver como o processo que leva ao senso da culpa moral pode derivar dum passado remoto, no qual os homens não sentiam, moralmente, do mesmo modo que os sentimentos de temor e reverência não podem derivar de um universo em que nada é sagrado ou temível, ou o sentimento de apreciação estética de um universo no qual nada é belo”.<sup>11</sup>

O Dr. Edmundo Bergler, no seu estudo psiquiátrico *The Battle of the Conscience* (A Batalha da Consciên-

---

<sup>10</sup> A religião é explicada por Freud de um modo similarmente fantástico: “A religião é uma neurose geral compulsiva como a de uma criança e deriva do complexo de Édipo, o parentesco do pai. E se o pecado original foi um pecado contra Deus, o Pai, o mais antigo crime deve ter sido o parricídio, o assassinio do primeiro pai da primitiva horda humana, cujo desenho memorativo foi subseqüentemente transformado em Divindade.”

<sup>11</sup> *God and Evil*, p. 210, Harper & Brothers.

cia) <sup>12</sup> rompe com aquêles que consideram a consciência uma ilusão. “Todos têm uma consciência interior. Esta constantemente sob a influência daquele departamento íntimo da personalidade. O cínico que ridiculariza a consciência esquece-se de que seu próprio cinismo tem sua razão relacionada com sua consciência. A violenta conduta do cínico é a expressão da guerra defensiva contra seu ‘inimigo interno’. Golpeia outros, mas está atingindo a si mesmo.” O velho adágio que diz que uma consciência tranqüila é o melhor travesseiro para se dormir, é hoje confirmado por aquêles que dormem — ou passam noites sem dormir — sôbre o duro travesseiro do materialismo. Desde que esta filosofia nega a própria possibilidade de culpa, fecha-lhes as possibilidades de cura.

Silencia-se a voz da consciência de quatro modos: matando-a, negando-a, abafando-a ou fugindo dela. Nietzsche é o inspirador daqueles que matam a consciência. Este filósofo advoga francamente o pecado, até o ponto em que a consciência se perde completamente e não há mais distinção entre o bem e o mal. Como disse um antigo poeta:

“Por que férias não dar à consciência,  
 Como aos outros humanos tribunais?  
 O poder de adiar uma audiência  
 E de ultrapassar prazos fatais?” <sup>13</sup>

Nietzsche solicita o que êle chama uma “transvalia de valores”, a qual faz do bem mal e do mal bem. Se tal abuso é continuado bastante tempo, a consciência pode ser morta. Quando alguém vai trabalhar numa fábrica a vapor, o barulho é ensurdecedor nos primeiros poucos meses. Depois, isto não é mais ouvido. Da mesma

<sup>12</sup> Washington Institute of Medicine.

<sup>13</sup> Samuel Butler, *Hudibras*.

maneira, a consciência pode ser submergida de modo que não a notamos mais, até as derradeiras horas desperadoras da vida, quando ela ressurge.

Outro modo de escapar à consciência é negá-la.

“Não deixemos que nossa alma atemorizem  
Sonhos falazes; para os fortes conservar  
Em temor, inventou-se outrora essa palavra  
Consciência, que vis covardes utilizam.”<sup>14</sup>

Esta fuga toma geralmente a forma de uma racionalização, por meio da qual há um ajustamento de nossa consciência ao modo em que vivemos. Negando qualquer derradeira norma fora de si mesmo, pode-se escapar a toda autocensura e atravessar a vida numa perpétua missão de manter as aparências. O marxismo é uma forma de negação da consciência, porque atribui nosso sentimento de tensão íntima às condições econômicas. Outras ideologias ligam sua existência à influência do rebanho. Tais filosofias todas afirmam que o homem é extradeterminado e não interdeterminado. Negam que o homem seja livre e no entanto habitualmente exigem para cada homem um direito de escolher livremente suas próprias opiniões.

A terceira fuga é pelo “afogamento” da consciência.

“Ó consciência, a que abismo me levates  
De terrores e medo; sem saída.  
Nêle vou me afundando mais e mais.”<sup>15</sup>

Quando se comprova que se vendem por dia nos Estados Unidos 6 milhões de doses de comprimidos para insônia e que o consumo do álcool *per capita* foi recentemente estimado em mais de 50 dólares por homem,

---

<sup>14</sup> William Shakespeare, *Richard III*.

<sup>15</sup> John Milton, *Paraíso Perdido*.

mulher ou criança; quando se conta por 700.000 o número de alcoólatras confirmados e por 3 milhões de casos fronteiriços, há nisso na verdade um forte indício de que muita gente há na nossa população preocupada em tentar afogar todo o senso de sua própria responsabilidade, de sua liberdade e da carga da escolha.

Não para desprezar é o quarto método de evasão — a fuga da consciência. Este motivo é também aparente entre os que se dão às drogas e os alcoólatras. Perderam a capacidade de suportar o que quer que seja de desagradável.

“É o vício monstro tal, de fera catadura  
Que sòmente de vê-lo a ira logo se apura;  
Mas que freqüentemente o rosto lhe fitamos,  
Temos dó, compaixão e depois o abraçamos.”<sup>16</sup>

Fugitivos das exigências da consciência desanimaram diante do esforço de tomar qualquer decisão ou de superar a sua condição. Encarar dificuldades implica coisas demasiado desagradáveis. Sua inquietação já foi chamada de “idolatria do conforto”. É uma queixa comum. O homem de hoje sente que a vida deveria correr suavemente, que nada deveria incomodá-lo, que tudo deveria funcionar tão perfeitamente, como as máquinas de que gosta de cercar-se e das quais depende. Sòmente na certeza de recompensas especiais aceitará de boa vontade um trabalho pesado. Muitas pessoas são ainda capazes de suportar certa quantidade de incômodos por coisas que acreditam mereçam êsse incômodo. Farão grandes esforços para garantir-se uma renda mais elevada ou prestígio social. Mas há entre nós alguns outros que não podem suportar nem mesmo os pequenos e inevitáveis sofrimentos da vida cotidiana. Buscam libertar-se dessas coisas pelo álcool, ou por meio de

<sup>16</sup> Alexander Pope, *Essay on Man*.

qualquer das outras fugas à responsabilidade. Nessa tentativa de fuga a todo esforço justificam o conceito do Livro do Gênesis de que o trabalho é um castigo que o homem não pode aceitar com prazer.

Poder-se-ia mostrar que tôdas as quatro formas de repressão da culpa humana produzem seus efeitos sôbre o inconsciente e sôbre o corpo humano. Qualquer negação da consciência como a voz de Deus pode ser momentâneamente eficaz, mas um dia virá em que a consciência enganada voltar-se-á desperta e tornando seus sonhos um veneno e sua treva um pesadelo. Quando a noite dá desafôgo à nossa visão interior, a consciência culpada permanece desperta, temerosa de ser conhecida em tôda a sua feiúra. Não há nada que tanto desperte o mêdo doentio como um culpa oculta.

Este mêdo se evidencia de muitos modos: quando uma pessoa não está direita por dentro, nada pode haver de direito nas suas atividades exteriores. Projetará em outros seu próprio descontentamento. O que deveria ter sido uma autocrítica não revelada expressar-se-á em críticas e exigências contraditórias. Se tal homem é rico, pode tentar obter compensação — talvez por causa de bens mal adquiridos — esposando uma causa comunista, ou fundando jornais esquerdistas. Se faz parte dos intelectuais (o que significa que foi educado muito além de sua inteligência), tentará aliviar sua consciência por um pretenso interesse pela justiça social ou zombando da religião. O homem culpado procura ajustar-se a seu ambiente, embora saiba que a causa de sua perturbação é o desajustamento consigo mesmo. (Pode estar bastante errado isto de procurarem as pessoas ajustar-se ao seu ambiente, enquanto não estejam certas de que êsse ambiente é o que lhes convém perfeitamente.) Tal alma consome-se até a morte, enquanto corre dum psicanalista a outro, lutando com o problema do eu doente. A despeito dêsses esforços apa-

rentes para encontrar uma cura, está fugindo à verdade a respeito de si mesmo, como um homem pode ter medo de abrir suas cartas julgando-as memorandos de suas contas não pagas.

Psicólogos profundos revelam que certas emoções têm repercussões sobre a natureza física do homem, como a medicina psicossomática testemunha. Assim poderiam também mostrar que as repressões imorais da consciência podem ter efeitos ainda mais sérios. Não somente destroem o caráter, mas criam também desordens no pensamento inconsciente. Assim como o galo cantou, quando Pedro negou Nosso Senhor, da mesma forma a natureza se levanta revoltada contra nós, quando praticamos um erro. Um médico tratando 100 casos de artrite e colite descobriu que 68 por cento dos pacientes sofriam um sentimento oculto de culpa. Há um caso registrado na Inglaterra de uma mãe cujo leite envenenou seu filhinho, por causa dum intenso ódio que votava a seu marido: o estado espiritual doentio de sua alma havia prejudicado não só seu próprio espírito mas o corpo de seu filho.

Em uma das histórias do Evangelho, quando um paralítico foi descido pelo teto, Nosso Bendito Senhor lhe disse: "Teus pecados estão perdoados." Aconteceu estarem presentes numerosos escapistas que riam diante da culpa e da ordem moral, e escarneceram dessa importância dada publicamente a pecados. Nosso Bendito Senhor encolerizou-se contra eles e disse: "Que é mais fácil dizer: "Teus pecados te são perdoados" ou "Levanta-te e caminha?" (Mat. 9:5). E o homem imediatamente caminhou. Mas notai a ordem: *primeiro* os pecados do homem foram perdoados e *depois* pôde ele erguer-se. Considerável testemunho médico agora existe para provar que memórias tintas de culpa podem aumentar a probabilidade de fraturas que os pacientes depois atribuem à sua "má sorte". Os "propensos a aci-

dentes” estão sempre quebrando pratos e braços, perdendo coisas, caindo de escadas, mas êstes acidentes são menos “acidentais” do que parecem — podem ser secretos esforços para escapar às exigências do dever, podem ser uma autopunição disfarçada. A luz disto, é concebível que uma pessoa possa mesmo suicidar-se, como uma forma de “autopunição” por uma culpa que cometeu. A autodestruição torna-se um caso extremo da atitude que incita um homem a dizer: “Merecia bater em mim mesmo por fazer isto.” Alguns suicídios são claramente expressões de tais impulsos subconscientes.

Uma consciência desprezada pode vingar-se por vários caminhos tortuosos. Há muitos homens que sofrem de desordens físicas, achando difícil manter relações normais uns com os outros, nervosos e descontrolados em casa e no escritório, simplesmente porque têm uma culpa reprimida. Ou esta não foi trazida à superfície de modo algum, ou tiveram-na êles explicada por aquêles charlatães sem ciência que não vêem na natureza do homem nenhuma diferença ou transcendência sôbre a de uma barata. Mas não há escapatória à lei da natureza humana. Como é lembrado na Escritura: “Vossos pecados vos descobrirão.” Justamente como uma recusa ao estudo na meninice produz uma ignorância que nos é revelada na vida madura, quando nos descobrimos incapazes de lutar contra a existência econômica, assim também aquêles pecados que nós pensamos que não têm importância, que pusemos de parte pelo raciocínio, ou negamos, ou jogamos dentro do nosso inconsciente, far-se-ão de certo modo sentir em seus efeitos sôbre nossa saúde, nossa atitude de pensamento e nossa visão geral da vida. O pecado reside primariamente na alma, mas secundariamente reside em cada nervo, em cada célula e em cada fibra do nosso ser e em cada canto do nosso cérebro. Numerosos indivíduos que vivem em casamentos inválidos não estão gozando o aspecto físico de seu casamen-

to simplesmente porque têm de viver com consciências que não lhes darão nem mesmo o descanso de seu corpo. Isto é particularmente verdade a respeito daqueles que tiveram outrora fé e a perderam. Depois de morto o primeiro ardor da excitação do namôro, a consciência começa a reafirmar-se. Descubrem que não se entregaram completamente um ao outro, porque não estão de posse de si mesmos, uma vez que cometeram uma clara e consciente violação de sua amizade com o Pai Celestial.

Há muitos homens que cumprem seus deveres à luz do dia com uma aparente paz de espírito, mas que, à noite, por causa dum não reconhecido sentimento de culpa, sentem aquêles tormentos que os tornam, como ateus, medrosos do escuro. Como um homem pode ter uma mente limpa e um pensamento ativo, mas também pode ter uma doença do cérebro que mais tarde se revelará, da mesma maneira muito homem pode aparentar retidão e espírito nobre, generosidade e tolerância, embora vá sendo gradualmente devorado interiormente por uma culpa oculta. Por isso é que os homens espiritualistas de outrora exclamavam: "Limpa-me de minhas faltas ocultas, ó Senhor."

Como poderemos evitar êstes modernos sofrimentos que brotam da culpa oculta? Muitos dêles cederiam a um exame de consciência à noite.

Não há negar que a análise do inconsciente é muito mais popular do que um exame de consciência. Como substituto, parece muito mais atraente no princípio. Ninguém faz questão de examinar seu inconsciente ou mesmo de deixá-lo ser examinado; mas quem é que não se incomoda com examinar sua própria consciência ou deixá-la ser examinada? Um escapista não tem coração, nervo ou estômago para encarar sua própria consciência, pois ao longo de cada um dêles existem três poços que produzem três reflexões diferentes. Olha-

mos para dentro de um poço e ficamos satisfeitos conosco, porque neste poço nos vemos como somos aos nossos próprios olhos. No segundo poço, nos vemos como nosso próximo nos vê. Mas no terceiro poço nos vemos como Deus nos vê, isto é, como realmente somos. É a esse terceiro poço que o exame de consciência nos leva ao findar de cada dia. Da mesma maneira que um homem de negócios ao fim do dia retira de sua caixa registradora a relação de dívidas e créditos, assim também ao fim de cada dia, cada alma deveria examinar sua consciência, não fazendo de si mesma modelo, mas vendo-a como aparece à luz de Deus, seu Criador e seu Juiz.

O exame de consciência traz à superfície as faltas ocultas do dia. Busca descobrir as cizânias que estão sufocando a seara da graça de Deus e destruindo a paz da alma. Diz respeito a pensamentos, palavras e obras, a pecados de omissão e a pecados de comissão. Por omissão queremos dizer o bem que não é praticado, o deixar-se sem auxílio o próximo necessitado, a recusa de oferecer uma palavra de consôlo àqueles que estão sobrecarregados de tristeza. Os pecados de comissão implicam observações maliciosas, mentiras, atos de desonestidade e aquêles sete pecados que são os sete carregadores do entêrro da alma: a soberba, o amor desordenado do dinheiro, as relações sexuais ilícitas, o ódio, a extrema complacência, a inveja, a preguiça. Em acréscimo a tudo isto, há o exame para aquilo que os escritores místicos chamam nosso "pensamento predominante". Cada pessoa no mundo tem um pecado que comete mais do que os outros. Os diretores espirituais dizem que se riscássemos um grande pecado durante um ano, dentro de pouco tempo seríamos perfeitos.

Pelo fato de relacionar-se com a culpa, como uma ofensa contra o amor a Deus ou ao próximo, o exame de consciência é completamente distinto das tentativas de

cura das formas patológicas de culpa, que obcecaram alguns espíritos conturbados. Aquela nunca poderá ser obliterada por qualquer forma de análise ou psiquiatria; estas últimas podem ser incluídas naquele campo e podem igualmente pertencer ao domínio espiritual. Daí, devermos distinguir entre culpa, no sentido estrito do termo e culpa no sentido lato do termo. O sentimento de culpa implica sempre o conhecimento de ter deixado de cumprir algum dever: as diferenças nas duas formas de culpa surgem dos deveres reconhecidos pelo indivíduo. A culpa, no sentido lato do termo, não necessita de ser relacionada a uma falta de obediência às leis morais; leis infringidas ou tarefas não realizadas podem ser de outra espécie e ainda causar-nos remorsos. Se um homem estabelece para si mesmo um alto padrão para todas as suas realizações e, por sua própria culpa ou por causa de circunstâncias adversas, deixa de viver segundo êle, pode sentir-se culpado. Na verdade, um homem pode sentir-se culpado porque não deu a resposta certa num programa de perguntas; um cavalheiro pode sentir-se culpado porque fere a reputação da família; um cavaleiro medieval sentia-se culpado porque tinha deixado de observar o código de *noblesse oblige*. Contudo em nenhum desses casos estava o pecado necessariamente envolvido.

Há um sentimento de culpa que se prende ao orgulho. Algumas pessoas, porque não vivem de conformidade com suas próprias expectativas, sentem-se culpadas. É difícil saber se êste fator desempenha determinado papel no desenvolvimento da melancolia, com seu excessivo sentimento de culpa. Pierre Janet pensava que cada ataque de melancolia patológica era precedido por uma experiência de derrota. Acrescentou, porém, que tais disposições de ânimo podem ter longo período de incubação e que a experiência de abandono pode ter ocorrido vários meses antes de haver-se a depressão me-

lancólica desenvolvido. Em casos em que os sentimentos de culpa parecem ser infundados, uma pesquisa mais indagadora no passado da pessoa aflita muitas vezes revela que há, na verdade, uma boa razão para que ela tenha uma má consciência. Não é preciso regredir a uma meninice remota ou postular uma situação edipiana para descobrir isto. Todo homem praticou coisas que preferiria nunca ter praticado. Nietzsche, bem antes de Freud, observou: "Fizeste isto", diz a memória. "Não posso ter feito isto", diz o orgulho. E a memória dá-se por vencida."

Alguns psicanalistas afirmam que o simples rastrear retrospectivo do sentimento de culpa até as raízes instintivas do inconsciente libertará o paciente deste sentimento. Quando não se segue este efeito, diz-se ao paciente que o que quer que ele tenha trazido a lume até agora não é a memória exata — o "trauma" — e que pode não encontrá-la, a menos que retrograde às suas verdadeiramente primeiras experiências. Seu sentimento de culpa é aplicado como o efeito de forças inconscientes apagando toda ação que ele pode preferir não se lembrar de ter feito. Mas isto equivale a dizer que o sentimento de culpa do paciente despertou em um período de sua vida em que não somos responsáveis: na infância. Seria esta uma crença confortadora se não violasse a experiência humana universal de que a culpa e a liberdade são inseparáveis; somente seres livres podem pecar. Somente o homem pode escolher entre obedecer ou desafiar as leis de sua natureza. O gelo nunca peca por se derreter, nem o fogo comete falta por apagar-se.

Esta relegação de nossos erros para a nossa meninice irresponsável é um exemplo a mais do meio curioso e prejudicial de pensar, comum à moderna psicologia com base freudiana. Não pode encarar o fato de que o homem possa ter um sentimento de culpa, porque se

reconhece culpado de haver feito algo mau. O freudista não considerará nem mesmo a possibilidade de que o sentimento de culpa possa desaparecer, uma vez que suas raízes verdadeiras (e não o seu “inconsciente”) sejam reveladas, contanto que a pessoa culpada expie e torne em bem o mal que havia feito. Tal psicanalista não considerará esta possibilidade, porque está convencido de que somente a pesquisa do inconsciente pode acarretar melhora — o que significa, para êle, fazer desaparecer o “sintoma”. Tal psicanalista não está, naturalmente, em condições de sentenciar sobre a eficácia ou não eficácia da confissão e da penitência.

O freudista por vêzes argumenta que a confissão não faz bem em curar complexos, quer se originem êles de uma ofensa contra a lei moral ou não. Usualmente define erradamente a confissão como um simples “desabafo”. Esquece-se de que a confissão implica reparação. O dinheiro roubado deve ser restituído. O equilíbrio da justiça deve ser restaurado. Quando a culpa deriva de um pecado verdadeiro, há um poder curativo neste desandar de passos falsos. Na prática, vê-se muitas vêzes um mórbido sentimento de culpa desaparecer quando sua causa real — o maldizer — é reconhecida primeiro por nós mesmos, depois admitida perante outrem e finalmente compensada por uma adequada expiação. Mesmo pôsto de parte o caráter sacramental da confissão, há o conforto psicológico em “fazer penitência”, de modo que o mal praticado no passado possa ser compensado por algum bem feito agora. (Por esta razão, poderia ser bom para a Igreja restaurar algumas das rigorosas penitências impostas aos penitentes na sua história primeva.)

Os sentimentos de culpa têm, muitas vêzes, uma causa razoável e profunda nas recordações que o homem sente de um êrro não admitido. Aqui uma prestação distinção feita pelos Escolásticos deve ser relembra-

da. Há duas espécies de mal: *malum culpae*, ato executado com liberdade, responsabilidade e repúdio de Deus; e *malum poenae*, que é algo que acontece a nós fora de nossa deliberada escolha — algo como uma dor no pescoço. Uma é um mal moral; a outra um mal físico ou mental. O Sacramento da Penitência só tem que ver com a primeira; a psiquiatria, pròpriamente, lida com os males mentais resultantes originalmente de causas não morais.

As vêzes há repercussões mentais ou físicas por causa do pecado; *nestes casos*, devia haver paz de *alma* antes de poder haver paz de *espírito*. As duas não são a mesma coisa: a paz da alma implica tranqüilidade de ordem, com coisas materiais ordenadas ao corpo, o corpo à alma, a pessoa ao próximo e a Deus. Paz de espírito é tranqüilidade subjetiva — uma coisa mais limitada. Requer-se grande esforço moral para atingir a paz de alma, mas mesmo aquêles que são indiferentes ao bem e ao mal, muitas vêzes logram realizar a paz de espírito (o que as Escrituras chamam de “falsa paz”). Por outro lado, pode ser que as desordens mentais impeçam o progresso moral e espiritual. Neste caso um profundo exame psiquiátrico é preciso preliminarmente para o auxílio esclarecedor ao padre. O psiquiatra profundo e o diretor espiritual podem contribuir, mütuamente, em auxílio um do outro. Isto é tão óbvio que desenvolvê-lo seria vão como criar uma sociedade de admiração mütua. Mas nosso primeiro interesse aqui é mostrar a diferença entre culpa e doença, protestar contra a redução de uma a outra e indicar algumas vantagens do auto-exame em casos em que êle é exigido.

Tôda pessoa tem um cantinho no coração aonde nunca quer que alguém se aventure, mesmo com uma vela. É por isso que podemos iludir-nos a nós mesmos e que nossos vizinhos nos conhecem melhor do que nos conhecemos. O exame do inconsciente, se usado como

substituto do exame da consciência, somente intensifica esta ilusão. Nós muitas vezes nos justificamos dizendo que *estamos* seguindo nossas consciências, quando estamos apenas seguindo nossos desejos. Acomodamos um credo ao modo em que vivemos, em vez de acomodarmos o modo em que vivemos a um credo; ajustamos a religião a nossas ações, em vez de ajustarmos as ações à religião. Tentamos conservar a religião numa base especulativa a fim de evitar censuras morais a nossa conduta. Sentamo-nos ao piano da vida e insistimos que cada nota que tocamos está certa... porque a tocamos. Justificamos falta de fé dizendo: "Não vou à Igreja, mas sou melhor que aqueles que ali vão", como se se pudesse dizer: "Não pago impostos, nem sirvo à nação, mas sou melhor do que aqueles que o fazem." Se cada homem é seu próprio juiz e modelo, então quem haverá de dizer que ele está errado?

Não somente o exame de consciência nos curará de tal auto-engano, mas também nos curará da depressão. A depressão se origina, não do fato de ter culpas, mas da recusa em enfrentá-las. Há dezenas de milhares de pessoas hoje sofrendo de temores que, na realidade, nada são senão os efeitos de pecados ocultos. A consciência depravada é sempre uma consciência medrosa. As maiores conturbações nos vêm de nosso fracasso no encarar a realidade. (É por isso que uma dor que está presente é mais suportável do que uma preocupação igual que ainda está para vir.) A morbidez aumenta com a negação da culpa, com a sua modificação ou a ocultação da parte ulcerada.<sup>17</sup> Donde vem a depressão

---

<sup>17</sup> A psicanálise freudiana acredita que certas idéias ou emoções são conduzidas ao inconsciente e "proibidas" pelo superego de se mostrarem. Toda experiência penosa deve seu caráter à frustração de algum anseio veemente instintivo, relegado ao inconsciente por ter sido pôsto sob sanção pela sociedade e pelo superego. Assim a psicanálise freudiana pode facilmente explicar que certas experiências

da autopiedade, senão de uma total indiferença pelos interesses de outros, o que é um pecado? Um soldado num campo de batalha não oculta a ferida se ama a sua causa, e a alma que pode lançar sua ansiedade e sua angústia sobre um Deus todo amor está dessa forma a salvo da autopiedade. Muitas almas são como pessoas com furúnculos, que poderiam ser curadas lanceando-os, o que permitiria ao pus sair. Seus pecados supressos dão origem a esta forma de tristeza.<sup>18</sup> Nunca houve na história da Igreja um santo que não fôsse alegre: tem havido muitos santos que foram grandes pecadores, como Agostinho, mas nunca houve santos tristes. Isto é compreensível: talvez não pudesse haver uma coisa na vida mais deprimente do que o conhe-

---

(principalmente as que causam dor ou um sentimento de culpa) são reprimidas e conservadas fora da consciência pelo "censor". Se, porém, não é aceito o sistema freudiano (e neste ponto ele não ajuda), então torna-se discutível se os atos maus "esquecidos" são verdadeiramente inconscientes. Muitas pessoas admitirão que não ignoravam coisas que ostensivamente tinham esquecido. Talvez se devesse considerar outro mecanismo na mente além do da repressão. Há uma tendência no homem para desunir certos acontecimentos, lembranças e fases da vida do restante, o que é facilmente reproduzido na consciência. O homem se desvia de algo que conhece, tenta "esquecer-se disso" e depois de certo tempo se torna aparentemente esquecido disso. Mas, na verdade, apenas adquiriu o hábito de evitar certos caminhos de pensamento, justamente como os que foram roubados podem banir todas as coisas que lhe recordem a perda. Sentem que melhor será para eles quanto menos oportunidades houver de ser recordado. Assim também a mente bane certos pormenores que poderiam, se despertados, levar a recordações em que não se quer pensar. Mas isto não é o que Freud concebe como o inconsciente.

<sup>18</sup> Há outras formas de melancolia, por ex., a melancolia "sintomática" ou depressão, que ocorre não poucas vezes nas doenças orgânicas mentais (processos senis, parésia progressiva, epilepsia); há também estados melancólicos, dependem de outros fatores corporais (melancolia involuntária nas mulheres). Pode ser verdade que fatores mentais, tais como a consciência da culpa, não sejam determinantes da melancolia, no sentido estritamente psicológico do termo.

cimento que se tem de que se foi culpado dum grave pecado sem a sorte de que gozam os cristãos de recommençar de novo do ponto de partida. São Paulo sábiamente distingue entre a tristeza da culpa que conhece a Redenção e depressão daqueles que negam tanto a sua culpa como a possibilidade do perdão. "Porque a tristeza que é segundo Deus produz uma penitência estável para a salvação; mas a tristeza do século produz a morte" (2.<sup>a</sup> Cor. 7:10). "Pois sabeis que, desejando êle ainda depois herdar a bênção, foi rejeitado, porque não lhe foi possível fazer com que mudasse de resolução, pôsto que lhe pedisse com lágrimas" (Hebreus, 12:17). O exame de consciência não somente alivia nossa tristeza, não somente nos dá segunda oportunidade quando perdoados, mas nos restaura no Amor.

No exame de consciência uma pessoa se concentra menos no seu próprio pecado do que na Misericórdia de Deus — como o ferido se concentra menos nas suas feridas do que no poder do médico que ata e cura as feridas. O exame de consciência não desenvolve complexo porque é feito à luz do justiça de Deus. O eu não é o modelo, nem a fonte de esperança. Tôdo a fragilidade humana e tôda a humana fraqueza são vistas à irradiação da infinita bondade de Deus e nem uma vez sequer é uma falta separada do conhecimento da Divina Misericórdia. O exame de consciência retrata o pecado, não como a violação da lei, mas como a ruptura de uma relação. Gera tristeza, não porque um código foi violado, mas porque o amor foi ferido. Assim como a despenha vazia leva a dona da casa à padaria, da mesma forma a alma vazia é levada ao Pão da Vida.

Nem é tampouco o exame de consciência uma concentração sôbre a própria consciência desordenada de alguém, à moda de um místico oriental que contempla o próprio umbigo. A introspecção excessiva leva à imobilidade e à morbidez. Nenhum espírito ou alma são

mais desamparados do que aquêles que dizem que “resolverão a questão sòzinhos”. A alma cristã sabe que necessita do Auxílio Divino e por isso volta-se para Aquêles Que nos ama, mesmo enquanto ainda somos pecadores. O exame de consciência, em vez de induzir à morbidez, torna-se por êsse meio uma ocasião de alegria. Há dois caminhos para conhecer quão bondoso e quão amoroso é Deus. Um é o de nunca perdê-Lo, por meio da preservação da inocência, e o outro é o de encontrá-Lo depois de O havermos perdido.

O arrependimento não é olhar para si mesmo, mas olhar para Deus. Não é autocensura, mas amor a Deus. O cristianismo nos manda que nos aceitemos tais como realmente somos, com tôdas as nossas faltas, nossas quedas e nossos pecados. Em tôdas as outras religiões, a gente tem que ser bom para chegar a Deus. No cristianismo, não. O cristianismo pode ser descrito como uma “reunião venha-come-está”. Manda que paremos de nos preocupar conosco, de nos concentrar em nossas faltas e em nossas quedas e confiá-las ao Salvador com um firme propósito de emenda. O exame de consciência nunca induz desespêro, mas esperança. Alguns psicólogos, pelo próprio uso de seu método, têm levado a paz mental a indivíduos, mas sòmente porque descobriram uma válvula de segurança da pressão mental. Deixaram sair o vapor, mas não repararam a caldeira. É esta a tarefa da Igreja.

Pelo fato de ser o exame de consciência feito à luz do amor de Deus, começa com uma oração ao Espírito Santo para iluminar a nossa mente. Uma alma age então para com o Espírito de Deus como para com um relojoeiro que acertará nosso relógio. Pomos um relógio em suas mãos porque sabemos que êle não o forçará, e pomos nossas almas nas mãos de Deus porque sabemos que, se Êle as inspecionar regularmente, trabalharão como deveriam trabalhar.

É verdade que, quanto mais perto estamos de Deus, mais vemos nossos defeitos. Uma pintura revela poucos defeitos à luz duma vela, mas a luz do sol pode revelar que não passa de uma borradela. Os verdadeiramente bons nunca acreditam que são bastantes bons, porque estão se julgando em vista do Ideal. Em perfeita inocência tôda alma, como os Apóstolos na Última Ceia, exclama: "Porventura sou eu Senhor?" (Mat. 26:22).

O exame de consciência é antes de tudo uma concentração sôbre a bondade e o amor de Deus. Tôda alma que se examina a si mesma olha para um Crucifixo e vê uma relação pessoal entre si mesma e Nosso Divino Senhor. Adimite que a Coroa de Espinhos teria sido menos perfurante se ela houvesse sido menos orgulhosa e vã, e que se houvesse sido menos ligeira em despenhar-se pelos atalhos do pecado os Divinos Pés teriam sido menos perfurados pelos cravos; se houvesse sido menos avarenta, as mãos não teriam sido tão fundamentalmente pregadas pelo aço, e se houvesse sido menos carnal o Salvador não teria sido despojado de Suas vestes.

Essa figura sôbre a Cruz não é um agente da MVD ou um inquisidor da Gestapo, mas um Médico Divino, Que sòmente pede que levemos a **Ele** nossas feridas, a fim de que as possa curar. Se nossos pecados forem escarlates, ficarão brancos como a neve, e se forem vermelhos como carmesim, ficarão brancos como a lã. Não foi **Ele** Quem nos disse: "Digo-vos que do mesmo modo haverá maior júbilo no céu por um pecador que fizer penitência, do que por noventa e nove justos que não têm necessidade de penitência"? (Lucas 15:7). Na história do pródigo, não descreveu **Ele** o Pai como dizendo: "Comamos e banqueteemo-nos: porque êste meu filho estava morto e reviveu, tinha-se perdido e foi encontrado"? (Lucas 15:23, 24).

Por que há mais alegria no céu pelo pecador arrependido do que pelo homem reto? Porque a atitude de Deus não é julgamento mas *amor*. No julgamento, não se sente a gente tão jubiloso depois de cometer o mal como antes; mas no amor, há alegria porque o perigo e a preocupação de perder aquela alma já passou. O que está doente é mais amado do que aquele que está são, porque *necessita* mais. Alguns fingirão doença para solicitar amor e pretextarão feridas para que o amado possa curá-las.

Aquêles que negam a culpa e o pecado são como os fariseus de outrora que pensavam que Nosso Salvador tinha um "complexo de culpa", porque os acusou de serem sepulcros caiados, limpos por fora, e por dentro cheios de ossos dos cadáveres. Aquêles que admitem que são culpados assemelham-se aos pecadores publicanos de quem disse Nosso Senhor: "Na verdade vos digo que os publicanos e as meretrizes vos levarão a dianteira no reino de Deus" (Mat. 21:31). Aquêles que pensam que são saudáveis, mas têm um câncer moral oculto, são incuráveis; os doentes que querem ser curados têm uma oportunidade. Tôda negação de culpa mantém as pessoas fora da área do amor e, pelo fato de as induzir a se crerem direitas, impede uma cura.

Os dois fatos de cura na ordem física são êstes: um médico não pode curar-nos a menos que nos entreguemos a suas mãos, e não nos entregaremos a suas mãos a menos que saibamos que estamos doentes. Da mesma maneira, a certeza que tem do pecado um pecador é um requisito para sua cura; o outro requisito é seu anseio por Deus. Quando ansiamos por Deus, assim agimos, não como pecadores, mas como amantes.

É verdade que, depois de nosso exame de consciência, descobrimos que somos indignos do amor, mas é pre-

cisamente isto que nos faz querer Deus, porque Ele é o Único Que ama o indigno de amor. “Quem queres descobrir que ame um ignóbil como tu, senão Eu, senão Eu sòmente?”<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> Francis Thompson, *The Hound of Heaven*.

## CAPÍTULO VII

### PSICANÁLISE E CONFISSÃO

Há algumas décadas ninguém acreditava na confissão dos pecados, a não ser a Igreja. Hoje tóda a gente acredita na confissão, com esta diferença: alguns acreditam na confissão de seus próprios pecados; outros acreditam na confissão dos pecados alheios. A popularidade da psicanálise já quase convenceu a todos da necessidade de alguma espécie de confissão para a paz do espírito. Este é um outro exemplo de como o mundo, que lançou as verdades cristãs à cesta de papéis no século XIX, está tirando-as para fora, em forma isolada e secular, no século XX, enquanto se ilude acreditando que fêz uma grande descoberta. O mundo descobriu que não poderia continuar mais sem algum alívio para sua infelicidade interior. Uma vez que havia rejeitado a confissão e negado tanto Deus como a culpa, tinha de descobrir um substituto.

Nosso objetivo particular aqui, como de costume, *não é nem a psiquiatria, nem o método psicanalítico, ambos os quais são válidos nas suas esferas.* Limitamos a discussão somente àquele simples grupo psicanalítico que afirma coisas como estas: o homem é um animal; não há responsabilidade pessoal e portanto não há culpa; o método psicanalítico é um substituto da confissão.

Comecemos de maneira positiva: o Sacramento da Penitência, ou Confissão, foi instituído pelo Nosso Divino Senhor e satisfaz as mais profundas aspirações da

alma humana. A experiência revela estas três aspirações: Quando um homem age mal, quer confessar isto. Porque sabe que isto foi um mal, não o dirá a qualquer um que encontre, mas somente a algum representante da ordem moral, pois o que busca é perdão. E, para regressar à trilha certa, o homem deseja algum ideal mais alto do que êle próprio, ou mesmo do que o seu companheiro, algum modelo infalível e absoluto, com um interlocutor desejoso de ajudá-lo a atingir aquêle ideal.

1. CONFISSÃO. Nenhum ser humano se sente satisfeito com a intranqüilidade no coração, a inflamá-lo e ulcerá-lo. A natureza inteira fala a favor do alívio e a consciência alega as suas reclamações. Uma substância estranha, que o estômago não pode assimilar, nêle penetra. O estômago se revolta e vomita fora a causa do distúrbio. Um argueiro cai no ôlho e, entre dores e lágrimas, o ôlho exige que o cisco seja removido. A consciência não é diferente: todo pecado busca alívio.

A consciência de algo errado — de um pecado clamando para ser expelido — pode ser recalçada e muitos homens e mulheres usam de tal ocultação para escapar à autocensura. Quer do ponto de vista psicológico, quer do ponto de vista espiritual, esta repressão é bastante perigosa, afetando a saúde tanto do corpo como do espírito. Alguns tentam escapar às suas consciências inquietas pela negação de sua culpa particular, enquanto outros acreditam que, se se abandonarem ao mal e esquecerem todos os totens e tabus morais, alcançarão satisfação. Mas estão grosseiramente enganados: nada em todo o domínio da psicologia é mais destrutivo da personalidade do que a noção de que as proibições morais *causam* recalques doentios, por impedirem a soltura de instintos animais e necessidades primitivas. Os impulsos destrutivos é que *devem* ser re-

calcados e não o conhecimento de nossas faltas. Os indivíduos que inverteram esta regra saudável têm invariavelmente agravado muitas vezes mais o seu anterior estado nervoso. De fato, a supressão do eu ético para permitir a tolerância sem freios do eu animal é uma das principais causas das desordens mentais no homem moderno. A repressão difundida da culpa (em vez da justa repressão da cólera, do ódio e da luxúria) tem tido tão sérias conseqüências que o mundo moderno chegou finalmente a perceber a necessidade de declarar ou confessar algumas das causas ocultas dos casos de distúrbios mentais.

A Igreja se opõe à repressão em todos os níveis. Sempre tem dito: "Confessai vossos pecados: dizei-os, libertai-vos deles; contai-os francamente." A psicologia moderna verificou afinal a sabedoria da doutrina cristã e agora diz: "Não reprimais vossos complexos. A repressão do conteúdo da mente é má." A própria repressão de uma desordem física é perigosa para o corpo, como a repressão de uma desordem moral é perigosa para a alma. Se um pedaço de vidro entra na mão, a mão primeiro tentará expeli-lo, sangrando; quando não se pode livrar do vidro, então passa a cercar o vidro de tecido fibroso para evitar que êle prejudique o resto do corpo.<sup>1</sup> Quando o médico mais tarde opera e retira o pedaço de vidro para evitar a infecção, está fazendo o que a natureza primeiro tentou, isto é, evitando a re-

---

<sup>1</sup> No primeiro período da psicanálise, quando as concepções teóricas eram principalmente as de J. Breuer, desenvolveu êste a idéia de que uma emoção a que foi negada adequada expressão ou descarga e que foi recalçada atuaria "como um corpo estranho", incrustado nos tecidos do organismo, irritando-os localmente e, em conseqüência, causando perturbações também em partes mais distantes do corpo (*Studien über Hysterie*, por J. Breuer e S. Freud, Viena, 1895, trad. por Brill, *Studies in Hysteria*).

pressão e sua conseqüente irritação. Na ordem moral, Nosso Divino Senhor disse que a repressão dos pecados era perigosa; se os acobertarmos, causarão uma irritação com conseqüências eternas. Assim foi que ordenou a Seus apóstolos que se espalhassem pelo mundo, evitando a repressão com ouvir confissões e perdoadando os pecados. Agora a psiquiatria viu a sabedoria de fazer em favor do espírito doente o que os médicos sempre fizeram em favor do corpo e o que a religião tem feito pela alma desde tempos imemoriais — obter alívio, uma confissão.

Mas conservar o pecado para si mesmo é pior do que conservar uma doença para si mesmo. Um paciente confia sua doença física ou mental ao médico, como um estudante oferece sua ignorância ao professor. Porque não teria também o pecado seu *confidente*? A memória do erro, se conservada para si mesma, fará uma de duas coisas: ou tornar-se-á uma tentação para repetir o pecado, ou seu remoroso paralisará nossos esforços morais de melhoria, com palavras tão desesperadoras como “Oh! para que serve?”. O que é a mão para o olho, providenciando alívio do argueiro, deveria ser a língua para o coração, providenciando alívio do pecado.

“Minha boca dirá a cólera do peito.

Ou êle estourará, se contê-la quiser;

Neste caso prefiro a extrema liberdade,

De dizer, como gosto, o que bem me aprouver.”<sup>2</sup>

É neste ponto da declaração que aparece a primeira diferença entre psicanálise e confissão. A psicanálise é uma declaração de atitudes do pensamento no estado inconsciente. A confissão é uma afirmação sincera de culpa no estado consciente. A psicanálise é a sondagem de pensamento por pensamento; a confissão é a

---

<sup>2</sup> William Shakespeare, *A Megera Domada*, Quarto Ato, Cena III.

comunhão entre a consciência e Deus. A revelação de atitudes mentais nada exige de nosso orgulho e nunca aspira pelo perdão: na realidade, pode-se ter orgulho de um estado de espírito doentio. Alguns homens deleitam-se em vangloriar-se de seu ateísmo, de seu agnosticismo, de suas perversões, mas nenhuma consciência jamais se vangloriou de sua culpa. Mesmo isolado, o pecador se envergonha.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> O psiquiatra, quer seja partidário de Freud ou de qualquer outra escola, não tem direito de fazer juízo sobre as ações, motivos e atitudes que seus clientes lhe relatam ou que lhes descobre nas mentes. Não tem direito de fazer assim, porque não é "ex-officio" um juiz, nunca tendo recebido tal mandato, quer da sociedade, quer de Deus. Embaraçaria mesmo seu trabalho e tornaria seus serviços ineficientes, se tivesse de condenar o que merece ser condenado do ângulo moral. Isto não significa, sem dúvida, que o psiquiatra não devesse albergar opiniões bem definidas sobre o que é direito e o que é errado. Mas significa que tem de "pôr entre parênteses" estas opiniões, enquanto está às voltas com seu cliente, pelo menos durante a fase de exploração e explicação. Pode ser discutível até que ponto é permitido chegar o psiquiatra, apontando o que é moralmente direito naquilo que se pode chamar de fase de reeducação. Alfred Adler nunca hesitou em assumir tal responsabilidade. Em seu padrão de moralidade nunca foi muito elevado, sendo principalmente o que quer que fôsse socialmente útil, mas no aplicá-lo reconhecia o direito do próximo, o bem comum, a necessidade da bondade natural como objetivos principais da existência humana.

A pessoa que busca auxílio junto ao psiquiatra considera-se "doente". Quer uma cura e não um sermão. Olha como um sintoma o ter feito o que não devia fazer. Onde não haver sentido em dizer-lhe que ele peca. Ou ele sabe disto e "não pode deixar de fazer", ou não o admite e é amedrontado, porque veio procurar o médico e não o moralista.

As vezes a exploração do pensamento (sob a guia do psiquiatra, mas realmente executada pela própria pessoa) é uma condição necessária para que o paciente atinja uma verdadeira compreensão de si mesmo e de suas motivações. Este esclarecimento pode ser realizado, em muitos casos, pelo que se chama hoje conselho "não diretivo" ou psicoterapia (C. Roger, *Counseling and Psychotherapy*, Boston, 1941). É integralmente verdade que muitos conselheiros tentam forçar sobre seus clientes certas opiniões e princípios, sem cuidar de desco-

Se a ordem moral é negada, a comissão torna-se somente o reconhecimento de um engano ou de um revés, não o reconhecimento do pecado. A culpa é moral, não fisiológica ou animal; portanto, não pode ser conhecida objetivamente e cientificamente, da mesma maneira que um poema não pode ser conhecido somente por um estudo de sua metrificação. Assim, contra o escapismo de algumas análises que tornam o eu sem culpa, a confissão a um padre supõe que o ego possa estar em falta, que a lava fervente da intranquilidade sob a superfície é devida à repressão de uma desordem *voluntária* e que somente reconhecendo-a como sua própria pode-se ser restaurado em uma camaradagem consigo mesmo, com a natureza, com o próximo e com Deus. Não é preciso coragem para admitir-se que se é culpado; mas é preciso um heroísmo de que poucos são capazes para tomar a carga da culpa de alguém até o Calvário e dizer ao Cristo na Cruz: "Esta Coroa de Espinhos foi meu orgulho que a pôs aí; êsses cravos foram pregados pelo martelo de minha avareza; os açoites que caíram sobre tua carne foram vibrados pela minha lascívia e pela minha cupidez." A culpa só é culpa quando subjetivamente sentida como de si próprio. Se um homem não se reconhece, no seu íntimo, duro, desdenhoso ou soberbo, é que não se conhece a si mesmo. A Agonia no Hôrto foi o supremo conhecimento subjetivo da culpa do mundo, pois ali foi que Nosso Senhor permitiu a Si Mesmo sentir a culpa devida aos pecados do homem. E a Agonia resultou no Suor de Sangue.

---

brir se e até que ponto podem estas coisas ser aceitas e tornar-se efetivas. Mas, em muitos casos, a simples conversa da parte do conselheiro, ou da parte do cliente, conduzirá a uma clarificação gradualmente progressiva. Numa pessoa familiarizada com os princípios de moralidade, tal descarga levará também a uma volta e uma maior apreciação dos preceitos morais, dos valores religiosos e logo, num católico, à confissão.

Uma outra diferença é esta: ninguém gosta de ter seu pensamento escavado, de acôrdo com uma teoria fantástica e não científica, que afirma que o sexo deve estar no fundo de todos os seus problemas. Foi esta uma das queixas mais gerais dos soldados, durante a Segunda Guerra Mundial, contra os exames mentais. Alguns médicos do Exército asseveraram que a continência era coisa anormal. Mesmo no caso eventual em que os conflitos sexuais merecem realmente censura, ninguém se torna melhor pelo fato de ter alguém a dizer-lhe quão excêntrico êle é ou quão apodrecido está. Todos querem fazer sua própria narração, pois sabem que só poderão tornar-se melhores confessando êles próprios sua culpa. "Deixem-me dizê-lo" exprime um direito primário do coração humano. Só o indivíduo tem o direito de repudiar uma parte de si mesmo, como condição de melhoria. Ressente-se da sondagem e da análise feitas por espíritos alheios. Deseja escancarar os portais de sua própria consciência; não quer que ninguém os derrube de fora. A verdadeira unicidade da personalidade dá-lhe o direito de expor seu próprio caso com suas próprias palavras. Nenhuma alma gosta de ser estudada como um besouro. Nenhum julgamento é completo, a menos que o defensor tenha a sorte de tomar o lugar da testemunha para testemunhar em seu próprio caso. O pior no eu, por meio da autoconfissão, contribui para a sua melhoria e paz. Mas cada pessoa quer ser sua própria testemunha para o libelo — conduzir seu caso contra si mesmo, não para que possa ser condenado, mas para que não o seja.

No confessionário, cada um é seu próprio acusador e seu próprio conselho de defesa. Aquêle que se acusa é perdoado. Os homens sempre têm reconhecimento que uma confissão espontânea é uma forma de expiação, merecedora de perdão. Vemos isto em muitos planos: a mãe, que deseja que seu filho admita francamente sua

falta diz: “Conte e eu não o castigarei”; nos sistemas de honra em nossos colégios, os jovens são convidados a “erguer-se” e reconhecer sua culpa; até mesmo o juiz que interroga o criminoso lá no seu banco partilha o sentimento que diz que a punição deverá ser temperada, quando um homem se confessa culpado. O penitente analisa suas próprias faltas, admitindo-as. Não depende de um psicanalista para provar-lhes a significação.

E há outras diferenças. Na confissão a narração dos pecados é breve e abstrata; na psicanálise, é geralmente longa, complicada e bastante precisa. A diferença de tempo é largamente devida ao fato de que a pessoa normal, indo confessar-se, já tem um padrão fixo de conduta e se julga em relação a êsse padrão; o paciente anormal, não tendo um propósito bem definido na vida, requer mais tempo para ajuntar as peças. E porque não há humilhação em confessar estranhezas mentais — como há em lapsos morais — o paciente pode gostar de prolongar a história de seus “sintomas” e dizer empavonado, ao fim de uma prolongada introdução: “Doutor, jamais ouviu o senhor coisa semelhante a isto?” Há também pacientes que gostam de conversar a respeito de si mesmos acima de tudo mais. Isto permite a analistas inescrupulosos — particularmente os que dão ênfase ao sexualismo — insistirem com seus pacientes para que voltem repetidas vêzes, a fim de que tôda a sua vida seja analisada (*se têm dinheiro*). Ser analisado não é um processo inteiramente desagradável. Um homem a quem se disse que tudo é um sintoma, nunca necessita acusar-se, ou julgar-se ou pedir para ser julgado. Pode vir a olhar-se como um fenômeno curioso que precisa ser investigado, não para melhorar-se ou tirar proveito do conhecimento que o analista lhe proporciona, mas apenas para satisfazer sua curiosidade.

O espírito da confissão não é o de descobrir um fato, mas misericórdia. Se o próprio homem concede perdão a outros que humildemente confessam suas culpas, por que não faria Deus o mesmo? Foi precisamente isso que Nosso Bendito Senhor fez. Tomou a confissão natural das faltas — o que já tem uma força expiatória — e elevou-a à dignidade de um Sacramento. A confissão é apenas humana, mas Ele divinizou-a. O que é natural, foi por Ele feito sobrenatural. A condição indispensável para receber o perdão humano — a franca confissão da culpa — é a condição sob a qual o Deus Onipotente concede Seu perdão no Sacramento da Misericórdia. Com infinita ternura, contou Ele a história do filho pródigo que voltou a seu pai, reconheceu sua culpa e foi recompensado com o abraço e o beijo de seu pai. Tal é a alegria de Deus pela volta dum pecador, pois “do mesmo modo haverá maior júbilo no céu por um pecador que fizer penitência, do que por noventa e nove justos que não têm necessidade de penitência” (Lucas 15:7).

Não deixeis ninguém dizer que o *homem* instituiu o Sacramento da Penitência. Nenhum homem jamais lhe teria dado tal forma. Um homem não é por natureza tão reverente ou tão cordial para com outro que, voluntariamente, escancare toda a sua alma mesmo a um estranho, como milhões de cristãos fazem todas as semanas. Não deixeis ninguém dizer que membros da Igreja inventaram este Sacramento de Misericórdia, pois, se tal aconteceu, humanos como são, ter-se-iam por certo excluído a si mesmos de suas humilhações. Contudo, nenhum padre, nenhum bispo, nenhum cardeal, nem mesmo o próprio Santo Padre está imune da necessidade da confissão. Deixai que aqueles que dizem que o confesionario foi instituído por um padre se sentem no abafado compartimento dum confessionário de nossas igrejas, durante cinco ou seis horas, nos

sábados e nas vésperas dos dias de festa e das Primeiras Sextas-Feiras, ouvindo as rotineiras dúvidas e fraquezas da natureza humana, pois assim ficarão conhecendo qual o mais penoso dos labôres todos do padre — muito embora belo porque sabe e sente que está sendo o veículo das abençoadas mercês de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

2. O OUVINTE IDÔNEO. Outra diferença entre psicanálise e confissão diz respeito à pessoa a quem as confissões são feitas. Através dos séculos, a confissão do pecado tem sido sempre feita a um representante da ordem moral, de modo que a alma doente possa ser restaurada na saúde moral e na união com Deus. Na análise há uma narração de sintomas ao analista; no Sacramento, há confissão de pecados a um padre. É essa uma diferença notável.

Demais, o analista não representa a ordem moral, mas a emocional. É o recipiente do amor e do ódio do cliente de cada vez. Alguns analistas chamaram êste processo de “transferência”; por meio dêle, as emoções (libido) do cliente são desligadas de seus antigos objetos e transferidas para novos. (É evidente que êste mecanismo está polarmente oposto à confissão, onde por meio da penitência, da fé, da graça e da emenda há uma transferência do centro de gravidade da alma da criatura para o Criador, do eu para Cristo.) A fim de compreender o papel do analista, deve ser a psicanálise entendida em seus próprios têrmos. Assim encarada, é um processo por meio do qual a energia mental — brotando de fontes instintivas e libidinosas e impedida de verdadeira eficácia pelo fato de ser dirigida para fins irrealizados e irrealizáveis — é libertada para atingir avos realizáveis. Quando êste resultado foi atingido, o homem, diz o analista, está curado e a piedade por si mesmo cede lugar ao altruísmo, a apatia à realização. A pessoa do analista desempenha o papel de um interme-

diário na efetivação desta mudança. Bem cedo, numa análise, os anseios reprimidos do cliente que o superego lhe proíbe de conhecer (seus anseios incestuosos) são libertados e passam a ficar ligados à pessoa do analista. Substitui êle temporariamente o parente que foi o alvo primordial dêsses desejos.

A transferência para o analista não depende da fé. É considerada antes como o primeiro passo necessário para uma reorganização amadurecida da energia mental. Antes que esta energia seja ainda capaz de estar dirigida para fins aceitáveis, descobre no analista um objeto apropriado e temporário. A fé no analista resulta da transferência. É porque o analista se tornou um "objeto" de profundos anseios libidinosos, é muitas vezes acreditado com tôdas as qualidades que o cliente admira e ama. Freud sabia que era perigoso tornar o analista, mesmo temporariamente, objeto da descarga emocional. "A transferência", disse êle, "especialmente nas mãos de um médico inescrupuloso, é um instrumento perigoso." Há uma tendência para que o cliente "desencantado" das primeiras sessões se torne "encantado"; e se o analista é do sexo oposto e não de todo sem atrativos, poderá haver o perigo de tornar a transferência permanente em vez de temporária, física em vez de mental. Ninguém familiarizado com os analistas sexuais desconhece êste perigo. Mas mesmo quando não há verdadeira transferência para o analista, pode haver uma dependência do analista que pode chegar a ser quase escravidão, com o paciente recusando-se a fazer qualquer coisa sem que antes consulte êsse conselheiro.

Não precisamos afirmar um universal desejo reprimido de incesto, para explicar por que muitos clientes desenvolvem em si mesmo uma profunda dependência de seu analista. Quase todo neurótico quer atenção: sente-se sozinho, isolado da realidade e de outras

pessoas por causa de sua intranqüilidade interior. Está preocupado consigo mesmo e receoso de fracasso. Exatamente, tem-se tornado muitas vezes um autêntico suplício — suas queixas caceteiam os outros, sua conduta os irrita. Perde êle dêsse modo contato com seus iguais. Não é de admirar que, quando encontre um analista ou psicoterapista propenso a ouvir, cuja tarefa é ouvir, comece essa pessoa a desempenhar um grande papel na vida do paciente. O terapeuta torna-se a primeira pessoa com quem o neurótico retoma uma relação humana. É de valor inestimável para o neurótico, valor extremamente fora de proporção com seu mérito real. Nesta circunstância, não deve ser esquecido que a mentalidade neurótica retém muitos traços da adolescência. A paixão do cliente se assemelha, em mais de um aspecto, às “paixonites” da mocinha de colégio.

Na confissão, porém, as relações entre o confessor e o penitente são inteiramente impessoais. A própria estrutura do confessorário protege o penitente da revelação de sua identidade. Há um anteparo e um véu através dos quais o padre não pode ver. Tão impessoal é a relação, que o penitente pode ir ter indiferentemente, até o ponto em que está relacionada a validade da confissão, com *qualquer* padre; nada há de pessoal no Sacramento. A psiquiatria pode aprender muito do Sacramento da Penitência. Descobrirá também que quanto mais impessoais as relações entre paciente e psicoterapeuta, tanto maior as probabilidades de cura.

Pode parecer paradoxal que uma relação impessoal seja mais favorável do que uma pessoal, na efetuação duma transferência. Isto não é difícil de compreender. Permanecendo impessoal, e por assim dizer fora de toda relação verdadeiramente humana, o psiquiatra tornar-se-ia uma figura misteriosa e portanto um objeto adequado a uma transformação imaginária. Um homem

que se conhece bem é menos facilmente idealizado, do que aquêlo que se conhece um pouco ou é de todo desconhecido. A transferência é precisamente tal idealização, afastada de tôda a realidade. Pois gostar de uma pessoa pelas suas qualidades humanas, e transferência, são duas experiências diferentes. Da primeira, pode um homem dar uma explicação racional; da segunda, não. Se a transferência é de qualquer modo desejável, será mais efetivamente adquirida pelo padre desconhecido, do que pelo psicanalista com quem se está familiarizado.

3. O PADRÃO OBJETIVO. Mais importante que as outras diferenças é o fato de que, na confissão, a narração e libertação do pecado são feitas no plano *moral*; na análise, pela sua própria natureza, não pode sê-lo. Se um pecado fôsse simplesmente um engano que um homem cometeu, poderia êle, de fato, confiá-lo a seu analista ou qualquer outra pessoa que desejasse ouvi-lo. Vivemos desejosos de descarregar nossas dificuldades mentais nos ouvidos de quem queira ouvir-nos. Mas quem é que se interessa em conservar indiscriminadamente a respeito de sua culpa? E desde que é a consciência quem se acha a maior parte das vezes perturbada, o alívio deve ser feito *naquele nível*. Uma vez que é a bondade de Deus que o pecado renega, uma alma se recusa a fazer a confissão de seu pecado a um ouvinte não moral. Quer que sua confissão seja ouvida por um representante da ordem moral que êle violou. Êsse representante deve estar em lugar de Deus, a quem sômente a consciência concede autoridade. A confissão da culpa deve estar sujeita, não a caprichos individuais, a teorias, idiosincrasias e esquisitices daquele que a ouve, mas sômente à Lei universal, à Ordem e à Bondade.

Não estamos falando aqui das vantagens da confissão sôbre a psiquiatria. O que estamos é conten-

dendo com aqueles que oferecem a psiquiatria como substituta do Sacramento da Penitência. E nisto a diferença entre o padre e o analista é fundamental. Como o expôs o Dr. William Ernest Hocking:

“A análise exige que o psiquiatra seja o recipiente da autoconfissão em reserva. O psiquiatra supõe que seus conhecimentos científicos justifiquem este pedido de sua participação. Não suscita a questão de sua adequação pessoal à recepção desta confidência. Mas se deixa de reconhecer a pertinência desta questão, demonstra em consequência sua inadequação a essa função. Pois aqui o fim moral não pode ser absorvido pelo problema científico. Não é nem desejável nem possível confessar tôdas as coisas a todos os homens: é ainda menos desejável de tudo expor seus sentimentos diante dum olhar fixo que não é senão científico, de cuja exposição eles só podem emergir desnaturados, porque a pura ciência é indiferente ao sentimento...

A confissão é um ato em que a gente escancara sua vida aos olhos de um verdadeiro julgamento. Se a ciência é o verdadeiro juiz da vida, então a confissão a alguém que representa a ciência é possível. Se a ciência é um juiz parcial da vida, se a ciência, omitindo o ingrediente moral, omite uma parte essencial do verdadeiro julgamento, então a confissão ao cientista deve ser, pela sua própria lógica, incompleta. A confissão existe porque no fundo os homens querem conhecer-se como são, diante de um julgamento de completa compreensão e de completa justiça. Confessam-se àqueles que mais de perto atingem aquele ideal, ou que podem mais de perto representá-lo. O confessor válido deve estar *in loco Dei*, onde Deus significa tôda a moralidade, tão bem como tôda a ciência. O centro

inflamado da doença moral consiste em procurarmos encobrir de nós mesmos aquilo que não podemos ocultar ao universo. É êsse tumor que deve ser lancetado, antes que se forme de todo e requer um ôlho e uma mão mais generosos para fazer isso do que os de uma casualidade complacente.

...Não poderemos dizer que seja Deus a lei da vida mental normal? Significaríamos com isto que uma vida vivida no plano de processar-se sem Deus, sem um senso da existência cósmica, já está, quer o saiba ou não, doente, fora do normal, com seus valores infectados pelo caruncho da mortalidade, intrinsecamente infeliz porque irreal, arrastada subconscientemente por uma necessidade que algum dia estará obrigada a reconhecer e definir. Essa atração, que psicologicamente pode ser chamada a auto-confirmação da natureza humana normal, é, na sua verdadeira natureza, o trabalho de uma lei que é Deus. Se é êste o caso, podemos dizer de Deus que êle é uma atividade incessante, que de modo algum interfere na observação científica, mas que é não obstante indispensável a qualquer relatório psicológico completo do que é a vida de um homem." <sup>4</sup>

Quando, de outra parte, aquêle a quem é feita a confissão é um analista sexual, as probabilidades são de uma piora das derradeiras condições do cliente em comparação com as primeiras. (Quando ataco a análise sexual, não me refiro à teoria de Freud, <sup>5</sup> mas antes aos

---

<sup>4</sup> *Science and the Idea of God*, University of North Carolina Press, 1944.

<sup>5</sup> Freud reconheceu, além da libido, outros instintos. São êles: os instintos do ego, como os chamou no começo (*Ich-Triebe*), e o instinto da morte. É verdade que o primeiro grupo desempenha papel subordinado no pensamento psicanalítico. É também verdade que

seus partidários fanáticos que tomaram Freud demasiado a sério e que explicam *tôdas* as neuroses como sexualidade recalçada.)

Se aquêle a quem a confiança é feita tem como equipamento uma simples teoria a respeito da origem das condições mentais infelizes (por ex. que são devidas a instintos libidinosos recalçados), não há certeza de que a interpretação que êle der seja a certa. A consciência culpada quer confessar sua culpa, não a um teórico dum determinado sistema, mas a um mediador da Divindade. É por isso que a Igreja exige que um padre que absolve um penitente esteja em estado de graça, participante êle próprio da Vida Divina. (Isto não quer dizer, porém, que um padre em estado de pecado mortal não possua o poder de perdoar pecados, ou que quando exercido, não seja eficaz para o penitente; o padre

---

o instinto da morte é uma idéia um tanto obscura, não tendo sido aceitável mesmo para muitos dos partidários "ortodoxos" de Freud. Mas ainda há, dentro da moldura da psicologia freudiana, outros fatores admitidos além do sexo.

Se foi dada particular ênfase a êste último, isto se deve em parte à larga significação atribuída por Freud à libido ou ao sexo. Os instintos libidinosos são na verdade sexuais por natureza. Tudo quanto se possa tornar objeto de apetência é até certo ponto um objeto possível de desejo sexual. Talvez Freud tenha sido influenciado pela noção de que há nos seres vivos dois instintos básicos — que, no homem, a natureza persegue dois fins, a preservação do indivíduo e a da espécie. Os instintos do ego na concepção primitiva de Freud corresponderiam ao instinto da autoconservação; a libido, ao da preservação da espécie. Mas os instintos primordiais não deveriam confundir-se com as necessidades sexuais ou com quaisquer experiências observadas no indivíduo maduro.

Os fatores sexuais que determinam perturbações mentais devem ser procurados, de acôrdo com Freud, na infância e na meninice. Nesta idade, supõe-se que êles se manifestam de maneira indisfarçável como incitações sexuais. Incitações que à primeira vista nada têm de comum com o sexo, tal como usualmente é êle entendido, são ainda rotuladas de sexuais, por causa da presunção geral de Freud de que *tôdas* as excitações objetivo-diretas são fundamentalmente da

estaria moralmente responsável para semelhante falha.) Todo padre que se senta no confessionário deve receber autoridade de seu Bispo ou Superior. A menos que seja sábio e prudente, a permissão não será dada. Por trás dêle, ao tempo das primeiras confissões que vai ouvir, estão seis anos de preparação em moral, em ascética e em teologia dogmática. Anualmente e durante seis a dez anos após a sua ordenação, é reexaminado. Além disso deve assistir a conferências sôbre teologia moral, para conservar sempre vivos seus conhecimentos. O próprio padre é aconselhado a confessar-se uma vez por semana.

A psicanálise nunca levanta a questão da adequação moral do analista, mas a Igreja levanta a questão toda vez que um de seus ministros entra para um confessionário. O penitente, ao confessar-lhe seus pecados, sabe

---

mesma espécie e que a natureza de todas elas é a da sexualidade. Aqui observa-se certa inconsistência na doutrina. Uma das principais passagens nos *Três Ensaíos* de Freud, em que pretende êle dar prova da existência da sexualidade na primeira infância, parece não estar de acôrdo com o concepção geral da libido como objetivo-direto. Neste famoso trecho, afirma Freud que ninguém pode duvidar de ter diante de si mesmo a completa expressão da satisfação sexual, quando observa uma criança sugando, sorrindo de bochechas rosadas, caindo ressupino a dormir depois de largar o peito da mãe. O argumento é, sem dúvida, altamente falacioso. Implica asserções não provadas, tais como uma identidade de causas para explicar o que pode ser uma vaga similaridade de expressão. Em vez de concluir que toda a satisfação, quer de fome, de sexo, de poder, etc., produz expressões *similares*, conclui Freud que a própria satisfação deve ser a mesma (não só como experiência mas também nas suas causas), porque a expressão é a mesma. Seu argumento parece-se com o seguinte: quando um homem toma fenobarbital, dorme; eis aqui um homem adormecido; logo, tomou êle um soporífero.

Muitos psiquiatras compreendem a libido como sinônimo de sexo no sentido ordinário e daí vêem o esforço em suprimir certas inibições como a essência da cura. A significação original de Freud não foi esta. Nem se segue tal idéia necessariamente de suas asserções básicas.

que o padre é outro ser humano, mas que foi dotado do Divino Poder de perdoar. É lógico que um homem possa administrar êste sacramento. O Filho de Deus perdoava pecados através de Sua natureza *humana*. Transmitiu também o poder de perdoar à Sua Igreja: "Os pecados que perdoardes, serão perdoados; os pecados que retiverdes, serão retidos." (Estas palavras implicam a *audição* da confissão, pois como poderia alguém saber que pecados perdoar e que pecados não perdoar a menos que êles sejam ouvidos?)

Há outra razão pela qual um confessor humano é uma necessidade razoável: todo pecado é uma ofensa, não contra Deus apenas, mas também contra nosso próximo. Isto é mais evidente em pecados de injustiça; também existe nos mais secretos e ocultos de nossos pecados, porque cada um dêles diminui a quantidade de caridade e de amor que deveria existir entre os vários membros do Corpo Místico de Cristo. Justamente como uma dor de cabeça diminui o bem-estar geral de todo o corpo, da mesma forma o pecado de um indivíduo afeta a irmandade de todos os crentes em Cristo. E desde que cada pecado é uma ofensa contra o amor de Deus e a irmandade de Cristo, segue-se que um representante dessa camaradagem espiritual deveria, em nome de Deus e pelo poder de Deus, receber a volta individual à fraternidade.

Finalmente, desde que cada pecado é uma forma de orgulho e rebelião, Nosso Senhor ordenou que houvesse uma humilhação correspondente no pedir absolvição. Seria bastante bom enfiar nossa cabeça num lenço e dizer a Deus que estamos tristes, mas sabemos muito bem que se cometermos um crime contra o Estado, não aceitaria êste tal forma de reparação. Nem mesmo nos Tribunais Divinos pode o criminoso ser ao mesmo tempo juiz e jurado. Isto seria por demais confortável. E sabemos no íntimo de nossos corações que os pecados

de que somos culpados deveriam ser repudiados perante uma outra pessoa, que, em nome de Deus, possa libertar-nos da tirania de nosso ego. Como observou o Dr. John Rathbone Oliver:

“... o pastor entra quase em contato com o desenvolvimento de hábitos mentais culposos; êle, muito mais do que o psiquiatra, possui a chave para a confiança de um paciente; êle, em um sentido muito mais profundo do que o que pode jamais ser aplicado ao médico, é um médico da alma. Permanece, por assim dizer, como um vigia no portão, no portão que leva ao hospital mental. Pode, se quiser, fazer voltar centenas, que, não fôsse êle, terão de passar por aquêle mesmo portão, muitos homens e mulheres infelizes que não serão capazes de sair por êle de novo, até que tenham de fato “pago até o derradeiro vintém” de tormento mental e de desespero. Pode mostrar ao homem ou à mulher que se chega a êle, com doença mental ou em dificuldade, fontes de socorro que os mais inteligentes psiquiatras não podem dar. O padre pode não ser capaz de oferecer a seu paroquiano um curso de tratamento psicanalítico, mas pode oferecer-lhe o Sacramento da Penitência e o Sacramento do Altar. Pode estabelecer a famigerada “transferência” do psicanalista, não para si mesmo, mas para Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Pode mostrar a seu paroquiano, por meio do Sacramento da Penitência, uma “catharsis” infinitamente mais poderosa do que qualquer purificação emocional do mais aperfeiçoado sanatório de doenças mentais. Pode não ser capaz de ensinar seu doente mental a fazer cêstos e encardonar livros, mas pode ensiná-lo a rezar. Que sabemos nós a respeito do real valor da prece — do relaxamento

mental na presença de Deus — quando aplicado a casos mentais? Muito pouco. Mas aqui de novo temos um tipo de terapia ocupacional digno de ser experimentado. Porque, acima de tudo mais, o doente mental necessita primeiro de mão humana que se lhe estenda; em segundo lugar, de paciente compreensão e de uma apreciação de suas dificuldades; e em terceiro, uma fonte de energia e de socorro a que aquela mão humana e aquela simpática compreensão possam levá-lo. Ensinaí-o a descobrir Deus e depois por que êle vos descobriu. Pois êle se acha muito isolado. É êste o tormento da maior parte das doenças mentais. Parecem separar o paciente do contato com o mundo amigo, familiar e normal. Êle fica muitas vêzes horrivelmente só.”<sup>6</sup>

A grande vantagem do confessorário está em que a confissão é conservada absolutamente secreta. Cada padre está ligado pelo *sigillum*, ou sêlo, que lhe proíbe sob pena de morte, revelar uma confissão de uma pessoa até mesmo da maneira mais geral. O saber disto é grande consolação para um penitente, que reconhece que sua personalidade tem direito ao segredo e não deseja ver suas confidências reveladas em um livro de “casos reais”. Nada prejudica mais a confiança de alguém do que a descoberta de haver divulgado seus segredos a quem não devia. Dessa traição e prostituição nova vergonha nasce, que torna as futuras confidências impossíveis para êle. E desde que as ofensas que cometemos são contra Deus, não pertence a qualquer homem pô-las por escrito numa coluna de mexericos ou

---

<sup>6</sup> *Psychiatry and Mental Health*, Charles Scribner's Sons, New York, 1936.

num livro. A culpa humana pode chegar ao conhecimento do homem, mas não para ser utilizada pelo homem. Pertence a Deus e por isso nossos pecados nunca devem ser revelados ao julgamento dos homens. De algum modo, em alguma parte, nestes dias de boatos, manchetes e articulistas, há de haver ouvidos escutantes para agir como os ouvidos de Deus, como há mãos que agem como as mãos de Deus, derramando as águas batismais. Porque os ouvidos do confessor são os ouvidos de Deus, sua língua nunca pode falar aquilo que Deus ouviu atrás dêle. O padre está à mercê do penitente no confessionário; não pode recusar-se a aceitar a confissão, ainda mesmo que esta o coloque em perigo ou em grave embaraço. Não lhe é nem mesmo permitido dizer que determinada pessoa tenha estado a confessar-se com êle, se assim o fazendo pode surgir que o penitente tivesse necessidade de confessar-se, como resultado dum pecado grave.

Mas no confessionário o penitente busca mais do que aliviar-se em segrêdo. Uma alma que confessou sua culpa quer um ideal pelo qual se empenhe — e um ideal mais inspirador do que “aquêle que todos aprovam” na nossa sociedade. Isto o confessionário oferece no Supremo Exemplo da Pessoa de Nosso Senhor, Que nos dá Sua graça para que emendemos nossas vidas, por meio da tristeza e do arrependimento. Uma autoridade, reconhecendo a necessidade de um ideal mais alto do que qualquer outro que o analista sozinho pode dar, escreveu:

“O psiquiatra murmura alguma coisa a respeito da necessidade de “integração”.

A alma replica: “Verifico esta necessidade, mas não posso integrar a mim mesma. Estou tentando ser moderna e a modernidade me parece inteiramente contraditória e flutuante. Como pode um pote quebrado remendar-se a si mesmo?”

O psiquiatra responde: "Refugiai-vos na Sociedade. Vós sois introvertida, concentrada e reservada. Por isso sois uma pessoa dividida. Confessai o que estais ocultando; confessai-vos a mim que represento a Sociedade. Este ato restaurará vossa objetividade para convosco mesma. Portanto socializai vossos impulsos."

A alma: "Não estou certa de que a Sociedade seja digna de respeito. Parece ser a fonte da dificuldade e não a sua cura. Não sabe para onde está indo."

O psiquiatra: "Se sentis esta dúvida, deveis refugar-vos não em vós mesma, nem na Sociedade, mas em vossos objetivos ideais. Todos possuem alguns de tais objetivos. Utilizai vossa imaginação para fundi-los numa unidade. Dedcai-vos ao serviço dessa unidade e sereis reintegrada. Sereis de novo uma alma."

A alma: "Ensinaram-me que os objetivos ideais não passam de mitos."

O psiquiatra: "Não posso garantir-vos que não sejam. Mas até mesmo as ficções têm poder curativo. Todos são ajudados por alguma espécie de mito em que acreditam. Entregai-vos à ficção curativa."

A alma: "Vejo vossa dificuldade. Vós não acreditais em nada e não podeis curar-me sem uma crença. A ficção poderia curar-me, se eu não soubesse que era uma ficção. Sabemos isto, não me posso entregar a ela. Mas vejo que fizestes o que pudestes. Adeus."

A alma doente e o psiquiatra são duas feições gêmeas, feições características dêste fim da era moderna. O psiquiatra é a encarnação da ciência aplicada, tentando lidar com as devastações dos

erros da ciência. O que êle descobre é que mais ciência não é bastante." <sup>7</sup>

Em contraste com tão estéril esforço em auxiliar, temos o Cristianismo, cuja Personalidade Ideal não é simplesmente um Exemplo a ser copiado, mas também uma vida a ser vivida. Quando a Vida Divina por Nosso Senhor comprada para nós no Calvário se verte dentro da alma, não somente apaga o pecado, mas também algumas ou tôdas as penalidades temporais devidas ao pecado. Graças a seus conselhos morais, esta graça tem tremendo valor educacional. Dá-nos um aumento de autoconhecimento, aperfeiçoa-nos na humildade, dá compreensão mais simpática da deficiência e falhas alheias e torna Deus uma real consolação e Salvador em vez de um distante ideal apenas; espanca da alma a presunção, o egoísmo, a vaidade; revigora a vontade e, portanto, aumenta o autodomínio. As pessoas cantam muitas vêzes no banho por causa da alegria da purificação; um pecador arrependido sente o mesmo desejo de cantar, depois da alegria de uma boa confissão. A graça de cima tornou-o alegre e confortado.

Mas se negamos que *há* um Poder Divino fora do homem, só resta um pecador humano, ou um especialista humano tal como o psicanalista, como fonte de cura. (O ateísmo, bastante naturalmente, é muitas vêzes a crença daqueles analistas que tratariam os pecados como doenças mentais.) <sup>8</sup> Mas qualquer das po-

---

<sup>7</sup> William Ernest Hocking, *What Man Can Make of Man*, Harper & Brothers, New York, 1942.

<sup>8</sup> Há alguns psiquiatras que acreditam que tôda criminalidade é efeito de doença mental ou de uma inata condição anormal. Esta teoria, pensam alguns, partiu de César Lombroso. Mas suas raízes vão mais longe. Jean Jacques Rousseau afirmou que o homem nasceu naturalmente bom; se vinha a tornar-se mau, a culpa era da sociedade, pois no estado da natureza primitiva seria sempre bom.

sições é ilógica; esperar que o paciente eleve sua consciência por meio das alças de seu próprio inconsciente é esperar o impossível. Tais analistas ateus dizem ao cliente, em determinado momento, que êle foi determinado a agir da maneira por que agiu por impulsos infantis ou pelo instinto gregário, de modo que não é responsável pelo seu êrro. No momento seguinte, lhe dizem que êle agora é responsável pela sua situação futura. Isto se chama ludibriar um homem, dizendo-lhe ao mesmo tempo que êle é livre e que não é livre. Pedir ao cliente que se ajuste a seu ambiente não é curá-lo,

---

Nos dias de Rousseau, alguns filósofos ficaram cheios de entusiasmo pelo "bom selvagem". Outros, como Condorcet, acreditavam menos na bondade original do que na infinita perfectibilidade do homem. A idéia de que há algo de intrinsecamente mau no homem, que era a noção luterana e noção errônea, tivera até então vasta popularidade. Rousseau revoltou-se contra esta doutrina. O mesmo fizeram os "liberais" do século XVIII e dos anos que se lhes seguiram. Kant ainda sustentava que o homem é "radicalmente mau", mas afirmava ao mesmo tempo que o homem é capaz de boa vontade, a qual chama êle de única bondade sobre a qual estão todos de acôrdo. Contudo, a influência da filosofia moral de Kant foi menor do que geralmente se afirma. Teve por certo pequeno efeito sobre o pensamento francês, o qual, através da Revolução e de outros fatores, determinou por muito tempo a mentalidade ocidental. Tendo sido agora elevado ao mais alto ser num sentido absoluto, não podia conceber-se naturalmente o homem como "radicalmente mau". Mas havia mal; daí a necessidade de "eliminá-lo". Isto podia ser feito declarando-se que toda má ação é contrária à natureza profunda do homem e, portanto, o produto de anomalias. As idéias de Lombroso foram admitidas por algum tempo. Vêm sendo revividas hoje, com outros termos. Criminalidade e imoralidade são agora consideradas como "desajustamentos". A pessoa bem-ajustada comportar-se-á, graças ao seu esclarecido "auto-interesse", de modo a não despertar o antagonismo dos poderes existentes. Se é incapaz de modo a reduzir os conflitos e desavenças a um mínimo, está mal-ajustado e tem de ser reeducado ou "tratado". Os psiquiatras que sustentam esta opinião consideram o desajustamento como o efeito, quer de alguma deficiência inata (personalidades psicopáticas), quer de influências infelizes que atuaram no espírito da criança, de modo a pervertê-la e tornar o indivíduo incapaz de ajustamento.

mesmo quando pode êle obedecer, pois o ambiente do mundo de hoje se acha êle próprio num estado de considerável desajustamento. É concebível que alguns pacientes estejam demasiado bem ajustados ao seu ambiente; necessitam, como sugeriu Nosso Senhor, "de ir para o deserto e descansar um instante".

Como pode ser o próprio psicanalista a fonte do novo e necessário poder de curar, particularmente se êle mesmo tem tido necessidade de ser psicanalisado? Como disse Nosso Senhor, se o cego conduz o cego, então ambos cairão dentro do poço. E quem foi que estabeleceu o psicanalista como protótipo de normalidade para qualquer homem? A psicanálise baseada numa filosofia materialista não pode oferecer norma, ideal, motivação, dinamismo, objetivo na vida. Não tem nada disto para dar. Contudo deve haver um ideal. Cada pessoa não pode ser seu próprio modelo, doutra forma qual de nós é louco, qual de nós é são? E se um homem rebaixa seus ideais às exigências de seus instintos inconscientes, se, na linguagem psicanalista, exige que o id deva afirmar-se contra o superego, acaba na estagnação e na degenerescência. Nem o pessoal, nem o coletivo, nem o analista pode oferecer ao cliente o modelo que êle reclama, o ideal pelo qual se se empenha. Só pode haver um ideal para numerosos eus diferentes, se houver uma Pessoa Perfeita de quem esta pessoa e aquela pessoa participem e sejam o reflexo. No desenvolvimento pessoal, como na arte, não podemos progredir se não tivermos o ideal da beleza perfeita.

Quando Humpty Dumpty (\*) caiu do muro, todos os cavalos do rei e todos os homens do rei não puderam reajuntar os cacos de Humpty Dumpty de novo. Mas se tivesse havido um ovo-modelo, não somente teria

---

\* Herói duma cantiga de ninar, em forma de adivinha, e cuja resposta é "ovo". (N. do T.)

Humpty Dumpty sabido quanto se houvera êle próprio desorganizado, mas teria tido também um modêlo, um padrão com o qual poderia conformar-se e assim tornar-se normal. O cristianismo oferece tal possibilidade apresentando a Pessoa Ideal do Cristo, Que oferece poder e recursos a todos os ovos partidos para que se tornem normais de novo: "Dei-vos um Exemplo" significa "Sou o Modêlo, o Protótipo de uma Personalidade". O repúdio a essa significação que está em Cristo Jesus é a fonte de anormalidades; a integração naquela imagem é a fonte de toda paz e de toda alegria. A pré-condição de uma vida humana perfeita e de uma psicologia que tenha sentido é uma Imagem Divina refletida em Cristo, Nosso Senhor. Não é o ego ideal mas o Cristo Ideal, que pode tornar o eu mais do que êle é. Quando psicólogos falam a respeito duma personalidade integrada, o Exemplar que êles buscam é êsse. Onde há menos do que a perfeição de objetivo, alguma desintegração existe.

Há numerosas outras diferenças entre análise e confissão. Algumas destas foram apontadas pelo padre Victor White:

"Mas a 'confissão' exigida do penitente e a 'confissão' exigida do analisando são duas coisas bem diferentes; e a diferença jaz na diferença de 'matéria remota' que já notamos. O que se espera que um penitente confesse está bastante definido e restrito aos pecados cometidos desde o seu batismo, ou desde sua anterior confissão. Tal limitação não pode prender o analisando. Embora nenhum analista que conheça seu ofício queira excluir tal material, ainda menos buscará limitar as 'confissões' de seu paciente a seus erros reais ou supostos. E terá de interessar-se por êles, não precisamente como ofensas morais, mas como causas ou sintomas de neurose e como fornecedores — juntamente com

as atitudes conscientes ou inconscientes do paciente — de elementos importantes para o retrato total da personalidade com quem tem de avir-se. As 'boas ações' do paciente o interessarão não menos do que as 'más' (os confessores mostram-se notória e retamente impacientes com as narrações das 'virtudes do penitente'), ao passo que os sonhos, as livres associações, as reações espontâneas e outras manifestações do inconsciente o interessarão ainda muito mais. Seu negócio é menos com que o paciente faz, do que com o porquê êle o faz. Sòmente dêste ponto de vista totalmente diferente pode haver alguma superposição, mas nunca identidade completa, entre 'confissão' sacramental e analítica. Os processos psicológicos por qualquer delas exigidos diferem correspondentemente: a primeira requer certa concentração da memória consciente e a recitação ordenada de uma seleção de seu conteúdo; a segunda, pelo contrário, um relaxamento físico e mental que permita a livre fluência da fantasia desenfreada e a suspensão da atividade mental regular "dirigida". O confessor sem conforto, com seu duro genuflexório, e a almofada ou poltrona do gabinete do analista, admiravelmente exprimem e provocam as duas bem diferentes espécies de 'confissão' a que cada qual se propõe.

A análise psicológica nada sabe de contrição ou satisfação, como atos predeterminados a exigir-se do paciente; seria falhar inteiramente a seu propósito assentar de antemão a atitude consciente que o analisando iria adotar com seu material. Tanto quanto o próprio material, não pode essa atitude ser predeterminada.

Ainda menos existe qualquer equivalente na análise psicológica à forma do sacramento da penitência. Esta 'forma' são as palavras de perdão pro-

nunciadas pelo padre. É o elemento especificante e determinante que faz o sacramento da penitência ser o que é. É signo eficaz da reconciliação com Deus e assim o verdadeiro remédio para o mal, que é 'matéria remota' do sacramento. Nada desta espécie pode ser encontrado na análise psicológica. Alguma semelhança bastante superficial pode ser suspeitada em certos casos em que a reconciliação é efetuada com alguma imagem projetada sobre o analista; mas não haverá "remédio", exceto até o ponto em que a transferência estiver resolvida, a projeção retirada e assimilada ao próprio ego consciente do paciente. Há ainda considerável desacôrdo entre analistas a respeito do que deverá ser seu papel próprio e preciso na análise. Mas poucos mesmo entre aqueles que mais fortemente advogam sua intervenção 'ativa' no processo, sustentariam que o derradeiro remédio venha do analista, em vez de vir do analisando e de sua própria réplica a seu próprio material. Nenhum por certo invocaria poder e autoridade divinos para perdoar pecado.

Assim as diferenças entre a confissão sacramental, como é compreendida e praticada na Igreja Católica, e a análise psicológica, como conhecida e praticada hoje em dia, são consideráveis e profundas." <sup>9</sup>

O mundo moderno está cheio de gente mentalmente normal mas fatigada, que busca a paz em qualquer lugar onde saiba que ela é oferecida, — mesmo de homens experimentados no trato com os loucos. Mas são bastante sãos. Para êles, o mundo necessita de uma revivescência dos Direitos de Santuário. Durante as eras de Fé, um fugitivo da justiça era considerado imune

---

<sup>9</sup> O *Analista e o Confessor*, "Commonweal", 23 de julho de 1948.

de perseguição pela lei civil, se conseguia pôr as mãos no grande anel de ferro que estava prêso à porta da frente duma igreja. Por êste toque, lançava-se êle sob as mercês das leis da Igreja. Precisa-se hoje de tão segura e solitária baía para as pobres almas que anseiam por bolsar fora sua culpa, na esperança de perdão, reparação e paz. E a Igreja tem tal enseada no confessorário, onde a Divina Misericórdia de Nosso Senhor, estendida através de Sua natureza humana a um ladrão penitente, a Madalena e à mulher adúltera, se torna disponível a nossos corações igualmente partidos. Não é fácil caminhar até aquêle confessorário, mas sair dali é uma sensação maravilhosa!

Mais do que de qualquer forma de psicanálise, precisa o mundo de psicossíntese. Alguns psiquiatras têm reconhecida isto: Jung, com sua idéia de "renascimento" e alguns seguidores de Freud, que deram às suas teorias o nome de "psicanálise ativa". Porque os sêres humanos precisam muito mais de ser postos juntos, do que de ser separados. O pecado nos divide contra nós mesmos; a absolvição restaura nossa unidade. A maior parte das pessoas de hoje têm uma carga no espírito, porque têm uma carga na consciência. O Divino Psicólogo sabia quão miseráveis seríamos, se não pudéssemos descarregar-nos daquele pêso. Constroem-se hospitais porque os homens têm corpos doentes e a Igreja constrói confessorários porque êles também têm almas doentes. A confissão regular impede que nossos pecados, nossas preocupações, nossos temores, nossas ansiedades se infiltrem no inconsciente e degenerem em melancolia, psicoses e neuroses. O tumor é lancetado antes que o pus possa espalhar-se pelo inconsciente. O Divino Mestre sabia o que há no homem: assim instituiu êste Sacramento, não para Suas necessidades, mas para as nossas. Foi o Seu meio de dar ao homem um coração feliz. O lado esquerdo e o lado direito do coração físico

não tem comunicação direta um com o outro; juntam-se por meio do sangue que circula pelo corpo. Nossos corações tornam-se também felizes pela comunicação com o Corpo Místico de Cristo e com Seu Sangue. Não nos tornamos piores admitindo a necessidade da absolvição. Não nos tornamos piores mesmo admitindo que estamos todos de corações partidos, pois, a menos que nossos corações estejam partidos, como poderia Deus nêles entrar?

## CAPÍTULO VIII

### SEXO E AMOR DE DEUS

O sexo tornou-se um dos assuntos mais discutidos nos tempos modernos. Os vitorianos consideravam-no inexistente; os modernos pretendem que nada existe além dêle. Alguns críticos lançam tôda a culpa disso sôbre Freud. Emil Ludwig, no seu livro, *Dr. Freud*, afirma que a popularidade de Freud se deve ao fato de haver êle tornado possível às pessoas conversarem a respeito do sexo sob o disfarce da ciência.

“...o rótulo científico de Freud permite que a mais gentil mocinha discuta com qualquer homem os mais íntimos pormenores sexuais, estimulando-se ambos erôticamente durante a conversa, embora conservando faces imutáveis, e provando ao mesmo tempo serem doutos e despidos de preconceitos. Que coisa convenientíssima na puritana América!”<sup>1</sup>

Não é esta, sem dúvida, a explicação total. O freudismo jamais se teria tornado popular numa civilização mais normal. Marx e Freud não teriam escrito no século XIII e teriam tido um público frívolo na era elisabetiana. A atração dêles agora se deve ao fato de ser mais favorável a tal filosofia o clima do mundo. Teria de haver uma preparação materialista para o

---

<sup>1</sup> Emil Ludwig, *Dr. Freud*, p. 166, Hellman, Williams & Company, New York, 1947.

Sexualismo. Lewis Munford contesta com razão: “A despeito da finalidade que Freud deu teoricamente aos mais profundos impulsos subjetivos do homem, considerava a ciência como a única com capacidade de efetuar a melhoria do homem. Inconscientemente, aceitou, como revelação final da verdade, a ideologia formulada no século XVIII, a de Locke, Hume, Diderot, Voltaire”.<sup>2</sup> O Dr. Reinhold Niebuhr relaciona Freud, com uma reação contra o falso otimismo: “O pessimismo romântico, que culminou em Freud, pode ser olhado como símbolo do desespêro que o homem moderno enfrenta, quando suas ilusões otimísticas se dissipam, pois sob o perpétuo sorriso da modernidade há um esgar de desilusão e de cinismo.”<sup>3</sup> Thomas Mann aponta Schopenhauer como a fonte: “Schopenhauer, como psicólogo da vontade, é o pai de toda a psicologia moderna. Dêle parte diretamente a linha, por intermédio do radicalismo psicológico de Nietzsche, até Freud e os homens que construíram a psicologia do inconsciente, aplicando-a à ciência mental.”<sup>4</sup>

Não é histórica e psicologicamente certo censurar Freud pela supervalorização corrente. Em vez de ser o criador da popularidade do sexo foi antes sua expressão e seu efeito. Longe de ser o fundador de uma época, foi o seu pós-escrito. Há ainda alguns fiéis discípulos escrevendo que consideram o método de Freud a sua filosofia como verdade absoluta. Ressentem-se amarga e instantaneamente de qualquer crítica, chamando-a de “reacionária” ou “obscurantista”. Mas muitos outros já mudaram ou abandonaram as idéias fundamentais

---

<sup>2</sup> *The Condition of Man*, p. 364, Harcourt, Brace & Company, Inc., New York, 1944.

<sup>3</sup> *The Nature and Destiny of Man*, vol. I, p. 121, Charles Scribner's Sons, New York.

<sup>4</sup> Introdução, em Arthur Schopenhauer, *O Pensamento Vivo de Schopenhauer*, p. 28, New York, 1939.

de Freud. Entre êles contam-se Karen Horney e Teodoro Reik.<sup>5</sup>

As razões dêsse exagerado interêsse pelo sexo jazem profundamente na nossa civilização:

“Com Marte se entender; com almas conversar;  
Relatar o que faz o monstro lá no mar;  
O horóscopo dizer; a bola de cristal  
Consultar; a doença, em letras descobrir;  
Biografias fazer, pelas rugas da mão;  
Nos dedos encontrar tragédias; e presságios  
Proferir, por bruxedo ou por fôlhas de chá;  
O mistério inquirir, com cartas de jogar;  
Pentagramas mexer e aloxânicos ácidos;  
Em pré-consciente horror e imagem repetida  
Dissecar e sondar o ventre, a tumba, os sonhos,  
São êstes usuais passatempos e drogas  
De que faz propaganda a imprensa em nossos dias.  
E sempre assim será sempre que hesitação  
E desgraças houver, atormentando o mundo.”<sup>6</sup>

A principal razão dessa deificação do sexo está na perda da crença em Deus. Uma vez perdido Deus, per-

---

<sup>5</sup> Os antropologistas culturais mostraram que as concepções de Freud a respeito da história da civilização são falsas e infundadas. O inventor da sua idéia favorita do “pensamento pré-lógico” (ou mentalidade arcaica), o falecido Lévy-Brühl, escreveu uma completa retraction, sômente há pouco publicada. Em seus livros de notas (*Carnets, in Revue Philosophique*, 1947) declarou que não há tal coisa como o pensamento pré-lógico e que êle se havia inteiramente enganado interpretando seus dados de tal maneira. Em segundo lugar, a noção de que a esquizofrenia é causada por fatores mentais operando de acôrdo com os mecanismos freudianos, está cambaleante. Esta idéia é particularmente cara a um grupo de freudistas. R. G. Hoskins (*The Biology of Schizophrenia*, New York, 1946), da Escola Médica de Harvard, acentuou o fato de que há tantas indicações de patologia orgânica nesta doença que uma origem puramente mental é improvável.

<sup>6</sup> T. S. Eliot, *Four Quartets*, N. 3, Dry Salvages, V, p. 27, Harcourt, Brace & Company, Inc., New York, 1943.

dem os homens a finalidade da vida e quando se esquece a finalidade da vida, torna-se o universo sem significação. Tenta então o homem esquecer seu vazio pela intensidade da experiência do momento. Este esforço por vêzes vai tão além que faz da carne de alguém um deus: há idolatria e adoração, as quais, em consequência, terminam em desilusão, quando o chamado "anjo" se revela apenas um anjo decaído e sem grande atração. Por vêzes a *própria* carne é transformada em deus. Então tende-se à tirania sôbre a outra pessoa e, finalmente, à crueldade.

Não há fórmula mais segura de descontentamento que tentar satisfazer nossos anseios pelo oceano do Amor Infinito com a xícara das satisfações finitas. Nada de material, físico ou carnal poderá jamais satisfazer completamente o homem. Tem uma alma imortal que necessita dum Amor Eterno. "Não só de pão vive o homem." A necessidade que tem o homem de Amor Divino, uma vez pervertida, impele-o a ir em busca do Amor Infinito em sêres finitos, nunca o encontrando e, contudo, nunca podendo dar fim às buscas, a despeito de seus desapontamentos. Então segue-se o cinismo, o tédio, o aborrecimento e por fim o desespêro. Tendo perdido o oxigênio espiritual, tal homem sufoca. A vida deixa de significar algo de precioso para êle e pensa em aniquilar-se, como seu final e derradeiro ato de rebelião contra o Senhor da Vida. Como observa E. I. Watkin a respeito de tais modernos:

"... O racionalismo roubou-lhes a fé em Deus e a espiritual vida de amor em união com Ele. Sendo homens e não máquinas de calcular ou vegetais, devem ter vida concreta, intensa, apaixonada. Voltam-se, portanto, para o sexo, para a imagem biológica da vida espiritual, sua paixão e união — não pelo que êle realmente possa dar e tem dado em to-

dos os tempos, mas pelo conteúdo daquela outra e suprema vida de amor que êle reflete. Ficam sem dúvida desapontados. Mas sua busca é um juízo, um testemunho e uma intimação. É em primeiro lugar um julgamento... O raciocínio humano não pode alcançar o claro e completo sistema de verdades sôbre o qual só poderia ser construída uma ordem mundial estável de natureza puramente racional. Êle (o homem) é devorado pelo monstro submarino da vida biológica, emboscado nos seus instintos irracionais, a baleia do sexo. Pois, como a baleia, o sexo deveria alimentar as necessidades do homem e não engoli-lo. Mas o monstro marinho pode afinal de contas revelar-se instrumento de sua libertação. Na sua barriga, escura e confinada, aprende êle, como o profeta, a impotência de seus poderes naturais para satisfazer as exigências de seu espírito, sua necessidade de iluminação divina e de graça. Assim, o julgamento do sexo na sua moderna idolatria torna-se um testemunho da necessidade para o homem da vida e do amor que só Deus pode conferir, um testemunho da realidade que prefigura e reflete." <sup>7</sup>

Uma segunda razão para o culto do sexo é o desejo de escapar à responsabilidade de viver e à voz intolerável de uma consciência inquieta. Pela concentração sôbre áreas inconscientes, animais, primitivas, os indivíduos dominados pela culpa sentem que não mais precisam de afligir-se a respeito da significação da vida. Uma vez negado Deus, então tudo se torna permitido para êles. Negando a ética na vida, substituíram a liberdade pela licença.

---

<sup>7</sup> *The Bow in the Clouds*, Sheed & Ward, Inc., Londres, 1931.

“Aquêles que estão cientes da prova apresentada pela moderna psicologia da larga parte desempenhada nas opiniões e conduta do homem pela força consciente ou inconsciente da sexualidade podem muito bem inclinar-se para a opinião de que a vontade de subverter a ordem social não é devida inteiramente ao amor insolúvel da justiça, ou mesmo à necessidade de alimento e bens entre os famintos e os que nada possuem; um desejo mais ou menos franco de libertar-se das restrições sociais à atividade sexual é um fator freqüente e importante.”<sup>8</sup>

É por isso que uma era de licença carnal é sempre uma era de anaquia política. Os fundamentos da vida social são abalados no mesmo instante em que os fundamentos da vida familiar são destruídos. A rebelião das massas contra a ordem social, que Marx advogou, se emparelha com a rebelião da libido e dos instintos animais, que os sexualistas advogam dentro do indivíduo. Ambos os sistemas negam a responsabilidade quer porque se acredite que a história seja determinada pela economia, quer porque se afirme que o homem é determinado pela biologia. Contudo, os próprios indivíduos que negam tôda a responsabilidade humana e a liberdade em teoria, censuram livremente seus cozinheiros porque queimaram o toucinho de manhã e dizem “muito obrigado” de noite ao amigo que louva seu derradeiro livro, *Não há Liberdade*.

Uma terceira razão para a supervalorização do sexo é a negação moderna da imortalidade. Uma vez negado o Eterno, o Agora se torna totalmente importante. Quando os homens acreditam na imortalidade, não somente buscam a continuidade de seu espírito na eter-

---

<sup>8</sup> Pierre Henri Simon, *Marriage and Society, in Body and Spirit*, p. 112, Longmans, Green & Company, Inc., New York, 1929.

nidade, mas também a continuidade de sua carne, por meio da criação de famílias que lhes sobreviverão e aceitam por outra parte o desafio que a morte lhes apresenta. A negação da imortalidade dá assim à morte duplo domínio, primeiro sôbre a pessoa que nega a sobrevivência, embora deva necessariamente morrer, e em segundo lugar levando-o a repudiar a vida familiar, que é agora olhada como simples obstáculo aos prazeres da breve hora da vida. É fato histórico que, em tempos de desastre, epidemia, bombardeios, etc., alguns indivíduos que não possuem valores eternos a sustentá-los, vendo extinguir-se em tôrno de si a duração da vida, mergulham em orgias de deboche. A concentração em tôrno das coisas perecíveis da terra tende a secar o entusiasmo moral e a estimular ânsias de satisfação bestial, quando tais homens vêem seu fim aproximar-se. Mas tais catástrofes não são necessárias. Sempre que o tempo na terra é visto como totalmente importante, os mais velhos falam a respeito "do futuro que está nas mãos dos moços". Cada qual tem receio de falar de sua idade e o assunto velhice é tratado de uma maneira entre insultuosa e escarnecedora. Como animais acuados, não em jaulas, mas no tempo, tais homens se encolerizam contra a passagem do tempo. Os anos apressados diminuem o prazer e lançam uma sombra que se tenta não ver. Mas desde que se não tem esperança de escapar a ela para sempre, o mêdo da morte cresce a tôda pressa. Não é por acaso que a atual civilização, que deu ênfase ao sexo como nenhuma outra era na história da Cristandade o fêz, vive no temor constante da morte. Beaudelaire pintou muito bem o amor moderno dizendo-o sentado sôbre um crânio. Quando se dá à carne um valor moral, ela produz vida; quando o sexo frustra a moralidade, termina em morte.

Uma criança a quem se deu uma bola e se disse que será a única bola que jamais terá na vida, não pode

gozar muito dela porque é dominada pelo medo de perdê-la. Outra criança, a quem se disse que se fôr boa ganhará outra bola, uma bola que nunca se acabará e lhe dará um prazer infundável, não precisa ter medo de perder a primeira. O mesmo se dá com o homem que tem somente um mundo, em contraste com o cristão. Mesmo em pleno gozo da vida, o primeiro homem caminha com medo de seu fim. Seus prazeres todos são ensombrados pela morte. Mas o homem que acredita numa vida futura, condicionada pela moralidade, tem a grande vantagem de ser capaz de ser feliz neste mundo, bem como no outro.

A predileção pelo sexo é característica de uma era profundamente naturalística. Mesmo antes de conceber-se a psicanálise, podiam-se observar sinais notáveis de tal desenvolvimento. A escola literária naturalística da França, que veio a ter tremenda influência, começando com Flaubert, Guy de Maupassant e Zola, deu ênfase ao sexo. Nenhum daqueles escritores era um "moralista", mas partilhavam a idéia de que a "natureza" devia ser discutida francamente e sem restrições. Há pouca licenciosidade em seus escritos, mas acontecia que aquelas obras, na intenção de descrever as coisas humanas como são, foram acolhidas por leitores que buscavam bem outro efeito nelas. A escola naturalista tornou-se assim, involuntariamente, uma preparação para uma licenciosidade crescente. O êxito da psicanálise na América, não com os psiquiatras, mas com o público, tem a mesma fonte de êxito de certos romancistas do sexo, como D. H. Lawrence.

Uma quarta razão da supervalorização do sexo é a *negação da alma racional* e a igualização do homem ao animal. Isto implica o abandono completo da ética nas relações humanas. Não a vontade, mas o instinto, reina agora supremo, da mesma maneira que os padrões de moralidade deram lugar às práticas de curral.

A tragédia moderna não está em que os seres humanos dão muitas vezes mais expansão a suas paixões agora do que em eras passadas, mas em negarem, abandonando a estrada direita, a existência dessa mesma estrada. Os homens se revoltaram contra Deus em outras idades, mas reconheciam que aquilo era uma revolta. Pecavam, mas sabiam que pecavam. Viam claramente que estavam na estrada errada. Hoje os homens atiram fora o mapa.

A identificação do homem com o animal é uma grande fraude. O sexo no homem não é a mesma coisa que o sexo nos animais.<sup>9</sup> Um animal sente, mas nenhum animal ama. No animal, não há conflito entre corpo e espírito. No homem, há. No animal, o sexo é mecânico, uma questão de estímulo e de reação. No homem, está ligado ao mistério e à liberdade. No animal, é apenas um relaxamento de tensão. No homem, sua ocorrência não é determinada por nenhum ritmo natural, mas pela vontade. O sexo pode causar solidão

---

<sup>9</sup> Para uma exposição estritamente empírica das profundas diferenças entre animal e homem, especialmente no que diz respeito aos instintos, ver K. Goldstein, *The Organism*, New York, 1939, e *Human Nature in the Light of Psychopatology* (William James Lectures), Cambridge, Mass., 1940.

O erro naturalístico de confundir o amor com a necessidade sexual foi fortemente criticado por M. Scheler, *Wesen und Formen Der Sympathiegefuhle*, Bonn, 1922. Scheler mostrou que indentificar tôdas as espécies de amor com a do sexo, só é possível se as diferenças fenomenológicas forem totalmente desprezadas (tais como as de amor paternal, filial, sexual, etc.). Em certo sentido, todo amor é um, até onde é dirigido para uma pessoa; sempre significa transferência da própria pessoa para a da pessoa amada; *non quaerit quae sua sunt*. Dentro desta moldura, porém, há grandes diferenças e não há possibilidades de "derivar" tôdas as formas de amor pessoal do amor sexual, e ainda menos de uma apetência sexual meramente biológica. De acôrdo com as doutrinas psicanalíticas, a sexualidade fornece o exemplar ou modelo pelo qual se molda tôda conduta e de modo especial a do amor. A sexualidade, porém, não é um exemplar, mas a expressão das atitudes básicas de uma pessoa.

e tristeza no homem, o que não causa num animal. O animal pode satisfazer todos os seus baixos desejos. O homem não pode fazer isto e sua tensão vem do fato de tentar substituir o pão da vida pela palha do sexo. Como disse Prinzhorn, ao falar de certo tipo de freudismo: "Dá êle às pessoas superintelectualizadas fora de contato com a terra vivente, nas garras de uma sexualidade degradante, uma falsa religião, admiravelmente adequada à sua condição."

Um aspecto totalmente esquecido do problema sexual no homem é o papel que o pecado original tem desempenhado como sua causa, embora deva ser dito em abono da psicologia moderna que tem ela implicitamente reafirmado o fato, sob o nome de "tensão". A natureza do homem não é intrinsecamente corrupta, mas fraca. Como resultado, as emoções muitas vêzes logram supremacia sôbre a razão. Com profunda penetração, escreve Bediaeff:

"Há dois tipos diferentes de gôzo: um que nos lembra o pecado original e sempre contém veneno; o outro que nos lembra o paraíso. Quando um homem está gozando o prazer da paixão sensual ou o prazer de comer, deveria sentir a presença do veneno e lembrar-se do pecado original. Esta é a natureza de todo prazer ligado à luxúria. Sempre testemunha a pobreza e não a riqueza de nossa natureza. Mas quando experimentamos o deleite de respirar a brisa marítima ou o ar da montanha, ou a fragrância das matas, e prados, lembramo-nos do paraíso. Não há luxúria nisto.

Estamos comparando aqui prazeres que têm caráter fisiológico. Mas a mesma comparação pode ser feita no reino do espírito. Quando um homem está gozando o prazer de sua avareza ou vaidade, deveria sentir o veneno e lembrar-se do pecado ori-

ginal. Mas quando está gozando um ato criador que revela a verdade, ou cria beleza ou irradia amor sôbre seu semelhante, lembra-se do paraíso. Todo deleite ligado à luxúria está envenenado e lembra o pecado original. Todo deleite livre de luxúria e ligado a um amor de valores objetivos é uma lembrança ou antegôzo do paraíso e nos liberta dos liames do pecado. A sublimação ou transfiguração das paixões significa que uma paixão fica purificada da luxúria e que um elemento criador livre nela penetra. Este é um ponto de importância fundamental para a ética. O homem deve esforçar-se primeiro e antes de tudo por libertar-se da escravidão. Tôda condição incompatível com a liberdade espiritual e a ela hostil é má. Mas tôda luxúria (**concupiscentia**) é hostil à liberdade do espírito e escraviza o homem. A luxúria é ao mesmo tempo insaciável e prêsã à mortalha. Não pode ser satisfeita, porque é a infinitude má do desejo ardente. Existe outra espécie diferente de desejo, que também se estende para o infinito, por ex., a fome da justiça absoluta. Os que têm fome e sêde de justiça são bem-aventurados porque se interessam pela eternidade e não pela infinitude má. A divina realidade que enche nossa vida é o contrário do tédio e do vazio que nascem da má volúpia de viver. A luxúria, pela sua própria natureza, é estéril e se opõe à criação. A criação é generosa e sacrificial, significa a doação dos poderes da gente, ao passo que a luxúria quer tudo para si mesma, é gananciosa, insaciável e vampiresca. O verdadeiro amor dá fôrça à pessoa amada, ao passo que o amor luxurioso vampiricamente absorveu a fôrça da outra pessoa. Onde haver oposição tanto entre luxúria e liberdade, como entre luxúria e criação. A luxúria é uma paixão pervertida e anteriormente debilitada. O poder é uma fôrça cria-

dora, mas há uma coisa que se chama a volúpia do poder; o amor é uma fôrça sacrificial, mas há também a volúpia do amor.”<sup>10</sup>

Quaisquer que sejam as razões primárias da atual superenfatisação do sexo, não devem ser atribuídas ao próprio Freud. Uma distinção justa deve ser feita entre Freud e freudismo, espécie de pan-sexualismo que reduz tudo ao sexo de um modo que o próprio Freud nunca entendeu. Os que levaram suas teorias de análise ao extremo de tudo interpretar em termos de sexo têm sido submetidos a sátiras tremendas. O exemplo mais interessante apareceu no *G. K's Weekly*, que traduziu a vida em termos de cerveja, em vez de sexo. Lê-se nêle:

“É agora fato estabelecido que todos os motivos humanos e tôda ação são devidos à Cerveja, não simplesmente entre adultos, mas também entre crianças...

A vida inteira de uma criança (de qualquer sexo) é atuada pela Cerveja. A primeira ação de que é capaz uma criança é um grito de desejo. Estabelecemos que êste não é outro senão um grito que pede Cerveja, ou em todo caso que pede alguma espécie de bebida. O ato seguinte da criança é beber. Se não bebe cerveja é que seu sistema não está ainda capacitado a ingerir cerveja. Mas por trás da fruição do leite está o desejo da cerveja. Chamamos a isto instintos primários. Os instintos secundários hão de ser encontrados no gôsto pelas rôlhas que saltam, pelas côres amarelo-castanhas, pelas substâncias espumosas (como o sabão) e assim por diante. A criança chama instintivamente

---

<sup>10</sup> *The Destiny of Man*, p. 179, Charles Scriber's Sons, New York, 1937.

seu Pai de Papá (o que representa o pipocar da rólha) e sua mãe de Mamã (o que lembra o ruído do líquido que está sendo derramado num copo). Todos os ruídos gorgolejantes da infância vão provar a força do instinto...

A maior parte de nossos conhecimentos se baseia em sonhos, o que tomamos como a mais segura prova cientificamente possível. Sabemos (graças a meios demasiado longos e complicados para serem mencionados aqui) que mesmo criancinhas muito novas sonham com outra coisa mais. Quando uma criança sonha com um bote sôbre um lago, que é isso senão um símbolo da cerveja? Com uma chuva, um rio, um mar? Tudo quanto é amarelo ou castanho é cerveja. Tudo quanto é espumoso ou cintilante é cerveja. Tudo em alguma coisa mais é cerveja (uma noz na sua casca, por exemplo, representa evidentemente a cerveja na garrafa). Tudo que se move é cerveja, particularmente movimento rápido, coisas saltitantes, que lembram "saltos". De fato, podemos dizer que a criança não pode sonhar com outra coisa senão cerveja. Não há sonho possível senão cerveja...

Eis aqui um exemplo. A paciente era a senhora X. Veio ter conosco, extremamente perturbada. "Meus nervos estão todos arrebatados", disse ela. "Desejo que o senhor me ajude." O professor Bosh interrogou-a e conservou-a sob observação. Descobriu que antes de ir deitar-se tinha ela o costume de escovar o cabelo. "A escôva era côr de âmbar e transparente. A paciente levantava-a lentamente até os lábios, parava, e depois continuava a escovar seu cabelo. Isto era uma coisa completamente inconsciente. Em resposta às minhas perguntas deixou transparecer que muitos anos antes o médico da família a havia proibido de

beber qualquer coisa alcoólica. Ela estivera acostumada a tomar um copo de cerveja tôdas as noites à hora da ceia." O professor Bosh explicou isto a ela e imediatamente ficou convencida da verdade disto. Submeteu-se a tratamento e dentro em breve estava perfeitamente bem e forte." <sup>11</sup>

Diferentemente do extremo freudismo, o cristianismo não tem a mentalidade tão estreita a ponto de fazer do sexo o instinto mais importante da vida ou de atribuir exclusivamente à sua repressão as desordens mentais. Se o recalque de seus impulsos errantes e desgovernados é a causa das anomalias mentais, por que é que aquêles que se abandonam mais à licença carnal são os mais anormais, ao passo que aquêles que acreditam na religião e na moralidade são os mais normais dos homens? Usando uma vigilância mais compreensiva e mais sadia sôbre a vida, o cristianismo investiga não uma, mas várias raízes de desordens mentais no mundo não físico e moral. Há sexo, é certo; mas há também seis outras causas possíveis: orgulho, cobiça, cólera, inveja, gula e preguiça.

A fim de compreender o papel próprio do instinto sexual, consideremos a verdadeira natureza do homem. Todo homem busca a perfeição. Está constantemente tentando transcender a si mesmo, sair fora de si mesmo, de certo modo expandir-se, escapar a suas próprias limitações. Há uma espécie de sagrada impaciência em todos nós. O "eu", o "mim" em cada um de nós sente-se limitado. Anseia por expansão, acha a terra demasiado pequena e até mesmo as estrêlas demasiado perto. A posse nos torna famintos, onde mais nos satisfaz. Queremos ser perfeitos, mas estamos apenas em um processo de realização. Não sendo capazes de

---

<sup>11</sup> G. Walter Stonier, *Psycho-Analysis*. G. K's Weekly, p. 74, 10 de abril de 1926.

encontrar a paz dentro de nós mesmos, procuramos compensar nossas limitações, estendendo-nos em uma das três direções: através do espírito, através do corpo ou através das coisas.

A autopreservação é uma das primeiras leis da natureza e implica um legítimo amor de si mesmo, pois se nós não amarmos a nós mesmos não poderemos continuar a viver. Nosso Divino Senhor nos lembra que devemos amar nosso proximo *como a nós mesmos*. O amor de si mesmo, sabendo que não pode existir por si, da mesma maneira que não pode o estômago existir sem alimento, estende-se em uma direção pela aquisição do saber e quanto mais conhecemos a verdade, tanto mais se desenvolve nossa personalidade. A busca da perfeição do eu atinge até o infinito. Ninguém jamais disse: "conheço bastante." É por isso que odiamos que haja segredos ocultos de nós (os homens odeiam tanto isto quanto as mulheres). Somos irremediavelmente curiosos: fomos feitos para conhecer.

Escapamos às limitações do corpo, em outra direção, pela expansão da nossa carne da procriação de outras pessoas. O amor tende sempre a uma encarnação. A fim de que a vida humana pudesse ser preservada e continuada, implantou Deus no homem dois grandes apetites e prazeres. Um é o prazer do alimento, para preservar a vida corporal do indivíduo; o outro é o prazer do casamento, para preservar a vida da raça.

O terceiro meio de aperfeiçoar-nos é pela posse das coisas. Assim como somos livres do íntimo, porque podemos chamar nossa alma de nossa, assim também queremos ter liberdade exterior de chamar nossas as coisas que possuímos. A propriedade pessoal ou privada é natural ao homem. É a garantia econômica da liberdade, como a alma é a garantia espiritual.

A Igreja ensina que a pessoa humana está constantemente lutando pela perfeição e se sente inquieta en-

quanto não aperfeiçoa o seu espírito no saber, ou gera sua espécie no casamento, ou assegura sua garantia econômica por meio de bens. Cada uma dessas necessidades de instintos e desejos ardentes é legítima e dada por Deus. Em cada um desses exemplos, o “eu” está tentando encontrar outro “eu”. Porque o “eu” ama a si mesmo, ama também a sabedoria, ama a carne, e ama a propriedade.

Donde pois surge a anomalia, se estas buscas são naturais? Como poderiam elas causar uma psicose, ansiedade ou um complexo, como tampouco não causam o olho vendo e o ouvido ouvindo? Se fôssemos animais, estas buscas da perfeição nunca haveriam de causar, de fato, perturbações, pois o desejo de um animal pode ser plenamente satisfeito, mas o do homem não pode. Nenhum animal tem curiosidade a respeito da clorofila, quando vê uma planta, não tem um esquilo um complexo de ansiedade a respeito da possibilidade de haver uma carestia de nozes daí a dez anos. Mas os impulsos e paixões do homem estão submetidos à sua vontade. Não sendo mecânicamente ordenadas como *meios* para salvação de sua alma, pode fazer êle mau uso de suas paixões, torná-las *fins* em si mesmas, tentar descobrir o absoluto na relatividade delas.

O amor-próprio, que é bom, pode ser pervertido em auto-adoração, na qual se diz: “Sou minha própria lei, minha própria verdade, meu próprio modelo. Ninguém pode dizer-me coisa alguma. Tudo quanto chamo direito é direito; o que chamo errado é errado. Portanto, sou Deus.” Este é o pecado do orgulho, a perversão do amor-próprio em egotismo. Tal inflação indevida de si mesmo é uma das principais causas da infelicidade. Quanto mais o balão se enche, mais facilmente pode ser furado. O egoísta anda com prudência, no constante perigo de ver destruídos seus falsos valores.

O instinto sexual, que é bom, pode também ser pervertido. Nos dias da Roma pagã alguns indivíduos corruptos compareciam a banquetes, empanturravam-se de comida, faziam cócegas na garganta para vomitar os alimentos e depois voltavam a comer mais. Isto era mau, porque, como lhes dizia a razão, come-se para viver e o prazer não deve ser separado de sua função. Da mesma maneira, quando os fogos da vida são deliberadamente despertados, não para acender novas tochas de luz, mas para queimar a carne, há o pecado da luxúria. Esta é uma perversão que os animais não podem cometer porque não podem desfuncionalizar e centralizar artificialmente seus instintos.

Em terceiro lugar, o legítimo desejo do homem de expansão própria por meio da propriedade pode ser pervertido numa paixão desordenada da riqueza, sem consideração quer ao seu uso social, quer às necessidades do próximo. Este é o pecado da avareza, no qual um homem não possui uma fortuna, mas uma fortuna o possui.

Pelo fato de poder a vontade do homem perverter as boas paixões, instintos, anseios e aspirações do homem em orgulho, luxúria e avareza, a Igreja impõe mortificação, por meio da prece que torna humilde a alma orgulhosa, por meio do jejum, que doma os impulsos errantes do corpo, e por meio de esmolas, que nos desprendem do amor desordenado das coisas. No reino mais alto, a Igreja permite que algumas almas escolhidas prestem o voto de obediência para expiar pelo orgulhoso, o voto de castidade para redimir o licencioso e o voto de pobreza para compensar os cobiçosos. Estes votos são prestados não porque o gôzo do espírito, da carne ou da propriedade seja mau, mas porque alguns membros da sociedade abusam deles e o pervertem. Essas almas sagradas, curvando-se humildes, compensam, por assim dizer, os excessos das outras, em pro-

veito destas. Assim é a reta ordem dos bens preservada no universo de Deus.

A luz do que fica dito acima, não há mais altaneira tolice do que dizer que a Igreja se opõe ao sexo. Não é mais oposta do que o é a que se coma um jantar, se vá à escola ou se possua uma casa. A natureza não é corrupta. Como disse Aristóteles, “a natureza nunca diz uma mentira.” É o falso uso da natureza pelo homem que obscurece a face do mundo. Nem acredita a Igreja como um monomaniaco que o sexo é o único instinto que o homem tem, ou que todos os outros instintos hão de ser interpretados em termos de sexo. Pelo contrário, com uma compreensão mais profunda da natureza humana, diz ela que o anseio de perfeição é básico e que o sexo é apenas um dos *três* meios pelos quais se realiza nesta vida uma relativa perfeição.

Donde pois tiraram os fanáticos do sexo a idéia de que a Igreja é a inimiga do sexo? Tiraram-na da sua inabilidade em fazer uma distinção: uma distinção entre *uso e abuso*. Pelo fato de condenar a Igreja o abuso da natureza, os fanáticos do sexo pensam que a Igreja condena a própria natureza. Isto não é verdade. Longe de desprezar o valor do corpo humano, a Igreja o dignifica. É seguramente mais nobre dizer, com o cristão, que o corpo é um Templo de Deus, do que dizer, com alguns modernos espíritos, que o homem é simplesmente um bêsta. Como disse Clemente de Alexandria: “Não devíamos ter vergonha de mencionar aquilo que Deus não teve vergonha de criar.” Não há pecado no reto uso da carne; mesmo sem a Queda do Homem, a imagem do homem deveria ter sido continuada por meio da procriação. E Santo Tomás nos diz que havia mais prazer no casamento antes da Queda do que agora, por causa da maior harmonia e paz na alma do homem. Santo Agostinho disse: “Fariamos, portanto, injúria a nosso Criador imputando nossos votos à nossa

carne; a carne é boa, mas abandonar o Criador e viver de acôrdo com êste bem criado é que é errôneo.”<sup>12</sup>

A Igreja fala, sem dúvida, do pecado no domínio do sexo, como fala do pecado no domínio da propriedade, ou do pecado na área do amor-próprio. Mas o pecado não repousa no instinto ou na própria paixão. Nossos instintos e nossas paixões são dons de Deus; o pecado repousa na perversão dêles. O pecado não está na fome, mas na gula. O pecado não está em procurar a segurança econômica, mas na avareza. O pecado não está na bebida, mas na embriaguez. O pecado não está no recreio, mas na ociosidade. O pecado não está no amor ou no uso da carne, mas na luxúria, que é a sua perversão. Justamente como o sujo é a matéria no lugar errado, da mesma maneira o sexo pode ser a carne fora do lugar devido.

Uma concentração indevida em tórno de uma única das atividades da vida tende a tornar um homem anormal por meio do desequilíbrio do interêsse. Isso é especialmente verdade quando se trata duma preocupação excessiva com o carnal. Tende a tornar o que é psíquico-físico, fazendo retroceder tudo a um único instinto. O sexo em outras idades era físico; dava em resultado nova vida. Hoje, porque muitas vêzes impede a vida, é também psíquico. *Pensa-se* no sexo como em um meio de prazer, a tal ponto que êle se tornou uma obsessão. Justamente como um cantor ficaria louco se

---

<sup>12</sup> Há uma falsa “pureza” corrente entre os pudicos, que quer ficar livre de todo contato com o sexo, exceto quando podem descobrir tal pecado em outrem. “Fico tão contente por ver que não há palavras impuras no seu dicionário!”, observou uma dama ao Dr. Samuel Johnson. “Como sabe disto a senhora? Andou procurando-as?” foi a mordente réplica do doutor. É tal gente que cria a impressão de que a religião condena e despreza tudo quanto se relacione com sexo. Nos tempos primitivos, a Igreja falava mesmo mais livremente dêste assunto que agora. São Bernadino de Siena não hesitava em falar bem rudemente em 1429, mas a atitude mudou depois da Reforma.

se concentrasse no seu tórax, em vez de concentrar-se na sua canção, e um regente de orquestra tornar-se-ia um neurótico concentrando-se em sua batuta, em vez de concentrar-se na sua partitura, da mesma maneira o homem moderno pode enlouquecer em pensar no sexo, em vez de pensar na vida.

Pois é o *isolamento* do fator sexual da totalidade da vida humana, o hábito de olhá-lo como idêntico à paixão que um elefante pudesse sentir, a ignorância da tensão corpo-alma no homem, que causam tantas anomalias e doenças mentais. O falso isolamento da parte do seu todo é um traço comum no pensamento contemporâneo. A vida do homem hoje em dia está dividida em muitos compartimentos que permanecem desunidos e desintegrados. O negócio de um homem de negócios não tem conexão com a sua vida na família — tão pequena de fato que sua mulher (sua “mulherzinha”) é mantida na ignorância da renda do marido. Como não há conexão entre a profissão de um homem e o resto da sua existência diária, não há tampouco uma conexão entre sua vida diária e sua religião. Esta separação da vida em compartimentos estanques torna-se mais desastrosa quando a ocupação e o trabalho estão cada vez menos ligados a um ideal estritamente humano; a mecanização desempenha um papel catastrófico.

Sérios efeitos resultam desta mecanização e da tendência total à superespecialização na vida moderna. Estes dois fenômenos de nossos tempos estão ambos relacionados com o hábito analítico do pensamento, impôsto pela moda de uma aproximação predominantemente científica no mundo intelectual. Tudo é encarado isoladamente pelo homem moderno, porque êste método é o processo legítimo da ciência. Mas há campos em que o estudo da unidade arrancada do seu contexto deixa de ser adequado. O estudo da própria vida começou a sofrer por causa de um uso excessivo da aná-

lise, donde a reação de "totalismo" em psicologia e biologia.

O impulso sexual no homem não é *em momento algum* um instinto isolado. O desejo, desde o seu começo, é informado pelo espírito e nunca é um experimentado separado do outro. O psíquico e o físico se interinfluem. Justamente como os idealistas, que negam a existência da matéria, pecam contra a carne, da mesma forma os sensualistas e carnalistas pecam contra o espírito. Mas trair qualquer dos aspectos é provocar a vingança. "Nosso corpo é uma parte da ordem universal criada e preservada por Deus. Retamente encarado, é êle próprio um universo contido em si mesmo, confiado a nós como uma propriedade limitada, mas sagrada. O pecado mais substancial é aquêle que cometemos contra nós mesmos e especialmente contra nosso próprio corpo. A ofensa contra nosso próprio corpo inclui um pecado contra o Criador."<sup>18</sup>

O instinto sexual num porco e o amor numa pessoa não são a mesma coisa, precisamente porque o amor se funda na vontade e não nas glândulas, e a vontade não existe em um porco. O desejo sexual numa pessoa é diferente do sexo numa cobra porque, no ser humano, promete alguma coisa que não pode completamente suprir, pois o espírito no homem antecipa, o que uma cobra não faz: o homem sempre deseja alguma coisa mais do que tem. O próprio fato de que nenhuma das paixões do homem pelo saber, pelo amor e pela segurança pode ser aqui na terra completamente satisfeita, sugere que êle podia ter sido feito para alguma coisa mais.

A existência da vergonha (que não existe noutra criatura senão no homem), de novo mostra como êste instinto, acima de todos os outros, implica a alma. A

---

<sup>18</sup> Franz Werfel, *Between Heaven and Earth*, p. 121, Hutchinson & Company Ltd., Londres.

vergonha corre um véu sôbre o mais profundo mistério da vida e preserva-o do uso impaciente, mantendo-o represso até que possa servir à vida como um todo, e assim satisfazer tanto o corpo como a alma. Não haveria tal desagrado no homem, se cada um de nós não sentisse que o corpo tem uma santidade peculiar, não só pela sua potência em continuar o ato criador de Deus, mas também pela sua possibilidade de tornar-se um verdadeiro Templo de Deus.

A pessoa está em busca do absoluto, isto é, da perfeita felicidade. Usar o sexo como um substituto do absoluto é uma vã tentativa de transformar a cópia no original, de fazer a sombra tornar-se a substância e o condicionado o absoluto. Os anseios infinitos de uma alma não podem ser satisfeitos apenas pela carne. O amor, não nos esqueçamos, não está no instinto; está na vontade. Se o amor fôsse puramente orgânico, não mais significativo do que qualquer outro ato físico, tal como respirar e digerir, não estaria cercado tantas vêzes de sentimentos de náusea. Mas o amor adulto é muito mais do que isto, não é um eco da fantasia proibida de uma criança, como alguns nos dizem. Tôda alma sente numa inquietação, um anseio, um vazio, um desejo que é uma lembrança de algo que foi perdido — nosso paraíso. Todos somos reis exilados. Êste vazio só pode ser preenchido pelo Amor Divino e nada mais! Tendo perdido Deus (ou tendo sido Dêle despojada por falsos mestres e charlatães sexualistas) a pessoa tenta encher o vácuo pelos promiscuos “casos de amor”. Mas o amor, tanto humano como divino, fugirá daquele que pensa que êle é meramente fisiológico: sômente pode amar nobremente quem vive uma vida nobre.

Ê errado dizer que o profundo amor espiritual dos santos por Deus é uma sublimação do instinto sexual, como alguns espíritos perversos têm realmente sugerido. Isso é o mesmo que dizer que o amor da pátria se deriva

do amor do elefante pela horda. A idéia de que a religião teve sua origem no instinto sexual é por demais estúpida para ser refutada, pois as maiores influências religiosas da história têm sido as mais separadas do sexualismo. Quanto mais uma pessoa vive na presença de Deus, tanto mais desenvolve um reflexo contra o mau uso do sexo, tão automático como a maneira pela qual um olho pisca, quando a poeira o fere. Por outro lado os fanáticos do sexo não são apenas pessoas sem religião, mas, em geral, pessoas anti-religiosas. É curioso ouvir tais homens insistirem em que devemos repudiar a moralidade cristã e desenvolver uma nova ética que se acomode às vidas imorais de uns poucos milhares de indivíduos que eles registraram. Porque os estatísticos puderam descobrir 5.000 pessoas vivendo vidas carnavais, sugere-se que o ideal delas deverá tornar-se o ideal universal. Igual número de casos de contração dos músculos do queixo pode ser encontrado nos Estados Unidos. Imaginaria alguém que o endurecimento do queixo fôsse tido em consequência como um modelo de saúde física? Os pecados não se tornam virtudes por estarem largamente praticados. O direito é ainda direito, se *ninguém* é direito, e o errado é errado, se toda gente é errada. Muitos têm argumentado que as aberrações sexuais são tão comuns como o resfriado, mas ninguém tem até agora pedido que consideremos o resfriado normal e desejável.

Do lado positivo, a posição do cristão é que o instinto sexual é o *reflexo* do amor na ordem espiritual. O sol aparece primeiro, depois seus reflexos no tanque. A voz não é uma sublimação do eco e nem a crença em Deus uma sublimação dum instinto carnal. Todo amor, toda perfeição e toda felicidade estão primeiro em Deus, depois nas coisas. Quanto mais perto criaturas como anjos e santos chegam de Deus, tanto mais felizes são;

quanto mais longe se acham, menos podem revelar as obras da Divindade.

“Há cinco aspectos do amor pelos quais a natureza do homem é elevada e completada: o amor do homem ou da mulher por Deus; o amor do homem e da mulher um pelo outro; o amor dos pais pelos filhos e dos filhos pelos pais; o amor dos homens e das mulheres pela pátria ou pela comunidade; e o amor dos homens e das mulheres pela excelência em alguma atividade criadora, na arte, na literatura ou na filosofia. Não são estas cinco maneiras ou espécies de amor dadas para enobrecer os homens, mas cinco aspectos do amor que é um, mesmo quando pensamos nêle como fluindo entre Deus e o homem. Em cada criancinha que jaz no regaço materno, há algo da Encarnação; o mistério da humanidade torna-se a revelação do Céu; e em tal encarnação do Divino Amor podemos distinguir, carregado em cada aspecto do amor humano, o Verbo Encarnado Naquele em cuja vontade está nossa paz.”<sup>14</sup>

Uma vez que a importância do sexo é devida a um esquecimento da verdadeira natureza do homem como corpo e espírito, segue-se que a cura de ansiedades, tensões e infelicidades (criadas pela identificação do homem com uma bête) depende de uma restauração do significado do amor. O amor inclui a carne, mas o sexo, compreendido como instinto animal, não inclui o amor. O amor humano sempre implica o Perfeito Amor.

Há um duplo amor em cada um de nós: um amor que é a realização de si mesmo e tem em vista o nosso próprio bem, e um amor que é a anulação de si mesmo

---

<sup>14</sup> W. F. Lofthouse, *The Family and the State*, p. 141, Epworth Press, Londres, 1944.

e tem em vista o bem de outrem.<sup>15</sup> Ambos os amôres estão incluídos no Mandamento Divino: "Amarás a teu próximo como a ti mesmo" (Mat. 22:39). Um dêles afirma-se a si mesmo e é possessivo, faz-nos comer, beber e trabalhar para sustentar nossa vida. O outro é sacrificial ou possuído e busca não possuir mas ser possuído, não ter mais ser tido. O primeiro bebe a água para que possa viver. O outro partilha dessa água ou mesmo abre mão dela, para que o próximo possa viver.

Cada amor é direito e bom e destinado a agir como um freio sôbre o outro. Se o eu fôsse inteiramente negligenciado, não sômente perderíamos todo o respeito por nós mesmos, mas seríamos consumidos, como uma mariposa na chama. Nenhum de nós deseja isto. Não desejamos ver nossas pessoas extintas ou dissolvidas em algum grande Nirvana do inconsciente. Mas o amor sem egoísmo também é essencial. Se fôr negligenciado, teremos egoísmo, soberba, presunção, vaidade e carnalidade.

Para exprimir esta tensão entre os dois amôres em outras palavras, há em cada coração um impulso entre o romance e o casamento, entre o namôro e a união, a caça e a captura. Amor terreno que seja sômente a busca é incompleto; amor que seja apenas obtenção é inerte. Se o amor se limita à posse, o amado é absorvido e destruído; se o amor se limita apenas ao desejo, é uma fôrça inútil que se queima a si mesma, como uma estrêla que se extingue. Este fracasso tanto da busca como da satisfação em satisfazer causa o mistério e por vêzes o sofrimento de amor.

Como prossecussão apenas, o amor é a morte pela fome; como satisfação apenas, o amor é a morte pela

---

<sup>15</sup> Tratamento profundo do assunto pode ser encontrado em M. C. D'Arcy, *The Mind and Hearth of Love*. Faber and Faber, Ltd., Londres, 1946.

saciedade e pelo seu próprio enfartamento. Se o amor não pudesse atingir nível mais alto do que a terra, seria como um pêndulo de um relógio alternando e tiquetaqueando entre caça e captura, captura e caça, indefinidamente. Mas nossos corações anseiam por algo mais. Ansiamos por uma fuga dessa fatigante iteração de caça e captura; não queremos emular no amor com o caçador que parte para uma nova prêsã porque já matou a antiga.

E há uma fuga. Existe, no momento eterno em que se unem busca e achado. No Céu capturaremos o Amor Eterno, mas uma infinidade de caça não será bastante para sondar suas profundezas. Este é o Amor no qual vós afinal podeis ter a vós mesmos e perder a vós mesmos em um e mesmo agora eterno. Aqui a tensão entre romance e casamento se reconcilia num instante eterno de alegria, um instante que partiria o coração, se não fôsse vida aquêle Amor. Nunca ter sede seria inumano; sempre ter sede seria infernal; mas beber e ter sede no mesmo eterno amor é erguer-se à mais alta bem-aventurança de Amor. Este é o Amor de que “carecemos em todo amor, a Beleza que deixa tôda outra beleza padecer, o não possuído que torna a posse vã”. O mais perto que podemos chegar de tal experiência em nossa imaginação terrena é pensar no momento mais arrebatadoramente feliz de nossas vidas e depois viver êsse momento eternamente. Esta espécie de amor mudo e inefável; não poderia haver expressão adqueda para seus êxtases. É por isso que o Amor de Deus se chama o Espírito Santo, o Hálito Sagrado, algo demasiado profundo para se exprimir em palavras.

Não bastam dois, mas três para tornar perfeito o Amor, quer seja na carne (marido, mulher e filho), no espírito (amante, amado e amor) ou na Natureza Divina (Padre, Filho e Espírito Santo). O sexo é dualidade; o amor é sempre trindade.

É esta plenitude do Amor que todo coração no universo deseja. Alguns não o suspeitam, porque nunca ergueram o postigo de seus negros corações para deixar entrar a luz de Deus. Outros foram despojados da esperança por aquêles que não podem pensar no amor em outros têrmos que não o da conjunção de dois macacos. Outros dêle se afastaram no louco temor de que, tendo as Chamas do Amor Divino, possam perder as brasas morrentes de seus atuais desejos pervertidos. Mas outros vêem que, assim como os raios dourados que cruzam as águas do lago são reflexos da lua lá no alto, da mesma maneira o amor humano é apenas o reflexo apagado do Divino Coração. Sòmente em Deus se encontra a satisfação de todos os desejos.

A mulher junto ao poço que tivera cinco maridos e estava vivendo com um homem que não era seu marido, disse Nosso Senhor: "Todo aquêle que bebe desta água tornará a ter sêde" (João 4:13). Não há poços humanos bastante profundos para estancar a sêde insaciável da alma humana, mas êste desejo pode ser satisfeito: "Mas o que beber da água que eu lhe der, nunca jamais terá sêde; mas a água que eu lhe der, virá a ser nêle uma fonte de água que jorre para a vida eterna" (João 4:13,14). A religião enobrece o amor e aquêles que roubam o homem de Deus despojam sua natureza. Sòmente uma religião divina pode proteger o espiritual contra o físico, ou impedir que o animal em nós existente conquiste o espírito, tornando o homem mais brutal do que o bruto.

Quanto muda a vida o seu significado quando vemos o amor da carne como o reflexo da Eterna Luz lançada através do prisma do tempo! Os que desejariam separar o som terreno da harpa celestial poderão não ter música; os que acreditam que o amor é apenas o hálito do corpo logo descobrirão que o amor lança seu derradeiro hálito e que fizeram um pacto com a morte.

Mas os que vêem em tôda beleza humana, a fraca cópia do amor divino, os que vêem na fidelidade a todo voto, mesmo quando o outro é infiel, uma prova de que Deus nos ama a nós que somos tão desamáveis, os que em face de suas provocações vêem que o amor de Deus terminou numa cruz, os que permitem que o rio do seu êxtase alargue os canais unidos da oração e do culto, êstes, mesmo na terra, saberão que o Amor foi feito carne e habitou entre nós. Assim, o Amor torna-se uma ascensão para aquêle abençoado dia em que as profundezas limitadas de nossas almas serão preenchidas com o dom sem limites, em um eterno agora, em que o amor é a eternidade da vida e Deus é o Amor.

## CAPÍTULO IX

### RECALQUE E LIVRE-EXPANSÃO

Há cêrca de setecentos anos, um dos homens mais instruídos que já existiram, Tomás de Aquino, escreveu um tratado sôbre as paixões que até hoje jamais foi ultrapassado. Tratando de ansiedades, disse êle: "Qualquer idéia que seja nociva ao espírito causa prejuízo na justa proporção em que é recalçada. A razão é esta: o espírito está mais atento a uma idéia recalçada do que se a tivesse trazido à superfície e permitido sua libertação."

Não era esta uma idéia completamente nova, mesmo quando êle escreveu, pois já estava implícita no Sacramento da Confissão, que descobre ansiedades ocultas, servindo assim a dois propósitos no plano psicológico: evita que elas se infiltrem no inconsciente e causem um complexo e também as desperta porque, quando são trazidas ao nível da vontade, podem ser controladas ou mesmo dominadas.

O século XIX (que já estava quatro séculos distante da prática cristã da confissão e do arrependimento) começou a ver os terríveis efeitos da repressão geral das ansiedades, da culpa, do pecado e das preocupações. Mas os novos escritores deram um jeito levemente diferente à velha idéia de que as repressões são perigosas. Por terem sido Deus, a moralidade e a possibilidade da culpa pessoal todos negados, afirmou a nova filosofia que a repressão das *paixões e instintos* estava errada. (Era a *idéia* recalçada, contra a qual lançara Tomás de Aquino a sua advertência.) A nova opinião dizia que o id de um homem e seus instintos animais deviam

ter livre-expansão contra os totens e tabus das velhas superstições de moralidade, Deus e religião. Esta psicologia afirmava: “Exprima-se. A religião e a moralidade estão destruindo a sua personalidade.” Tôda restrição, autoridade e disciplina foram encaradas como danosas ao caráter. Tal filosofia não podia manter-se contra razão certa.

Se realmente um homem se torna melhor e mais sadio porque dá liberdade a seus instintos sexuais e não sofre inibições provenientes da lei cristã do matrimônio vitalício, por que não se tornaria melhor em virtude de dar liberdade a outros instintos, tais como o instinto da caçada? Porque não organizar uma caça “ao inimigo para matá-lo”, sem a inibição do tabu moral do Quinto Mandamento? Se fôssemos lógicos em permitir a mesma livre-expansão ao instinto do medo como ao instinto sexual, então deveríamos louvar um soldado que, no meio da batalha, deserta do seu pôsto, justamente como alguns escritores agora louvam um marido quando abandona sua mulher. Se o instinto sexual não deve estar prêso por tabus morais, por que se manter ligado ao instinto de pugnacidade? Por que não permitir que uma agressão se afirme, punindo a pessoa que toma a nossa dianteira num balcão de comércio — especialmente se essa pessoa é menor do que nós? Se a prisão se seguir a esta demonstração, por que não alegar em defesa que a lei civil é apenas um tabu moral, originado de tribos africanas e de caçadores de cabeças e, portanto, destrutivo da personalidade humana, sem fôrça obrigatória neste iluminado século XX?

Se a repressão do instinto sexual é anormal, por que não será anormal a repressão do instinto de caçada? Por que não condenar a dietética? Ninguém tentou ainda convencer os cultuadores do corpo de que um totem e um tabu religioso são responsáveis por uma dieta de duas semanas.

Esta teoria da licença funda-se na falsa asserção de que um complexo *psicológico* pode ser sempre curado dando-se-lhe uma saída *fisiológica*. Isto é tão estúpido como dizer que o meio de curar uma preocupação a respeito de nossas dívidas é drenar o sangue para fora do coração. O mental e o físico, o espiritual e o carnal, não estão no mesmo nível. Podia-se então muito bem dizer que o impulso psicológico que algumas pessoas têm para matar outras poderia ser curado dando-se-lhes uma metralhadora, ou que o impulso mental para suicidar-se poderia ser curado com um mergulho do alto da ponte de Brooklyn. No que tange ao instinto sexual, a livre-expansão dificilmente pode ser o remédio que se diz ser, pois aquêles que mais se abandonam à satisfação dêsses instintos são não sòmente os mais anormais, mas também as criaturas mais infelizes, constituindo a maior ameaça à sociedade.

A teoria da licença afirma que os "totens" e "tabus" ditos religiosos têm sido responsáveis pelo recalque e, portanto, são as causas das desordens mentais. Mas por que, podemos indagar, têm êstes totens e tabus religiosos tamanha atração, senão porque já coincidiram com a reta razão e as mais altas aspirações da raça humana? Por que momentos de degeneração social e de caos mundial, tais como a queda de Roma e nossos próprios tempos, teriam sido também os períodos da maior licença e irreligião?

Mas há uma objeção mais profunda a êste programa para o homem. Se, pois, a livre-expansão de seu instinto carnal contra seu instinto moral está direita, então por certo a repressão do instinto moral deve criar um problema de recalque ainda maior. Haverá sempre alguma coisa que é recalçada. Dar aos instintos anormais livre jôgo causa um recalque de idéias morais. Os comunistas dizem que a democracia está errada porque reprime os instintos revolucionários dos comunistas;

mas se fôsse permitida aos comunistas a livre-expansão de seus instintos revolucionários, haveria uma repressão dos direitos democráticos. Tudo quanto faz esta falsa teoria da licença é substituir uma forma de recalque por outra. Os fatos da história e a experiência individual provam que nada tem contribuído mais para o desenvolvimento das desordens mentais, especialmente das neuroses, do que o recalque do senso moral por aquêles que não queriam uma ética mais elevada do que a das fazendas de criação.

Finalmente, a teoria se funda numa falsa idéia do significado da livre-expansão. Todas as coisas *deveriam* expandir-se livremente de acôrdo com sua natureza. Mas a natureza do homem não é a mesma de um bode. Dotado duma alma imortal, bem como de um corpo, expande-se mais livremente, não quando acompanha seus instintos animais, mas quando é comandado pela natureza racional que Deus lhe deu. Quando o homem se exprime contrariamente à sua natureza, gera o pecado em sua alma, tendências más nos seus ossos, desvios estranhos e anomalias no seu inconsciente, para não falar do remorso na sua consciência. Todo o seu ser se revolta contra a má direção que lhe deu a vontade depravada. Um trem de ferro é a coisa de mais livre-expansão, quando segue pelos trilhos assentados pelo engenheiro; se a sua livre-expansão consiste em repudiar os trilhos (porque foram assentados por um engenheiro com psicose religiosa), descobriria que não teria mais liberdade de ser um trem de ferro. Se um triângulo buscasse o poder de expandir-se em quatro lados, descobriria que não teria mais liberdade de ser um triângulo. Uma caldeira que se revolta contra a limitação dogmática de suportar apenas certo número de libras de pressão por polegada quadrada e por isso explode, descobre que sua expansão não passa de autodestruição.

O Dr. C. E. M. Joad disse que a teoria da livre-expansão é tão ridícula que ninguém realmente acredita nela.

“O que acreditamos é que algumas formas de livre-expansão são boas, outras não; que a expansão de si mesmo em simpatia é boa; em inveja, má; em bondade, boa; em crueldade, má; em pres-timosidade e auxílio, boa; em malícia e engrandecimento próprio, má. Contudo — e isto também sabemos — quanto mais expansão se dá àquilo que é mau, tanto pior êle se torna. Por exemplo: se quando sóbrio sou de bom gênio e bondoso, mas sou também um dipsomaniaco congênito, com tendência a bater na mulher quando embriagado, é claro que quanto mais me expandir nos termos dos meus característicos de sobriedade, bondade e bom gênio, e menos me expandir nos termos dos meus característicos congêntos ebríolos de raiva e de violência, melhor.”<sup>1</sup>

Efeitos bastante sérios acompanham o abandono aos instintos biológicos e animais. Aumentam o desespero e a morbidez. O indivíduo é apanhado na ratoeira da licença a que se submete. A liberdade é destruída quando a vítima se torna um escravo de alguma coisa externa. A Escritura nos diz que aquêle que peca se torna um escravo do pecado. Esta espécie de livre-expansão, em vez de permitir que uma pessoa se torne senhora de si, acaba por fazê-la perder o domínio sobre si e ser dominada por outrem, que é a nova forma da escravidão moderna. Finalmente, porque repudia o senso moral, tal livre-expansão diminui a responsabilidade e leva assim à destruição do caráter do homem. A medida que o tempo passa, sobrevêm pesar e desespero, pois o abandono às paixões e à luxúria animal é o ca-

<sup>1</sup> *Decadence*, p. 213, Faber & Faber Ltd., Londres, 1948.

minho para a livre-expansão, então que consolação buscará um indivíduo na velhice? Tal filosofia pode satisfazer animais jovens, mas não animais velhos.

Realmente, para o desenvolvimento do homem são precisas duas espécies de atividades ou expressões — a imanente e a transcendente. Uma permanece dentro da pessoa; a outra atua fora. A falsa filosofia de livre-expansão só admite a segunda espécie, e disso resulta um homem completamente exteriorizado. Uma verdadeira livre-expansão aperfeiçoa primeiro o espírito e depois o objetiva, produzindo cultura. A cultura sempre parece quando se perde a interioridade do espírito no “ativismo” das exterioridades. Disso resulta a escravidão — uma nova servidão completamente diversa da escravidão das antigas eras, pois na antiga variedade o homem estava sujeito a uma força externa *contra* a sua vontade; na nova escravidão, um homem está sujeito à exterioridade *por meio* de sua própria vontade egoística e vaidosa.

Marx e Freud estavam certos no tratar a escravidão como um dos problemas periódicos do homem, mas nenhum deles lhe compreendeu a natureza. Ambos aceitaram como provada a escravidão interior; ambos com razão afirmaram que o egoísmo é normal, um deles estudando-o no campo coletivo, o outro no individual. Tal egoísmo é a falha do Homem Caído, reconhecida por todos quantos admitem uma Fonte Transcendente, donde provém o homem e para a qual êle tende. Algum dia, algum historiador de profunda visão interior nos mostrará como a escravidão externa é sempre a produção maciça da escravidão interior, e como o homem, na escravidão à sua própria natureza inferior, tentou tornar normal sua condição, escravizando os outros.

A devassidão é outro efeito do pecado pessoal que busca expressão externa pela corrupção, neste caso, dos outros, pois o que é intimamente vazio não pode suportar

sua carga sòzinho; tende a esvaziar a sociedade de quaisquer valores que ela possua. A solidão da alma cria sua própria atmosfera e forma um mundo solitário. A livre-expansão, compreendida como expressão do eu animal, cujas satisfações são *externas*, gera assim não sòmente sua própria destruição, mas também a dissolução da sociedade pacífica. As restrições tradicionais e as sanções morais da sociedade vêm a ser olhadas mais e mais como tabus gastos e sem valor, ou como cruéis embaraços opostos ao egoísmo individual, que agora anda com o nome de liberdade. Acaba-se alcançando eventualmente um estágio em que não há limite conhecido para a livre-expansão. As ações mais traidoras são defendidas como direitos civis; a defesa mesmo da lei natural é ridicularizada como "medieval". Essa ilegalidade, se difundida, cria tal confusão na sociedade, que um tirano surge para organizar o caos por meio da fôrça. Assim se cumpre o que disse Dostoievski, que "a liberdade sem limites conduz à tirania sem limites".

Isto nos traz à contrastante filosofia cristã da livre-expansão. O cristianismo, como o paganismo moderno, acredita que a repressão é danosa, mas faz uma distinção necessária. O cristianismo diz que a repressão de maus pensamentos, de maus desejos e atos, tais como o impulso de matar, de despojar, de caluniar, de roubar, de injuriar, de cobiçar, de odiar, é boa para a alma. Deplora a repressão da culpa ou do pecado pela negação da necessidade da confissão. E afirma que o recalque de graças reais de inspirações para uma boa vida e da necessidade de sacrificar-se pelo próximo é má para a alma.

O cristianismo não acredita que o recalque do instinto sexual seja bom. Mas acredita na repressão do *abuso* destes instintos, de modo a impedir a luxúria num caso, e a glotonaria no outro. A Igreja nunca ensinou que o homem é composto principalmente de dois planos,

o consciente e o inconsciente; afirma que há três planos: corpo, alma e o desejo de Deus. O homem não é precisamente um animal, sujeito às exigências de seus instintos animais; tem também “eus” éticos e espirituais que exigem expressão de acôrdo com suas próprias naturezas. Mas isto não é sempre fácil.

A Igreja afirma que não há uma subordinação *automática* do corpo humano à alma e da personalidade inteira a Deus — ideal de vida ordenada que constitui para o cristão a essência da livre-expansão. Tanto o homem como a natureza parecem ter-se afastado de algum modo de seu modelo original ou essência. Algo aconteceu para danificar a natureza humana e tôdas as provas apontam para o fato de que isto se realizou, porque o próprio homem de algum modo abusou de sua liberdade. Tanto o mundo como o homem parecem ter decaído. Estão em um nível mais baixo do que aquêles a que estavam destinados, e a responsabilidade desta queda não pode ser atribuída a Deus. Deve ser ao homem. Por causa desta queda, há no homem um desvio para o mal. Em resultado, o corpo não se submete sempre à alma, nem a alma, pelos seus mandamentos, olha sempre para Deus. Às vêzes o corpo faz exigências muito imperativas, embora contra os melhores interêsses da alma. Às vêzes a alma, por sua vez, se compraz em conceder primazia a essas libidos, na suposição de que a paga será muito mais imediata do que as pagas do espírito.

Pelo fato de haver três e não dois elementos envolvidos na personalidade humana, segue-se que a doutrina cristã do abandono de si mesmo é radicalmente diferente da filosofia do abandono aos instintos animais. Aquêles que acreditam na realização carnal de si mesmos “não parecem capazes de apreender o fato de que aceitar tôda e qualquer experiência é a coisa mais fácil do mundo, ao passo que recusar algumas experiências para possuir outras é o método infinitamente mais difícil, porém mais

verdadeiro, de atingir a realização de si mesmo. Além disso, é fatal falar ligeiramente da necessidade da auto-realização sem a mais leve idéia da espécie de eu que deva ser realizada".<sup>2</sup>

A psicologia materialista acredita num abandono *passivo* da alma, no qual a parte mais elevada da personalidade dá livre freio à parte mais baixa e a seus apetites espontâneos. Acredita falsamente que, vivendo de acôrdo com sua herança animal, a personalidade receberá de volta, das misteriosas fôrças animais, aquêles dons de fôrça criadora que a alma doente perdeu. O cristão, pelo contrário, acredita, não num abandono passivo, mas num abandono *ativo* que consiste num esforço de domínio de si mesmo. A alma toma a si mesmo pela mão, disciplina as mais baixas e errantes paixões para fazê-las tender a objetivos mais altos. Da mesma maneira que o fazendeiro não pode viver, a menos que domestique os animais e os torne sujeitos a si, assim também não pode o homem viver consigo mesmo, a menos que adestre os animais selvagens que traz dentro de si, sujeite-os a seu domínio e depois, por sua vez, submetta tôda a sua personalidade a Deus.

A felicidade consiste em superar a tendência para o mal, realizando a nossa divina vocação, em dominar o impulso da natureza, e isto não se leva a cabo por meio da liberação orgíaca das fôrças primitivas, mas antes através de uma ascese, *askesis*, que atinge quase à violência. Era isto o que o Nosso Bendito Senhor tinha em mente, quando disse que o Reino dos Céus sofria violência e sômente os violentos o levariam avante. Para o cristão, o meio da perfeição é o meio da disciplina, porque compreende a perfeição como a satisfação da personalidade nos seus mais altos alcances, isto é, a ob-

---

<sup>2</sup>L. S. Thornton, *Conduct and the Supernatural*, p. 289, Longmans, Green & Company, Inc., 1915.

tenção da vida, da verdade e do amor, que é Deus. Se o homem se abandona passivamente, está destinado a morrer na sua condição atual. Para recobrar a saúde, deve tomar um remédio amargo e submeter-se a uma espécie de operação. Quando Nosso Bendito Senhor falou de Sua doutrina como sendo um jugo, pediu a Seus acompanhantes que fôsem puros em um mundo cheio de freudistas; que fôsem pobres de espírito em um mundo de capitalismo em competição; que fôsem mansos entre fabricantes de armamentos; que andassem de luto entre os buscadores de prazer; que fôsem famintos e sedentos de justiça entre os pragmatistas; que fôsem misericordiosos entre os que buscam vingar-se. Quem quer que fizer estas coisas será odiado por um mundo que não quer Deus.

Esta lei cristã de disciplina é bastante diferente dos meios de perfeição tanto hindu como grego, baseados numa espécie de indiferença autopersuasiva. Em geral, o hindu era indiferente à pessoa e o antigo grego indiferente ao mundo. O cristão rejeita a idéia de que um homem deve trabalhar, quer pela extinção de sua alma ou por completo afastamento da ordem universal. Sua Igreja lhe diz que livre-expansão é inseparável da salvação do mundo e da alma individual. É por isso que a essência do sistema cristão se vê nos sacramentos que utilizam os elementos desordenados do universo santificando-os, de modo que são êles preparados para servir ao objetivo da alma e ao progresso da personalidade humana. Aceitando a suprema importância, tanto do mundo como do homem, diz a Igreja que a finalidade do homem ao salvar-se é também a de salvar o mundo.

Um ponto adicional esquecido a respeito do ascetismo cristão é que a autodisciplina, condição da livre-expansão, é vista não como um fim, mas como um meio. O fim de tôda autodisciplina é o amor. Portanto, quem quer que faça da domesticação dos impulsos animais

o fim e propósito primordial de sua vida, — como fazem alguns dos místicos orientais, — realiza a negação da carne, mas não a afirmação do espírito. São Paulo disse aos coríntios que, se um homem entregasse seu corpo para ser queimado, de nada lhe aproveitaria, a menos que tivesse o Amor Divino. O cristão usa da mortificação para livrar-se da escravidão de sua natureza decaída, libertando-se para viver no Amor de Deus. Nosso Bendito Senhor nunca disse que os desejos carnis em si mesmos fôssem maus. Disse apenas que não devemos permitir que eles sobrecarreguem a alma de tal ansiedade pela sua satisfação, que cheguemos a perder os tesouros maiores. O fim da vida cristã é a conquista do amor e há um mandamento duplo a respeito d'êste amor: um, amar a Deus; o outro, amar o próximo. Para realizar qualquer dos dois aspectos, requer-se algum ascetismo. O único meio de poder auxiliar-nos para amar a Deus é dominar nossa soberba, e o único meio de poder dominar o mal que provém de nosso próximo é fazer-lhe sentir o benéfico poder de nosso amor.

Êste amor pode ser sufocado e quase destruído por outros joios além da luxúria. A mundanidade é um dêles. Verdade quase esquecida, mesmo entre alguns cristãos praticantes, é que nunca é o mundo físico, mas somente o espírito do mundo que é o mal; por conseguinte, a alma deve destacar-se do mundo. “Não ameis o mundo, nem as coisas do mundo. Se alguém ama o mundo, não há nêle o amor do Pai” (João 2:15). Êste mundo que São João castiga não é o mundo da nossa existência cotidiana, mas antes aquêle espírito secular que encara o tempo e o espaço como um sistema fechado de que Deus está excluído. Política e economia divorciadas da lei moral, educação sem religião, são algumas das manifestações do espírito do mundo e tôdas elas prejudiciais.

Mas o desprendimento do mundo, como um ideal digno de ser procurado por si mesmo, não é a resposta.

Não podemos dizer, com Aldous Huxley, que "O homem ideal é o homem desprendido. Desprendido de suas sensações e concupiscências corporais. Desprendido de suas ânsias de poder e de posse. Desprendido mesmo da ciência, da especulação e da filantropia."<sup>3</sup> O desprendimento do budismo ou do taoísmo não é o ideal cristão, embora soe mui nobremente dizer que os que possuem são possuídos, são escravos das ilusões da vida. O desprendimento e a falta de espírito mundano são vãos, a menos que sejam olhados como secundários, como mero meio de atingir o alvo inicial, que é o amor de Deus e do próximo.

Mas não é esta uma idade em que o ascetismo, como um fim, ofereça tão grande tentação à maior parte dos homens, para que êles necessitem desta advertência. A complacência é um êrro comuníssimo hoje. E mais fatal também. Nada há tão perigoso para uma civilização como a maciez, e nada tão destrutivo da personalidade como uma falta de disciplina. O historiador Arnold Toynbee nos diz que, de vinte e uma civilizações que desapareceram, dezesseis se extinguiram em virtude de decadência interior. As nações não são muitas vêzes assassinadas; suicidam-se mais freqüentemente. É êste o sinistro significado de nossa atual maneira de egoísmo e de amor do prazer, nossa afirmação do nosso próprio egoísmo, nossa difundida recusa de disciplinar o eu. Embora duas guerras mundiais nos tenham imposto muitos sacrifícios que aceitamos voluntariamente, mesmo êstes não foram suficientes para fazer-nos realizar o maior sacrifício de todos: o de abandonar a ilusão de que um homem realiza mais livremente a sua personalidade, quando permite que o animal ganhe ascendência sôbre o espírito.

Ficamos escandalizados ao ver o quanto a libertação do sub-homem operou da parte dos fascistas, dos nazis-

---

<sup>3</sup> *Ends and Means*, p. 3., Harper & Brothers, 1937.

tas e dos comunistas. Contudo não aprendemos que o mesmos efeitos deletérios podem estar presentes no indivíduo que, partindo da filosofia de que é apenas um animal, imediatamente passa a agir como tal. Justamente até o limite em que um homem não é mortificado nas suas paixões egoísticas, torna-se necessário que alguma autoridade externa domine e subjugue essas paixões. É por isso que a morte da moralidade, da religião e do ascetismo na vida política é inevitavelmente seguida por um estado policial, que tenta organizar o caos produzido por aquêle egoísmo. A lei dá lugar à força; a ética é substituída pela polícia secreta. “Não há correlação entre o grau de conforto usufruído e a realização perfeita da civilização. Pelo contrário, a absorção pela facilidade é um dos mais seguros sinais de decadência presente ou iminente.”<sup>4</sup>

Os regimes totalitários são sintomáticos de uma doença que também atacou os homens e as mulheres em países que são livres. É a doença da desordem interna do homem. Poucos percebem as terríveis dimensões da catástrofe atual; estão cegos pelo fato de que o homem realizou grandes progressos materiais. A verdade do assunto é, porém, que o homem perdeu o domínio sobre si mesmo no momento mesmo em que ganhou o domínio sobre a natureza. Pelo fato de ter o homem perdido o autodomínio e negado a finalidade espiritual na vida, utiliza para fins destrutivos as forças da natureza que êle armou. A bomba atômica é o símbolo perfeito da desintegração da personalidade moderna. Cada vitória no domínio das forças da natureza torna-se um perigo potencial, a menos que seja contrabalançado por uma vitória igual do domínio do homem sobre seus impulsos animais.

---

<sup>4</sup> Richard Weaver, *Ideas Have Consequences*, p. 116, University of Chicago Press, 1948.

Justamente na medida em que um psicólogo materialista interpreta a livre-expansão como a libertação dos instintos animais, contribui para a presente desgraça a desordem no mundo. Homens dirigidos animalmente não podem conduzir uma civilização. Estão mais à vontade na guerra do que na paz. Nós de hoje podemos estar unidos contra um inimigo comum pelo ódio; é necessário espírito e propósito comum para nos ligarmos quando chega a paz. A paz vinha naturalmente com a vitória, quando as guerras costumavam ser difíceis de vencer. Hoje a situação está invertida; os poderes de destruição são maiores do que os poderes de construção no mundo moderno.

A paz é um fruto de amor, e o amor floresce no homem orientado para Deus. O maior privilégio que possa sobrevir ao homem é ter sua vida dirigida por Deus. Isto acontece quando êle desde cedo pavimentou seu caminho pela autodireção disciplinada. Deus cuida bastante de regularizar nossas vidas — e isto é a prova mais forte de amor que Êle poderia dar-nos, pois é fato de humana experiência que não damos muito cuidado aos pormenores das vidas de outras pessoas, a não ser que as amemos. Não estamos fundamente interessados em ouvir muita coisa a respeito dos indivíduos que encontramos no trem subterrâneo, na rua ou na rodovia. Mas tão logo começamos a conhecer e amar qualquer dêles, então nos tornamos mais interessados pela sua vida, temos muito mais cuidado por êles. Ao atraí-los para a área de nosso amor, aumentam tanto o nosso interêsse como a felicidade dêles. É o mesmo que acontece, quando nos pomos dentro da área do amor de Deus: há um aumento da diretriz de Deus nos pormenores de nossa vida, e vamos ficando cada vez mais certos da profundidade e da realidade de Seu Amor. Até o limite em que abandonarmos nossa personalidade a Êle, tomará Êle a posse de nossa vontade e agirá dentro

de nós. Não somos mais governados por ordens vindas de fora, como dum senhor cruel, mas por quase imperceptíveis sugestões que brotam de nosso íntimo. Sentimo-nos como se tivéssemos querido durante todo o tempo fazer aquelas coisas que Ele nos sugere; nunca temos a consciência de estar a obedecer a ordens. Assim nosso serviço a Ele se torna a forma mais elevada de liberdade, pois é sempre fácil fazer alguma coisa para aquêle a quem amamos.

E Deus, sem dúvida, deseja que busquemos a felicidade que Ele pode dar, se consentirmos que o faça. Uma mãe que tem uma filha indócil nada mais deseja do que penetrar-lhe o pensamento, para inspirar-lhe sua vontade; sua maior tristeza é não ter a habilidade necessária para fazer isto. A felicidade de ambas está condicionada à permissão da filha para que o amor da mãe opere, pois nenhum pai poderá jamais guiar um filho que combate contra a vontade do pai. Nem poderá Deus guiar-nos se permitir-nos que o animal que existe em nós dirija nossa vontade, exigindo satisfação a cada uma das suas exigências revoltadas. Assim como tôda a ordem do universo repousa na subordinação dos minerais às plantas, das plantas aos animais, dos animais ao homem, da mesma maneira a paz do homem só sobrevém na entrega de si mesmo a Deus. Os psicólogos que ensinam que as necessidades do id são mais importantes do que os ideais do superego, que uma disciplina do sexo termina em tensão e neurose, sômente curáveis pelo relaxamento carnal, aumentaram a soberba, o egoísmo e a crueldade do mundo.

A causa principal de tôda infelicidade é o desejo desregrado, querendo mais do que é necessário, ou querendo aquilo que é prejudicial ao espírito. O mundo moderno está aparelhado a aumentar nossos desejos e nossas ânsias por meio de anúncios, mas nunca poderá satisfazê-los. Nossos desejos são infinitos; a satisfação

de qualquer bem na terra é finita. Daí nossa infelicidade e nossas ansiedades, nossos desapontamentos e nossa tristeza. A única saída dêsse estado é o domínio dos sentidos pela mortificação. Era isto que Nosso Senhor tinha em vista, quando disse: "Se a tua mão ou o teu pé te escandaliza, corta-o e lança-o fora de ti. E se o teu olho te escandaliza, arranca-o e lança-o fora de ti" (Mat. 18:8,9). Pelo fato de estar na nossa civilização moderna o biológico divorciado do espiritual, pelo fato de estar a liberdade isolada da dependência de Deus, como um pêndulo arrancado dum relógio, pelo fato de ser a liberdade interpretada simplesmente como libertação de alguma coisa e não como libertação *para* alguma coisa, é especialmente necessário reviver a prática cristã da disciplina de si mesmo.

Como Rom Landau justamente observa:

"Nada a não ser a religião poderá inspirar o desprendimento de si mesmo. Um homem recusar-se-á, por causa de si mesmo, como finito animal humano, a suportar a disciplina a que de boa vontade se submeterá, uma vez que seja conduzido a uma consciente relação com Deus. É este o **ponto crucial do problema inteiro**. Separai um homem de sua natureza espiritual, deixai que fale de si mesmo como se fôsse apenas um organismo físico, e seu respeito por si mesmo não será tal que o induza a fazer um sacrifício por alguma coisa que êle considere essencial ao seu bem-estar material ou seu prazer. Uma vez que êle encare a Deus e se torne ciente da natureza divina de sua personalidade, reconhecerá que há coisas muito mais importantes do que o que constitui seu ser físico. Fará por si mesmo, como relacionado com Deus, o que não sonharia fazer de outra maneira." <sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> *Sex, Life and Faith*, p. 305, Faber & Faber, Ltd., 1946.

A autodisciplina cristã é realmente a livre-expansão — expansão de tudo quanto é mais elevado e melhor no eu. O lavrador cava por baixo da cizânia para a mais completa expansão do desejo de crescer do grão. O autodomínio, por meio da mortificação ou ascetismo, não é a rejeição de nossos instintos, paixões e emoções, nem é o arremêso para o inconsciente dos impulsos dados por Deus, como os materialistas acusam os cristãos de fazer. Nossas paixões, nossos instintos e emoções são *bons* e não maus. O autodomínio significa apenas o freio aos excessos desordenados. Tomar um pouco de vinho por causa do estômago, como disse São Paulo a Timóteo, é obedecer a um instinto, mas tomá-lo tanto a ponto de esquecer que se tem uma cabeça ou um estômago é abusar do vinho como uma criatura de Deus.

Uma vez sujeitos à vontade, os instintos e paixões podem ser controlados e guiados. A Igreja não *reprime* as paixões, quando restringe a sua expansão ilegal. Não *nega* as emoções, da mesma maneira que não nega a fome: a Igreja apenas exige que, quando um homem se sente à mesa, não coma como um porco. Nosso Senhor não reprimiu o intenso zêlo emocional de Paulo; simplesmente deu-lhe outra direção do ódio para o amor. Nosso Senhor não reprimiu a vitalidade biológica de uma Madalena; simplesmente desviou sua paixão do amor do vício para o amor da virtude. Tal conversão de energias explica por que os maiores pecadores, como Agostinho, se tornam muitas vezes os maiores santos. Não é porque foram pecadores que amam a Deus com a sua especial intensidade, mas porque têm fortes premências, paixões violentas, emoções plenas que, voltadas para finalidades santas, fazem agora tanto bem como tinham feito antes mal.

Este princípio pode aplicar-se também às nações. Poderá haver maior potencialidade para o apostolado

cristão na Rússia revolucionária, do que é aparente na indiferença e na falsa tolerância dos liberais nem quentes, nem frios, da Civilização Ocidental. Deus pode fazer mais com o fogo do que com a água morna. E, graças a Deus, aquêles fogos russos, que estão agora cobertos com as cinzas sufocantes do comunismo, poderão um dia, com o auxílio da graça, erguer-se em labaredas que iluminem e aqueçam o mundo pelo seu amor, apaixonado, violento e todo envolvente de Deus e do Seu Divino Filho.

As paixões fortes são o precioso material novo da santidade. Os indivíduos que levaram o seu pecado aos extremos não deveriam desesperar ou dizer: "Sou por demais pecador para mudar", ou "Deus não *me* que-  
reria." Deus receberá quem quer que tenha vontade de amar, não com um gesto ocasional, mas com uma "paixão apaixonada", uma "tranqüilidade violenta". Um pecador, impenitente, não pode amar a Deus, da mesma maneira que não pode um homem nadar em terra sêca; mas tão logo dirija êle suas energias errantes para Deus e solicite um redireção, tornar-se-á feliz, como nunca foi antes. Não são as coisas erradas que alguém já praticou que o conservam afastado de Deus, mas a sua atual persistência naquele êrro.

Alguém que se volte para Deus, como Madalena e Paulo, acolhe de boa vontade a disciplina que o tornará capaz de modificar suas tendências anteriores. A mortificação é boa, mas sòmente quando é feita pelo amor de Deus. Um "santo" que passasse a vida chamuscando-se em cima de brasas, ou reclinado em cravos de ferro, nunca seria canonizado pela Igreja. O ascetismo pelo ascetismo é realmente uma forma de egoísmo, pois a autodisciplina é apenas um *meio*, cujo fim é um amor maior de Deus. Qualquer forma de ascetismo que destruísse a caridade seria errada. Foi êste o engano do monge que decidiu viver sòmente de crostas de pão e

revolucionou o mosteiro inteiro, transformando-o numa vasta caçada de crostas para satisfazer as idiossincrasias dêle. O ascetismo que nos torna menos agradáveis a nosso próximo não agrada a Deus.

As mortificações verdadeiramente certas aperfeiçoam a nossa natureza humana. O jardineiro corta os brotos verdes da raiz da planta, não para matar a rosa, mas para fazê-la florescer mais belamente. Assim como a perfeição da rosa e não a destruição da planta é a finalidade da poda, da mesma maneira a união com Deus é a finalidade da autodisciplina. As boas ações praticadas com fins humanos, tais como a perpetuação do seu nome, só recebem uma recompensa humana. Somente as ações de mortificação, feitas por amor a Deus, aperfeiçoam a alma. Mas devem ser praticadas pelo motivo certo e devem sacrificar as próprias coisas a que queremos prender-nos. São Paulo nos lembra vigorosamente que a mais intensa mortificação feita sem amor de Deus é inútil: "E, ainda que distribuísse todos os meus bens no sustento dos pobres, e entregasse o meu corpo para ser queimado, se não tiver caridade, de nada me aproveitaria" (I Cor. 13:3). O Arcebispo François Fénelon mostra como as reservas na nossa voluntariedade em aceitar a autodisciplina impedem o progresso espiritual.

"As pessoas muitas vêzes rondam em tórno de tais reservas, fazendo crer que não as vêem, com receio da autocensura, tendo por elas cuidados como às meninas de seus olhos. Se tivéssels de derubar uma dessas reservas, seríeis ferido ao vivo... verdadeira prova da presença do mal. Quanto mais temerdes de abrir mão de tal ponto reservado, tanto mais certo é que êle necessita de ser abandonado. Se não estivéssels tão fortemente ligado por êle, nunca fariéls tantos esforços para vos conven-

cerdes de que estais livres. Por que é que o navio não anda? Falta de vento? De modo algum. O espírito da Graça sopra nêle, mas o navio está prêso por âncoras invisíveis nas profundezas do mar. A falta não é de Deus. É inteiramente nossa. Se quisermos procurar completamente, logo veremos os liames ocultos que nos detêm. Este ponto em que menos desconfiamos de nós mesmos é precisamente aquêle que necessita mais de nossa desconfiança.”<sup>6</sup>

A mortificação está baseada, não no ódio, mas na preferência. A mãe sacrifica o rosado de suas faces para que êle apareça nas faces da filha criança. O sábio cede tôda a esperança que tenha do desenvolvimento dos seus músculos. A vida moral exige que digamos “Não” a falsos ideais que glorificam o poder e o egoísmo. É uma coisa completamente errada, portanto, dizer que “renunciastes” a alguma coisa durante a Quaresma. Nosso Senhor nunca nos pediu que renunciássemos a alguma coisa; pediu que trocássemos: “Que dará um homem em troca de sua alma?” Quando alguém se acha em amor com Deus, descobre que há algumas coisas sem as quais pode viver (seu próprio prazer) e algumas outras sem as quais não pode viver, por exemplo, a paz da alma que vem da obediência à Vontade de Deus. De modo que troca umas por outras, cede as menos boas para ganhar um Reino. Faz uma série de trocas tão proveitosas cada dia de sua vida.

O amor de Deus torna-se assim a paixão dominante da vida. Como cada outro amor que valha a pena, exige e inspira sacrifício. Mas o amor entre Deus e o homem, como um ideal, tem sido últimamente substituído pelo novo ideal da tolerância que não inspira sacrifícios.

---

<sup>6</sup> *Spiritual Letters.*

Por que deveria qualquer criatura humana no mundo ser simplesmente tolerada? Que homem jamais fêz algum sacrifício em nome da tolerância? Leva os homens, ao contrário, a exprimir seu próprio egoísmo em um livro ou numa conferência que advoga a proteção ao grupo espezinhado. Uma das coisas mais cruéis que possa acontecer a um ser chamado humano é ser tolerado. Nem uma vez sequer disse Nosso Senhor: "Tolerai vossos inimigos." Mas disse: "Amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam" (Mat. 5:44). Tal amor só se pode realizar se deliberadamente curvarmos as animosidades de nossa natureza decaída.

A autodisciplina faz mais do que isso por nós, porém. Dá a nossas vidas um alvo firme. A forma mais valiosa de autodisciplina para auxiliar-nos a saber para onde estamos indo é a meditação, que nos dará finalmente o autodomínio por meio da auto-realização. As mais trágicas de tôdas as almas modernas são as que se acham prisioneiras de seus próprios pensamentos. Só a meditação pode quebrar êsse enlouquecedor círculo concentrado, com uma invasão da Divindade.

Há muitos homens e mulheres hoje que nunca meditam ou se disciplinam de qualquer outro modo. Acham que estão saciados com aquilo que pensavam que os satisfaria. Tentam compensar cada nova desilusão com novo afeto. Tentam exorcizar os velhos desgostos e vergonhas com novos e febris excitamentos. Mudam de parceiros no amor, mas o seu aborrecimento e o seu tédio permanecem. Suas desordens tornam-se hábitos e uma aparente necessidade. Permitem que haja feridas abertas em suas almas, porque negam que há feridas ou mesmo almas. As cadeias de sua escravidão ao desespero são forjadas. Seus sofrimentos passados ainda persistem no seu remorso. Seu futuro é negro de terror. Seus prazeres são menos agudos do que costumavam ser, suas ansiedades mais permanentes. Seus

excitamentos seguem-se mais rapidamente e sua consciência tem menos repouso. Seus minutos de pecado tornam-se noites de terror. São um fardo para si mesmos, um aborrecimento para seus amigos, enfarados mas nunca saciados, tornados mais famintos, porém nunca satisfeitos. Acabam pagando a charlatães belas maquias para que lhes digam que não há pecado e que seu sentimento de culpa é devido a um complexo paterno. Mas o cancro moral permanece, mesmo então. Sentem-no roer-lhe o coração.

Que deverão fazer êstes milhões de pobres pessoas neuróticas, frustradas, psicopáticas que entre nós existem, para escapar à crescente insanidade e à loucura crescente? A única resposta para elas é entrar em si mesmas, erguer seus olhos para o Médico Divino e gritar: “Tende misericórdia de mim, ó Deus!” Se pelo menos soubessem disto, uma simples confissão os resgataria, auxiliando-os a ter seus pecados perdoados. Salvar-lhes-ia também a pequena fortuna gasta para ter seus pecados explicados.

Deus prometeu aos homens o perdão se êles se arrependessem, mas não se êles odiassem. O pecado deteriorará o espírito, o coração e a alma, mas não se gastará a si mesmo. Terá de ser purgado. O segredo da paz da alma está em combinar o desprendimento do mal com a ligação a Deus, em abandonar o egoísmo como o elemento ordenador e determinador da vida para substituí-lo por Nosso Divino Senhor, como regente de nossas ações. O que é contra Deus deve ser reprimido, o que é divino deve ser expresso. Então não mais se despertará com um gosto amargo na bôca ou com a sensação de queda nos calcanhares. Em vez de acolher cada dia com a queixa: “Que dia, meu bom Deus!”, dir-se-á, com a felicidade de uma alma que ama: “Bom dia, meu Deus!”

## CAPÍTULO X

### REMORSO E PERDÃO

A negação da culpa ou o esforço para reduzir a ética à psiquiatria é um erro tão falso e tão anticientífico como o de negar que há perturbações genuinamente mentais, ou a redução da psiquiatria à ética e à teologia moral. Na realidade, nenhum teólogo moral nega a validade e necessidade da psiquiatria, mas, uma vez que muitos analistas negam os domínios da moral, do divino e do sobrenatural, é importante continuar a insistir na diferença existente entre os dois campos.

Mesmo quando um cliente tem o encorajamento de seu psicanalista para zombar da possibilidade do mal moral ou dum sentimento de culpa, como causa de suas perturbações, essa rejeição dos padrões éticos é ainda uma forma de escapismo. Em tais casos, é vão para a alma frustrada dizer que resolverá o problema “por si mesma”, pois a alma que conta consigo mesma está fora da realidade. A cura é condicionada à realização de dois fatos básicos: há algum mal na alma; e a perfeição e a cura não hão de ser procuradas na própria pessoa. Tal como o remédio deve vir de fora do corpo, da mesma maneira a cura moral deve provir de fora da alma. Contudo, muitos homens modernos correm até os confins da terra para escapar à única fonte de saúde e de recuperação.

Os escapistas recusam-se a encarar o fato de que suas próprias vidas estão desordenadas, ou então tentam um meio “fácil” de sair de sua desgraça, que os co-

loca numa confusão ainda mais confusa. Alguns dos meios "fáceis" de saída são o escapismo da maledicência, que busca encontrar outros que sejam piores do que nós, fazendo que pareçamos bons comparados com êles; o escapismo do ridículo, que zomba dos virtuosos e dos religiosos, para evitar a censura da bondade dêles; o escapismo do barulho, que mergulha na excitação, nas multidões, nos arrebatamentos coletivos, de modo que a voz mansa e suave da consciência, por meio da qual Deus fala, nunca seja ouvida; o escapismo do comunismo, revolução anárquica por meio da qual se encobre a própria necessidade de regeneração pessoal, interior e espiritual, revolucionando os outros, pois revelando os erros alheios evita o comunista a necessidade de corrigir a si mesmo, difundindo a ideologia da luta de classes, cria a ilusão de que o mal que êle odeia não está dentro de si, mas no sistema social. A consciência social dispensa assim muitos homens de hoje de qualquer compulsão para endireitar suas consciências individuais. Há também o escapismo de chamar religião de "escapismo"; esta réplica ateísta é a mais disparatada de tôdas: aconselhá-la a um amigo perturbado é o mesmo que dizer a um homem cuja casa está em chamas, que êle é um "escapista", se fôr chamar o corpo de bombeiros.

O verdadeiro escapista segue caminhos bem diversos, mas nenhum é bastante humilde para admitir que existe algum mal em si próprio. Todos são por demais orgulhosos para admitir que necessitam auxílio de fora para curar sua angústia. Negando a culpa, mostram que são covardes; negando qualquer perfeição fora de si mesmos, tornam-se pedantes. O derradeiro, desesperado grau de escapismo é a perseguição religiosa. O ódio da religião é o ódio de si mesmo projetado. Não é fácil para pessoas normais compreender como a bondade e a verdade possam ser odiadas, mas são. A

verdade pode ser odiada, porque implica responsabilidade. A bondade é odiada, porque é uma censura. Se Nosso Bendito Senhor tivesse sido tolerante e liberal, nunca teria sido crucificado. Foi a perfeição de Sua virtude que constituiu um julgamento para os maus.

Mas desde que aquêles que perseguem a religião como uma forma de escapismo devem constantemente pensar em Deus e na Sua Igreja, segue-se que estão êles muitas vêzes mais perto da conversão, do que o homem indiferente duma Civilização Liberal Ocidental, que jamais perturba seu espírito com cogitações relativas a qualquer questão fundamental. A Rússia, no seu ódio à religião, prova indiretamente sua influência, a força de sua oposição.

O escapismo nunca é bem sucedido. Em cada pecador, cujas frustrações e neuroses são devidas a uma consciência sobrecarregada, há uma contradição latente. É empurrado em duas direções. Não fica muito à vontade com o pecado, a ponto de torná-lo sua vocação definida, nem, por outro lado, está amando a Deus a ponto de renegar suas faltas. O dualismo surge dum desejo de Deus, por um lado, e de um abandono de Deus, do outro. Tais homens não têm a suficiente energia moral para ser maus ou bons; não têm bastante religião para descobrir a paz da alma, mas o suficiente dela para sentir intensificar-se o sentimento da frustração depois de haverem pecado.

Os homens que vivem neste crepúsculo moral, entre a fé e a falta de fé, têm realmente uma clara noção da finalidade da vida. Contudo, um homem deve ter um objetivo pelo qual possa viver. Ao fazer uma viagem, a gente decide primeiro qual seu destino e depois os passos intermediários a dar. É isto o que significavam os escolásticos ao dizerem: "O primeiro na intenção é o último na execução." A escolha de Paris para umas férias é o primeiro passo numa longa série de prepa-

rativos para a viagem, mas Paris é o último lugar a que se chega na viagem. As pessoas que perdem de vista a finalidade do viver, isto é, atingir a felicidade perfeita, começam por concentrar-se nos *meios*. Como os fanáticos, já uma vez definidos, elas “redobram seus esforços, depois de haverem perdido de vista o seu objetivo”. Suas ações tornam-se destacadas, salteadas, uma louca colcha de retalhos desiguais. A possibilidade, no sentido de progressivo desenvolvimento e enriquecimento da personalidade, desaparece. Quando a possibilidade está perdida, acontece uma de duas coisas ao espírito: ou mergulha em trivialidades, com um cinismo, petulância e superficialidade concomitantes, ou senão tenta evitar a responsabilidade pela inanidade e loucura de sua vida, negando a existência da liberdade humana e da responsabilidade e anuindo ao determinismo, seja darwinista, freudista ou marxista.

Mas há alguns homens e mulheres que, admitindo seus pecados e faltas, ainda são infelizes. Onde existe um senso de culpa genuíno, o alívio só pode provir da Misericórdia Divina em face da miséria humana. A menos que estejamos prontos a pedir a Deus o perdão de nossos pecados, o exame de consciência só pode ser uma forma vã de introspecção, que pode piorar o estado de uma alma se acaba em *remorso*, em vez de acabar em *pesar*, pois as duas coisas são inteiramente distintas: Judas teve remorso. Pedro teve pesar. Judas “arrependeu-se para consigo mesmo”, como diz a Escritura; Pedro, para com Deus. Assim como uma doença psíquica resulta muitas vezes duma falha de ajustamento da pessoa ao ambiente certo, da mesma maneira um mal moral resulta duma falha da alma em ajustar-se a Deus. O desespero é uma falha dessa espécie. Judas desesperou. O desespero provém da discordância, da recusa de uma alma em voltar-se para Deus. Uma alma assim se opõe à ordem da natureza.

Quando há sete pessoas em uma sala, poucas jamais se referem ao fato de que há catorze braços presentes. Mas se descobirmos um braço arrancado, caído a um canto, causaria isto consternação; só constitui um problema porque está desprendido. Uma alma isolada de Deus é como aquêle braço. Sua consciência (para citar outro exemplo) é como um astrágalo partido. Machuca porque não está onde deveria estar. O estágio final dêste pesar resultante da desligação entre o homem e Deus é um desejo de morrer, combinado com um temor da morte, pois “a consciência faz covardes a todos nós”.

Mas se o remorso é um sentimento de culpa não relacionado com Deus, é bom considerar outros estados de espírito e consciência por êsse simples aspecto. Descobrimos que há várias classes de almas, ordenadas de acôrdo com o grau de suas relações com Deus. Há aquelas que matam sua consciência pelo pecado e pela mundanidade e que se recusaram obstinadamente a cooperar com a Ação Divina sôbre a alma, a fim de emendar seu modo de viver, confessar seus pecados e fazer penitência. Há aquelas que despertaram dum estado de pecado. Há aquelas que seguem a consciência e as leis de Deus por algum tempo e depois se afastam de Deus. E finalmente, há aquelas que conservam a inocência batismal e nunca profanaram sua consciência. A segunda e a quarta classes são bem queridas de Deus. Há assim dois meios de saber quando Deus é bom: um, nunca O perdendo, e o outro, perdendo-O e achan-do-O de novo. As almas que se transviaram e tornaram a voltar, disse Nosso Senhor, alegram os Anjos do Céu mais do que as que ficaram firmemente fiéis. Isto não é difícil de compreender. Uma mãe de dez filhos regozija-se mais com a recuperação da saúde de um só dos filhos, doente, do que com a contínua posse de saúde dos outros nove.

Para que o pecador se sinta bem, portanto, são necessários confissão e pesar.<sup>1</sup> E o pesar deve ter em si um apêlo à misericórdia de Deus para distingui-lo do remorso. São Paulo faz a distinção, quando escreve aos coríntios: “Porque a tristeza que é segundo Deus produz uma penitência estável para a salvação; mas a tristeza do século produz a morte” (II Cor. 7:10). O remorso, ou “a tristeza do século” resulta em preocupação, inveja, ciúme, indignação; mas a tristeza ligada a Deus resulta em expiação e esperança. A tristeza perfeita provém dum sentimento da ofensa a Deus, que é merecedor de todo o nosso amor. Esta tristeza ou contrição, sentida na confissão, nunca é uma tristeza vexatória, irritante, que deprime, mas é uma tristeza da qual brota grande consolação. Como o expôs Santo Agostinho: “O penitente sempre se aflige, e sempre se rejubila com o seu pesar.”

A experiência por que passa um pecador arrependido ao receber o sacramento do perdão foi muito bem descrita pela Bem-aventurada Ângela de Foligno. Falamos ela da ocasião em que pela primeira vez teve conhecimento de seus pecados.

“Resolvi fazer minha confissão a êle. Confessei plenamente meus pecados. Recebi absolvição. Não sentia amor, mas apenas amargura, vergonha e tristeza. Depois procurei pela primeira vez a Misericórdia Divina. Travei conhecimento com aquela Misericórdia que me afastou do inferno, que me concedeu graça. Uma inspiração me fêz ver a medida dos meus pecados. Em consequência,

---

<sup>1</sup>Um estudo da confissão bastante interessante e agradável de se ler pode ser encontrado em *Pardon and Peace*, de Alfred Wilson, C. P. (Sheed and Ward, Inc., Londres, 1947). Uma apreciação doutrinal é dada por John Carmel Hienan no seu *Priest and Penitent* (Sheed and Ward, Inc., Londres, 1938).

compreendi que, ofendendo ao Criador, tinha ofendido a tôdas as criaturas.

...Por intermédio da Abençoada Virgem Maria e todos os santos invoquei a misericórdia de Deus e, de joelhos, pedi vida. De súbito, acreditei que sentia a piedade de tôdas as criaturas e de todos os santos. E então recebi um dom. Um grande amor abrasador e o poder de orar, como nunca tinhaorado... Deus escreveu o Padre Nosso no meu coração com tal acentuação de Sua Bondade e de minha indignidade, que me faltam palavras para exprimi-lo.”

É bem difícil para o mundo compreender tal tristeza como a dela, mas somente porque não sente êle tal amor. Quanto mais se ama, tanto mais se evita ferir o amado e tanto mais pesar se sente de haver feito isto. Mas êste pesar não deve tornar-nos obstinados e concentrados com aquêles que dizem: “Jamais poderei perdoar a mim mesmo por haver feito isto.” Isto é o inferno, quando a alma se recusa a aceitar o perdão por haver ferido o Divino Amor.

A diferença de padrões entre o pagão, antigo ou novo, e o crente, resultando em remorso de uma parte e em tristeza da outra, se evidencia pelas seis afirmativas do Senhor, que começam por “Eu vos digo”. Contradizem os seis preceitos da sabedoria do mundo, que começam por “Ouvistes”.

### NORMA PAGÃ

Não deixeis que êle leve a melhor. Excitai a inimizade de classes, a fim de conquistardes o poder.

### NORMA CRISTÃ

Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; e quem matar será condenado em juízo. Pois eu vos digo que todo aquêle que se irar contra seu irmão será condena-

do em juízo. E o que disser a seu irmão: Raca, será condenado no conselho. E o que lhe disser: louco, será condenado ao fogo da geena (Mat. 5:21, 22).

Dai livre-expansão a vós mesmos. A repressão dos instintos sexuais causa frustração. A liberdade significa o direito de fazerdes o que quer que vos agrade no domínio da carne.

Eu porém vos digo que todo o que olhar para uma mulher cobiçando-a, já come-teu adultério com ela no seu coração. E se o teu olho direito te serve de escândalo, arranca-o e lança-o para longe de ti; porque é melhor para ti que se perca um de teus membros do que todo o teu corpo seja lançado no inferno (Mat. 5:28, 29).

Obtende divórcio! Casai-vos de novo.

Eu porém vos digo: Todo aquêle que repudiar a sua mulher, a não ser por causa de fornicção, a faz ser adúltera; e o que tomar a mulher repudiada, comete adultério (Mat. 5:32).

Resolvi vós mesmos as questões. Dizei: Que eu me dane, se não o fizer.

Eu porém vos digo que não jurareis de modo algum, nem pelo céu, porque é o trono de Deus, nem pela terra, porque é o escabêlo de seus pés, nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande rei; nem jurarás pe-

la tua cabeça, pois não podem fazer branco ou negro um dos teus cabelos. Mas seja o vosso falar: sim, sim; não, não; porque tudo o que daqui passa, procede do mal (Mat. 5:34-37).

Batei-lhe em troca. Liquidaí-o. O perdão é fraqueza

Eu porém vos digo que não resistais ao mal; mas se alguém te ferir na tua face direita, apresenta-lhe também a outra e ao que quer chamar-te a juízo e tirar-te a tua túnica, cede-lhe também a capa; e se alguém te obrigar a dar mil passos, vai com êle mais outros dois mil. Dá a quem te pede e não voltes as costas ao que deseja que lhe emprestes (Mat. 5:39-42).

Odiai-o, se êle vos odiar. Processai-o! Matai-o!

Eu porém vos digo: Amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos perseguem e caluniam, para que sejais filhos do vosso Pai Que está nos céus, o qual faz nascer o seu sol sôbre bons e maus e manda a chuva sôbre justos e injustos. Porque se amais os que vos amam, que recompensa haveis de ter? Não fazem os

publicanos também o mesmo? E se saudardes somente os vossos irmãos, que fazeis de especial? Não fazem também assim os gentios? Sêde pois perfeitos, como também vosso Pai celestial é perfeito (Mat. 5:44-48).

Desde que o cristão está tentando fazer algo de bastante difícil, aspirando a seguir os preceitos de Nosso Senhor, falha muitas vêzes. Sua tristeza é maior do que o remorso do pagão, pois é o resultado de ter presenteado com uma afronta Aquêle a quem ama.

A tristeza profunda não provém do fato de haver alguém violado uma lei, mas somente porque sabe que rompeu suas relações com o Divino Amor. Mas ainda se exige outro elemento para a regeneração, o elemento do arrependimento e da reparação. O arrependimento é antes um negócio a ôlho sêco. As lágrimas correm na tristeza, mas o suor poreja no arrependimento. Não basta dizer a Deus que estamos tristes e depois esquecermo-nos inteiramente disto. Se quebramos a janela de um vizinho, não somente pediremos desculpas, mas também deveremos tomar o trabalho de pôr no lugar nova vidraça. Uma vez que o pecado perturba o equilíbrio e o balanço da justiça e do amor, deve haver uma restauração implicando trabalho e esforço.

Para ver por que isto deve ser, suponde que tôda vez que uma pessoa cometa uma falta lhe ordenem que pregue um prego na parede de sua sala de visitas e que tôda vez que ela fôr perdoada lhe mandem arrancá-lo. Os buracos ficarão ainda mesmo depois do perdão. Assim cada pecado (quer atual, quer original), depois de ter sido perdoado, deixa "buracos", ou "feridas" na nos-

sa natureza humana e o preenchimento dêesses buracos se faz pela penitência. Um ladrão que furta um relógio, pode ter o furto perdoado, mas somente se restituir o relógio.

A diferença entre perdão e reparação está indicada na Sagrada Escritura. Quando Moisés pecou por ter duvidado, Deus lhe perdoou, mas impôs ainda uma penitência a Moisés: “Tu não passarás êste Jordão” (Deut. 3:27). Davi arrependeu-se de seu adultério e Natã, o profeta, o absolveu: “O Senhor perdoou o teu pecado; não morrerás” (II Reis 12:13). Mas Deus exigiu satisfação. “Morrerá irremissivelmente o filho que te nasceu” (II Reis 12:14). É o mesmo hoje: o perdão de Deus no Sacramento nos recoloca na Sua Amizade, mas a dívida para com a Justiça Divina permanece no tempo ou na eternidade.

A expiação temporal para muitos pecados é necessariamente considerável e requer considerável autodisciplina da parte do penitente. A fé nos méritos de Cristo, sòzinha, não é suficiente para a remissão dos pecados; na realidade, a fé sem penitência é sempre insuficiente.

“Os méritos e satisfações infinitos de Cristo são e não são bastantes, porque Deus não nos tratará como *robots* ou autômatos. Os protestantes acusam-nos muitas vèzes de atribuir efeitos mágicos aos sacramentos. Replicamos que são êles os culpados, atribuindo poder mágico à Redenção, ao passo que afirmamos que não há magia nem nos Sacramentos, nem na Redenção. Deus respeita nossa livre vontade, e sem a cooperação de nossa livre vontade nada fará. Sua operação fica dependente de nossa cooperação, da mesma maneira que a corrente elétrica depende da lâmpada para produzir a luz. A confissão tem o poder

inato de remover todos os traços do pecado, mas, antes que isso se realize, deve haver perfeita co-operação, isto é, perfeita retificação da vontade. A livre vontade é o âmago da dificuldade.

Um exemplo ilustrativo pode ajudar a clarificar a questão. Suponhamos que dois homens tiveram uma querela e um deles deixou-se dominar por uma cólera incontrolável e bateu com tamanha fôrça em seu companheiro que acabou por machucar a própria mão e pulso. Depois, o agressor pediu desculpa e sua desculpa foi aceita. Acharíeis que a questão terminou com isto? “Não”, diríeis, “e a mão?” A aceitação das desculpas não cura a mão.

O mesmo acontece conosco. Pelo pecado, danificamos nossa vontade e o dano não é necessariamente reparado pelo decreto de perdão de Deus. Às vezes, quando pecamos, nos voltamos para a criatura com grande intensidade. Para retificar completamente nossa vontade, devemos voltar-nos para Deus com igual intensidade, o que freqüentemente deixamos de fazer, com o resultado de ficar nossa vontade com cicatrizes e torta. A vontade deve ser retificada, antes de podermos estar prontos para o céu.

Se voltarmos para Deus com uma intensidade igual à nossa intensidade no pecado ou maior do que ela, a Confissão retira tanto a culpa do pecado como o castigo temporal merecido pelo pecado.

Se voltarmos para Deus, com menos, embora com suficiente intensidade, a vontade ainda permanece danificada e outras boas obras serão exigidas para completar sua retificação.

Temos aqui a explicação dos pesados castigos impostos na Igreja primitiva. Os primeiros cristãos não duvidavam da eficácia do Sacramento da Pe-

nitência, mas da adequação de seu próprio arrependimento. É esta também a explicação da própria insistência de Cristo no castigo.”<sup>2</sup>

Agora considerai o pecado como uma viagem que afasta de Deus. Imaginai que *A* é um filho menor obrigado a respeitar a vontade de seu pai. Está em Chicago. Seu pai, *B*, lhe diz que vá para a esquerda do mapa, para São Francisco. Mas em vez disso *A* segue para a direita, para Nova York. Quando *A* chega a Nova York telefona para *B*, dizendo: “Perdoa-me, sim, por favor? Sinto ter ofendido ao senhor, que tanto merece meu amor.” *B* perdoa-lhe. Mas vêde onde *A* está! Encontra-se a quase novecentas milhas de seu ponto de partida, Chicago. A fim de começar a satisfazer a vontade de *B*, *A* tem de voltar a Chicago antes de poder seguir para São Francisco; ou podeis dizer que as novecentas milhas que *A* viajou em pecado devem ser viajadas de volta como castigo. *A* não pode começar a ser bom enquanto não tiver percorrido seus caminhos do mal.

Mas, como todos os exemplos, êste claudica, pois o fato é que *A* não precisa *caminhar* de volta aquelas 900 milhas. Quando *A* parte, pode dirigir-se à Igreja para que o auxilie com um aeroplano cheio dos méritos de Nosso Senhor, da Bendita Mãe e dos Santos. O avião leva-o de volta no resto do caminho. Tal remissão em todo ou em parte do castigo devido aos pecados de *A* é efetuada por meio das indulgências. Por meio delas, a Igreja proporciona a seus penitentes um robusto ponto de partida. E a Igreja tem um imenso capital espiritual, ganho através de séculos de penitência, de perseguição e de martírio. Muitos de seus filhos rezaram, sofreram, e mereceram mais do que necessitavam

---

<sup>2</sup> Alfred Wilson, C. P., *Pardon and Peace*, p. 209 (Sheed and Ward, Inc., Londres, 1947).

para sua própria salvação individual. A Igreja tomou estes méritos superabundantes e colocou-os no tesouro espiritual, do qual os pecadores arrependidos podem sacar em tempos de depressão espiritual. Ora, este capital espiritual pode assemelhar-se a um banco de sangue. Quando qualquer de seus membros está sofrendo de anemia espiritual ou das profundas feridas do pecado, a Igreja fornece-lhe uma transfusão de sangue. Não poderá fazer isto por nós, se estivermos espiritualmente mortos, pelo pecado. Uma transfusão não valerá de nada a um cadáver. De modo que para obter as indulgências ou remissão das penalidades do pecado, o recipiente deve estar em estado de graça, deve ter a intenção de ganhar as indulgências e deve executar as obras prescritas.

O pecador fará voluntariamente penitência. Sabe que todos os pecados custam alguma coisa ao homem-Deus — Sua Cruz — e portanto devem custar-nos alguma coisa. Além disso, não quer ser “perdoado”, mas antes “reparar” por causa de seus pecados. Nas eras cristãs, os homens que morriam continuavam seu arrependimento, mesmo depois da morte, deixando dinheiro ou dotando hospitais, igrejas e escolas em nome de Cristo. (O homem moderno, a maior parte das vezes, doa um laboratório científico em seu próprio nome.)

A penitência é o reconhecimento de que temos um “passado”. Não é mórbido reconhecer tal fato. Pelo contrário, mórbido é pretender que êle não existe. O passado afetará nosso futuro. Não somos apenas aquilo que comemos; somos também aquilo que nossos pecados fizeram de nós. Se não nos emendamos de nosso passado, estamos adiando e aumentando nossa punição eterna. A única razão de nos ser dado tempo é para que possamos fazer penitência. O verdadeiro amante de Deus, cômico de ter ferido o Amor, renunciará voluntariamente a seus privilégios e conduzir-se-á de tal ma-

neira a ser identificado com o Cristo Que traz cinco horríveis feridas nas mãos, nos pés e no flanco.

Neste mundo, a maior parte de nós dá mais valor à dor do que ao pecado. De fato, acreditamos muitas vezes que seja a dor o maior mal. A penitência nos ajuda a pôr estas desordens na sua reta perspectiva. Quando um homem encontra alegria na penitência, verifica que nenhum outro mal pode afetá-lo mais do que o pecado. A menos que haja amor, o sacrifício e a penitência serão sentidos como um mal, mas não quando o amor existe. Compreendemos, quando aceitamos a penitência, que o próprio egoísmo que causou o nosso pecado faz para muitos tal sacrifício necessário, como uma condição para domar os impulsos errantes que causaram a perturbação. E quando a plena luz do Amor de Cristo brilha numa alma, começa ela a incorporar, não apenas penitências impostas pela Igreja, mas tôdas as provações da vida na hora maior da Redenção. Em vez de romper em amargas queixas contra os reveses da fortuna e as provações da vida, recebe-os num espírito de resignação, como a justa paga do pecado. Graças a esta paciente aceitação, muitos pecados são expiados.

Há três maneiras gerais de fazer penitência: orações, esmolas e jejum. Na oração, pedimos a misericórdia de Deus para nossas almas. Pelas esmolas, retribuímos a Deus alguns dos dons que Ele nos concedeu, para que possamos justificar nossas posses. “Redime-te de teus pecados com esmolas” (Dan. 4:24). Pelo jejum, mortificamos a raiz de tôdas as ânsias de caráter sexual. O confôrto crescente da vida moderna proporciona várias ocasiões de mortificação. Se uma pessoa não pode punir-se quanto a comida, outros prazeres dentro de seu alcance — artísticos, convencionais, mecânicos e sociais — facultarão muita ocasião dum jejum efetivo.

Mas as penitências não são feitas por nós sòzinhos, o penitente é auxiliado por outros que participam do Corpo de Cristo. Isto não poderia dar-se, se fôssemos indivíduos isolados, mas pode realizar-se se pertencemos a um Corpo Místico em que todos são um governados por uma Cabeça, vivificados por uma Alma e professando a mesma Fé. Da mesma maneira que é possível enxertar pele duma parte do corpo em outra e da mesma maneira que é possível transfundir sangue de um membro da sociedade para outro, assim também, no organismo espiritual da Igreja, é possível enxertar oração e transfundir sacrifícios. Esta verdade cristã em sua plenitude é conhecida pelo nome de Comunhão dos Santos. Da mesma maneira que estamos todos ligados na culpa das faltas de outrem (como o prova tão evidentemente uma guerra moderna), assim também podemos estar ligados na expiação de outrem. Tal milagre se realiza na reversibilidade dos méritos e na permuta de vantagens. É por isto que pedimos a nossos amigos que rezem por nós, por isso que rezamos no texto do "Padre Nosso", por isso que finalizamos tôdas as missas rezadas no mundo inteiro fazendo orações pela conversão da Rússia. Temos necessidade espiritual uns dos outros. "E o olho não pode dizer à mão: Eu não necessito do teu serviço; nem também a cabeça pode dizer aos pés: Vós não me sois necessários. Antes, pelo contrário, os membros do corpo, que parecem mais fracos, são os mais necessários" (Cor. 12:21, 22).

Poucas consolações maiores do que a de saber que estamos ligados a uma grande corporação de orações e sacrifícios. A Comunhão dos Santos é a grande descoberta daqueles que, quando adultos, encontram a plenitude da fé. Descubrem que, durante anos, houve dúzias e dúzias, e em alguns casos centenas de almas rezando especialmente por êles, tempestuando o céu com a súplica de que um pequeno ato de humildade da parte do

convertido possa abrir uma fenda na sua armadura para deixar entrar a graça e a verdade de Deus. Cada alma no mundo tem preço marcado e desde que muitas não podem ou não querem pagar o preço elas mesmas, outras devem fazê-lo em seu lugar. Não há provavelmente outro meio de explicar a conversão de algumas almas que não o de que neste mundo, como no outro, seus pais, parentes ou amigos, intercedem a Deus e conquistam para êles o prêmio da vida eterna.

Por que há mosteiros e conventos? Por que deixam tantas jovens almas as luzes e esplendor do mundo pela sombra e pelo amparo da Cruz onde se formam os santos? O mundo moderno compreende tão pouco a missão delas que, tão logo um repórter ouve dizer que uma linda e jovem mulher entrou para um convento, telefona a seus pais, indagando: "Teve ela um desengano amoroso?" A resposta, sem dúvida, é: "Sim, desenganou-se do amor do mundo. Apaixonou-se por Deus." Êstes ocultos dínamos de oração, os homens e mulheres enclausurados, estão fazendo mais pelo nosso país do que todos os seus políticos, seus líderes trabalhistas, seu exército, sua marinha juntos. Estão expiando pelos pecados de todos nós. Estão desviando a justa cólera de Deus, reparando as barreiras tombadas daqueles que pecam e não rezam, rebelam-se e não expiam. Assim como dez homens justos teriam salvo Sodoma e Górra, da mesma forma dez santos justos podem salvar agora uma nação. Mas enquanto uma nação se mostrar mais impressionada pelo que faz seu ministério do que pelas almas escolhidas que estão fazendo penitência, o renascimento dessa nação ainda não começou. Os enclausurados são os mais puros dos patriotas. Não se tornaram menos interessados pelo mundo desde que o deixaram: na verdade, tornaram-se mais interessados pelo mundo do que nunca estiveram antes. Mas nada têm que ver com se êle comprará ou venderá mais. Cuidam

— e cuidam desesperadamente — de que êle se torne mais virtuoso e mais amante de Deus.

Com homens e mulheres tão nobres prestando auxílio aqui e agora, ali e outrora, o restante faz bem pouca penitência pelos nossos pecados individuais. Mas, mesmo assim, muitos dos frustrados homens e mulheres modernos procuram em tôrno de si àvidamente algum meio mais fácil, uma religião que dê impulso emocional sem a carrêta da penitência, um culto que eleve mas não exija demais. Tendo muitas paixões a serem mortificadas, muitos maus hábitos a corrigir, muitos egoísmos a domar, querem uma cruz aerodinâmica. Buscam uma religião que lhes dê resplendência, mas não golpes. Alguns repudiam qualquer religião, dizendo: “Que poderá dar-me a Igreja?” Neste estágio de orgulho, a Igreja nada pode dar, mas pode tirar alguma coisa: os pecados alheios. E, como ponto de partida, é um dom suficiente.

## CAPÍTULO XI

### TEMOR DA MORTE

Uma supervalorização da segurança temporal é compensação para uma perda de sentido da segurança eterna. Quando a alma se empobrece pela perda da sua riqueza, que é a virtude, seu proprietário busca o luxo e as riquezas para compensar-se da sua nudez interior. Quanto mais rica a alma, menos armazena ela coisas materiais. Não é a pobreza que torna os homens briguentos e infelizes, como proclamam os comunistas, mas um excessivo apêgo às coisas que o dinheiro compra. Os pobres monges são geralmente mais fraternos e bem mais felizes do que os milionários. E é também um erro dizer que, se as condições econômicas fôsem boas, não haveria preconizadores do comunismo. Os que fazem tal afirmativa esquecem-se de que: a) as condições econômicas pobres são apenas uma *ocasião* de abraçar o comunismo e não uma causa; em alguns casos, as provações econômicas são, ao contrário, ocasião de renovada vida espiritual; b) as condições econômicas eram excelentes no jardim do Éden, mas o primeiro “vermelho” entrou nêle e foi aquela catástrofe; c) o que torna uma sociedade instável não é o fato de não ter o povo o bastante, mas o de querer êle sempre mais. Não há limite para as exigências do homem, uma vez que a terra se tenha tornado a razão de ser e a finalidade da vida; logo querem êles utilizar-se de todos os meios possíveis para possuir o mais que possam ganhar. A causa real de tão ilimitada concupiscência daquilo que

se chama muitas vezes “segurança” é o temor do eterno vazio íntimo. Nunca antes na história foi a advertência evangélica a respeito de Deus e Mammon tão claramente realizada como hoje, pois a alma que perdeu o seu Deus deve cultivar Mammon.

Dêste apêgo aos bens resulta um temor da morte, um mêdo de que possamos perder tudo quanto temos acumulado, de que nossa segurança temporal se desvanecerá na insegurança eterna. Êste temor da morte, que o pagão moderno sofre, difere do temor da morte que tem o fiel, de várias maneiras. O pagão teme a perda de seu corpo e de sua riqueza; o fiel teme a perda de sua alma. O crente teme a Deus com um temor filial, semelhante ao que um filho devotado tem para com um pai amoroso; o pagão teme, não a Deus, mas a seu semelhante, que parece ameaçá-lo. Daí o aumento de cinismo, suspeita, irreverência, greves e guerra; o próximo deve ser morto, pela palavra senão pela espada, porque é um inimigo a temer-se. O pagão moderno, recusando-se a continuar a vida pela procriação do nascimento, torna-se o semeador da morte. Negando a imortalidade de sua própria alma, recusa imortalidade à raça, sufocando sua função reprodutiva, e dessa forma atrai duplamente o temor da morte. Freud disse que o Amor e a Morte estão ligados, o que é realmente verdade, mas não do modo que Freud imaginou. O amor, compreendido apenas como sexo, traz a morte quando sacrifica a raça ao prazer da pessoa. O amor, compreendido não como glandular, mas como intelectual e volitivo, também implica a morte, pois procura morrer para que o amado possa viver; êste amor, porém, conquista a morte, através de uma ressurreição. Mas para um incrédulo, em vez de ser um fato empírico, tornou-se a morte uma ansiedade metafísica. Como profundamente observou Franz Werfel a respeito do assunto: “O céptico não acredita em outra coisa mais que na morte; o crente é no que

*menos acredita. Uma vez que o mundo para êle é uma criação de espírito e amor, não pode ser ameaçado pela destruição eterna no seu ser essencial como uma criatura do mundo.”*<sup>1</sup>

O mundo teme aquelas mesmas coisas que Nosso Senhor nos disse que não temêssemos. Disse que não temêssemos a morte, nem temêssemos “ser chamados ao tribunal” pela nossa fé, nem temêssemos a falta de segurança econômica, nem temêssemos o futuro.

“Portanto vos digo: não andeis demasladamente inquietos nem com o que vos é preciso para alimentar a vossa vida, nem com o que vos é preciso para vestir o vosso corpo. Porventura, não vale mais a vida que o alimento, e o corpo mais que o vestido? Olhai para as aves do céu, que não semeiam, nem ceifam, nem fazem provisão nos celeiros; e contudo vosso Pai Celeste as sustenta. Porventura não sois vós muito mais do que elas? E qual de vós por muito que pense pode acrescentar um côvado à sua estatura? E por que vos inquietais com o vestido? Considerai como crescem os lírios do campo: êles não trabalham, nem fiam. E digo-vos todavia que nem Salomão em tôda a sua glória se vestiu jamais com um dêstes. Se pois Deus veste assim uma erva do campo, que hoje existe, e amanhã é lançada no forno: quanto mais a vós homens de pouca fé? Não vos aflijais pois, dizendo: Que comeremos, ou que beberemos, ou com que nos vestiremos? Porque os gentios é que procuram tôdas estas coisas. Vosso Pai sabe que tendes necessidade de tôdas elas. Buscai pois em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça: e tôdas estas coisas vos serão dadas

---

<sup>1</sup> *Between Heaven and Earth*, p. 192.

por acréscimo. Não queirais pois andar demasiadamente inquietos pelo dia de amanhã. Porque o dia de amanhã cuidará de si: a cada dia basta o seu cuidado" (Mat. 6:25-34).

Mas Nosso Senhor nos disse o que *temos* de temer: as conseqüências do julgamento, se não vivermos direito, blasfemando contra o Espírito Santo e negando a nossa fé.

O homem moderno inverteu completamente esta ordem das coisas que deveriam ser temidas. Aceita levemente aquelas coisas que o Salvador nos advertiu que temêssemos, mas treme diante daquelas coisas que o Salvador nos avisou que não temêssemos. Por vezes seu temor doentio oculta-se sob uma capa de silêncio: isto é particularmente verdade quanto ao fato da morte. O homem moderno procura esquecer-se inteiramente da morte ou, se não pode fazer isto, ocultá-la, torná-la discreta, disfarçá-la. Sente-se estúpido em presença da morte, não sabe como consolar ou o que dizer. Tudo na sua atitude contradiz a injunção cristã: "Lembra-te do teu derradeiro fim." Pois encara qualquer discussão da morte como mórbida. Contudo rirá numa comédia em que uma dúzia de pessoas são mortas e ficará acordado até meia-noite lendo uma história policial a respeito de um assassinato. Isto também é *morte* e o subjuga: mas concentra-se nas circunstâncias pelas quais a morte chega, em vez de fazê-lo nos resultados eternos da morte, que somente êstes têm tôda importância. Esta insensibilidade moderna diante da morte é uma insensibilidade diante da pessoa, da ordem moral e do destino.

Muitos fatores hoje constroem uma atitude não natural para com a morte. Vãs são realmente as tentativas do pagão de transformar a morte em comédia, ou de obscurecer o seu significado por meio da gargalhada, pois

quando a morte é uma ameaça pessoal, o homem moderno tem medo de encará-la face a face. Os médicos não mais avisam seus pacientes da iminência da morte; agem como se não fossem necessários os preparativos para a eternidade. Até mesmo a família do doente que está mal desempenhada um papel no grande jôgo do engano de si mesmo. Os mortalheiros de hoje fazem a morte assemelhar-se à vida; pretendem que tudo quanto ela implica é um pequeno sono, depois do qual cada qual despertará numa praia eterna que não tem regulamentos de passaporte. O culto da mocidade permanente contribui para o fingimento macabro de que a morte nunca chegará. Primeiro, nega as sete idades do homem de que falava Shakespeare, depois desvia o espírito dos homens do fato do juízo final que os espera no momento da morte. O totalitarismo moderno, com sua mentalidade de horda, absorve as pessoas numa coletividade e leva-as a acreditar que vivem na massa, que são importantes apenas como construtoras de um futuro melhor para a caça. A imortalidade pessoal torna-se imortalidade de grupo, a qual não é imortalidade, pois até mesmo o grupo também perecerá a seu tempo. Além disso, a mediocridade moral de qualquer utopia terrestre jamais planejada é chocante para os mais elevados ideais morais do indivíduo; homens judiciosos não podem morrer alegremente na crença de que tal banalidade virá realizar-se algum dia. Além de que, todo homem deve morrer antes que a Utopia que êle visiona seja atingida e a única consolação que esta filosofia lhe oferece é a de que seus bisnetos dançarão em cima do seu túmulo. Todos os esquemas totalitários, porém, ostentam esta esperança; colocam o jardim do Éden no futuro. Tôda a sua negação da tradição, sua paixão de releger tudo quanto pertença à memória da raça humana, é outra tentativa de fugir à realidade da morte.

Aquêles que tentam ignorar a morte dizem muitas vêzes que é o mêdo de morrer que torna os homens religiosos. Por certo êste mêdo tem algo que ver com a fé. É um dos fatores da religião, porque põe o homem face a face com o mistério do âmago da vida: Por que? Para onde? Por que motivo? Ignorai, negai, ride dêle, mas tôda vida contrai uma dívida que algum dia deve ser saldada, e com estrita justiça. Assim como o negociante à noite retira da sua caixa registradora a tira em que estão escritos os débitos e créditos do dia, da mesma maneira também chegará uma hora em que o negócio da vida estará feito, quando o Grande Juiz retirará a consciência, o registro de nossos atos certos e errados: "Todos os homens terão um dia de morrer e de ser julgados depois da morte." Foi o Demônio quem disse: "Não morrereis." Para libertar os homens do espírito dessa mentira, o cristianismo ordenou-lhes que perguntassem a si mesmos: "Para que estais vivendo hoje? É para que morrais amanhã." Diz-lhes: "Onde a árvore cai, ali fica" e "Vigiai e orai, pois não sabeis a hora nem o dia."

Não é resposta ao fato da morte dizer que a vida é como um fósforo que foi aceso, que arderá por um momento e depois cessará de existir. Se nossa vida fôsse como um fósforo, a morte não teria terrores para nós, como não tem para os animais. Mas até mesmo a analogia do fósforo não provê um exemplo para a mortalidade do homem, pois embora o fósforo esteja apagado, sua luz inda viaja através do espaço a uma velocidade de 186.000 milhas por segundo e sobrevive em alguma parte do universo. Nem podemos mostrar a brevidade da vida do homem, dizendo que somos como o fruto de uma árvore, que a ela se prende, amadurece e depois cai e morre, pois enquanto o fruto está prêso à casca, a casca à polpa e a polpa à semente, continua não obstante verdadeiro que, embora o fruto maduro caia e o

pássaro o bique por algum tempo, há ainda no íntimo d'êle uma semente que viverá para outra geração e proverá à sua imortalidade.

Contudo a morte é um fato. Os animais morrem e o mesmo fazem os homens, mas a diferença é que os homens *sabem* que *devem* morrer. Por êste fato, nós homens superamos a morte, sobrepujamo-la, transcendemo-la e assim ficamos *fora* dela. Êste ato é uma apagada antevisão da imortalidade. Nossa mortalidade só nos é amedrontadora em grande parte porque podemos contemplar a *imortalidade* e temos uma vaga suspeita de que perdemos a imortalidade que outrora nos pertenceu. Devíamos tê-la e contudo não a temos. Algo interferiu. Não somos tudo quanto devíamos ser. Se a morte fôsse simplesmente uma imposição física, não a temeríamos. Nosso mêdo provém do fato moral de sabermos que não *deveríamos* morrer. Tememos a morte porque não foi parte do plano original traçado por nós. E também a tememos porque fizemos um mau uso dos nossos anos de vida. Quando o sentimento do pecado é agudo, êste temor de encarar nossas próprias falhas pode tornar-se paradoxalmente extremado, a ponto de desejar o indivíduo perder-se, a fim de não ter de viver consigo mesmo. Isto é suicídio e niilismo.

A morte é uma fonte de meditação sôbre muitas das grandes verdades. É um sinal do mal no mundo, pois, para o cristão, a morte pertence não só à ordem biológica, mas também aos domínios moral e espiritual. A primeira menção que temos da morte nas Escrituras associa-se ao pecado e à revolta contra o Amor. A morte apareceu pela primeira vez neste mundo como castigo. E a morte é, desde o comêço, de duplo aspecto, pois deve fazer-se uma distinção entre a morte do corpo e a morte da alma.

Como nos diz São João, no Apocalipse: "Vós vos chamais vivos e contudo sois mortos". Tal como a

vida do corpo é a alma, da mesma forma a vida da alma é a graça de Deus; quando a alma deixa o corpo, o corpo está morto, e quando a graça deixa a alma, essa alma está morta. Foi em virtude desta distinção que Nosso Bendito Salvador nos disse que não temêssemos aqueles que matam o corpo, mas antes temêssemos aqueles que matam a alma. A correlação entre morte e pecado é tornada bastante clara nas palavras de São Paulo: "a paga do pecado é a morte". Cada cidade está cheia de almas mortas em corpos vivos, bem como de corpos vivos e de almas vivas. A dupla morte é uma morte tanto do corpo como da alma.

Embora o cristianismo veja na morte uma tragédia e uma punição, contudo fornece à humanidade sua vitória sobre ela. O Próprio Senhor da Vida desceu a provar daquela morte e a conquistá-la, ressurgindo dentre os mortos. Por esse meio triunfou da morte no seu aspecto mais demoníaco e destruidor. A pior coisa que o mal possa fazer não é bombardear crianças, mas matar a Vida Divina. Tendo feito isto, e sendo derrotado no momento de sua maior exibição de força, nunca poderia ser novamente vitorioso.

A morte tem outros significados. Oferece uma afirmação do objetivo da vida em uma existência de outro modo sem significação, pois o mundo poderia levar indefinidamente avante seu plano ateu, se não houvesse morte. O que é a morte para um indivíduo, é a catástrofe para uma civilização: o fim de sua doença. A morte é um testemunho negativo do poder de Deus em um mundo sem significação. Graças a ela, Deus reduz a zero essa falta de significação. Uma vez que o mal entrou no mundo, a morte é vista como uma espécie de bênção, pois se não houvesse morte, o mal poderia seguir adiante para sempre. É por isto que Deus postou um anjo com uma espada flamejante diante da Porta do Paraíso, para que o homem decaído, comendo da árvore da

imortalidade, não imortalizasse o seu mal. Mas, por causa da morte, o mal não pode prosseguir indefinidamente com sua doença. Se não houvesse catástrofe tal como o Apocalipse revela no fim do mundo, o universo marcaria o triunfo da falta de sentido; mas a catástrofe é um lembrete de que Deus não permitirá que a iniquidade se torne eterna. Há um dia de juízo; e juízo significa que o mal está-se derrotando.

O significado da vida só se pode tornar aparente em juízo e avaliação. O julgamento pessoal no momento da morte é uma revelação do significado da vida pessoal, e o julgamento cósmico no fim dos tempos é uma revelação do significado dos valores sociais. Tôdas as catástrofes, guerras, revoluções e civilizações derrocadas são advertências de que nossas idéias foram deficientes, nossos sonhos maus se realizaram. Se êstes pensamentos nossos fôsem verdadeiros e profundos, não precisariam de ser destruídos, pois a verdade é eterna. A morte só sobrevém à vida que não cumpriu o seu significado íntimo.

A revelação da vinda do Anticristo significa que os homens recusaram aceitar valores eternos, pois a morte não é o triunfo da morte, mas o triunfo da significação. Jerusalém dissipou-se porque não lhe conheceu a data da visita. Esta mesma afirmativa é verdadeira no que se refere a qualquer outra civilização. E assim, pondo fim ao mal, Deus firma o poder do amor sôbre o poder do caos. É êste o significado de Sua resposta a Pilatos, que disse: "Não sabes que tenho o poder de condenar-te?" Mas Nosso Senhor respondeu: "Não teríeis êsse poder, se êle não vo-lo fôsse dado de cima." Há apenas uma passagem na Sagrada Escritura em que se diz que Deus riu. Acha-se no salmo: "Aquêle que está sentado nos céus rirá e os levará em derrisão." A teologia desta risada é a seguinte: a incongruência desperta o riso. Um varredor de rua de cartola de sêda é um espetáculo

risível e incongruente. A risada de Deus é igualmente provocada pela incongruência de um ditador terrestre pensando que se tornou um deus, ou que seu mal é eterno. A morte é o dom necessário de Deus a um universo em que o mal foi pôsto em liberdade.

Mas se a morte fôsse irremediável, o universo não poderia ser justificado. Seria um sistema fechado. A Ressureição é também necessária; não sòmente dá a vitória sôbre a morte, mas limpa do mal ou corrupção. *Mortem moriendo destruxit.* Desde a Ressureição e Pentecostes, pode o homem restaurar-se no Amor Divino por meio da aplicação da Redenção de Cristo através dos Sacramentos. Só recuperará a imortalidade do corpo na ressureição final. Todavia, todos os homens partilham uma intuição profunda de que suas mortes podem servir a um propósito triunfante. Por que deseja menos um homem morrer num desastre de trem ou num acidente de automóvel do que ser morto num campo de batalha ou como um mártir de sua fé? Não é porque a morte é menos terrificante e mais significativa tão logo nos elevamos acima do nível comum e subimos para o reino dos valores eternos, onde, sòmente, tem a morte significação?

A morte é o fim do mal; vemos isto revelado nos rostos dos mortos, muitas vêzes mais harmoniosos do que eram em vida, como o rosto adormecido é mais tranqüilo do que o despertado. Sentimentos feios e ódios, excentricidades e desacordos desaparecem na presença dos mortos, tanto que até mesmo dizemos: "Dos mortos não digamos senão bem." Na presença dos mortos, elogiamos e adulamos: ressuscitamos as boas coisas, a caridade, a bondade, o bom gênio de nosso amigo. As melhores qualidades são as evocadas pòstumamente, fazendo-nos imaginar se a própria morte não possa ser um arremêso até a frente do bem que fizemos, um desprezo do mal. Não que ambos não sejam lembrados.

Serão. Mas como a vida revelou a coluna de débito de nosso amor, também a morte mostrará a coluna de crédito. A morte se revela assim ligada à bondade.

E a morte está também ligada ao amor, ou antes, o amor está sempre ligado à morte. Quem aceita amor, aceita sacrifício. Damos o anel de ouro, em vez do anel de latão, como um símbolo de sacrifício, e o sacrifício é uma forma menor de morte. Ultrapassando todos os sacrifícios menores, é o amor completo que se mostra desejoso de aceitar a morte pelo amado, como o soldado morre pela sua pátria. Quem quer que ligue demasiado valor à vida e se afaste correndo da morte, também foge do perfeito amor: "Maior amor do que este não tem o homem, o daquele que oferece sua vida pelo seu amigo." A aceitação da morte é assim uma manifestação de nosso amor a Deus.

A morte individualizará e personalizará todos nós. Pelo fato de separar a alma do corpo, descobre cada um e todos em sua busca. Revelará *o eu real* em oposição ao *eu superficial*. A alma ficará nua diante de Deus, vista afinal como verdadeiramente é. E se uma alma não se acha então vestida de virtude, sentir-se-á envergonhada, como Adão e Eva se sentiram, quando pecaram e se ocultaram de Deus, pois foi somente *depois* de seu pecado que se sentiram nus e envergonhados. Esta relação entre nudez da alma e pecado é sempre uma relação íntima — no dia de juízo de nossas almas, no Éden e nesta vida, onde quanto menos graças tiverem os homens e mulheres em suas almas, tanto mais ostentadamente se vestirão, como já acentuamos antes.

O separar-se a alma do corpo depois da morte produzirá outra mudança. Abolirá as vantagens especiais que alguns de nós gozaram nesta vida, pois o corpo em relação com a alma podia ser assemelhado a uma pessoa conduzindo um automóvel. Um guia através da vida num calhambeque estragado, outro com um motor de

quarenta cavalos, outro com um de cinqüenta e outro ainda com um de duzentos, mas quando há uma violação da lei de tráfego, ninguém é julgado pela espécie de carro que está guiando, mas por ter violado ou não a lei. Da mesma maneira, no momento da morte, quando a alma deixa o corpo, seremos julgados não pelas vantagens terrenas que tivemos: beleza ou talento, pela riqueza que acompanhou o corpo ou pelas vantagens sociais, mas somente pelo grau em que respondemos ao Amor Divino. Assim como Divas foi separado de seus cinco irmãos pela morte, também cada um de nós será separado do grupo e da multidão. Então cada um terá de dar um passo à frente, sozinho, fora das fileiras. Não haverá advogados para advogar nossa causa, nem alienistas para argüir que não estávamos no nosso juízo certo, quando praticávamos o mal. Só se ouvirá uma voz: a voz da consciência que nos revelará como realmente somos.

“Senhor, permaneço aberto à tua investigação; tu me conheces, sabes quando me sento e quando me levanto de novo, desde longe podes ler meu pensamento. Desperte ou durma, podes dizê-lo, nenhum movimento meu que não o vigies. Antes que as palavras se formem nos meus lábios, todo o meu pensamento é já conhecido de ti. Tu me cercastes pela retaguarda e pela vanguarda e tua mão ainda descansa sobre mim. Sabedoria como a tua está bem além do meu alcance, nenhum pensamento meu pode alcançar-te. Para onde poderei ir, pois, a fim de me subtrair a teu espírito e ocultar-me de tua vista? Se subo ao céu, tu lá estás; se deço ao inferno, nêle te encontras ainda presente. Se eu pudesse tomar asas voando para o nascente, ou encontrar um abrigo para além do mar ocidental, ainda ali te encontraria

acendendo-me, com a tua mão direita me sustentando. Ou talvez pensasse em enterrar-me na escuridão: a noite me cercaria, mais amiga do que o dia; mas não, a escuridão não é esconderijo para ti, contigo a noite brilha clara como o próprio dia; luz e treva são uma só coisa.

Teus são os meus mais íntimos pensamentos. Não me formastes no ventre de minha mãe? Eu te glorificarei pela minha estupenda plasmação, por tôdas as maravilhas de tua criação. Da minha alma tens pleno conhecimento e esta minha mortal estrutura não tem mistério para ti, que a formaste em segredo, ideaste seu modelo, ali no recesso negro da terra. Teus olhos viram os meus atos, todos já estão anotados no teu livro. Os meus dias já foram contados antes mesmo de existirem. Um enigma, ó meu Deus, teus modos de proceder para comigo, tão vastos os seus propósitos" (Salmo 138, linhas 1-17).

A morte manifestará assim essa unicidade de cada personalidade, a qual, como diziam os Escolásticos, é *incomunicável*. Pascal escreveu: "Nada é tão importante para o homem como sua própria condição, nada tão formidável para êle como a eternidade." A morte confronta eu com eu no seu grande momento do despertar da manhã da outra vida. Naquele despojamento de toda ilusão, a alma verá a si mesma como realmente é. Arrasta ainda atrás de si um trem de experiências. Tem a memória, êsse armazém de bons e maus hábitos, de preces rezadas, de bondade para com os pobres, como de recusa da graça, de pecados de avareza, de luxúria e de soberba.

Desde que estamos diante dêsse inevitável acontecimento, como o enfrentaremos? O pagão e o cristão têm diferentes modos de responder. O pagão, enquanto vive,

aproxima-se cada vez mais pròximamente da morte; o cristão vai-se afastando dela. O pagão tenta ignorar a morte, mas cada tique-taque do relógio o coloca mais perto dela, pelo mêdo e pela angústia. O cristão começa sua vida contemplando sua morte; sabendo que morrerá, planeja sua vida de acôrdo com isso, a fim de gozar da vida eterna. Há dois estágios na experiência do pagão: vida humana e morte humana. Na do cristão; há três: vida humana, morte humana, que é uma porta para o terceiro estágio, e vida divina. O cristianismo sempre recomendou a contemplação da morte como um encorajamento a uma vida boa e isto produz realmente efeito, pois embora não possamos regredir no tempo, podemos avançar no tempo. Um homem pode, pois, dizer a si mesmo: "Por aquilo que hoje me faz viver, morrerei amanhã."

É duplo o princípio cristão de conquistar a morte: a) pensar na morte; b) ensaiar-nos para ela pela mortificação atual. O fim da contemplação é dominar o mêdo e coação da morte, encarando-a voluntariamente. Por meio da antecipação do fim derradeiro, podemos contemplar novos começos. Nosso Bendito Senhor viveu do fim da vida para trás: "Vim para dar Minha vida pela redenção do mundo." Pinta-se o Cordeiro como "morto desde o comêço do mundo".

A perspectiva da morte nos priva de nossos falsos modos de viver. Se pensamos na morte, desembaraçamo-nos da fantasia de que o universo não seja um universo moral. No tratamento da esquizofrenia, aplica-se muitas vêzes um violento choque elétrico à cabeça do paciente. O esquizofrênico fica tão alarmado, sente-se tão ameaçado, que, a fim de escapar ao que lhe parece a dissolução do espírito, afugenta sua fantasia e o paciente é recambiado para o mundo real. A meditação sôbre a morte tem algo daquele efeito sôbre o sistema espiritual. Quebra o encanto que nos fazia pensar que

o prazer é tudo, que deveríamos continuar a ganhar mais dinheiro ou a construir mais edifícios, que a religião só serve para os malucos, e outras ilusões que tais.

Quando contemplamos a própria morte nossa, a a cidadela do nosso eu está destinada a ser atacada. Vislumbramos nosso próprio ser íntimo e sua pobreza. Cada um de nós entra na vida de punhos cerrados, prontos para a agressão e a aquisição. Mas quando abandonamos a vida, nossas mãos estão abertas. Nada há na terra de que necessitemos, nada que a alma possa levar consigo que não lhe pudesse ser arrebatado depois de algum naufrágio — suas próprias obras. *Opera enim illorum sequuntur illos*. Pelo fato de afastar a meditação sôbre nosso fim derradeiro, o nosso espírito do eu atual destrói o egoísmo excessivo e diminui nossos temores e ansiedades, pois os temores diminuem à medida que deixamos de pensar em nós mesmos no nosso aspecto imediato e, em vez disso, ajustamos nossas mentes à perspectiva mais vasta da eternidade.

Pode-se arrebatarse da morte o seu maior medo, se nos exercitarmos para ela. O cristianismo recomenda mortificação, penitência e desprendimento, como um ensaio para o grande acontecimento, pois cada morte deveria ser uma grande obra-prima e, como tôdas as obras-primas, não pode ser completada em um dia. Um escultor que deseje esculpir uma estátua de um bloco utiliza-se de seu escopro, primeiro separando grandes cepos de mármore, depois pedaços menores, até que finalmente chega a um ponto em que basta apenas uma escovadela da mão para revelar o rosto. Do mesmo modo, a alma tem de sofrer tremendas mortificações a princípio e depois desprendimentos mais aperfeiçoados, até que afinal a sua imagem divina seja revelada. Por ser a mortificação reconhecida como uma prática da morte, foi adequadamente gravado no túmulo de Don Scotus: *Bis Mortuus; Semel Sepultus* (duas vêzes morto, mas

enterrado apenas uma). Quando morremos para alguma coisa, alguma coisa se torna viva dentro de nós. Se morremos para nós mesmos, a caridade se torna viva; se morremos para o orgulho, a dedicação aos outros se torna viva; se morremos para a luxúria, o respeito à pessoa se torna vivo; se morremos para a cólera, o amor se torna vivo.

O princípio básico espiritual é êste: que a morte deve ser conquistada em cada pensamento, palavra e ato por uma afirmação do eterno. Os escritores místicos nos advertem de que cada coisa deveria ser feita como se a gente fôsse morrer no próximo momento. Se tratássemos também os vivos, como se fôssemos morrer, então o que de bom nêles existe subiria à superfície. Tratei os mortos como se ainda estivessem vivos e nossas preces os acompanharão. Assim a crença num lugar de purgação dos pecados depois da morte nos permite que resgatemos nossa falta de amor pelos nossos amigos, enquanto viviam aqui na terra. A falta de auxílio a seus corpos poderá ser então recompensada agora pela assistência espiritual a suas almas, por meio da oração.

A morte deve entender-se como nosso verdadeiro nascimento, nosso comêço. O cristianismo, em contraste com o paganismo, sempre abençoa o nascimento espiritual de seus filhos para a eternidade. Na liturgia, o dia em que um santo morre se chama *natalitia*, ou dia de anos. O mundo celebra um natalício no dia em que uma pessoa nasceu para a vida física; a Igreja celebra-o quando uma pessoa nasceu para a vida eterna. Há apenas três exceções a isto, e foram feitas por muito boas razões: os únicos natalícios físicos de liturgia são os de Nosso Divino Mestre (25 de dezembro), de Nossa Bendita Mãe (8 de setembro) e de São João Batista (24 de junho). Isto porque cada um dêsses nascimentos marcou uma infusão especial da Vida Divina no mundo: Nosso Senhor é a Vida Eterna; a Mãe Bendita, por meio

de Sua Imaculada Conceição, participou dessa Vida Eterna, desde o primeiro instante de Sua Conceição, e São João Batista foi santificado no ventre de sua mãe, quando esta foi visitada pelo Seu Senhor, ainda oculto no tabernáculo de Sua Bendita Mãe. Estas três exceções provam, em vez de contradizer, a regra de que a vida vem através da morte, a espiritualidade através da mortificação e a salvação da alma na eternidade através da perda dela no tempo, pois quando uma alma provou que amou a Deus sôbre tôdas as coisas e provou-o pelo desprendimento de tudo quanto se atravessasse no caminho do seu amor onicordial, está preparada para enfrentar o Amor. Então, na linguagem de Newman, sentirá a dor de nunca ter amado bastante.

“Quando — feliz de ti — o Bem-Amado vires,  
Pensamentos de amor, de graça e de ternura  
Pela Sua presença em teu peito arderão  
E doente de amor, suspiroso, estarás.  
Há de varar-te ao vivo, agitando-te a alma,  
A súplica do Seu Olhar meditativo  
A ti te odiarás e amaldiçoarás,  
Pois sem pecado embora, haverás de sentir-te  
Um grande pecador, como nunca sentiste,  
Desejando fugir, evitando-Lhe a Face.  
E contudo haverá um convite a repouso  
Na beleza sem par do Seu rosto sereno.  
Duas dores então, contrárias e pungentes,  
— O desejo de O ver, quando não podes vê-Lo,  
A vergonha de ti, quando pensas em vê-Lo,  
Hão de ser-te mais certo e duro Purgatório.”



## CAPÍTULO XII

### A PSICOLOGIA DA CONVERSÃO

A medida que se sobe na hierarquia da natureza, descobre-se uma crescente capacidade de adaptação. H<sup>2</sup>O é capaz de assumir as três formas de gelo, água e vapor. As plantas têm adaptabilidade apenas às estações e às condições locais. Os animais possuem poderes adicionais de mover-se dum lugar para outro, mas cada um dêles permanece ainda mais ou menos fixo no tipo. O homem tem a maior capacidade de mutação entre todos, porque êle, que nasceu da carne, pode ser também nascido do espírito; êle, que é apenas uma criatura, pode tornar-se um filho de Deus. Só o homem é conversível. Só êle pode tornar-se alguma coisa que não é vã. A conversão não significa um desenvolvimento ulterior na ordem natural, mas uma geração dentro duma ordem sobrenatural. O corpo é vivo por causa da alma, mas a alma está morta quando não tem aquela vida mais alta que só Deus pode dar. “Não pode ver o reino de Deus senão aquêle que renascer de novo” (João 3:3).

Do mesmo modo que as plantas e os animais morrem, quando estão fora de contato com seu próprio meio, assim também morrem as almas se deixam de viver em união com Deus, Que sòzinho pode fazê-las realizar a plenitude de suas personalidades. A grande lástima da vida é que tantos espíritos deixem de travar conhecimento com o todo do seu ambiente. Alguns há que podem gozar o ladrido dum saxofone, mas não apreciam uma sinfonia de Beethoven. Outros há que descobrem

o mundo da ciência, mas não têm telescópios mentais bastante fortes para descobrir o mundo da poesia. Há homens satisfeitos em conquistar um mundo de negócios, sem o desejo de conquistar o mundo da filosofia. Há muitos que entram em contato com o mundo de crédito, mas deixam de entrar em contato com o mundo da fé. Tais espíritos contentam-se em conhecer uma parte de seu ambiente e não o todo. São muito semelhantes aos surdos, mortos para o grande ambiente do som, para a risada das crianças, a voz dum amigo, o canto dum pássaro, a doce influência da poesia, a vibração da música, o suspiro dos ventos e a tristeza de uma cascata. Embora o som e a harmonia constituam um dos maiores prazeres dêste mundo, conhece o surdo êste reino do som como um vasto e desconhecido domínio. E os cegos são mortos para o grande ambiente da beleza — para o gesto de um amigo, para o luzir dum olhar, para a gravidade dum rosto, para a beleza de um arco-íris, para o cintilar duma estrêla e a queda dum meteoro. A beleza visual é uma das fontes de prazeres do mundo, mas há alguns tão mortos para ela, como se nunca tivessem nascido.

Bem acima do mundo dos sons e das coisas visíveis, bem acima mesmo do mundo da ciência e da filosofia, há aquêle ainda maior ambiente de vida, a verdade, o amor e a beleza de Deus, Que só Êle pode satisfazer as aspirações infinitas do homem. Um dos tristes e lamentáveis aspectos de hoje é o fato de que há pessoas neste mundo que estão mortas, não só para o mundo da poesia, da música, da filosofia, mas para a vida e o amor de Deus. Formam uma classe que podemos chamar de “cegos à divindade”. Tais homens são muitas vezes vivos para o ambiente temporal: suas palavras são corretas; seu senso de etiquêta se mostra no embelezamento de suas casas e na escolha de suas diversões. São mundanos; são ricos; são sofisticados; são bem su-

cedidos; vivem folgadoamente; são cumulados de honras; têm olhos, mas são cegos — cegos ao belo ambiente de Deus e da vida de encarnação de Cristo.

Mas ninguém se acha em paz enquanto não se encontra numa devida relação com a Divindade. A aquisição desta poderia chamar-se “Deo-versão”, ou uma volta para Deus. Esta espécie de conversão significa uma substituição da consciência do ego pela consciência de Cristo, uma transformação da personalidade por meio do amor de Deus em Cristo; uma submissão da vontade de modo a obedecer a Cristo acima de tôdas as coisas e de todo custo. A verdadeira conversão nada tem que ver com a “elevação” emocional, ou com uma aparência moral de ação social. É um jôgo duro, uma batalha árdua, um trabalho da alma do qual emerge uma nova dedicação de si mesmo. O espírito de Cristo deve tornar-se a alma de nosso pensar, a visão de Cristo os olhos dô nosso ver, a verdade de Cristo deve estar na nossa bôca para falar e o amor de Cristo nos nossos corações para amar.

Teremos de limitar-nos aqui a discutir a *psicologia* da conversão, a descrever os antecedentes da conversão, como se manifestam na alma. Geralmente são de duplo caráter: um sentimento de conflito ou crise; e um forte desejo de estar unido a Deus.

Tôda conversão parte de uma crise, de um momento ou de uma situação que envolve alguma espécie de sofrimento, físico, moral ou espiritual; de uma dialética, uma tensão, um impulso, uma dualidade ou um conflito. A crise é seguida, de um lado, por uma profunda sensação do próprio desamparo e de outro por uma convicção igualmente certa de que só Deus pode suprir o indivíduo daquilo que lhe falta. Se houvesse *apenas* um senso de desamparo, haveria desespero, pessimismo e suicídio eventual. É esta, na verdade, a condição do pagão pós-cristão: sente a inadequação total de seus próprios

recursos íntimos contra as opressivas superioridades num universo cruel, e assim cai em desespero. Tem a metade da condição necessária para a conversão, isto é, uma sensação de crise — mas deixa de ligar a sua falta de energia à Divina Energia, Que sustenta e nutre a alma. Mas quando isto é feito, o paganismo desaparece e dá lugar ao que poderia ser chamado de desespero criador: “desespero”, porque se verifica a própria doença espiritual; “criador”, porque se sabe que somente um Médico Divino, vindo de fora, pode trazer a cura aos males. Este desespero não surge geralmente do sentimento da própria estupidez, ignorância ou enganos, mas se origina da inadequação, do sentimento de dependência, ou mesmo da admissão da culpa que se sente. A alma torna-se o campo de batalha duma guerra civil durante a conversão. Não basta que haja um conflito entre consciência e inconsciência, ou o ego e o ambiente, pois tais tensões podem ser simples fenômenos psicológicos, sem significação profunda para a alma. Enquanto o conflito é apenas psicológico, enquanto é capaz de ser manipulado pelo próprio espírito ou por outro espírito humano, pode resultar uma integração ou sublimação, ou chamada “paz-de-espírito”, mas não há “Deo-versão”, ou paz da alma. A tensão ou conflito nunca é bastante aguda quando as forças em duelo estão contidas dentro do próprio espírito; a conversão não é auto-sugestão, mas um raio de luz de fora. Há grande tensão apenas quando o eu é confrontado com o não-eu, quando o interior é desafiado pelo exterior, quando o desamparo do ego é confrontado com a adequação do Divino.

Só quando a luta decisiva começa, com a alma de um lado e Deus no outro, é que a verdadeira dualidade aparece como condição da conversão. Esta crise na alma é a miniatura e o camafeu da grande crise histórica da Cidade de Deus e da Cidade do Homem. Deve haver na alma a convicção de que se está em poder

e sob a influência dum govêrno mais elevado do que o da nossa própria vontade; que, em oposição ao ego, existe uma Presença diante da qual nos sentimos felizes em fazer o bem e diante da Qual estremeçemos por ter praticado o mal. É relativamente sem importância que esta crise, que resulta num sentimento de dualidade, seja súbita ou gradual. O que importa é a luta entre a alma e Deus, com o Deus onipotente nunca destruindo a liberdade humana. É êste o maior drama da existência.

Tal tensão entre Deus e a alma é claramente vista na conversão de São Paulo, quando o Cristo glorioso lhe apareceu, com o desafio: "Por que me persegues?" (Atos 22:7). Nas almas modernas, esta tensão aparece como uma angústia, não de ordem psicológica, mas metafísica, dentro da qual a alma vive, como disse Pierre Rousselot, "no parafuso da inquietação". Em outras gerações, o espírito teve problemas; o espírito de hoje é um problema. O mistério se deslocou do universo para a alma, do universal para o particular. Talvez seja esta a razão pela qual romancistas e poetas, freqüentemente mais do que os filósofos, são agora aceitos como guias pelo espírito frustrado. Mas não há falta de filósofos modernos que tentam analisar esta tensão dum maneira abstrata. Alguns dêles descrevem a alma em angústia acima da sua própria contingência, tremendo de mêdo à vista de sua nulidade e, no momento seguinte, olhando para a frente numa doce nostalgia do infinito. Outros, sentindo uma emoção ética nesta busca, lutam por encontrar o absoluto, um Amigo da Equilidade donde tôda a justiça terrena derive. Outros, como Kierkegaard, analisando o desespero, declaram que seria impossível para o homem não ter a intuição do eterno. "Aquêle eu que êle desesperadamente deseja ser, é um eu que êle não é; o que êle realmente quer (em desespero) é desprender-se do Poder que o constituiu." Ou-

tros estudam a tensão em termos de satisfação finita e de anseio infinito, de desapontamento com o que se tem e de desejo veemente pelo que não se tem, com um vago conhecimento de que não desajariamos o infinito, se não fôssemos feitos para êle ou se não tivéssemos vindo dêle. Mas a inquietação resulta quando o desejo de Deus é enjaulado numa forma mortal restrita, e esta intranqüillidade impele o homem a uma renovada paixão pela transcendência, pela luz e pelo poder. Pascal descreve-o desta forma: "Meu espírito está inquieto. Estar inquieto é melhor. Descrição do homem: dependência, desejo de independência, necessidade. Condição do homem: inconsciência, aborrecimento, intranqüillidade."

De envolta com a luta está a impressão de que se é procurado por Alguém — pelo "Galgo do Céu" na linguagem de Thompson — que não nos deixará sozinho. A tragédia é que muitas almas, sentindo esta ansiedade, buscam tê-la explicada, em vez de segui-la até onde, no fim da trilha, é vista como Deus e graça real agindo sobre a alma. A voz de Deus causa descontentamento dentro da alma, a fim de que a alma possa procurar mais além e ser salva. Embaraça a alma, pois nos mostra a verdade, rasga tôdas as máscaras e mascaradas da hipocrisia. Mas consola também a alma, efetuando uma harmonia consigo mesma, com o próximo e com Deus. Cabe ao homem decidir: aceitar ou rejeitar a voz que ouve. Santo Agostinho conta como, depois de ouvir a história de uma conversão, deu êle as costas a uma graça real.

"Tal foi a história de Ponciano; mas tu, ó Senhor, enquanto êle estava falando, fizeste-me voltar para mim mesmo, tirando-me de trás de minhas costas onde eu me havia colocado, não querendo observar a mim mesmo; e colocando-me dian-

te de meu rosto para que eu pudesse ver quão asqueroso eu era, quão perverso e corrompido, quão manchado e ulcerado. E eu me contemplei e fiquei horrorizado; e para onde escapar de mim mesmo não descobri. E se eu buscava desviar meus olhos de mim mesmo, continuavam êles a ver, e Tu de novo me colocaste contra mim mesmo e me lançaste diante de meus olhos para que eu pudesse descobrir a minha iniquidade e odiá-la. Eu a tinha conhecido, mas fizera como se não a visse, fiz sinal para ela e esqueci-a.”<sup>1</sup>

Nesta crise, tem cada um a consciência de que se tornou um palco sôbre o qual duas grandes fôrças estão travando guerra; nossa própria alma está com uma fôrça num momento e com a outra fôrça no momento seguinte. Há um murmúrio que solicita a gente para os picos da montanha e outra voz que nos ordena que desçamos para os vales. Há um temor do que possa haver à frente no futuro e um temor de continuar como no presente. O espírito reclama a renúncia de velhos hábitos, mas a carne reluta em quebrar as cadeias. Uma vez que estas duas correntes de frustração interior e de Misericórdia se encontrem, de modo que a alma se certifique de que sômente Deus pode prover aquilo que falta, então a crise atinge um ponto em que deve tomar-se uma decisão. Neste sentido, a crise é crucial — implica uma cruz. A própria crise pode tomar mil formas diferentes, variando de almas que são boas para as que são pecadoras. Mas em ambos êstes extremos há um reconhecimento comum de que os conflitos e frustrações não podem ser dominados pela nossa própria energia. As formas comuns de crise são a moral, a espiritual e a física.

---

<sup>1</sup> *The Confessions of St. Augustine*, p. 140, Peter Pauper Press, Mount Verace, N. Y.

A crise é moral quando há uma certeza de pecado e de culpa, existindo não sómente como um fenômeno histórico, que afeta a vida social e internacional, mas como algo interiormente experimentado como *uma relação partida*. Aquêles que sustentam a opinião de que a única culpa é a admissão da culpa e de que o único pecado é a crença no pecado tornam-se incapazes de conversão. Desde que nada reconhecem no seu universo a não ser o seu ego, então não podem admitir um Poder exterior do qual a experiência salvadora virá. Não pode haver crise enquanto a alma pensa em si mesma como perturbada pelo fato de ter violado alguma vaga lei cósmica, ou porque está fora de tom com o universo. Uma crise exige duas pessoas — a pessoa do homem e a Pessoa de Deus. Então o remorso de seus pecados tortura a alma e fá-la ansiar por uma paz que não pode obter por si mesma. Assim, graças a um paradoxo peculiar, o pecado se torna ocasião de uma solidão e de um vazio que sómente Deus pode remediar. Este vazio não é o de um poço sem fundo; é o vazio de um ninho que só pode ser enchido pela Águia que descerá das alturas lá de cima. Uma alma em tal crise busca Deus depois de uma série de dissabores quando, como o Pródigo, se afasta de vagens para o Pão da Vida. Tal crise implica tristeza, porque se decaiu do ideal, mas está misturada de esperança, porque o padrão original pode ser recuperado.

Até este ponto, a alma tem trazido cobertos os seus pecados; agora descobre-os a fim de repudiá-los. O que é confessado pode ser renegado; o que é percebido como um obstáculo pode agora ser ultrapassado. A crise atinge seu ápice quando a alma se torna menos interessada em suscitar revoluções externas e mais interessada na revolução interna de seu próprio espírito; quando ela vibra espadas, não fora, mas dentro, para cortar suas paixões mais baixas; quando se queixa menos da

mentira do mundo e começa a trabalhar por tornar-se algo menos mentiroso do que antes. A esfera moral tem dois pólos éticos: um, o censo imanente do mal ou da falha; o outro, o poder transcendente da Misericórdia de Deus. O abismo da impotência grita para o abismo da salvação, pois *copiosa apud eum redemptio*. A cruz é agora vista a uma nova luz. Em dado momento indica a profundidade da iniquidade humana que, em essência, assassina Deus; noutra momento, revela a derrota do mal no seu momento mais forte, vencido não somente pelas súplicas de perdão da Cruz, mas pelo triunfo da Ressureição. Mas esta cascata de Energia Divina não pode operar sobre um homem, enquanto ele vive debaixo da ilusão de que é um anjo ou de que o pecado não é culpa sua. Deve ele admitir em primeiro lugar o fato da culpa pessoal; depois, embora a consciência de ter sido um pecador não desapareça, a consciência de estar em condição de pecado é aliviada. Esta é provavelmente a experiência a que Charles Péguy se referiu, quando disse: "Sou um pecador, um bom pecador."

Deus se torna uma possibilidade para a alma desesperada somente quando começa ela a ver que pode fazer "tôdas as coisas Nêle Que me deu fôrças." O homem naturalmente bom de Rousseau e do liberalismo, o egoísta inofensivo de Adam Smith e o homem prudentemente soberbo de John Stuart Mill não sentem estas tensões morais, particularmente quando suas vidas estão almofadadas em conforto. Foi preciso um século para que os seguidores dêsses falsos otimistas sentissem que a sua vacuidade interior resulta de uma liberdade que anseia pelo infinito, subjugada a uma finitude cuja essência é o enfado. Um novo eu é necessário e o homem não pode renovar-se. Nenhum humanismo vago, nenhuma dedicação atarefada às causas sociais, pode desarraigar o sentido de culpa, porque a

culpa implica uma relação *pessoal* com Deus. E uma relação pessoal implica amor. Para que nós nos tornemos verdadeiramente morais deve haver uma submissão a um Cristo todo amor. Que pode fazer aquilo que o homem não pode fazer, e então a dor passa. Embora o vácuo da alma que o pecado nos causou se veja confrontado pelo Cristo, a ênfase é imediatamente levantada do nosso pecado para a Sua misericórdia, do eu para a Cruz. Uma vez abandonada a vontade de pecar, então a alma vê que se tornou aceitável ao Salvador, não porque era boa, mas porque o Salvador é Bom. Em outras religiões deve-se ser purificado, antes de poder bater à porta; no cristianismo, bate-se na porta como um pecador e Aquêles Que nos responde cura. A crise moral está terminada quando Cristo encara a alma, não como lei mas como Misericórdia, e quando a alma aceita o convite: "Vinde a mim todos os que trabalhais, e vos achais carregados, e eu vos aliviarei" (Mat. 11:28).

A crise da conversão é por vezes mais espiritual do que moral. Isto é freqüente entre aquêles que têm estado à procura da perfeição, mas não se acham ainda possuídos da Plenitude da Fé e dos Sacramentos. Algumas de tais almas têm levado uma vida de bondade no plano *natural*; têm sido genorosas para com os pobres e bondosas para com seus vizinhos e levado adiante, pelo menos, uma vaga amizade com tôdas as pessoas. Outras almas já têm tido uma tintura da vida sobrenatural; levam uma vida tão semelhante à de Cristo quanto lhes é possível, vivendo para a fé Nêle, à medida que vêem a Sua luz. A crise começa nessas almas no momento em que reconhecem que têm tremendas potencialidades não exercitadas ainda, ou começam a almejar uma vida religiosa que fará maiores exigências dêles. Até êste momento da crise, viveram na superfície de suas almas. A tensão se aprofunda à me-

dida que eles comprovam que, como uma planta, têm raízes que necessitam de maiores profundezas espirituais e ramos pretendendo à comunhão com os céus. O crescente sentimento de insatisfação com a própria vulgaridade é acompanhado de uma ânsia apaixonada de submissão, sacrifício e abandono à Santa Vontade de Deus. Tal elevação da mediocridade ao amor pode ser ocasionada pelo exemplo de um santo, pela inspiração de um livro espiritual, pelo desejo de fugir dos meros símbolos para a Realidade Divina. De qualquer maneira que venha, há uma dualidade presente desde o momento em que a alma ouça Cristo dizer: "Sêde pois perfeitos, como também Vosso Pai celestial é perfeito" (Mat. 5:48).

A conversão da mediocridade a uma plena submissão não é mais fácil do que a conversão do pecado à caridade; em qualquer dos dois casos, há o arrancar de um olho e o cortar de um braço. Parece ao convertido que lhe exigem que largue mão de tudo — não só de tudo o que ele tem, mas até mesmo do domínio sobre seu espírito — mas isto é porque ele ainda não compreendeu a liberdade jubilosa da união com Deus. Os prazeres da carne são sempre maiores na antecipação do que na realização, mas as alegrias do espírito são sempre maiores na realização do que na antecipação.

Nem todos aceitam as exigências feitas durante uma crise espiritual. O jovem rico que havia cumprido os mandamentos desde a sua mocidade, retirou-se triste quando Nosso Senhor lhe pediu que desse o que possuía aos pobres e O acompanhasse. Sua crise passou quando ele escolheu uma vida comum de bondade em vez da vida espiritual. A crise teve fim diferente com outro homem rico, Mateus, que largou sua banca de coletor de impostos para tornar-se um apóstolo. Provavelmente nenhum dos apóstolos chamados por Nosso Senhor

disse: "Agora devo começar a ser um homem bom"; disseram, em vez disso: "Agora devo começar a fazer Sua Vontade." Até o tempo duma verdadeira conversão uma alma tem seus próprios padrões de bondade. Depois de confrontada com a Graça de Deus, nada mais busca senão corresponder à Sua Vontade. Tal alma é tão implacável no seu amor, como o Divino Amor é implacável.

A crise espiritual é bastante geral, pois em cada alma há algum reflexo da ânsia universal de perfeição. Depois da conversão há um amor sobrenatural de Deus, mas mesmo antes da conversão há um amor natural de Deus. A diferença entre os dois foi explicada por Santo Tomás: "A natureza ama a Deus sôbre tôdas as coisas sendo Ele como é o comêço e o fim do bem natural, mas a caridade (ama-O) tanto quanto Ele é o objeto da beatitude e tanto quanto um homem tem certa amizade com Deus."<sup>2</sup> Tôda pessoa que ama, *naturalmente* ama a Deus mais do que a si mesmo. Este amor não é consciente em muitas almas e em outras seus efeitos práticos são limitados pela concupiscência; mas está oculto em cada busca de felicidade, em cada desejo de um ideal bastante amplo para satisfazer todos os nossos anseios. O indivíduo pode dar nome errado a êste Infinito que busca; pode identificá-lo com a riqueza, com a carne ou com o poder; mas a fôrça motivadora que o impulsiona é ainda sua procura duma felicidade sem fim. Mesmo quando um homem se decide pelo menos e imagina que êle é o Infinito que procura, não obstante o Supremo Bem é mesmo mais desejado; de modo que Deus é amado consciente ou inconscientemente, por todo ser capaz de amar. Mas o desejo de possuir Deus em amor seria um desejo ineficaz, se Deus não elevasse a

---

<sup>2</sup> *Summa theologiae*, I-2; q. 109, art. 3.

natureza humana. Quando isto acontece, quando a alma passa dum amor natural a um amor sobrenatural de Deus, ocorre uma conversão.

O desejo espiritual do Infinito pode também dirigir-se a Deus como a Verdade Divina. O intelecto humano, cômscio do fato de que não conhece tudo, pode tornar-se dócil em face da Divindade e começar a desejar ardentemente uma luz que somente Deus possa dar. Desapontados na sua mentalidade larga, que não experimentou a verdade com fogo, alguns partem à busca daquela Divina Verdade que não admite compromissos. Christopher Hollis, explicando sua conversão, diz:

“Quando olhei para o Novo Testamento, não encontrei ali nenhum registro de Cristo falando como um amigo falaria; não O encontrei dizendo: “São estas algumas observações que me ocorreram. Ser-me-lia grato que vocês se fôssem, pensassem nelas e verificassem se poderiam descobrir nelas alguma coisa.” Encontrei-O ensinando com autoridade, proferindo dogmas com violência contra as cabeças de seu auditório, ordenando a Seu auditório que aceite Sua doutrina e lhe exibindo a espantosa ameaça da danação eterna se se recusasse a aceitá-la. Quando eu estava na escola, entre meus companheiros de classe havia um presbiteriano e um metodista. Num dos trimestres letivos, o presbiteriano voltou de casa, contando que durante as férias seus pais haviam lido o Novo Testamento e como resultado se tornaram católicos. O metodista achou a história bastante divertida. Na ocasião não vi porque era ela tão particularmente divertida e quando, alguns anos mais tarde, vim eu mesmo a ler o Novo Testamento, descobri que era

mesmo muito menos divertida do que eu tinha imaginado.”<sup>3</sup>

Chesterton, também, foi atraído à conversão pelo desejo do saber infinito e explicou-se nestes termos; “Sou o homem que, com a mais atrevida ousadia, descobriu o que já estava descoberto antes.”

É possível que o declínio da razão no mundo moderno possa conduzir cada vez mais as almas a investigar a disparidade entre o que *elas* conhecem e o que é conhecível. Sòmente procurando aquilo que está acima do humano pode o espírito humano preservar a sua dignidade: ou sua razão subirá até a Sabedoria ou suas emoções encadearão a razão e o homem se torna um animal. À medida que a carnalidade e o conforto se tornam o alvo comum da vida moderna, os dotados de inteligência lutarão cada vez mais estrênuamente do que nunca pela libertação da sua razão e chegarão a ver finalmente que, sem um *Divino Logos*, por trás do universo, não haveria nunca razão no universo. A crença de Pascal de que há apenas duas espécies de gente dotada de razão parece ser realmente verdadeira — os que amam a Deus de todo o seu coração, porque O descobriram, e os que procuram Deus de todo o seu coração, porque não O descobriram.

Hoje existe no mundo um vasto exército de boas almas que ainda não penetraram na plenitude da crise; estão sedentas, mas têm medo de pedir-Lhe de beber, no receio de que Ele verta bebida do Seu cálice. São frias, mas têm medo de aproximar-se de Suas fogueiras, no receio de que aquelas chamas purifiquem à medida que as iluminem. Sabem que estão aferrolhadas nos sepulcros de sua própria insignificância, mas têm medo de que sua ressurreição, como a Dêle, traga

---

<sup>3</sup> *Conversions*, editado por Maurice Leahy, pp. 68, 69, Benzinger Bros., 1933.

as cicatrizes da batalha. Há muitos que gostariam de estender um dedo a Nosso Senhor, mas recuam, trêmulos, com medo de que Ele lhes agarre as mãos e lhes solicite os corações. Mas não estão distantes do Reino de Deus. Têm já o desejo dêle. Necessitam apenas da coragem de atravessar a crise na qual, por meio duma aparente rendição, descobririam a si próprios como vitoriosos no cativoiro da Divindade.

Mas há um terceiro tipo de conversão causado por um acontecimento físico. A crise é física quando sobrevém por meio duma catástrofe inesperada, tal como a morte duma pessoa amada, um fracasso nos negócios, doença, ou algum sofrimento que nos obrigue a indagar: "Qual o fim da vida? Por que estou eu aqui? Para onde irei?" Enquanto há prosperidade e boa saúde, estas perguntas nunca vêm à tona. A alma que tem apenas interêsses exteriores não se interessa por Deus, da mesma maneira que o rico cujos celeiros estavam cheios. Mas quando os celeiros estão queimados, a alma é súbitamente forçada a olhar para dentro de si mesma, a examinar as raízes de seu ser e a perscrutar no abismo de seu espírito. Esta excursão não é a deleitosa viagem num dia de verão, mas uma trágica indagação da possibilidade que negligenciamos de buscar a melhor riqueza, os tesouros que a ferrugem não consome, as traças não picam e os ladrões não arrombam e roubam — tesouros que somente Deus pode dar, quando os corações estão mais vazios do que qualquer bolsa. Tôdas as crises, mesmo as de desastre material, forçam a alma para dentro, como o sangue é devolvido para o coração durante alguma doença, ou uma cidade atacada recua para suas defesas internas.

Seria bom hoje para todos nós encarar a possibilidade de uma catástrofe bem grande. Se a catástrofe vier como resultado duma guerra atômica ou duma revolução mundial, ou como uma explosão cósmica, pouco

importa. Sua forma é apenas um pormenor. Mas o que importa é esta possibilidade que conhecemos, não só porque o Santo Padre nos advertiu de que a bomba atômica pode eventualmente ocasionar desastre ao próprio planêta, mas também porque uma tragédia de proporções catastróficas revelaria a um mundo céptico que o universo é moral e que as leis de Deus não podem ser infringidas impunemente. Da mesma maneira que deixar de comer provoca dor de cabeça, o julgamento da violação duma lei da natureza e grandes crises na história são julgamentos da maneira pela qual os homens pensam, querem, amam e agem. Os períodos de delírio e as épocas de tragédia que se seguem a um cisma entre a alma e Deus fazem muitas vêzes para um povo inteiro o que a doença ou um desastre pessoal faz para um indivíduo pecador.

A doença, especialmente, pode ser um abençoado presságio da conversão do indivíduo. Não somente impede-o de realizar seus desejos; reduz mesmo sua capacidade de pecar, as oportunidades do vício. Neste forçado afastamento do mal, que é uma Mercê de Deus, tem êle tempo de entrar em si, de apreciar sua vida; de interpretá-la em têrmos de vasta realidade. Considera Deus e, naquele instante, há um senso de dualidade, uma confrontação da personalidade com Deus, uma comparação dos fatos de sua vida com o ideal de que decaiu. A alma é forçada a olhar dentro de si mesma, para indagar se não há mais paz neste sofrimento do que no pecado. Uma vez que um homem doente, na sua passividade, começa a perguntar: "Qual o objetivo da minha vida? Por que estou aqui?", a crise já começou. A conversão se torna possível no mesmo momento em que um homem deixa de censurar Deus ou a vida, como causa de suas perturbações e começa a censurar a si mesmo. Fazendo assim, torna-se êle capaz de distinguir entre seu mariscos pecadores e o navio de sua alma.

Uma fenda surgiu na armadura de seu egoísmo; agora o raio solar da graça de Deus pode intrrometer-se. Mas até que isto aconteça, as catástrofes nada podem ensinar-nos senão o desespero.

Vemos isto na história intelectual do orgulhoso homem do século XX; seu abandono da filosofia da evolução e do progresso inevitável foi sucedido pela filosofia do desespero, da derrota e do medo. Duas gerações atrás, estava êle sendo quase um deus; hoje, êste deus está sendo psicanalisado para descobrir por que se sente êle "como o diabo". Léon Bloy, que chegou a Cristo por meio de um conhecimento de catástrofe e crise, indaga, como fazem muitos historiadores: "Não estaremos no fim de tudo e não é a palpável confusão dos tempos modernos o sintoma de algum imenso distúrbio sobrenatural que afinal nos porá em liberdade?" O mundo pode ter-se distanciado tanto de Deus e do caminho para sua própria paz que uma tragédia seria a maior mercê. A pior coisa que Deus poderia fazer-nos seria deixar-nos sós no nosso caos presente e na nossa corrupção. Duas guerras mundiais não tornaram o mundo melhor, porém pior. E fica-se a imaginar se a futura catástrofe será uma guerra, no mesmo sentido das duas últimas, ou antes alguma calamidade mais seguramente calculada para produzir arrependimento no homem.

Quando uma alma em pecado, sob o impulso da graça, volta-se para Deus, há penitência; mas quando uma alma em pecado recusa mudar, Deus manda o castigo. Êste castigo não precisa ser externo e, decerto, nunca é arbitrário; vem como um resultado inevitável da quebra da lei moral de Deus. Mas as forças entrincheiradas do mundo moderno são irracionais; os homens de agora nem sempre interpretam os desastres como os acontecimentos morais que são. Quando a calamidade fere a perdoneira dos corações humanos, fâis-

cas de amor sagrado se inflamam e os homens começarão normalmente a fazer uma estimativa do seu verdadeiro mérito. Em épocas anteriores era isto usual: o indivíduo desordenado podia encontrar seu caminho de volta para a paz, porque vivia num mundo objetivo inspirado pela ordem cristã. Mas o homem frustrado de hoje, tendo perdido sua fé em Deus, vivendo, como vive, num mundo desordenado, caótico, não tem farol que o guie. Em tempos de perturbação, muitas vêzes volta-se êle sôbre si mesmo, como uma serpente que devorasse a própria cauda. Dado tal homem, que cultua a falsa trindade: a) de seu próprio orgulho, que não reconhece leis; b) de sua própria sensualidade, que faz o conforto terrestre seu alvo; c) de sua licença, que interpreta a liberdade como a ausência de tôda contenção e lei — então se cria um cancro de cura impossível, exceto por meio de uma operação ou calamidade inconfundível, como a ação de Deus na história. É sempre por meio de lágrimas, suor e sangue que a alma se purga de seu egoísmo animal e fica aberta ao Espírito.

Seria errado imaginar que as catástrofes históricas são necessárias, porque há um lado do mundo em que os homens são bons e outro lado em que os homens são maus. Quando um germe penetra na corrente do sangue, não se isola no braço direito e poupa o esquerdo; é o corpo inteiro que é afetado. O mesmo acontece com a humanidade. Sendo um corpo, todo aquêle que pertence à nossa raça é pecador até certo ponto. É o *nosso* mundo mau e não o *dêles*. Não são os comunistas apenas a causa dos males do mundo, pois tôda idéia de comunismo originou-se no nosso Mundo Ocidental. Todos nós continuamos necessitados da redenção. Quanto mais cristã é uma alma, tanto mais se vê responsável pelos pecados de seu próximo; tal homem ou tal mulher busca tomar sôbre si aquêles pecados, como se fôsem seus próprios pecados, da mesma maneira que

Cristo, o Inocente, tomou sôbre si a culpa do mundo inteiro. Como a mais sincera simpatia pelos que estão de luto é chorar, assim também o verdadeiro amor pelos culpados é expiar-lhes a culpa. A carga da regeneração do mundo é, portanto, posta sôbre aquêles que conhece Cristo e ouve Sua Voz na Igreja, incorporando-se no Seu Corpo e no Seu Sangue na Eucaristia. Um sentimento de nossa solidariedade no mal pode pois tornar-se uma solidariedade no bem.

Mas não há igualdade matemática — nem pagamento na mesma moeda — na obra de redenção. Dez homens justos podiam ter salvo Sodoma e Gomorra. No ajuste de contas divino, há monjas carmelitas e monges trapistas que estão fazendo mais para salvar o mundo do que os políticos e os generais. O espírito discorde que se apropria da civilização só pode ser afugentado pelas orações e pelo jejum.

Em face do mal há três espécies de almas: as que praticam o mal e negam que haja mal ou o chamam de bem. “Sim, e virá tempo em que todo o que vos matar julgará prestar serviço a Deus ” (João 16:2). Há também aquêles que vêem o mal nos outros, mas não em si mesmos e que lisonjeiam sua própria “virtude”, criticando o pecador. “Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho, e então verás para tirar o argueiro do olho do teu irmão” (Mat. 7:5). Finalmente, há os que carregam a carga da desgraça e do pecado alheios como se fôsem seus.

Estamos aprendendo neste século que as divisões que separam os homens uns dos outros são bastante frágeis. A calamidade física derruba estas barreiras. A guerra moderna destrói as linhas limítrofes de combatentes e civis — não que devesse ser assim, mas, pelo menos, suas violações revelam que numa crise o perigo não é meu, nem teu, mas nosso. Quando bastantes almas devotas transferirem esta unidade dos homens da

ordem física para a ordem moral e espiritual, o mundo renascerá.

A catástrofe pode ser para um mundo que se esqueceu de Deus o que uma doença pode ser para um pecador. Em meio dela, milhões podem ser trazidos não a uma crise voluntária mas a uma crise forçada. Tal calamidade poria um fim à impiedade e faria que vasto número de homens, que doutra forma poderiam perder suas almas, se voltasse para Deus. Depois de uma série de dias quentes e abafados de verão, sentimos que deve haver uma tempestade antes que voltem de novo os dias frescos. Igualmente, nestes dias de confusão, há uma intuição de catástrofe iminente, uma sensação de que alguma imensa perturbação preternatural reduzirá a ruínas o mal do mundo, antes que possamos ser livres de novo. Como disse Goncourt a Berthelot, que se havia vangloriado da futura destruição da guerra por meio da ciência física: "Penso que quando êsse dia chegar, Deus, como um vigilante noturno, descerá do Céu, chocalhando Suas chaves e dirá: — Cavalheiros! É hora de fechar." Se tal acontecer, teremos de recomeçar tudo de novo. Não é uma questão do fim do mundo, mas do fim de uma época — uma manifestação da sublime verdade de que a negação da moralidade e da verdade cristãs nos empurra a todos até a beira da catástrofe, até o verdadeiro limite da dissolução.

Já se tem dito: "Em tempo de paz, prepara-te para a guerra." Melhor seria rever esta frase e dizer: "Em tempos de tumulto e dissolução, prepara-te para encontrar Deus!" Quando o desastre acontece e os tesouros se dissolvem como um "cortejo insubstancial", a alma está mais apta a voltar-se para Ele, pelo mêdo e pelo desespero. Aqui a tensão não é entre o pecador e o Cristo de Misericórdia, nem entre a alma que aspira e Cristo, o Santo Filho de Deus, mas entre o homem partido e Cristo, o Juiz. Haverá alguns, mesmo na

crise, que se levantarão contra Deus, pois os pecados de blasfêmia, como nos diz o Apocalipse, se multiplicarão com o derramamento dos frascos da cólera. Mas a imensa maioria dos homens verificará, pela primeira vez, que o Seu Julgamento reparte um golpe mais duro quanto mais distante estamos de seus caminhos. O próprio pensamento de uma guerra atômica com uma catástrofe cósmica fará com que muitos homens apressem a crise, antecipem a tensão e comecem sua conversão agora.

Esta espécie de conversão pode também ocorrer entre aqueles que já têm a fé. Os cristãos se tornarão realmente cristãos com menos fachada e mais fundamentos. A catástrofe os separará do mundo, forçá-los-á a declarar suas fidelidades básicas; reviverá pastores que pastorem em vez de apenas administrar, inverterá a proporção de santos e sábios em favor dos santos, criará mais ceifeiros para a colheita, mais colunas de fogo para os tégidos; fará o rico ver que a verdadeira riqueza está no serviço aos necessitados; e, acima de tudo mais, fará a glória da Cruz de Cristo esplender num amor dos irmãos uns pelos outros, como verdadeiros e leais filhos de Deus e filhos devotados da Mãe de Coração Imaculado.

A crise impende sobre todos nós, qualquer que seja nossa condição e quem quer que sejamos. Mas a crise não será consciente ou efetiva enquanto desacompanhada de desejo. Ora, desejo implica *possibilidade*: "Nada é impossível com Deus." Se não há Deus, então nada é possível. O desejo de Deus é para a alma o que a respiração é para o corpo — a respiração traz para dentro de nossos seres a possibilidade da vida física de fora, como a oração, que é a mais alta expressão do desejo, traz para dentro de nossas almas a possibilidade da participação em Deus. Este desejo não é inteiramente o próprio desejo da alma, pois se sente até certo grau

sob a ação duma suave compulsão: Deus está fazendo pressão sôbre a alma, durante todo o tempo em que ela parece estar pressionando-O. Mais tarde a alma compreenderá que até mesmo o desejo de Deus vinha de Deus e que os fogos que ardiam dentro de si mesma provinham da lareira de Deus.

A conversão não se segue automaticamente a êste anseio; a menos que o desejo de Deus seja mais forte do que velhos hábitos e paixões, a crise do desejo pode terminar em frustração. A graça da conversão pode passar — pois quem perdeu o bote, perdeu a Barca de Pedro. O desejo estava ali, mas, porque não era altamente estimado, o ideal de Cristo foi abandonado e o carnal e o mundano permaneceram.

Nunca houve um convertido que carecesse de desejo — desejo de Deus e também o desejo de tornar-se um homem diferente de qualquer que tenha sido antes. Quando Ernesto Psichari, o neto de Renan, largou seus antros de pecado na França para seguir para o deserto, a fim de descobrir Deus, disse: “Não tenho desejo mais forte, nem propósito mais firme, do que ir através do mundo para conquistar a mim mesmo à força. Não atravessarei a terra de tôdas as virtudes como um mero turista... Deus entrará sob nosso teto quando quiser.” A graça — a “entrada” — é a parte de Deus; cultivar e resguardar o desejo da graça é a parte nossa dada por Deus: “Pedi e vos será dado; buscai e achareis; batei e abri-se-vos-á” (Mat. 7.7).

Deus nunca recusa graça àqueles que honestamente a pedem. Tudo quanto Ele pede é que a vaga sêde do Infinito, que excitou a alma a procurar seu bem numa sucessão de prazeres, será agora transformada numa sêde do Próprio Deus. Tudo quanto necessitamos fazer é exprimir estas duas petições: “Querido Senhor, iluminai meu intelecto para que eu veja a Verdade e dai-me a força de segui-la.” É uma oração *sempre respondida*.

E não faz diferença se o desejo de Deus que proclamamos proveio de nossos enfados, saciedades e desespêro, ou se nasceu do nosso amor do belo, da perfeição. Deus quer tomar conta de nossos velhos ossos ou de nossos jovens sonhos, pois nos ama, não pelo nosso modo de ser, mas por aquilo que podemos ser por meio de Sua graça.

Bastante curioso é que é o mêdo de como as *mudar*á a graça e as aperfeiçoará que conserva muitas almas afastadas de Deus. Querem Deus para tomá-las como são e deixá-las ficar do mesmo jeito. Querem que Êle lhes retire o amor pelos ricos, mas não suas riquezas, que as livre do desprazer do pecado, mas não do prazer do pecado. Algumas delas equiparam bondade com indiferença ao mal e pensam que Deus é bom se fôr generoso ou tolerante com o mal. Como os espectadores diante da Cruz, querem Deus nos têrmos dêles e não no Dêle, e gritam: "Desce dessa cruz e acreditaremos em ti." Mas as coisas que êles pedem são os sinais duma *falsa* religião: prometem salvação sem uma cruz, abandono sem sacrifício, Cristo sem Seus cravos. Deus é um fogo consumidor. Nosso desejo de Deus deve incluir uma boa vontade para ter o restólho de nosso intelecto queimado e o joio de nossos pecados consumido. O próprio mêdo que as almas têm de se render ao Senhor com uma cruz é uma prova de sua crença instintiva em Sua Santidade. Porque Deus é fogo, não podemos escapar a Êle, quer nos aproximemos para a conversão, quer fuçamos por aversão. Em qualquer dos casos, Êle nos afeta. Se aceitamos Seu amor, seus fogos nos iluminarão e nos aquecerão. Se O rejeitarmos, êles ainda nos abrasarão pela frustração e pelo remorso.

Assim como todos os homens são tocados pelo ardente amor de Deus, da mesma maneira todos são também tocados pelo desejo da intimidade com Êle. Ninguém escapa a êste anseio. Somos todos reis exilados, miseráveis sem o Infinito. Aquêles que rejeitam a graça

de Deus têm um desejo de *evitar* Deus, como aquêles que a aceitam têm um desejo *de* Deus. O ateu moderno não descrê por causa de seu intellecto, mas por causa de sua vontade. Não é o conhecimento que o torna um ateu, mas a perversidade. A negação de Deus brota dum desejo do homem de não ter um Deus — da sua vontade de que não haja Justiça por trás do universo, de modo que suas injustiças não receiem retribuição; do seu desejo de que não haja Lei, de modo que não possa ser julgado por ela; do seu querer que não haja Bondade Absoluta, para que êle possa continuar pecando com impunidade. É por isso que o ateu moderno se mostra sempre encolerizado quando ouve dizer alguma coisa a respeito de Deus e de religião. Seria incapaz de tal ressentimento, se Deus fôsse apenas um mito. Seu sentimento para com Deus é o mesmo que um homem mau tem para com alguém a que êle fêz um mal. Desejaria que estivesse morto de modo que nada pudesse fazer para vingar o mal. O que traiçoa a amizade sabe que seu amigo existe, mas deseja que êle não exista. O ateu pós-cristão sabe que Deus existe, mas deseja que Êle não existisse.

Não podemos fugir à justiça de Deus, negando-O, mas é fácil fugir à Sua amizade. Êle nunca força o nosso amor. A rendição da vontade a Deus é de tôda importância na conversão, por causa do seguinte: Deus não destruirá nossa liberdade humana. Não dará mesmo provas tão absolutamente onipotentes que destruam tôda escolha, pois sempre deixa uma margem para o amor. Portanto um prelúdio necessário à conversão é um espírito que se torna dócil, educável e humilde, pois se pensamos que sabemos tudo, nem mesmo Deus pode ensinar-nos.

Tão logo um homem se torna humilde, reconhece sua própria e longa autodecepção, os pequenos ardis de que se valeu consigo mesmo para ocultar seu não ad-

mitido desejo de Deus. A humildade é a verdade, o reconhecimento de nós mesmos como somos. É por isso que, quando alguém nos acusa de ser um ladrão de carneiros, nós sorrimos; mas quando somos acusados de mentirosos, podemos encolerizar-nos, pois talvez seja verdade. A punição do orgulho é a incapacidade em ser realmente convertido: “Porque o coração deste povo tornou-se insensível e os seus ouvidos tornaram-se duros e fecharam os olhos; para não suceder que vejam com os olhos, e ouçam com os ouvidos, e entendam com o coração, e se convertam, e eu os sare” (Mat. 13:15).

A humildade é tão essencial, na verdade, que Nosso Senhor declarou que a conversão dependia de nos tornarmos como crianças na afeição e no desejo. E disse: “Na verdade vos digo que, se vos não converterdes e vos não fizerdes como meninos, não entrareis no reino dos céus. Todo aquêle pois que se fizer pequeno, como êste menino, êsse será o maior no reino dos céus” (Mat. 18:3,4).

Em conclusão, pois: esta tensão entre a carne e o espírito, entre o puxão do tempo e a correia da eternidade — esta dialética entre o amor do prazer egoísta e o desejo da paz espiritual se encontra em tôda alma sôzinha. A razão pela qual maior número de almas não vem para Deus se acha no fato de que não amam bastante a Deus. Puseram maior anseio ardente do lado da concha que se opõe a Êle. Mas nunca Lhe escaparão, mesmo assim, a luta decisiva continua, enquanto êles viverem.

Tôda alma frustrada que não seja louca acha-se nesse estado porque combateu as altas advertências de Deus: “É inútil fugir, pois Êle está em Tôda Parte. Aquêle que parece ser vosso Inimigo é a vossa única Fortaleza; Aquêle que parece assestar o golpe, é o único que pode apará-lo.”

Havereis de querer continuar essa fuga inútil até que seja demasiado tarde? Havereis de morrer antes que vossos pecados estejam mortos, Ou consentireis em desejar Deus, antes que tôdas as vossas paixões estejam extintas, Que melhor tempo do que agora, com almas tôdas sujas, para vir às Suas mãos purificadoras: Só **Ele** é o nosso caminho. Fugamos d'**Ele** e estaremos perdidos. Só **Ele** é nossa luz. Afastemo-nos dela, e estaremos cegos. Só **Ele** é nossa vida. Abandonemo-Lo e haveremos de morrer. Estaremos com medo de que, se sacudirmos as fogueiras de nossas almas com o desejo, as cinzas venham a sufocar nossa vida? Devemos dizer que nada temos para dar, que nossos anos crepitaram e se evolaram em fumaça; mas se não podemos levar bondade para **Ele**, podemos levar-Lhe nossos pecados.

Dizeis que estais deprimidos e de espírito acabrunhado? **Ele** vos traz assim deprimidos sòmente para fazer que cobiceis as Suas alturas!

## CAPÍTULO XIII

### A TEOLOGIA DA CONVERSÃO

A psiquiatria é capaz de proporcionar certa quantidade de paz de espírito, pois ajusta o pensamento à maneira e à têmpera do mundo, mas nunca indaga se *devemos* ajustar-nos tão completamente à sociedade atual. “Tirei-vos do mundo”, disse o Salvador. Está-se tornando agora evidente, mesmo para os cínicos, que aquêles que ajudam mais o mundo são os homens destacados do mundo. A paz da *alma* é uma coisa diferente e mais bela. Resulta da justiça, e não do ajustamento, da renascença e não da integração nos valores do momento. *Pax opus justitiae*. A justiça implica a subordinação do corpo à alma e de todo o homem a Deus e ao próximo. Por outro lado, o ajustamento é para tornar-se aceitável àqueles que nos cercam, sejam bons ou maus, sábios ou loucos, santos ou homens tais que um santo preferia evitar a com êles competir.

É importante distinguir entre as duas espécies de paz. A paz de espírito repousa principalmente no que se chama “sublimação”, que a psicologia descreve como uma redireção dum instinto, paixão ou energia, passando duma forma crua e impulsiva a uma atividade criadora que é social e, até certo ponto, ética. Não há nada de muito novo a respeito da sublimação, a não ser o nome, pois, através das idades, todos os sábios mestres reconheceram que é importante desviar o interêsse do homem do que é baixo para o que é nobre. Os educadores sempre souberam que uma criança irregularmente

curiosa pode muitas vezes ter sua curiosidade sublimada num sadio interesse pela ciência ou pela história; o instinto combativo é muitas vezes sublimado em sociedades de debates; a desordem de um rapaz pode ser sublimada dando-se-lhe o encargo de dirigir um grupo, onde tenha êle de reforçar a disciplina. Tais sublimações, por úteis que sejam, nunca podem dar a paz da alma, porque esta *só vem de Deus*. As tentativas psicológicas para fazer o homem criar esta espécie de paz — que êle não tem potencialidade de criar — são o mesmo que tentar pegar uma ponta de fio para começar a fiar noutra direção.

Nenhum pneumático liso pode fixar-se e nenhuma pessoa frustrada e infeliz pode curar-se, sem a introdução na sua natureza de alguma coisa que ali já não esteja. É necessária alguma coisa mais para curar um homem, do que a sua própria libido ou instinto. A água nunca pode erguer-se acima do seu próprio nível e nenhuma quantidade de drenagem do inconsciente para o consciente pode tornar a corrente do pensamento mais clara, mais limpa ou mais forte. Quando o paciente tenta realizar a sublimação por si mesmo, está bastante apto — e certamente — a ter a sensação de que está praticando a auto-sugestão, experiência um tanto perigosa. Se se acredita que a energia para melhorar provém duma fonte humana exterior, como o psiquiatra, sente êle, muitas vezes com razão, que está sendo manipulado por um homem incapaz de julgar todos os fatores de seu caso. Se o psiquiatra é um daqueles que negam a alma, isto é quase sempre verdade.

Se um homem está fisicamente doente, não tenta curar-se esperando que os remédios se desenvolvam dentro do seu próprio corpo. Nem pode uma alma espiritualmente doente curar-se por completo por seus próprios esforços, sem uma energia e um poder introduzidos de fora. A própria vontade do homem doente não

é bastante, pois é justamente pelo fato de sua vontade e seus instintos estarem em conflito que êle sofre. Nem podem apenas os ideais humanos curá-lo. Não fazem provisão para os conflitos daqueles que não podem atingi-los. Até mesmo os mais nobres dos ideais abstratos são de pouca utilidade para uma pessoa que se sente um fracasso, amputado da possibilidade de êxito e demasiado fraco para realizar a virtude.

É precisamente porque muitos indivíduos estão de uma maneira penosa conscientes da sua fraqueza e da sua frustração que anseiam por um sistema compulsivo de vida que os dispense de tóda a responsabilidade. É por isso que se voltam êles para o totalitarismo na vã esperança de que a sua coletividade anônima os privará da carga da escolha. Poucos têm plenamente avaliado esta razão da corrida para o comunismo, pois há algo de bom em buscar o comunismo e algo de mau, como o filho pródigo que estava direito sentindo fome e errado alimentando-se de vagens.

A alma moderna também esta certa em ter fome por uma lei mais alta do que a sua própria vontade, e errada em aceitar a lei de um ditador. Com a negação de Deus, dos destinos eternos e da retidão moral, ela se aborreceu de sua própria inadequação, de sua própria indignidade em servir como um objeto próprio da devoção narcisística. Como a criança na escola progressiva, ela pergunta: "Devo sempre fazer o que quero?" Tendo negado o Eterno Amor como o objeto de sua escolha, volta-se agora para algo de aparentemente maior do que ela própria, isto é, o formigueiro coletivo do comunismo. Está certo desejar-se alguma coisa para adorar e amar com uma paixão intensa; errado é adorar-se o falso Deus do *Total*.

Quando se medita no número de indivíduos que, no meio de suas frustrações, tentam encontrar cura sem a ajuda de um Médico Divino, sem uma energia mais

poderosa do que êles próprios, vêm à memoria as palavras de Carlyle: "A tragédia da vida não é tanto o que os homens sofrem, mas antes quanto êles perdem." A maior oportunidade que êles perdem é a de tornarem-se algo mais que um homem, pois é possível para um ser humano viver em um de três níveis. O primeiro nível é o sub-humano, ou o animal, no qual um homem se contenta em viver somente para seu corpo, para sua carne e seus prazeres. Quanto tôda uma sociedade vive assim, temos o que Sorokin chamou uma "Cultura dos sentidos". Se a razão é usada de qualquer modo neste nível mais baixo, é apenas para descobrir novas técnicas de provisões de emoções vivas e de divertimentos para a natureza animal. O homem pode também viver num segundo o mais alto nível: o racional. Aqui seguirá êle uma boa vida pagã e defenderá as virtudes naturais, mas sem grande entusiasmo. Sob a inspiração apenas da razão, é êle tolerante, filantrópico; favorece os párias sociais e contribui para emprêsas da comunidade, mas recusa-se a acreditar que há um conhecimento fora do alcance do seu próprio intellecto ou uma energia que excede a sua própria vontade. Bem acima dêstes dois níveis, há um terceiro, que é o nível divino. Neste o homem, graças à graça de Deus, é elevado à ordem sobrenatural e torna-se um filho de Deus.

Êstes três níveis podem ser comparados a uma casa de três andares: o primeiro andar mal está mobiliado; o segundo tem algum conforto; mas o terceiro está arrumado com luxo e cheio de paz. Um indivíduo que vive para prazeres puramente animais tomará como uma estranha tolice a sugestão de que há um nível de razão acima do primeiro andar, onde êle vive de acôrdo com seus instintos sexuais. E sugerir àqueles que vivem no segundo andar da razão que existe ainda um andar acima, onde a paz de espírito se torna paz da alma, é convidá-los a ridicularizar a ordem sobrenatural. Aquêles

que moram no segundo andar não têm compreensão alguma do que seja o sobrenatural. Encaram-no como um excesso piedoso, tão sem importância como a geada (*frost*) num vidro de janela ou a geada (*frosting*) num bôlo. Estão querendo admitir que há assimilação no universo e que o progresso tem sido para o alto e vertical, do mineral ao homem, mas quando chega ao desenvolvimento do próprio homem recusam-se a admitir uma continuação do mesmo processo vertical. Vêem o passado em termos de um processo para cima até que o homem foi produzido; dêse tempo em diante, insistem que êle se move apenas num plano horizontal e que o progresso do homem deve ser medido pela sua crescente habilidade na manipulação da natureza, da riqueza e da aquisição de melhores condições materiais, tudo isso exterior ao homem. Os que recusam subir do segundo para o terceiro andar são bastante semelhantes aos dois sapinhos que estavam um dia discutindo a possibilidade de um reino mais alto do que o dos sapinhos. Um sapinho disse ao outro: "Penso que vou levantar minha cabeça fora d'água para ver com que se parece o resto do mundo." O outro sapinho disse: "Não seja bobo. Por certo não está você querendo me fazer acreditar que há alguma coisa neste mundo além da água."

Uma criatura racional deveria perguntar a si mesma por que, se os minerais podem fazer parte das plantas, as plantas ser absorvidas nos animais e os animais absorvidos no homem, seria negado ao próprio homem, pináculo da criação visível, o privilégio de ser assimilado por um poder mais alto? A rosa não tem direito de dizer que não há vida acima dela e nem o tem o homem, que possui vasta capacidade e anseio inconsquistável de vida eterna, de verdade e de amor.

O sobrenatural, o terceiro nível em que podemos viver, não é um produto do natural, como o carvalho que se desenvolve de uma bolota: assinala uma quebra com-

pleta, um recomêço. O desenvolvimento não é um progresso gradual, no qual um homem se torna mais tolerante, de espírito mais aberto, mais articulado com a justiça social, menos odiento e menos avarento, até que finalmente atinge um ponto em que descobre que é cristão e cidadão da ordem sobrenatural. Não é isto que acontece.

É lei de física que um corpo continua num estado de repouso ou de movimento uniforme em linha reta, até que compelido por fôrças exteriores a mudar aquêl estado. O homem, também, está sujeito à inércia e permanecerá num estado meramente natural, a menos que seja mudado de fora. Pedras não se tornam elefantes, nem elefantes homens. O homem, por natureza, é apenas uma criatura de Deus, quase da mesma forma que uma pedra ou um pássaro é uma criatura de Deus, embora o homem reflita alguns dos atributos de Deus mais fielmente do que fazem as estrêlas e as plantas. Na verdade, a ordem sobrenatural é algo a que o homem não tem títulos. Não obstante, outrora pertenceu à nossa raça. Em resultado, todo homem é agora um rei no exílio. Mas o privilégio sobrenatural de ser um filho de Deus, com direito a chamá-Lo de Pai, foi sempre tão inatingível para a natureza do homem, como a vida é para um cristal. Se um pedaço de mármore súbitamente rebentasse em flor, seria isto um ato "sobrenatural", pois não pertence aos podêres, à natureza ou às capacidades do mármore o florir. Se uma flor súbitamente começasse a mover-se de um lugar para outro, e a sentir pelo tato, pelo gôsto, pelo olfato, isto seria um ato "sobrenatural", pois não pertence aos podêres, à natureza ou às capacidades da flor possuir os cinco sentidos. Se um cachorro começasse súbitamente a citar Shakespeare e Sófocles, isto seria um ato "sobrenatural" para um cachorro, pois raciocinar não pertence à natureza, aos podêres ou às capacidades de um cachorro.

O homem é, por natureza, uma criatura de Deus, tão humildemente como uma mesa é a criatura dum carpinteiro. Se súbitamente começa êle a palpitar em uníssono com a própria vida de Deus, de modo a poder chamar Deus, não seu Criador mas seu Pai, isto é um ato "sobrenatural" para um homem. O homem se *torna* então algo que *não era*. Esta elevação de sua natureza só pode ocorrer como um dom de Deus.

Uma planta é mais do que a soma dos produtos químicos que a compõem, porque uma planta possui uma qualidade X que não está na ordem química; um animal é algo mais do que a soma das qualidades da planta, porque possui um X que não se encontra na ordem antecedente; e, da mesma maneira, o homem possui uma qualidade X que o torna diferente do animal, algo que o torna capaz de rir, de pensar e de amar livremente. Mas quando um homem entra na ordem sobrenatural, introduz-se nêle nova e maior qualidade X, algo que é diferente, na sua natureza, da soma de virtudes meramente naturais que êle possa ter possuído antes. É por isto que, através das Sagradas Escrituras, é o homem contentemente convidado a tornar-se algo que *êle não é*. Afirma-se, nas Sagradas Escrituras, uma diferença entre fazer e gerar. Fazemos o que é diferente de nós: por exemplo, um homem faz uma mesa. Mas geramos aquilo que é igual a nós: por exemplo um pai gera um filho. Considerando que fomos feitos por Deus, somos diferentes dêle na Sua Natureza Divina; considerando que somos gerados por Deus, podemos tornar-nos iguais a Êle, ser participantes de Sua Natureza, tomar nosso lugar como Seus Filhos e os Herdeiros do Reino de Deus. Isto só é possível em virtude duma miraculosa elevação, que não é nossa por direito ou natureza, pois se a ordem sobrenatural fôsse natural ao homem, então o próprio homem seria Deus.

Isto suscita a importante questão de *como* pode o homem tornar-se maior do que era — do que acontece quando um homem se converte. A resposta é a seguinte: O homem é erguido à ordem sobrenatural e convertido de criatura em participante da Natureza Divina. Isto só pode sobrevir através da graça de Deus, com a qual o próprio homem colabora livremente.

Há em tôda a natureza uma lei que diz que nenhuma ordem mais baixa jamais se ergue a uma ordem mais alta sem duas coisas: deve haver uma descida da ordem mais alta à ordem mais baixa, e, em segundo lugar, a ordem mais baixa deve submeter-se à mais alta. Antes de poderem os fosfatos, o carvão, a luz do sol e a umidade ser absorvidos na vida da planta, deve a planta descer à ordem química e absorvê-la em si mesma; e os fosfatos, o carvão, a luz do sol e a umidade têm de abandonar sua existência mais baixa ao serem elevados. A planta não pode começar a viver no animal, a menos que primeiramente o animal descaia até a vida da planta e a eleve até si mesmo; mas a planta também se imola ao animal — tem de ser arrancada de suas raízes e triturada pelas próprias mandíbulas da morte. Depois, e somente depois, começa ela a viver no reino animal e a partilhar as alegrias da sensação que não possuía antes. O animal começa a viver no homem somente quando o homem desce ao animal e o absorve em si; mas o animal, por sua vez, deve submeter-se à faca e ao fogo, pois somente pela submissão sua baixa existência pode começar a viver no reino mais elevado do homem. Então participa o animal da vida de um ser humano que pensa, que quer e que ama. Se as plantas e os animais pudessem falar, diriam às coisas que estão abaixo deles: “A menos que morrais, não podereis viver no meu reino.” O homem, que *pode* falar, diz aos minerais, às plantas e aos animais: “A menos que morrais para vossa natureza mais baixa, não podereis começar a viver no meu

reino.” A recompensa da imolação de tôdas essas ordens mais baixas é que agora vivem no homem uma espécie de existência bem mais magnífica do que a que poderiam atingir em si mesmas. Passam a viver sob novo govêrno, sua existência fica enobrecida, sua vida enriquecida, sua natureza elevada. Esta é a recompensa de sua submissão.

Como começa o homem a viver a vida mais alta em Deus? Antes de tudo, deve Deus descer até êle, o Eterno deve invadir a história humana: é êste o significado da Encarnação. Em segundo lugar, deve o próprio homem submeter sua natureza mais baixa. Mas aqui aparece uma diferença entre o homem e tôdas as outras criaturas. O homem é uma *pessoa*, que a luz do sol, a erva e as vacas não são. Suas naturezas mais baixas são destruídas pela submissão dêles ao homem, mas desde que o homem é uma pessoa, sua personalidade é indestrutível. O que o homem submete, pois, não é tôda a sua natureza, mas sòmente aquela parte dela que é pecadora, que é diferente de Deus. Na conversão um homem sofre uma mortificação, uma espécie de morte espiritual, mas sua personalidade sobrevive.

O ato específico por meio do qual um homem morre para sua natureza mais baixa é o Sacramento do Batismo. Êste comêço de sua vida sobrenatural não marca uma simples mudança de direção, mas uma elevação ou, melhor ainda, uma regeneração. Podemos portanto compreender por que o velho que perguntou o que deveria fazer para ser salvo recebeu de Nosso Senhor a resposta de que deveria nascer de novo. O velho Nicodemos pensava que estas palavras significavam que deveria êle entrar de novo no ventre de sua mãe, mas Nosso Senhor informou-o de que “. . . quem não renascer por meio da água e do Espírito Santo, não pode entrar no reino de Deus. O que nasceu da carne, é carne; e o que nasceu do espírito, é espírito” (João 3:5,6). O

o Batismo é para a criança espiritual de Deus. Os filhos se parecem com seus pais, porque participam da mesma natureza; assim, graças ao Batismo, os filhos espirituais começam a parecer-se com Deus, pois agora nasceram de Sua Natureza.

Há outros paralelos entre o físico e o sobrenatural: para a humanidade viver sua vida natural requerem-se sete condições: os homens devem ser nascidos; devem ser nutridos; alguns deles devem crescer até a maturidade e assumir suas responsabilidades; se seus corpos forem feridos, as feridas devem ser curadas; se há doença, os sinais daquela doença devem ser apagados; deve haver propagação para perpetuidade da raça; e a humanidade, para sobreviver, deve viver sob alguma regra de ordem e govêrno. A fim de podermos levar a vida sobrenatural, Nosso Bendito Senhor instituiu sete Sacramentos, análogos a essas sete condições da vida física. Os sinais materiais são usados nos Sacramentos, como canais para a comunicação de Sua graça. Se fôssemos anjos, não necessitaríamos de tais sinais visíveis, mas desde que temos corpos, tanto como almas, e desde que a natureza se rebelou pela ofensa do homem, é conveniente que a natureza também seja restaurada para Deus. Daí o uso do óleo, do pão, da água, das mãos e do vinho na administração dos sete Sacramentos.

Assim como um homem deve ser nascido antes de poder começar a viver sua vida física, da mesma maneira deve ser nascido para viver uma Vida Divina. Este nascimento ocorre no Sacramento do Batismo. Para sobreviver, deve êle ser nutrido pela Vida Divina; isto é feito pelo Sacramento da Sagrada Eucaristia. Deve crescer espiritualmente e assumir suas responsabilidades espirituais; isto é realizado pelo Sacramento da Confissão. Deve curar as feridas do pecado; para isto existe o Sacramento da Penitência. Deve apagar os traços do pecado no final, preparar-se para sua jornada

âmbito do próprio cristianismo é a inspiração para o homem de lutar para tornar-se algo que ele não é: “Mas a todos os que o receberam, deu poder de se tornarem filhos de Deus, aos que crêem no seu nome: os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus” (João 1:12,13).

Assim como a alma dá vida ao corpo, da mesma forma a graça, ou participação na Natureza Divina, dá vida à alma. Um corpo pode estar vivo quando sua alma está morta: “Se tens o nome de ser vivo: e estás morto...” (João 3:1). Aos olhos do espírito, cada metrópole e cidade estão cheias de tais cadáveres espirituais. As pessoas parecem estar vivas; comem, vão aos cinemas, casam-se, tratam de política e têm uma oportunidade entre 12.000 de ser entrevistadas por um Relatório Kinsey — mas suas almas estão mortas. Contudo esta morte não necessita ser permanente, pois enquanto há vida física, há esperança espiritual para todo homem. Enquanto há respiração, há ainda uma possibilidade de que a natureza humana venha a ser divinizada pela graça.

Aquêles que estão espiritualmente vivos não vêem Jesus Cristo como apenas um mestre de moral ou um grande humanitarista. Sabem que Ele pode ser chamado mais apropriadamente o Grande Divinatário, Deus em carne humana, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, cuja finalidade ao vir a esta terra foi restituir-nos aquela vida sobrenatural perdida pelo pecado original: “Eu vim para que elas tenham vida e possam tê-la mais abundantemente” (João 10:10). No universo, visto do ponto de vista divino, não há raças ou nações. Há, porém, duas humanidades. Há os que nasceram da carne e pertencem à humanidade de Adão; mas os que nasceram do espírito pertencem à nova e redimida humanidade do novo Adão, Cristo, Que teve como Mãe a Maria. O que o nascimento físico é para a criança da natureza,

até a vida eterna; para isto há o Sacramento da Extrema-Unção. O homem deve também prolongar e edificar o Reino de Deus, para o que lhe é dado o Sacramento do Matrimônio. Deve viver sob um governo espiritual; isto é provido por meio do Sacramento das Sacras Ordens no sacerdócio.

A natureza *faz* a natureza humana, mas a graça *refaz* a natureza humana. Tôda pessoa nascida pode também regenerar-se, renovar-se e reviver, se estabelece contato com novas e divinas fontes de energia. O cristianismo dá um alto valor à natureza humana, mas não leva demasiado longe sua confiança nesses poderes desajustados. Diz que o homem na sua natureza humana não é santo nem demônio; não é intrinsecamente corrupto, nem imaculadamente concebido. Necessita de assistência divina para aperfeiçoar essa natureza. E é vantajoso para êle, não importa quão mau tenha sido no passado; até mesmo um homem que apredrejou um mártir como Estêvão, como Paulo fêz, pode ainda ser salvo, não por si mesmo, mas pela graça de Deus, como Paulo foi. E desde que a nova energia e o novo poder para redimi-lo vêm de Deus, está fora de propósito que qualquer homem proteste: "Não sou bastante bom". Sem dúvida que não. Nenhum homem é bastante bom. Mas ocultas reservas de poder estão disponíveis para quem quer assim deseje. Foi por isso que Nosso Salvador disse: "Pedi, e vos será dado; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á" (Mat. 7:7).

Os que carecem de graça — êsse dom de Deus que é dado tão livremente — têm vida física mas não têm vida espiritual. Isto suscita a pergunta: "Por que não aceitam todos a graça?" A resposta deve ser encontrada no fato de que o homem, único em tôda a natureza, é livre. A erva não precisa de consultar a umidade antes de absorvê-la em si; a vaca não necessita suplicar à erva que venha com ela para o reino animal; mas o

homem é livre e Deus não derrubará portas para impor às nossas vontades um destino mais alto. O Divino pode apenas rogar e suplicar; mostrará quanto nos ama, morrendo para redimir-nos. Mas não usará de forças, mesmo para salvar-nos de nossa própria preferência míope por uma porção de vida mais mesquinha.

Algumas pessoas em países atrasados recusam vacinar-se; têm medo de ser salvas por um mistério que não compreendem. Algumas pessoas doentes não querem ver um doutor; têm medo de que êle possa aconselhar uma operação como condições de recuperação da saúde. No reino espiritual também podemos recusar nossa cura. Não podemos iniciar nossa própria salvação, pois o primeiro movimento de regeneração vem de Deus, mas podemos impedi-lo pela nossa recusa em colaborar. A graça e a liberdade humana estão relacionadas como as duas asas de um pássaro; ambas são necessárias para o vôo. A graça é um dom e todo dom pode ser rejeitado. O amor nunca é impôsto. Impô-lo seria destruir o amor.

Pelo fato de ser a aceitação da graça um ato livre, implicando uma escolha, segue-se que alguns homens relutarão sempre em aceitá-la, especialmente desde que, de maneira invariável, exige um sacrifício. O rico jovem do Evangelho foi embora triste porque tinha grandes bens. Santo Agostinho em certa época de sua vida disse: "Amado Senhor, quero ser bom, mas mais tarde, não agora." O grande problema, que enfrenta tôda criatura humana, diz respeito não à sublimação mas à elevação. Está êle querendo submeter o mais baixo para descobrir os êxtases do mais alto? Deseja êle bastante a Deus para dominar os obstáculos que O conservam distante? Ama êle bastante a luz do sol para abrir os postigos que seu próprio agnosticismo baixou?

A aceitação da graça não é uma coisa passiva. Exige uma submissão de alguma coisa, mesmo que seja

apenas de nosso orgulho. Só êste fato daria pausa àqueles naturalistas que nos dizem que o sobrenatural é apenas um mito, pois desde quando exigem os mitos e fantasias tais sacrifícios ou fazem perguntas tão difíceis de refutar? Os mitos pedem apenas credulidade e nunca que se arranque um ôlho ou se corte fora um braço, como faz o Êvangelho. Contudo êstes sacrifícios devem ser feitos, êste preço pago, se quisermos viver vidas plenas. Nenhum escultor pode cinzelar, nenhum artista pode pintar, a menos que se afaste da tagarelice barulhenta, a fim de comungar com o belo; assim podemos ganhar intimidade com a Divindade somente se respondermos ao convite da graça de Deus com uma voluntariedade capaz de fazer-nos ceder algum vistoso tesouro, de entregar o campo, a fim de comprar a pérola de grande preço.

Então a vida pode realmente começar, pois, sem o dom sobrenatural, todo homem ainda não está desenvolvido. Alimentai um homem até que fique "nutrido"; cercai-o de matéria que satisfaça tôdas as suas paixões; dai-lhe licença para fazer o que quer que lhe agrade; encastelai-o; engaiolai-o; saciai-o; acaríciai-o; diverti-o! E invariavelmente, sempre e sempre, estará êle ainda buscando aquilo que não tem, apoderando-se de algo já além de seu alcance, ansiando pelo que não é do mundo no coração do mundo. Sem esta grande realidade que é Deus, o homem se conhece apenas como semi-real, e adequadamente se define como "Não sou". Assim, vagamente percebe a grande necessidade Daquele que se define como: "Em verdade, em verdade vos digo que antes que Abraão fôsse feito, eu sou" (João 8:58.)

A recusa do dom sobrenatural de Deus é o engano mais trágico que o homem possa cometer. Sua aceitação chama-se conversão. Contrariamente à crença comum, uma conversão não é causada pelas emoções; as emoções refletem apenas um estado mental, e esta mu-

dança concerne à alma. A conversão, novamente, nada tem que ver com a sublimação; êsse processo, também, está restrito à ordem da natureza. A conversão olha para cima, não para dentro; é uma experiência de modo algum relacionada com a maré invasora do inconsciente na consciência de um homem. A conversão, antes de tudo e principalmente, e acima de tudo mais, é devida à Graça Divina, um dom de Deus que ilumina nosso intelecto para que perceba verdades que nunca percebermos antes e revigora nossa vontade para seguir aquelas verdades, mesmo que exijam sacrifícios na ordem natural. A conversão é devida à invasão de um novo poder, à íntima penetração de espírito em espírito, à influência do imutável sôbre o caráter fluido do homem.

Na sua nova certeza da presença do Poder Divino, o indivíduo volta-se para *tôda* a sua personalidade, e não para o seu “eu mais alto”, mas para o novo eu mais alto, que é Deus. Aquêles que têm respondido a êsse dom da graça começam por sentir a presença de Deus duma maneira nova. Sua religião deixa de ser “moralística” no sentido de que um homem se submete simplesmente a um código, a uma lei, e sente a necessidade de obedecer a elas como um dever. A religião também se ergue acima do nível pietista, no qual existe uma amável recordação de Nosso Senhor, uma espécie de sentimental companhia de viagem, através de hinos e sermões, com Alguém Que viveu há 1.900 anos atrás. Pois embora muitas pessoas tenham descoberto uma considerável completação emocional neste plano pietístico, não é cristianismo e não se torna cristianismo, enquanto não se entrar no terceiro estágio, o Místico. Aqui afinal — onde Cristo realmente mora em nossos corações, e onde há uma certeza enraizada no amor, e onde a alma sente o tremendo impacto de Deus operando sôbre ela — aqui se encontra a alegria que ultrapassa qualquer compreensão.



## CAPÍTULO XIV

### OS EFEITOS DA CONVERSÃO

Os espíritos atormentados de hoje não são os efeitos de nosso mundo atormentado. Foram os nossos espíritos transtornados que transtornaram o mundo. Não há essa coisa que se chama o problema da bomba atômica. Há, pelo contrário, o problema do homem que a fabrica e a utiliza. Somente homens e nações cujas personalidades já estavam atomizadas podiam juntar forças às da natureza externa para usar uma bomba atômica num ataque contra a existência. O homem, tentando viver separado de Deus ou provocando a Deus, tornou o mundo tão delirante como o seu próprio espírito neurótico. A crise de hoje é tão profunda nas suas causas, que tôdas as tentativas sociais e políticas para resolvê-las estão destinadas a não produzir efeito, como o talco na cura da icterícia. É o homem que tem de ser refeito *em primeiro lugar*; depois a sociedade será refeita pelo novo homem restaurado. Os ditadores que deram às praias do século XX não são criadores da desordem, mas antes suas criaturas. São sintomas e não causas da derrocada universal de uma ordem moral do coração do homem. A constante recusa do homem em permitir que um Poder Divino supra-histórico penetre no seu espírito fechado é o orgulho que prepara a catástrofe. A maior parte dos homens está intuitivamente certa que nenhuma mudança, exceto uma mudança espiritual, será suficiente: a extrema sensibilidade e a cólera pronta daqueles que fomentam revoluções contra

a sociedade e a moralidade como remédio são uma prova da insegurança de sua posição. A violência de sua oposição a tôda crítica é um sinal seguro da indefensibilidade de sua própria posição: suspeitam mesmo que a humanidade tem menos necessidade de revolução que de redenção.

O homem não pode redimir-se pela sua própria razão ou pelo próprio poder, mas pode usar tanto da razão como do poder em cooperação com a Graça Divina, e é o que faz quando se converte. É tempo agora de falar do efeito de tal conversão sôbre a alma. A alma acha-se agora aberta ao trabalho da Graça Santificante, que eleva nossa natureza a ponto de nos *tornarmos* algo que não éramos naturalmente — partícipes da Natureza Divina. Que desceu ao nível de nossa mortalidade para fazer-nos partilhar de Sua Vida. Esta nova graça, que acrescenta a filiação divina à humana de modo que nos tornamos Filhos de Deus tanto quanto filhos de nossos pais, não é extrínseca à alma ou mera atribuição do mérito de Cristo. Há uma *realidade* na alma que não estava ali antes — uma realidade criada que vem diretamente do Próprio Deus, uma realidade que nós mesmos não podemos merecer, no estrito sentido do termo. É por isso que se chama graça; é *grátis*, ou gratuita.

Um efeito da graça é que Nosso Divino Senhor não é mais extrínseco a nós, como é para aquêles que pensam n'Ele como apenas uma figura histórica. Que viveu há mais de 1.900 anos. Se Nosso Divino Salvador tivesse permanecido na terra, estariam êles certos: seria Ele apenas um exemplo a ser copiado, uma voz a ser ouvida. Mas uma vez que Ele ascendeu ao Céu e mandou Seu Espírito a nós, então cessou de ser apenas um modelo a ser copiado e tornou-se uma Vida a ser vivida.

Embora estejamos mais interessados em apontar aqui os efeitos psicológicos da graça sôbre a alma do que seus vários efeitos teológicos, dois dêstes são dema-

siado importantes para omiti-los. São êles a Divina Presença na alma depois do Batismo e a incorporação do indivíduo no Corpo Místico de Cristo. "Presença de Deus" é uma frase usada bastante livremente hoje para abrigar alguma coisa, desde o panteísmo dos poetas laquistas até o vago sentimentalismo dos românticos, que gostam dos bosques porque "sentem" Deus ali. Deus está, na verdade, presente no universo de várias formas, como um artista pode estar presente de vários modos, por exemplo, na sua pintura, como seu criador, num museu, como representante da cultura, e em seu filho, como pai. Deus está presente no universo todo como Causa e, neste sentido, está nas flôres e nas árvores. Mas uma presença bem mais íntima evidenciou-se na Encarnação, em que Deus apareceu como homem no coração duma nova humanidade que iria tornar-se Seu novo Corpo.

A Encarnação (na União Hipostática) fêz de Deus homem. A união da graça e da natureza faz-nos homens deificados. Assim como as ações de Jesus eram tanto divinas como humanas, da mesma maneira as de um homem em estado de graça são como divinas, sendo exercidas tanto por Deus como pelo homem; estas ações merecem o céu. A presença de Deus em tal alma não é uma simples maneira sentimental de falar, mas uma *posse real*. Pelo fato de nos têmos tornado filhos adotivos de Deus por têmos nascido Dêle, vivemos agora pelo Espírito de Cristo. "Porque vós não recebestes o espírito de escravidão para estardes novamente com temor, mas recebestes o espírito de adoção de filhos mercê do qual clamamos, dizendo: Abba, Pai" (Rom. 8.15). O corpo se tornou agora o Templo de Deus. "Porventura não sabeis que os vossos membros são templos do Espírito Santo, que habita em vós, que vos foi dado por Deus, e que não pertenceis a vós mesmos?" (Cor. 6:19).

Cristo é a Cabeça de tais almas santificadas e elas se conservam em relação com Ele, como membros de Seu Corpo. "E pôs debaixo dos seus pés tôdas as coisas e constituiu-o cabeça de tôda a Igreja, que é o seu corpo e o complemento daquele que cumpre tudo em todos" (Efés. 1:22,23). A relação entre Cristo e Seu Corpo, a Igreja, disse o Próprio Cristo que era como a da vinha e seus ramos: "Resta ainda um pouco, e depois já o mundo não me verá. Mas ver-me-eis vós, porque eu vivo, e vós vivereis. Naquele dia vós conhecereis que estou em meu Pai, e vós em mim, e eu em vós" (João 14:18,20). "Vós já estais puros em virtude da palavra que eu vos anunciei. Permaneci em mim e eu permanecerei em vós. Como o ramo não pode por si mesmo dar fruto, se não permanecer na videira, assim também vós, se não permanecerdes em mim. Eu sou a videira e vós os ramos. O que permanece em mim e eu nêle, êsse dá muito fruto, porque sem mim nada podeis fazer" (João 15:3-5).

Jacques B. Bossuet exprimiu esta íntima relação de Cristo com Seu Corpo, a Igreja, descrevendo esta última como a "prolongação da Encarnação". Cristo pode ter somente um Corpo; portanto não pode haver muitas igrejas. Qualquer igreja fundada esta manhã ou ontem de tarde, ou mesmo há cem anos passados está demasiado distante de Pentecostes para ser o Corpo de Cristo. O Corpo e a Alma, a Igreja e o Espírito Santo, devem ter sido aliados desde o comêço.

A unidade entre os membros dêsse Corpo não pode ser uma associação vaga e indeterminada que qualquer membro tem liberdade de mudar, da mesma maneira que um corpo humano não pode ser mudado, tendo umas vêzes um ôlho e uma orelha, ou nenhum coração e sete pulmões. A unidade dos fiéis no Corpo de Cristo não é de organização, embora seja necessária uma organização e embora aquêles que admiram a Igreja pela

sua unidade de crença, de fé e liturgia atribuam isto à sua organização. A igreja é antes um organismo. Assim como um corpo humano o é porque tem uma alma, uma cabeça visível e um espírito invisível, da mesma maneira a Igreja, o Corpo Místico de Cristo, o é porque tem uma alma — o Espírito Santo de Deus —, uma Cabeça visível — Pedro e seus sucessores —, e uma Cabeça invisível — Cristo. Assim como Cristo tomou uma natureza humana no ventre de Sua Mãe (protegida pelo Espírito Santo) da mesma maneira tomou Êle do ventre da humanidade (escudado pelo Espírito Pentecóstico) Seu Corpo Místico, a Igreja. Cristo ensina através de Seu Corpo — portanto, Sua doutrina é infalível. Governa por meio de Seu Corpo — portanto, a autoridade é Divina. Santifica por meio de Seu Corpo — portanto, a santificação realizada pelos sacramentos não depende da personalidade ou do caráter daqueles que administram os Sacramentos. A Igreja é o *Totus Christus*, o Cristo Inteiro, e complementa o Cristo Individual. No seu aspecto físico o Corpo de Cristo é perfeito, mas no seu aspecto místico está simplesmente crescendo em perfeição, pois agora inclui não somente Êle, mas nós, com nossas imperfeições. As orações, os sacrifícios e a liturgia da Igreja são oferecidos não pelos membros sòzinhos, não por Cristo, a Cabeça sòzinha, mas pela *Cabeça e membros reunidos* para a glória de Deus, o Pai Eterno. Nova célula é acrescentada ao Corpo Místico de Cristo a cada batismo.

É o suficiente para os dois mais conspícuos efeitos da conversão em têrmos teológicos. Mas os efeitos *psicológicos* da conversão e incorporação no Cristo Total são aquêles aos quais o convertido e os que o cercam se mostram muitas vêzes mais sensíveis.

Há em primeiro lugar uma *recentralização de vida e uma revolução de todos os seu valores*. Êste reajustamento novo e intelectual do pensamento para dar

lugar a Deus é uma prova de que a conversão não é uma questão emocional, pois as emoções não controlam normalmente os juízos. Antes da conversão a vida é um borrão confuso e ininteligível, como as figuras em uma lanterna japonesa achatada; depois, assemelha-se àquela mesma lanterna aberta em toda a sua altura, com uma vela dentro para revelar a unidade do padrão e do desenho. A fé não somente põe a vela dentro da lanterna da vida, mas também a ilumina. Uma pessoa altamente educada antes da conversão pode ter tido vasto conhecimento da história, literatura, ciência, antropologia e filosofia, mas estes ramos de seu saber estavam divididos em compartimentos estanques, sem correlação viva de um com os outros; eram apenas gulodices de informação isoladas, um vasto "hors d'oeuvre" de pormenores. Depois da conversão os mesmos fatos são reunidos numa unidade, ordenados numa hierarquia do saber que revela uma prova dominadora da providência na história e confere também nova unidade à vida pessoal de cada um. O que era antes informação tornou-se agora sabedoria.

A alma não convertida sentia-se muitas vezes exausta, fatigada de ter gasto todas as suas energias procurando encontrar um objeto na vida. Estava cansada de espírito e depois cansada do corpo. O espírito que não pode decidir para onde está indo em seguida, logo se esgota pela indecisão. As ansiedades e temores dominam o espírito e desperdiçam a energia do corpo. Mas uma vez descoberto o alvo da vida, não se precisa gastar sua energia tentando descobri-lo; a energia pode agora ser gasta na realização da jornada. As viagens circulares são abandonadas, quando se mergulha na alegria de uma viagem de descoberta.

Muitos jovens estudantes de colégio sentem-se confusos porque não têm uma filosofia da vida ou um padrão de existência. Sua educação é apenas uma subs-

tituição desta teoria por aquela; um alijamento de carga de um ponto de vista relativo para outro. As estatísticas que estudou nos seus anos de ginásio já estão antiquadas no ano que se segue à sua formatura. Seus professores, que empregavam a filosofia de Spencer como sua inspiração há vinte anos passados, estão agora usando a de Marx ou Freud. Dentro de outros dez anos terão encontrado outro substituto. A educação tornou-se pouco mais do que a substituição mecânica de um ponto de vista por outro, como o automóvel substituiu o cavalo e a carrocinha. O espírito é constantemente solicitado por pontos de vista contrários e contraditórios; torna-se mais fatigado do que um corpo em constante oscilação entre frio e febre. Com a conversão, a educação se torna uma progressão ordenada de uma verdade que nunca precisa ser afastada para a seguinte. O estudante recebe razões e motivos de credibilidade para uma crescente penetração da vida. Sua educação é agora uma crescente penetração num mistério central, uma sondagem de novas profundezas de verdade. Seu saber e sua compreensão crescem, como a vida se expande de célula em célula, no desenvolvimento de todo corpo vivo.

Associada ao sentido de crescimento intelectual do convertido está a consciência de achar-se novamente possuído da herança intelectual do passado, de ter-se juntado a uma tradição viva de pensamento profundo. Um passado que se respeita é tão essencial à vida intelectual como o parentesco é essencial para a vida física; assim como o indivíduo não pode pensar sem uma memória, não pode tampouco uma sociedade pensar sem tradição. Não mais desarraigado do passado, mas tornado herdeiro de sua riqueza, o convertido deixa de visitar o passado como mero antiquário; junta o passado e o presente numa feliz conjunção, como passeadeiras na direção do progresso e do enriquecimento no futuro.

O julgamento de valores do convertido na sua vida pessoal não é menos radicalmente transformado. As coisas que antes pareciam preciosas são agora consideradas triviais, e as coisas que antes pareciam sem consequência tornaram-se agora a essência da vida real. Sem o senso divino dos valores que a conversão provoca, a alma é como um armazém onde as tabuletas de preços estão erradamente em cima de tôdas as coisas: grampos de cabelos vendidos por mil dólares e anéis de brilhantes por um níquel. A conversão pendura as tabuletas do preço certo nas coisas certas e restaura um verdadeiro sentido de valores. É por isso que a visão de um convertido se torna inteiramente mudada a respeito de assuntos tais como casamento, morte, educação, riqueza, dor e sofrimento. Assim como um vitral parece diferente, de dentro da Igreja, do que êle é de fora, da mesma forma todos os grandes problemas da vida assumem novo significado e sentido quando são encarados do interior da Fé. Êle agora vê por que a educação religiosa é essencial, pois a menos que a alma seja salva, nada estará salvo. O casamento é sagrado para êle porque é um símbolo da união de Cristo e da Igreja. O sofrimento torna-se suportável como um dom de Deus, a ser oferecido em reparação do pecado e para completar os sofrimentos que estão faltando ao Corpo de Cristo; a doença é aceita no conhecimento de que Deus está mais interessado pelo que *eu sou* para Êle, do que pelo que *eu realizei*. A antiga avidez de segurança econômica dá lugar a uma serenidade que não se preocupa com o amanhã antes que êle chegue e que confia em Deus a tôdas as horas. A paz não mais é compreendida como significando uma fuga às cruzes da vida, mas como a vitória conquistada sôbre elas pela fé.

Um segundo resultado perceptível da conversão é *uma mudança definida no comportamento e conduta da vida*. Não sòmente muda a conversão os valores de

cada um; transforma também as tendências e energias da vida, dirigindo-as para outro fim. Se o convertido antes da conversão já estava levando uma boa vida moral, há agora menos ênfase em cumprir uma lei e mais ênfase em manter uma relação de amor. Se o convertido tem sido um pecador, sua vida espiritual liberta-o de hábitos e excessos que antes lhe pesavam sobre a alma. Não necessita mais de recorrer ao álcool ou a comprimidos para dormir. Descobre muitas vêzes que essas práticas eram não tanto apetites como tentativas de fugir à responsabilidade ou de tranqüilizar-se, mergulhando na inconsciência, para que pudesse evitar a necessidade da escolha. Antes da conversão era o comportamento que em larga escala determinava a crença, depois da conversão é a crença que determina o comportamento. Não há mais uma tendência em procurar bodes expiatórios em quem descarregar as suas faltas, mas antes uma consciência de que a reforma do mundo deve começar pela reforma de si mesmo. Há ainda um temor de Deus, mas não é o temor servil que um súdito tem pelo ditador, mas um temor filial, tal como que um filho vivo tem por um bom pai a quem êle nunca quereria magoar. De tal Amor não necessitará nunca a gente de fugir e os anteriores atos de disipação, que eram formas disfarçadas de fuga, são agora renunciados.

Uma vez que a alma se voltou para Deus, não há mais uma luta para abandonar aquêles hábitos; estão não somente derrotados, como afastados por novos interesses. Não há mais uma necessidade de fuga, pois não se está mais fugindo de si mesmo. Aquêle que outrora fazia sua própria vontade, procura agora fazer a vontade de Deus; aquêle que outrora servia ao pecado, agora o odeia; aquêle que outrora achava os pensamentos de Deus sêcos ou mesmo desagradáveis, espera agora, acima de tudo mais, um dia para contemplar o Deus a Quem Ama. A transição que a alma sofreu é tão inconfundível

como a passagem da morte para a vida; houve, não um mero abandono do pecado, mas tal submissão ao Amor Divino que o faz fugir do pecado porque não quereria ferir o Divino Amado.

A consciência, assim transformada em um convertido, sofre uma mudança paradoxal: não é quase mais como antes um senhor tão severo, a despeito da reforma de conduta. É verdade que o procedimento mudou, mas isto é apenas uma prova superficial do fato de que a consciência está mudada. Antes da conversão a consciência parecia ser um poder restritivo e coercivo. Deus era um juiz hostil e exigente, os mandamentos eram proibições e a Igreja uma inibição. As responsabilidades eram identificadas como obrigação; o dever era visto como oposto ao desejo; o moralmente certo era identificado com a fisicamente desagradável e o amor oposto à moralidade. Mas depois da conversão a consciência não mais acusa; nunca parece mandar, ordenar, ou inibir, porque não há mais duas vontades em oposição. A vontade do convertido é a vontade de Deus. Não há necessidade para uma consciência de dizer-lhe o que "deveria ser feito". A consciência se abismou no amor e não há dever ou "deveria" entre amantes.

O dever, para o espírito pecador, era o cumprimento a contragosto de uma ordem. Agora, desejando somente o que Deus deseja, o convertido não precisa de restringir seus desejos; está além do bem e do mal, naquele reino em que não há dever de "portar-se bem", mas apenas a alegria de viver. O que era anteriormente uma tarefa compulsória torna-se agora um prazer espontâneo. Os convertidos, que tinham o hábito de dormir tarde, ficam receosos a princípio de que não serão capazes de levantar-se cedo bastante para a Missa de Domingo, e não por certo, dir-vos-ão eles, bastante cedo para a missa diária. Mas uma vez possuídos do Divino Amor, descobrem que levantar cedo é uma alegria, pois nada é

duro para aquêles que ama. Antes a vida baseava-se na autodeterminação, e a vontade sempre trabalhava para salvaguardar o interesse próprio e o amor próprio. Depois, a vida é determinada por Cristo; o convertido não quer outro espírito senão o de Cristo, nenhuma outra vontade que não seja a vontade de Cristo. O procedimento mudou na sua fonte. Agora brota de uma relação de amor. A generosidade é fácil; partilhar maçãs não fará os homens irmãos, mas, se estão conscientes de seu parentesco como irmãos, partilharão alegremente uma maçã.

A nova vida moral não é austera nem árdua, porque não há mais um sentimento de que se tem de viver ligado a um contrato odioso; em vez disso, o convertido é motivado por um sentimento de que nunca pode fazer o bastante por Aquêles a Quem ama. A lembrança importuna de que se deve evitar o pecado foi substituída pelo desejo de que nada deve impedir-nos de nos aproximar cada vez mais de Deus. Desta nova orientação provém a paixão e o zêlo de um São Paulo: "Porque eu estou certo que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as virtudes, nem as coisas presentes, nem as futuras, nem a fôrça, nem a altura, nem a profundidade, nem nenhuma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Jesus Cristo nosso Senhor" (Rom. 8:38, 39).

Mas mesmo isto não termina a lista dos novos benefícios do convertido. Recebe êle também *certeza*. A filosofia dá uma prova da existência de Deus; a ciência da apologética dá os motivos da crença em Cristo, o Filho de Deus; mas tôdas as provas incontrovertíveis que oferecem são insuficientes diante da certeza que agora o dom da Fé oferece ao convertido. Imaginai um jovem cujo pai estava perdido havia vários anos. Um amigo, de volta duma viagem, garante-lhe que tem prova segura de que seu pai existe realmente em outro conti-

nente. Mas o jovem não está plenamente satisfeito com a prova, por mais convincente que ela seja; enquanto não se realizar a presença real do seu pai, não terá paz. O mesmo se dá com a conversão; antes tinha-se conhecimento *a respeito* de Deus; depois *conhece-se* Deus. O primeiro conhecimento que o espírito tem é imaginário e obstrato; o segundo é real, concreto e se liga a todos os nossos sentimentos, emoções, paixões e hábitos. Antes da conversão, as verdades pareciam verdadeiras, mas distantes, não nos tocavam pessoalmente. Depois da conversão tornam-se tão personalizadas que o espírito sabe que está terminada a busca de um lugar para viver; pode agora fixar-se para a construção de um lar. A certeza do convertido é tão grande que seu espírito não sente que *uma* resposta foi dada, mas *a* resposta — a solução absoluta e final, pela qual se daria vida, em vez de submeter-se.

Como resultado, tôdas as dúvidas e o desespêro do intelectual desaparecem — e aqui a Igreja difere de tôdas as outras religiões do mundo. Nas outras religiões, as dúvidas aumentam com o desenvolvimento da razão, mas na Igreja a fé se intensifica à medida que a razão se desenvolve. Isto se dá porque nossa razão e nossa fé em Cristo e no Seu Corpo Místico derivam ambas do mesmo Deus de Luz, ao passo que a razão e a crença em um mestre pagão têm muitas vêzes fontes diferentes. A razão é de Deus, mas uma crença em doutrina pagã provém simplesmente do ambiente externo ou através da propaganda. É historicamente verdadeiro que uma era de grande fé em Cristo é sempre uma era de razão profunda; a *Suma* do século XIII de Tomás de Aquino é um exemplo. Esta é uma relação lógica: justamente como a razão é a perfeição dos sentidos, assim também a fé é a perfeição da razão. Um homem não vê nem anda tão bem quando está embriagado, como quando está sóbrio; seus sentidos se ressentem do poder aper-

feçoador da razão. Da mesma maneira, um espírito raciocinando sem fé não funciona tão bem como a razão com fé.

Aquêles que nunca passaram pela experiência de uma conversão completa imaginam que a razão deve abdicar completamente para dar um tal passo. Ouvimo-lo fazer observações como esta: "Não posso compreender isto; êle parecia um homem inteligente." Mas aquêles que passaram pela experiência da conversão vêem que justamente como o olho pisca fechando-se à luz por um instante, a fim de poder reabrir-se e ver melhor, assim também pisca-se a razão naquele breve instante em que se admite que ela não pode conhecer tôdas as respostas. Depois, quando vem a fé, encontra-se a razão intata e de visão mais clara do que antes. Tanto a razão como a fé são agora vistas como derivando do Próprio Deus; não podem portanto estar nunca em oposição. Sabendo disto, o convertido perde tôdas as suas dúvidas. Sua certeza em sua fé torna-se inabalável. Na verdade são suas antigas noções que se acham agora aptas a ser abaladas pelo terremoto de sua fé.

Agora a certeza na divindade e infalibilidade de Cristo, em tudo aquilo que implica, ultrapassa mesmo a evidência e os argumentos em favor delas, pois a certeza se deriva do Próprio Deus. "Não foi a carne e o sangue que to revelou, mas Meu Pai que está nos céus" (Mat. 16:17). Agora o convertido compreende que há três luzes para guiar o homem à sua felicidade: há a luz do sol para seus sentidos, a luz da razão para suas ciências, e a teologia e a luz da fé para a sua religião e salvação. Aquêles a quem falta o dom da fé e aquêles que o têm são como duas pessoas olhando para o arco-íris: uma delas é cega e a outra é abençoada com a vista. Há criancinhas em nossas escolas paroquias que nunca poderiam responder às objeções de sábios professores que viessem a atacar sua fé; contudo tais obje-

ções não abalariam a sua fé mais do que se tentassem provar que os seus olhos não podiam ver a côr, nem seus ouvidos ouvir os sons.

Esta ausência de confusão, esta convicção absoluta da Verdade Divina e Absoluta é uma das maiores consolações para o fiel. A alma convertida vê a si mesma como o cego de nascença, agora curado para a visão e para a luz. Em resultado a alma se torna mais ousada nos seus julgamentos; as vendas estão agora removidas e tem ela um modêlo divino pelo qual julga não sòmente suas próprias ações, mas os acontecimentos do mundo que o cerca. Sòmente um homem de fé pode compreender a atual situação do mundo; sòmente êle a avalla como não sendo o choque de sistemas políticos antagonicos, mas o julgamento moral da maneira que os homens pensam e vivem. Mesmo em meio de tribulações tais como as de hoje, a sua fé produz paciência e produtividade; graças ao magneto da fé, todos os seus fragmentos de idéias espalhados são como limalhas de ferro, feitas de uma só peça e cobertas com uma só energia.

Mas alguns certamente perguntarão: "Não destruirá a conversão e a aceitação da autoridade da Igreja como autoridade de Cristo a liberdade humana? Não implicará a aceitação do absoluto da Igreja o autoritarismo?" A resposta é negativa. A olhos míopes, poderá de fato parecer que haja uma semelhança superficial entre aceitar a autoridade da Igreja e aceitar o autoritarismo de um Stalim. Mas há três profundas diferenças entre os dois.

Primeiro, o autoritarismo da política moderna é *externo*; a autoridade da Igreja é *interna*. A regra do ditador é imposta de fora, exerce-se sòbre alguém tão insistentemente como o latido de um cachorro aos calcanhars dos carneiros e é aceita acovardadamente e sob pressão. A submissão a regras arbitrárias, que não coin-

cidem com nossos próprios melhores julgamentos, leva à completa destruição da personalidade. Mas a autoridade da Igreja nunca é arbitrária, nem nunca comunicada inteiramente de fora; coincide com a Verdade de Cristo, que já existe na alma e que foi aceita sob evidência que nossa razão aprova. Aqui a autoridade está de acôrdo com nossa consciência e completa a personalidade que a ela se submete. A relação entre o cristão e a Igreja é bastante semelhante à que existe entre um estudante e um professor: quanto mais o estudante aceita a autoridade do professor, tanto mais aprende d'êle e tanto menor se torna a brecha que os separa; poderá êle mesmo tornar-se um dia um associado daquele professor. Foi semelhante submissão a esta autoridade espiritual de que falou Nosso Senhor a Seus apóstolos: "Já vos não chamarei servos, porque o servo não sabe o que faz o seu Senhor. Mas chamei-vos amigos, porque vos dei a conhecer tudo aquilo que ouvi de meu Pai" (João 15:15).

Há uma grande diferença: o estado totalitário para tornar aceitáveis suas caprichosas regras, deve sempre ter como objetivo a supressão da liberdade de escolha. Dirá por exemplo a um cidadão que êle não tem liberdade de trabalhar no que quizer e de viver onde lhe agradar. Mas a autoridade da Igreja procura, exercitando seus filhos no uso próprio da liberdade de escolha, desenvolver a liberdade de perfeição. Longe de desencorajar o indivíduo a seguir suas próprias preferências, a Igreja devota muito de sua energia a ensiná-lo *como* escolher, e a escolher sàbiamente.

Um instrutor de aviação ensina a um candidato as leis do vôo, os princípios de gravitação e navegação. Depois é dada ao estudante plena liberdade de escolha; pode obedecer ou desobedecer às leis do vôo. Se usa de sua liberdade para desobedecer, cairá, rebentando-se. Se usa de sua liberdade para obedecer às leis que apren-

deu, gozará o prazer de voar. A Igreja igualmente nos ensina as leis que governam a realidade e as conseqüências de sua infração. É isto que Nosso Senhor quis significar quando disse: "E conhecereis a verdade e a verdade vos tornará livres" (João 8:32). Porque a liberdade moral, como qualquer outra liberdade, é limitada pela ordem do universo. Tendes liberdade de desenhar um triângulo (contanto que lhe deis três lados em vez de trinta); tendes liberdade de desenhar uma girafa (contanto que respeiteis sua natureza dando-lhe um pescoço comprido e não um curto); tendes liberdade de ensinar química (contanto que digais aos estudantes que a água é  $H^2O$  e não  $H^2SO^4$ ). O mesmo com a Igreja: temos liberdade de rejeitar os ensinamentos de Cristo em Sua Igreja, justamente como temos liberdade de ignorar ou de desobedecer às leis da engenharia; mas descobriremos que a rejeição de suas leis nunca nos leva à perfeição de nossa personalidade, como loucamente esperávamos. Resulta, em vez disso, uma mórbida afirmação do ego, que pode até mesmo conduzir à autodestruição.

A vida pode assemelhar-se a um brinquedo de crianças. O totalitário construiria para elas um campo de recreio onde todos os seus movimentos são supervisionados, onde têm ordem de executar apenas aqueles jogos que o Estado dita, jogos que as crianças quase tôdas detestam. O resultado é sem dúvida faltar a liberdade de escolha; mas, em adendo, tôda a esperança e tôda a espontaneidade estão perdidas para as crianças. O campo de recreio, porém, estabelecido pela Igreja pode ser comparado a um rochedo no mar, cercado de grandes muros; dentro desses muros as crianças podem dançar, cantar e brincar como lhes aprouver. Os liberais pediriam à Igreja que derrubasse os muros, baseados em que são êles um influência restritiva; mas se se fizesse isto, haveríeis de descobrir tôdas as crianças

misturadas no centro da ilha, com medo de brincar, com medo de cantar, com medo de dançar, com medo de cair dentro do mar. A autoridade espiritual assemelha-se àqueles benéficos muros. Ou, de novo, é como uma reprêsa que impede o rio do pensamento de tornar-se tumultuoso e destruir a região da sanidade.

A terceira diferença entre a disciplina do Estado autoritário e da Igreja concerne ao efeito que sua autoridade produz sobre o indivíduo. O totalitarismo gera o medo nos corações dos seus súditos, porque habitualmente reforça a sua vontade pelo chicote, pela cadeia, pelo campo de concentração e pela falsa acusação que difama um homem; desenvolve assim a hostilidade dentro do coração de seus súditos. A autoridade da Igreja, uma vez que é interna, não usa absolutamente de ameaça, medo ou compulsão; repousa, antes, no eco que cada uma de suas regras desperta no coração e no espírito do indivíduo. Cada qual dos seus súditos é tão livre de rejeitar a Igreja como o foi Judas; como Judas, no momento de sua partida, pede-se-lhe que volte com a bondosa palavra "amigo". A gente se submete à autoridade da Igreja como um filho se submete à autoridade de seu pai — porque ama seu pai — e deste amor flui uma ardente admiração e gratidão. À luz dessas diferenças, é evidente que a real escolha oferecida hoje não é entre liberdade da autoridade e submissão à autoridade; é antes uma questão de escolher que espécie de autoridade aceitaremos.

O homem moderno está tão confuso que, apesar de falar em liberdade, está muitas vezes ansioso em renunciar a este dom em favor da segurança. Mesmo quando nenhuma segurança maior lhe é oferecida em troca, está ele ávido por abandonar sua liberdade de escolha; não pode suportar a carga de sua responsabilidade. Cansado de estar só, amedrontado e isolado

em um mundo hostil, quer entregar-se a alguma coisa ou a alguém, para praticar uma espécie de mutilação da vontade. Entregar-se-á à autoridade anônima de um Estado coletivista, ou aceitará uma autoridade espiritual que lhe restaure a liberdade com a aceitação da verdade?

A Igreja não torna o homem menos livre do que ele era antes. Mas nós valorizamos principalmente a liberdade a fim de aliená-la. Todo homem que ama entrega sua liberdade, quer sua paixão seja o amor de uma mulher, o amor de uma causa ou o amor de Deus. Quando um homem ama uma mulher, diz "Sou teu", e a entrega da liberdade o faz cair numa doce escravidão. Todo homem que ama a Deus diz, como Paulo disse: "Que queres tu que eu faça?" (Atos 9:6), e acrescenta, como fazemos no Padre Nosso: "Seja feita a tua vontade assim na terra como no céu." Em ambos os exemplos, a liberdade é entregue em troca de uma alegria maior. A liberdade acumulada é de pequeno valor; gasta, por alguma coisa que amamos, traz a paz e aperfeiçoa a nossa personalidade na lei e no amor de Deus.

A nova certeza do convertido é, pois, uma coisa preciosa e bastante diferente do abandono da vontade do intelecto que alguns imaginam que ela seja. Mas a relação completa dos benefícios da conversão ainda não está terminada. Devemos falar de outro dom batismal: — *a paz da alma*. Há um mundo de diferença entre paz de espírito e paz de alma. A paz do espírito é o resultado da vinda de *algum* princípio ordenador para equilibrar as experiências humanas discordantes; isto pode ser realizado pela tolerância ou por um trincar de dentes diante da dor, pela morte da consciência, ou pela negação da culpa, ou pela descoberta de novos amôres para mitigar velhos pesares. Cada um dêstes é uma integração, mas em um nível bastante baixo. A esta

espécie de paz Nosso Senhor chama de falsa e assemelha-se ao viver sob o domínio de Satanás: “Quando um valente armado guarda a entrada da sua casa, estão em segurança os bens que possui” (Lucas 11:21). É a paz daqueles que se convenceram de que são animais; a paz dos completamente surdos a quem nenhuma palavra de verdade pode chegar aos ouvidos; a paz dos cegos que se resguardam contra todo raio de luz celestial. É a falsa paz do servo indolente que tinha o mesmo talento no fim como no comêço, porque ignorava o julgamento que exigiria uma conta de sua administração. É a falsa paz do homem que construiu sua casa sôbre a estrada movediça, de modo que desapareceu com as cheias e as tempestades. É com essa falsa paz de espírito que Satanás tenta suas vítimas. Fã-la parecer refinada aos refinados, sensual aos sensuais e grosseira aos grosseiros.

A conversão tira a alma para fora do caos ou desta falsa paz de espírito para a verdadeira paz da alma. “Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz: não vo-la dou, como o dá o mundo. Não se turbe o vosso coração, nem se assuste” (João 14:27). Esta verdadeira paz nasce da tranqüillidade da ordem, em que os sentidos estão sujeitos à razão, a razão à fé, e tôda a personalidade à Vontade de Deus. A verdadeira paz que acompanha a conversão é aprofundada e não perturbada pelas tribulações, pelos contratempos e pelas inquietações do mundo, pois todos êles são acolhidos como vindos das mãos do Pai Amoroso. Esta verdadeira paz nunca pode provir do ajustamento ao mundo, pois se o mundo é mau, o ajustamento à maldade nos torna piores. Provêm sômente da identificação de nossa própria vontade com a Vontade de Deus.

A alma cheia de paz agora não busca viver moralmente mas viver para Deus; a moralidade é apenas um produto acessório da união com Êle. Esta paz une

a alma a seu próximo, incitando-a a visitar os doentes, a alimentar os famintos e a vestir os nus, pois amando a outra alma a gente dá a Deus.

A única dor verdadeira que o convertido agora tem é a da sua inabilidade em fazer mais pelo amor de Deus. É fácil realizar as exigências de ideais menores, tais como o humanitarismo, e seus discípulos bem depressa se tornam complacentes; são já tão virtuosos como seu código pede que sejam. É bastante fácil ser um bom humanitário, mas é bastante difícil ser um verdadeiro seguidor de Cristo. Contudo, não é a lembrança dos pecados *passados* que cria esta dor em meio da paz, mas os defeitos atuais. Porque ama tanto, sente o convertido a impressão de não ter feito nada. Que dom poderá ser jamais uma expressão dêste novo Amor? Se êle pudesse dar a Deus o universo, mesmo êste não seria bastante.

Tôda a energia que era anteriormente gasta no conflito, quer tentando descobrir a finalidade da vida ou tentando só e fútilmente dominar seus vícios, pode ser agora utilizada em servir a um único propósito. Pesar, remorso, temores e ansiedades que jorram do pecado desaparecem agora completamente no arrependimento. O convertido não mais lamenta o que poderia ter sido. O Espírito Santo enche sua alma dum constante pressentimento do que êle pode se tornar por meio da graça. Esta recuperação espiritual é acompanhada pela esperança, não importa em que idade a mudança ocorra, embora o convertido sempre lamente haver esperado tanto. Como disse Santo Agostinho: "Demasiado tarde, ó beleza antiga, eu te amei." Mas desde que a graça rejuvenesce, apressa até mesmo os velhos a consagrar-se ao serviço.

E há muitos outros meios pelos quais a paz da alma se manifestará após a conversão; faz de alguém que não é nada alguém que é alguma coisa, dando-lhe um

serviço de Filação Divina. Desarraiga a cólera, os ressentimentos e o ódio pela dominação do pecado; dá ao convertido fé em outras pessoas a quem êle agora vê como filhos potenciais de Deus; melhora a sua saúde curando os males que surgiam dum espírito desordenado, infeliz e inquieto; para provações e dificuldades, dá-lhe a ajuda do poder divino, fornece-lhe a tôdas as horas um senso de harmonia com o universo; sublima suas paixões, torna-o menos irritado com os defeitos espirituais do mundo, porque êle próprio está absorvido na busca da sua espiritualização; capacita a alma a viver numa constante consciência da presença de Deus, como a terra, no seu giro em tôrno do sol, carrega consigo sua própria atmosfera. Nos negócios, em casa, nos deveres domésticos, na fábrica, tôdas as ações são feitas à vista de Deus, todos os pensamentos giram em tôrno de Suas Verdades. A censura desarrozoada, as acusações falsas, as invejas e amarguras dos outros são suportadas com paciência, como Nosso Senhor as suporta, de modo que o amor possa reinar e que Deus possa ser glorificado tanto no amargo como no doce. A dependência de Deus torna-se energia; não receamos mais levar a efeito boas obras, sabendo que Êle providenciará os meios. Mas acima de tudo, com êste profundo senso de paz, há o dom da perseverança, que nos inspira a nunca abandonarmos a nossa vigilância, a fugir das dificuldades ou a nos sentirmos oprimidos à medida que a alma se apressa para sua suprema vocação, em Jesus Cristo Nosso Senhor.

Menos agradável é um efeito final da completa conversão: tornamo-nos o alvo da oposição e do ódio. Um homem pode juntar-se a qualquer outro movimento, grupo ou culto sem provocar comentários hostis de seus vizinhos e amigos; pode mesmo descobrir algum culto esotérico do sol por si mesmo e ser tolerado como um cidadão que exerce sua legítima liberdade e satisfaz

suas próprias necessidades religiosas. Mas tão logo alguém adere à Igreja, o ódio e a oposição aparecem. Isto é porque seus amigos intuitivamente sabem que êle não mais partilha do espírito do mundo, que é agora governado pelo Espírito, é elevado a uma ordem verdadeiramente sobrenatural, está unido com a Divindade de um modo especial, que é um desafio e uma censura àqueles que tirariam o melhor proveito de dois mundos.

Esta reação não é difícil de compreender. Esquecei, por um instante, que a igreja existe, e suponde que aparecesse de repente sôbre a terra uma instituição igualmente divina, que afirmasse ensinar a verdade tão verdadeiramente como Deus a ensina; que atraísse as crianças tôdas as manhãs a escolas onde elas começassem suas lições com orações; que proibisse a seus membros casados que desonrassem os liames do seu casamento; que ensinasse a pureza em um meio carnal; que, em tôdas as suas decisões sôbre a sociedade, sôbre os direitos do homem, sôbre a política e a economia, partisse do princípio de que nada *realmente* importa exceto a salvação de uma alma. Como a receberia o mundo? Com desconfiança, ódio, vilipêndio, perseguição e ataques implacáveis. Quando a voz é ouvida, a presença sentida, há tal oposição violenta como foi prometida: "Mas porque vós não sois do mundo, antes eu vos escolhi do meio do mundo, por isso o mundo vos aborrece" (João 15:19).

Como consequência desta oposição a Cristo, aqueles que conhecem um convertido invocam mil explicações remotas para evitar a verdadeira razão, isto é, o apêlo da Divindade. A conversão dos jovens é explicada como um fenômeno da adolescência, nos ligeiramente mais velhos, é censurada como um desaponto de amor; os maduros são apontados como culpados de uma aberração mental devida à mudança de vida; os velhos são

acusados de senilidade; nos ignorantes é atribuída à ignorância; nos instruídos, provoca um franzir do cenho e a reflexão: “É surpreendente! Pensava que êle fôsse demasiado inteligente para essa espécie de coisa.”

É êste temor de provocar a inimizade do mundo que desencoraja muitos a se converterem. Disto o Próprio Nosso Senhor advertiu; de que outra maneira poderia o céu ser conhecido senão pela inimizade que provoca entre as pessoas do mundo? “Porque vim separar o filho do seu pai, e a filha da sua mãe, e a nora da sua sogra” (Mat. 10:35). Neste sentido, Nosso Senhor, de fato, trouxe uma espada, causando divisão entre os homens; mas trouxe também a paz que recompensa aqueles que, aparentemente, abandonando tudo, descobrem tudo.

Quais são as perspectivas para a conversão? Quais os homens e mulheres em separado que buscarão em um ano ou dois a Igreja? Que espécie de gente precisa de conversão? Não há temperamento especial, não há maneira única que assinale o convertido do próximo ano. Todos no mundo estão buscando certeza, paz de alma e liberdade de espírito. Na busca de todo prazer, mesmo na procura do ilícito, todos os homens prosseguem sem cessar a sua busca do Infinito. *Onde* buscam êles Deus é a única questão sôbre a qual os homens diferem. Nisto estão divididos como os amadores de música: a música que amamos é a música que já temos em nossas almas. A alma desordenada gosta de música discordante; a vontade desregrada goza das dissonâncias desregradas e rejeita as sinfonias mais belas e mais bem orquestradas. Precisaria educação considerável e autodisciplina para fazer espíritos amantes de *jazz* apreciar a abertura *Leonora* n.º 3, ou qualquer obra de Haendel, Mozart ou Beethoven. Contudo o amor de alguma espécie de música está em cada um; é na *espécie*

de música de que alguém gosta que reside a diferença, e ninguém aprecia a boa música sem treino e disciplina.

Todos querem as coisas que somente um amor de Deus lhes trará, mas a maior parte dos homens de hoje as procura nos lugares errados. É por isto que ninguém vem para Deus sem uma revolução do espírito; deve êle deixar de buscar o seu bem na impiedade. “É a condenação está nisto: a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz: porque as suas obras eram más. Porque todo aquêle que faz o mal aborrece a luz, e não se chega para a luz, a fim de que não sejam argüidas as suas obras” (João 3:19,20). Quem quer que volte sua face para a luz será convertido; mas esta volta deve ser feita pela sua própria livre vontade. Podemos subordinar tiranos, adular quislings, lisonjear ditadores, mas não há meio de conquistar o amor de Deus senão pelo amor. A cada alma está Êle sempre dizendo: “Eis que estou à porta e bato” (Apoc. 3:20). Recusar-nos-emos a abri-la? A cada espírito, Êle reitera: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (João 14:6). Estamos envergonhados de receber a verdade com receio de que ela exponha nossa ignorância e perversidade, muito embora esta exposição nos leve para a glória e para a paz? A cada coração, Êle diz: “Eu sou o Bom Pastor” (João 10:11). Recusarão os cordeiros amedrontados, perdidos nas sarças e moitas da vida moderna, sua Mão Salvadora? Há um único meio de começar uma conversão: deixar de perguntar o que Deus vos dará, se vierdes para Êle, e começar a perguntar o que dareis a Deus. Não é o sacrifício que parece ser, pois tendo-O, tereis tudo mais além disso.

COMPOSTO E IMPRESSO POR  
"IMPRES" - COMPANHIA BRASILEIRA  
DE IMPRESSÃO E PROPAGANDA  
SÃO PAULO — BRASIL







---

---

(cont. da 1.<sup>a</sup> orelha)

meio da transferência de suas angústias para o domínio da alma, de seus desejos para a vida imortal. Define o freudismo como uma revolução contra as influências restritivas da sociedade. Rasga as máscaras daquilo que considera ser os falsos deuses da complacência racionalizada e da reforma social errônea, e explica que a disciplina espiritual e a autoridade divina são meios de uma maior liberdade para a alma.

ANGÚSTIA E PAZ é um livro que preencherá uma grande necessidade humana. A alma perturbada de hoje deve encontrar um caminho para sair de seu dilema, desde que não pode haver paz entre nações, enquanto o espírito humano lutar contra si mesmo. Além da riqueza de sua grande compreensão, Monsenhor Sheen preparou significativa mensagem de inspiração. Adequada continuação de sua FILOSOFIA DA RELIGIÃO, ANGÚSTIA e PAZ é um livro que todos os leitores numerosíssimos de Monsenhor Sheen não de querer possuir.

---

---

# OUTRAS EDIÇÕES AGIR

- A HORA DOS LEIGOS — J. M. Perrin OP  
O MISTÉRIO DO ADVENTO — Jean Daniélou SJ  
FERMENTO NA MASSA — René Voillaume  
O MISTÉRIO DO AMOR — Fulton J. Sheen  
A ORAÇÃO DA IGREJA — Edith Stein  
SANTO AGOSTINHO E O AGOSTINISMO — Henri Marrou  
SÃO PAULO E O MISTÉRIO DO CRISTO — Claude Tresmontant  
SÃO FRANCISCO DE ASSIS E O ESPÍRITO FRANCISCANO —  
Ivan Gobry  
DEUS E OS HOMENS }  
DIÁRIO DE UM CONVERTIDO } P. Van Der Meer de Walcheren  
PARA ENTENDER O ANTIGO TESTAMENTO }  
A VIDA QUE COMEÇA COM A MORTE } Dom Estêvão  
CIÊNCIA E FÉ NA HISTÓRIA DOS PRIMÓRDIOS } Bettencourt  
SOFRER E AMAR — João Mohana } OSB  
AOS PÉS DO SENHOR (2 volumes) — Pe. Gaston Courtois  
CATARINA DE SIENA — Sigrid Undset  
CLARO ESCURO — Gustavo Corção

Pedidos à livraria de sua preferência ou à

*Livraria* **AGIR** *Editôra*

Rua Bráulio Gomes, 125

Tel.: 34-8300

Caixa Postal 6040

São Paulo, SP.

Rua México, 98-B

Tel.: 42-8327

Caixa Postal 3291

Rio de Janeiro, DF.

Av. Afonso Pena, 919

Tel.: 2-3038

Caixa Postal 733

Belo Horizonte, MG.

Atendemos pelo Serviço de Reembolso Postal